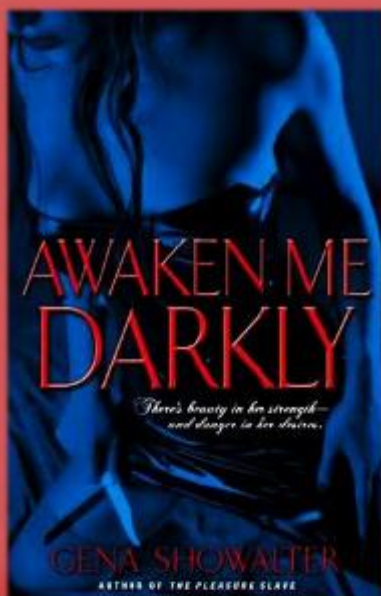


Tiamat-World e Tiamat-World Kliek
Apresentam:



Acorde-me ao Anoitecer

Awaken Me Darkly
Série Alien Huntress – Livro 1

Gena Showalter

Revisado do Espanhol

Disp. Em Esp.: **Kalosis**

Envio do arquivo: **Gisa**

Revisão Inicial: **Sandra Maia**

Revisão Final e Formatação: **Táai**

Tiamat-World e Tiamat-World Kliek

Mia pertence a uma elite de segurança dedicada ao amparo dos humanos frente aos “forasteiros” que não cumprem a Lei. Os “outros-mundos” são os seres vindos de outros planetas que podem vir à terra mediante “portas”. A missão de Mia e sua equipe é caçar os predadores que fazem a raça humana de presas.

Mal começamos a história e nos deparamos com um assassino em série com quem Mia terá que lutar. É um ser preparado, perigoso e, por certo, pertence a uma das raças de “outros-mundos” mais perigosas. As coisas se complicam quando o companheiro e amigo de Mia cai gravemente ferido, e Mia se encontra negociando, em segredo, com o principal suspeito dos assassinatos em série, em troca da vida de seu companheiro. Mia deverá romper as regras pelas quais regeu toda sua vida e dar um salto de fé.





Comentário da Revisora Sandra Maia: Achei que não ia gostar desse livro por dois motivos. O livro é na primeira pessoa e com seres de outros mundos. Mas me surpreendeu. O livro é magnífico. Muito bem escrito e envolvente. Não consegui largar até terminar. Uma leitura clara e precisa. Um dos melhores dos últimos tempos. E apesar dos seres de outros mundos não tem muitos nomes estranhos, o que torna a leitura mais fácil.

Comentário da Revisora Táai: Gostei do livro. =D Achei que no começo enrolou muito e guardou toda a ação pro final. Diga-se de passagem que o final deixa um gostinho de “Hã? Já?”. Do tipo, que pontas soltas serão atadas nos livros seguintes. A “mocinha” super durona e decidida é engraçadíssima, vive socando o mocinho o tempo todo =D Apesar de ser sobre alienígenas e ser narrado em primeira pessoa, a narração é tão legal que você nem percebe. Super recomendo. Beijós!

Capítulo Um

Meia-noite. A hora das bruxas, dizem alguns. E já que eram 12:07 a.m.¹ e estava de pé na frente de um corpo morto, tinha que concordar.

A vítima, William H. Steele, um homem caucasiano de cabelo castanho e olhos negros, de trinta e seis anos, um metro e oitenta e quatro centímetros e cento e quatro quilos aproximadamente, estava nu sobre uma invernal cama de rangentes folhas.

A luz da lua se derramava em todas as direções, e a murcha folhagem emoldurava zombeteiramente seu musculoso físico. Sem nenhuma ferida de bala, nem contusões. De fato, nem um só defeito danificava a perfeição de sua pele. Tinha morrido recentemente; o calor ainda irradiava dele e subia em espirais para o céu da noite.

Os agentes da Alien Investigation and Removal (Investigação e Exterminação de Alienígenas), também conhecidos como A.I.R., penteavam a área meticulosamente, procurando entre cada frágil fibra de erva, cada partícula de sujeira. Os débeis murmúrios de suas conversas se repetiam em meus ouvidos. Atenuiei-os um pouco e intensifiquei minha atenção sobre o corpo. As pernas do homem estavam ligeiramente estendidas e dobradas nos joelhos. Uma de suas mãos descansava atrás da cabeça, e a outra estava presa ao seu pênis com... Que diabos era isso? Agachei-me. Com os olhos entrecerrados, estendi a mão enluvada e deslizei um dedo sob o material. Uma pálida fita azul, amarrada em um laço perfeito.

Franzi o cenho. Supunha-se que era um presente?

Sim. Sim, isso era exatamente o que era, compreendi, aprofundando o cenho. A geada brilhava em seu cabelo como diamantes contra escuro veludo, mas não estava fora tempo suficiente para que essa geada fosse natural. O homem era um presente

¹ Nota da Revisora: Ante Meridium (antes do meio-dia) e Post Meridium (depois do meio-dia). Convenção muito usada nos Estados Unidos.



que foi planejado para que parecesse carnal, sedutor. Atraente. Para o cidadão médio, teria parecido ansioso por uma longa noite de satisfação sexual.

Para mim, só parecia o cadáver que era.

Seus olhos estavam fixos à frente, seus lábios ligeiramente azuis e o homem não tremia de frio. Isso dizia tudo. Além disso, seus testículos eram tão lisos e brilhantes como mármore, não enrugados como, supostamente, o de todos os homens daqui.

Com uma sardônica sacudida de cabeça, me levantei.

Possivelmente minha avaliação era insensível e indiferente; possivelmente meu humor estivesse desconjurado. Ver cadáveres era normal em meu tipo de trabalho, e não podia me permitir ver este homem como uma pessoa real. Se o fizesse, teria que reconhecer que uma vez teve esperanças e sonhos, pensamentos e sentimentos. Choraria pela família que deixava atrás, me perguntaria pela vida que uma vez tinha pulsado por suas veias.

Não podia fazer isso se esperava funcionar. Com as lágrimas vinha a distração e, com a distração, a morte. Em meu primeiro ano de trabalho, passei mais tempo lamentando as vítimas que caçando seus assassinos, e quase me converti em uma vítima eu mesma. Dei uma olhada em meu pulso. A negra escuridão e minha luva não impediram que encontrasse o punho de minha jaqueta, deixando um pequeno pedaço de pele visível. Aquela pele mostrava uma tatuagem da Morte e esse era só um dos meus muitos avisos para permanecer impassível.

Fiz a tatuagem depois de me recuperar de uma grave surra, cortesia de um *outro-mundo* de saco cheio.

Enquanto estava perdida em minha pena por uma vítima, que nem sequer podia mais recordar, um absorvedor de energia Rykan me atacou por trás... E chutou seriamente meu traseiro de caçadora.

Jurei não chorar nunca mais. E não o tinha feito. As lágrimas eram uma debilidade que só os civis podiam se permitir.

Sou uma caçadora de alienígenas. Sou parte da equipe A.I.R., que trabalha com ou contra o Departamento de Polícia de New Chicago... Como me convenha no momento. Cada noite espreito e mato a *outros-mundos* e, independentemente de investigar uma morte ou a causa da mesma, tenho que afastar meus sentimentos, encontrar o humor onde possa e me concentrar nos fatos.

Eu gosto do meu trabalho, apesar do sangue e vísceras... Ou talvez devido a isso. Gosto de solucionar quebra-cabeças, unir peça atrás de peça. Eu gosto disso de me liberar, um a um, dos visitantes não desejados em nossa Terra.

Sim, alguns alienígenas são pacíficos e se permite viverem e trabalharem entre nós. A aqueles, os deixo em paz. Mas, outros? Os violadores, ladrões e assassinos? Os desprezo.

Simpatizantes alienígenas frequentemente me perguntam se eu, uma caçadora, uma assassina legalizada, vivo com a culpa. Minha resposta: *Diabos, não! Por que deveria me sentir culpada por destruir um predador? Estou orgulhosa de meu trabalho. Sou uma privilegiada por fazer o que faço. Os outros-mundos que sobrevivem com o assassinato*



humano merecem a picada do meu Pyre².

Uma rajada de vento glacial passou girando sobre meus ombros, dispersando um brilhante e fino pó de neve em todas as direções. A beirada da minha longa jaqueta negra dançou ao redor das minhas panturrilhas. Havia predito dez centímetros de neve, assim tinha que trabalhar rapidamente.

Há vinte minutos, recebi uma chamada de meu chefe, o Comandante Jack Pagosa. Ele me informou da situação. Também tinha me avisado que tinha até a manhã para me apresentar com um suspeito, ou passaria o próximo ano atrás de uma mesa.

William Steele, um homem felizmente casado e pai de um menino, havia sido sequestrado há quatro semanas de sua própria casa. Sua esposa e o recém-nascido dormiram placidamente durante a terrível experiência, inconscientes e ilesos.

O ponto de entrada do rapto: indeterminável.

Quatro outros homens de cabelo escuro e olhos negros tinham desaparecido pouco depois. Tinham sido raptados de seu trabalho, e dois diretamente de uma rua lotada durante a hora do almoço. De forma bastante estranha, não houveram testemunhas, nenhuma só prova esquecida em nenhuma cena. Pela enigmática natureza dos desaparecimentos, os alienígenas eram os principais suspeitos.

Fazia só meia hora, um caçador de patrulha tinha encontrado Steele abandonado desta forma em um campo do Distrito Sul. Graças a Deus, o caçador tinha preservado a cena até que minha equipe chegou. A primeira coisa que notei foi que o corpo de Steele não mostrava sinais de tortura ou de ter estado preso.

Segundo, compreendi que sua morte não tinha tido nada a ver com impulso ou raiva... Como soube que o assassinato não tinha nada a ver com estupidez ou diversão. A cena era muito exata, muito perfeitamente planejada. Tinham matado o senhor Steele por uma razão.

Por qual? Ainda não podia dizer.

Inspirei profundamente... E fiquei imóvel. Lentamente, inspirei três vezes mais. Enquanto exalava o último fôlego, sorri. No primeiro sequestro, ninguém se atreveu a adivinhar qual das quarenta e oito espécies alienígenas era a responsável, mas eu acabava de estreitar a busca a três.

A vítima foi assassinada com veneno. Onadyn, para ser exata. Uma droga usada pelos Zi Karas, Arcadians e Mecs para sobreviver neste planeta. Essas raças não podiam respirar nosso ar sem ela, respirar oxigênio era uma substância mortal para eles. O que era pior, era virtualmente imperceptível. Virtualmente, mas não totalmente. Uns poucos estranhos podiam identificar o Onadyn por seu aroma, uma sutil fragrância similar a uma orvalhada brisa durante uma tormenta de verão.

Eu era um desses poucos estranhos, e agora o cheirava. O aroma encheu as aletas do meu nariz, tão embriagador e doce, tão encantador quanto mortal e, de algum modo, de repente tão óbvio para mim como o aroma de lixo, a comida podre e folhas putrefatas que cobriam todo este lugar. Minha observação não era tão sólida como um sinal de néon que piscasse sobre a cabeça do assassino, e em que se lesse EU O FIZ em letras grandes e vermelhas, mas na verdade nos assinalava a direção

² Nota da Revisora: Tipo de arma.

correta.

De todo modo, queria mais.

Explorei a área a minha direita, fiz uma pausa, logo explorei a área à minha esquerda. Exceto pela ocasional cintilação das luzes halogênicas regulamentares, o destacamento de forças se mesclava na noite.

Arrastei minha atenção mais à frente, percorrendo os altos carvalhos que se elevavam para o céu. As árvores eram escassas e dispersas, seus ramos nus, sua casca sobrecarregada pelo gotejante gelo. Situados entre as árvores, casas e comércio. Uso a palavra comércio em termos gerais, é óbvio. A boa gente se referia a este sórdido e descuidado distrito como Esquina das Putas. Sendo multada uma vez por dizê-lo publicamente, *eu* o chamarei O Lugar.

Alguns dos residentes teriam visto algo insólito? Diriam-nos isso se o tinham feito?

Já tinha enviado o mais encantador de meus agentes para fazer perguntas a todos os cidadãos dentro de um raio de um quilômetro e meio. Mas a estas altas horas da noite, os civis tendiam a ser irritáveis e desconfiados. Além disso, o Distrito Sul era conhecido por seu ódio aos agentes da lei ou de qualquer tipo.

—O que acha, Mia?

Dallas Gutiérrez, meu braço direito, chegou de uma pernada ao meu lado. Usava uma jaqueta negra de couro e botas negras de combate que encaixavam com os duros contornos de seu corpo à perfeição. De vez em quando, achava que era muito bonito para ser real. Seu cabelo era escuro e espesso, e as negras mechas caíam em uma sexy desordem sobre seus amplos e musculosos ombros. Perfeitas sobrelanceiras se arqueavam sobre seus perfeitamente formados olhos e perfeitas maçãs do rosto emolduravam seu perfeito nariz.

Por alguma razão, com seus perfeitos e brancos dentes que se revelavam com seu sorriso, e inclusive com os profundos olhos marrons do bastardo que cintilavam com travessura, ainda possuía essa borda afiada como uma navalha de barbear de um caçador.

Admirava-o por isso.

Em mais de uma ocasião, Dallas Gutiérrez tinha pairado sobre as asas da Morte e sobrevivido. Era um homem que irrompia precipitadamente no meio do perigo sem vacilar. Antepunha a segurança de seus amigos com a sua própria e jamais lamentava sua decisão, inclusive quando saía ferido. Tinha salvado minha vida tantas vezes que deveria tatuar seu nome em meu traseiro.

—O que acha? — Repetiu. — Que grupo de alienígenas é responsável?

—Zi Karas, Arcadians ou Mecs.

Um pouco de brilho abandonou seus olhos.

—Está certa?

Sacudi-lhe um cenho está-zombando-de-mim.

—Pode uma mulher perder setenta e nove quilos de gordura não desejada por se divorciar de seu marido?

—Maldição. — Riu entre dentes, o som rouco e rico através do crepúsculo. — Não é assombroso que ainda esteja solteira. É feroz.

Maldição, sou. Tinha que ser. Sou uma mulher na profissão de um homem, e



só porque uso uma arma de fogo não significa que me levem a sério. Nem sequer Dallas me levou a sério no início.

Em sua primeira semana no trabalho, ele brigou porque me relocaram.

—As mulheres não são caçadoras. — Dallas disse tantas vezes que quis marcar as palavras sobre seu peito... Enquanto estava acordado e preso em sua cama.

Meço um metro e meio e peso cinquenta e cinco quilos. Tenho só vinte e oito anos, mas sou indomável. Não aceito merda de ninguém, especialmente em assuntos de trabalho. A primeira vez que Dallas e eu praticamos luta corpo a corpo, o tinha de costas no chão em três segundos, minhas mãos ao redor de sua traqueia enquanto ele morria por um pouco de ar.

Ironicamente, nos tornamos os melhores amigos depois disso, e ele jamais mencionou de novo minha recolocação.

—O que te deixa tão segura? — Perguntou, dobrando os braços sobre o peito e me olhando com um cenho próprio.

Uma bolsa de plástico pendurava de seus dedos.

Encolhi os ombros.

—Alguma vez ouviu a expressão “A Navalha de Occam”? — Piscou, e tomei como um não. — A Navalha de Occam é um princípio do século dezenove que declara que a explicação mais simples a um mistério é provavelmente a mais correta.

Sua testa enrugou e seus olhos me lançaram um fogo escuro.

—Como diabos decidiu que o suspeito mais provável era um grupo intolerante ao oxigênio?

—Cheiro Onadyn. — Disse, reprimindo um sorriso.

—Cristo. — Resmungou. — Estava tão entusiasmado por saber algo que você não sabia. Obrigado por arruinar isso.

—Foi um prazer. Agora, o que há nessa bolsa?

Assim que as palavras abandonaram minha boca, todo rastro de emoção se apagou de sua expressão. Silenciosamente, ele me estudou, como se tentasse medir minha força interior. Eu sabia o que via. O cabelo negro e liso esticado em um rabo-de-cavalo, embora várias mechas já escapassem de seu confinamento. Grandes olhos azuis que tinham visto mais mal que bem, e um rosto oval que alardeava delicadas maçãs do rosto que encaixariam melhor em uma bailarina.

Meu aspecto trabalhava a meu favor de vez em quando. Os suspeitos esperavam que eu fosse feminina e delicada e incapaz de surpreendê-los. Em outras ocasiões, meu aspecto funcionava contra mim, reclamando todo tipo de instintos protetores nos homens. Essas eram uma daquelas vezes nas quais lamentava não ter bigode e uma longa e horrível cicatriz.

Mantive meu olhar fixo sobre Dallas.

Um suspiro deslizou por seus lábios, como dizendo você ganhou, mas não respondeu minha pergunta em seguida.

—Viu algum rastro ao redor do corpo? — Perguntou ele.

Olhei atentamente ao chão, observando, procurando.

—Não.

—Tampouco nós. E analisamos cada centímetro de lixo neste buraco de

merda deixado pela mão de Deus. No princípio, pensamos que alguém usou um feixe neutralizador.

Meditei aquela ideia em minha cabeça.

—Talvez. Mas, a maior parte dos alienígenas chegou através de portais interplanetários. Não em naves espaciais. Por isso não teriam acesso ao tipo de tecnologia requerida para uma transferência molecular. Além disso, o assassino é arrogante. Como não, se chega aqui e coloca o corpo, em plena vista, com testemunhas e ainda assim escapa?

—Nos dê algum crédito, Mia. Disse no princípio. Logo mudamos de ideia.

Satisfeito agora, ele suspendeu a bolsa de plástico na frente da minha cara. Dentro havia seis cabelos brancos.

—Os encontramos enganchados em um galho.

Franzi o cenho, estudando o cabelo mais estreitamente. Eram grossos e espessos. Aprofundei o sobrecenho. Não havia seis fios individuais de cabelo; na realidade só havia dois. Três fios por folículo.

—Arcadians. — Disse, confirmando minhas suspeitas sobre o Onadyn.

Só os Arcadians tinham três fios de cabelo unido a um folículo.

Dallas assentiu, seus traços de repente tensos, decididos.

—Adivinhou.

O terror aguilhoou ao longo das minhas terminações nervosas, e meu estômago se retorceu em mil nós diminutos. Por que não podiam ser os Zi Karas ou os Mecs os responsáveis? De todos os alienígenas que invadiam nosso planeta, os Arcadians eram os mais fortes, os mais mortíferos. Os mais difíceis de capturar. Suas capacidades psíquicas demonstravam ser uma arma suficiente contra nós, os ajudando a fugir da captura. E seu talento para o controle mental... Malditos fossem! Nem sequer queria contemplar isso agora mesmo.

Não era assombroso que não houvesse nenhum rastro ao redor do corpo. Um Arcadian podia usar perfeitamente a telecinésia³ para apagá-los.

—Que boa sorte temos. — Disse Dallas, sua voz rompendo o repentino silêncio. — Agora encontrar os outros homens com vida não parece provável.

—Os encontraremos. — Disse, fingindo não ter minhas próprias dúvidas.

Ele soltou um suspiro e assinalou o cadáver com uma inclinação de queixo.

—Há uma coisa que não me explicou. Por que só homens de cabelo e olhos escuros?

Estou bastante segura de conhecer a resposta.

—Nosso assassino é uma fêmea Arcadian que só se sente atraída por homens que são a antítese na aparência da sua raça.

Os cantos de sua boca se esticaram.

—A Navalha de Occam outra vez?

—Brilhante dedução. — Outra rajada de vento nos rodeou, fazendo mechas de cabelo me ocultar a visão. Prendi-as atrás da orelha. — Acredito que queria Steele e

³ *Nota da Revisora:* É a alegada capacidade de mover fisicamente um objeto com a força psíquica (da mente), fazendo-o levitar, mover-se ou apenas ser abalado pela mente. Tal poder está agrupado na paranormalidade. A telecinese, telecinésia, telecinesia ou telecinética, é também conhecida como TK. A palavra *telecinese* origina das palavras gregas *tele* e *kinese*, que significam “mover à distância”.

os outros como seus novos e depravados brinquedos sexuais, mas não podia obtê-los por um meio legal.

—Vamos ser honestos. Nenhuma mulher é o bastante forte para forçar o veneno pela garganta de um homem deste tamanho.

—É mais esperto que isso. — Disse, acariciando a arma ao meu lado, lhe recordando que eu poderia forçar o tubo de aço por sua garganta se quisesse. Agachei e puxei o laço preso ao pênis de Steele. — Olhe isto. É algo que um homem faria?

—Não. — Dallas negou com a cabeça devagar. — Não é.

—Ei, Snow! — Chamou-me um dos homens nesse momento.

Reconheci o profundo barítono de Ghost; ele era um homem com o qual eu gostava de trabalhar. Possuía um coração cheio de honra e coragem, diferente de alguns com quem tinha encontrado.

—Sim? — Respondi e liberei o laço.

Levantei, procurando na escuridão sua rica pele cor chocolate. Estava parado a vários metros de distância, seu sorriso um farol na noite.

—Por que não vem aqui e faz isso? Desfrutarei tanto ou mais que Steele aí. — Brincou, me piscando o olho.

Obviamente, Ghost também possuía um retorcido senso de humor.

—O último homem que respirava que me deixou aproximar de seus bens mais apreciados, caiu no chão em uma bola fetal e chamando sua mamãe.

Ele me dirigiu um sorrisinho de bom humor.

—Fica fodidamente longe dos meus bens. — E com apenas um fôlego acrescentou: — Quer que levantemos o escudo de força e a protejamos do tempo?

—Não, ainda não.

Queria ver exatamente como estava um pouco mais de tempo. Devolvi minha atenção a Dallas, que passava a mão pela barba de três dias de sua mandíbula.

—O que acha você?

—O assassino se tomou muitos e complicados incômodos para deixar o corpo. — Disse ele. — E inteligentemente destruiu todas as provas, não esqueceu nada.

—Nossa garota tem talento para organizar espetáculos, ou ao contrário, um castigo. Levou seu tempo com cada detalhe. Vê como o corpo da vítima está perfeitamente alinhado? Vê como a geada orvalha perfeitamente seu cabelo? — Uma pausa. — Suponho que fez algo que a irritou realmente.

—Que me condenem, — Disse Dallas. — mas acredito que tem razão. O castigo é igual à humilhação, e não há nada mais humilhante que entrar na história como um homem encontrado em um sórdido e sujo campo com uma mão presa a seu pênis. — Soprou, com o canto de sua boca ligeiramente curvado. — Talvez devêssemos interrogar um par de minhas antigas namoradas. Soa a algo que poderiam fazer.

Ao longo dos anos, tinha conhecido muitas das namoradas de Dallas. Algumas precisavam que se extirpasse cirurgicamente o gelo de suas veias, de tão insensíveis que eram... E eu o expressei em voz alta em mais de uma ocasião. Não que ele apreciasse o dom da minha perspicácia.

Sacudi a cabeça e disse:

—Provavelmente, tudo o que conseguiríamos de suas ex seja congelamento, assim renunciaremos ao prazer de interrogá-las por agora.

Ele me lançou um zombador sorriso.

—Oh, oh, senhorita Snow. São ciúmes o que ouço em seu tom?

—Me morda, Dallas.

—Hummm, será um prazer, Mia.

Sabia que ele estava brincando. Nossa relação nunca foi sexual. E jamais seria sexual. O sexo destruía mais associações homem/mulher que a morte, e Deus sabia que isso anularia completamente minha autoridade, algo que não permitiria.

Afastei a vista do corpo por um longo tempo, uma nova onda de perguntas percorrendo minha cabeça.

—Quero que você e Jaxon interroguem à família da vítima pela manhã. — Disse. Jaxon era outro membro da minha unidade. Enquanto Dallas era todo intimidação, Jaxon era um homem que podia perguntar a mais íntima das perguntas e, de algum modo, convencer o interrogado a responder alegremente. — Quero conhecer cada segredo sexual que o senhor Steele possuía, cada mulher que alguma vez lhe deu uma olhada. Até quero saber a marca da roupa íntima que preferia.

O formoso rosto de Dallas se retorceu com um estremecimento, seus lábios cheios se apertaram com uma fingida dor.

—Isso será divertido.

—Se preferir, te atribuirei ao PADD. — Papelada de Escritório.

—Ei! — Disse ele, sorrindo como se estivesse a ponto de me fazer um enorme favor. — Se quiser que fale com a família de Steele pela manhã, falarei com a família de Steele. — Antes que eu pudesse comentar algo, acrescentou: — O que vem em seguida nesta noite?

Dei outra olhada ao redor da cena. Estava a ponto de começar a nevar outra vez, a noite de repente mais espessa que antes.

—Rapazes, — Gritei forte. — sigam adiante e levantem o campo de força, logo chamem a Homicídios⁴. Eles podem terminar de rastrear a área. Encontramos o que precisávamos.

Para Dallas, disse:

—Vamos para o carro. — Girei para nosso sedan negro sem identificação. Pus os pés sobre lugares escolhidos, usando o mesmo caminho que tomei para chegar até aqui. — Quero procurar na base de dados.

Ele pôs os pés atrás dos meus. Quando alcançamos nosso destino, coloquei meu indicador sobre o scanner de identificação de passageiros. Depois do reconhecimento a porta se abriu, e deslizei dentro. Com um puxão, fechei de repente a porta. Momentos mais tarde, Dallas ocupava o assento do condutor.

—Arranque. — Ordenou ele, e o veículo imediatamente rugiu à vida. — Calor. Alto. — A calefação entrou em ação.

Dei uma olhada pela janela e observei Ghost e os outros homens tomarem posições ao redor dos limites da cena do crime. Cada homem tirou uma pequena caixa, colocou-a a seus pés, e pressionou um botão.

⁴ Nota da Revisora: Divisão de Homicídios.



Luzes azuis saíram de todas as caixas, e o ar ao seu redor pareceu se solidificar, se convertendo em líquido e se estendendo para cima e para fora, até se unir e formar uma cúpula protetora.

—Precisamos de nomes. — Disse, girando para Dallas. — Dados concretos.

—Posso fazê-lo.

Com os traços tensos pela concentração, Dallas desdobrou seu ordenador de console, antes preso no volante. Em segundos, golpeava o teclado.

Pensativa, tirei as luvas e massageei a nuca.

—Puxe uma lista de cada Arcadian caçado, interrogado ou procurado no ano passado.

—Machos também?

—Sim.

—Feito.

Ele marcou alguns botões mais, e vinte e seis nomes descarregaram na tela.

Ignorando os nomes, explorei os crimes cometidos. Prostituição. Roubo. Vandalismo.

—Concentre a lista em todos os Arcadians interrogados por crimes sexuais ou ódio aos humanos. Apague aqueles que já foram exterminados.

Seus dedos voaram de novo sobre o teclado. Meros segundos passaram antes que os nomes diminuíssem a cinco. Assenti com satisfação. Muitos poucos alienígenas vinculados a crimes violentos viviam tempo suficiente para desfrutar.

Já que os partidários dos alienígenas ainda tinham que conseguir uma lei que declarasse que os *outros-mundos* tinham direito a julgamento, os caçadores eram frequentemente juiz, jurado e verdugo.

Em vez de nos agradecer por mantê-los a salvo, entretanto, os partidários seguiam lutando contra nós. Não compreendiam que se os alienígenas não fossem controlados, se seu número não fosse mantido a um mínimo, poderiam nos invadir? Que eles, algum dia, poderiam nos eliminar completamente? Não compreendiam que era necessário que estas espécies, com poderes extraordinários como controle meteorológico, levitação e capacidade de absorver energia, deviam saber que seriam castigados se danificassem o ser humano?

Quando os primeiros alienígenas chegaram há mais de setenta anos, os teríamos destruído a todos se pudéssemos. Em todos os informes que li, o pânico se estendeu por todo mundo, e imediatamente nos envolvemos em uma guerra contra eles. Em vez de provocar que fugissem, estivemos muito perto de destruir nosso próprio planeta.

Finalmente, no desespero, nossos líderes mundiais se encontraram com os comandantes de cada espécie, e concordaram que os alienígenas poderiam viver aqui enquanto fossem pacíficos conosco. Entretanto, como as pessoas, existiam os que eram de natureza boa e os que eram de natureza malvada. Quando várias pessoas foram sobremesa de alguns *outros-mundos*, ambos, alienígenas e humanos, reconheceram que teriam que fazer algo e rapidamente foi criado o A.I.R., nos concedendo licença para matar livremente aqueles que demonstravam ser malvados.

—Interrogaremos todos, — Disse. — para ver o que sabem.

Mantendo os olhos fixos no para-brisa dianteiro, Dallas ajustou a arma em seu



coldre de ombro. As linhas ao redor de sua boca estavam tensas.

—Francamente, — Disse, sua voz igualmente tensa, como se se envergonhasse de suas palavras. — não estou seguro de ser de muita ajuda neste caso. Só cacei dois Arcadians desde que trabalho para o A.I.R., e não é que tivesse muita sorte com nenhum dos dois.

—Então considere esta noite como sua noite de sorte. Dividiremos a unidade em cinco grupos de dois, e cada grupo caçará um Arcadian. —Me movi à esquerda, confrontando-o mais diretamente. — Você irá comigo, e eu — Pisquei o olho. — sempre consigo meu alienígena.

—Não é nada arrogante, verdade? — Seus lábios se alargaram em um sorriso de orelha a orelha, e transmitiu por rádio nosso plano aos outros. — Jaffe, Mandalay, vocês procurarão Cragin em Sr. Ghost, Kittie, vocês vão atrás de Lilla em Arr.

—Não. — Disse, cortando suas palavras. No instante em que ele disse o nome de Lilla, frios dedos de apreensão avançaram lentamente por minha coluna. — Quero à mulher.

Franziu a testa.

—Há duas fêmeas na lista.

—Quero *esta* mulher. — Meus instintos poucas vezes se enganavam.

Seus olhos brilharam com curiosidade, mas assentiu com a cabeça, corrigiu o objetivo de Ghost e Kittie, e seguiu com sua litania. Quando terminou, devolveu o rádio ao receptor e me confrontou.

—Acha que nossa garota é Lilla?

—Veremos. — Assinalei o computador com uma inclinação de queixo. — Tire sua frequência de voz.

Quando um alienígena era interrogado, não importava o crime, sua voz era registrada e arquivada, já que através do reconhecimento de voz somos capazes de localizar seu paradeiro durante sua estadia na Terra. A voz dos alienígenas eram muito parecidas com os rastros digitais humanos, e já que registradores de alta frequência adornavam todas as esquinas e constantemente eram fiscalizadas, teríamos a informação que queríamos em segundos.

—Sua voz não está catalogada. — Disse Dallas, confuso.

—Ela foi interrogada, assim tem que estar. Tente outra vez.

Silêncio. Logo disse:

—Digo que não está aqui.

Maldita seja!

—Olhe o que pode se encontrar sobre ela. Cada pequeno detalhe.

Ele colocou os dedos no teclado e saltaram de novo ao trabalho. Passou um segundo. Dois.

—Merda, olhe isto.

—O que é? — Endireitei-me em meu assento e observei a tela.

—Firewalls. Todos os registros de Lilla em Arr são considerados confidenciais, e a ninguém, e realmente quero dizer ninguém, é permitida a entrada.

—As detenções e interrogatórios não são confidenciais. — Soltei as palavras precipitadamente, com um ponto de desgosto e confusão.

Ele me deu uma olhada, com os olhos entrecerrados. O pouco que via deles,



ardia de irritação.

—Já disse que o acesso está negado. Este é um bloqueio infernal.

Uma escura curiosidade me atravessou, porque só havia uma explicação lógica. Alguém de dentro não queria que as autoridades interviessem na vida de Lilla.

—Entre nesse arquivo. — Ordenei.

—Quer que tire um coelho da cartola, também? — Resmungou Dallas, seu tom cheio de sarcasmo.

Mas se voltou para a tela, os dedos trabalhando com fúria.

—Se puder me mostrar o coelho ao mesmo tempo que entra nesse arquivo, poderia achar que tem talento.

—Se cale de uma puta vez, Mia.

Minuto atrás de minuto passou, o repico das teclas como o único som. Não era conhecida por minha paciência, e dava golpezinhos com o pé contra o chão.

Finalmente Dallas riu, jogou as mãos no ar, e gritou:

—Que não podia desbloquear isto?! Pois pude, bastardos!

—O que encontrou? — O entusiasmo se mesclou com minha impaciência, cada emoção se alimentando da outra.

—Ainda nenhuma gravação de voz, mas foi interrogada duas vezes. Uma vez por oferecer sexo a um humano, e outra por golpear um humano até fazê-lo picadinho.

—Quem a deteve?

—Pela prostituição... George Hudson.

Arquivei aquela informação. Não conhecia o agente pessoalmente, mas o faria.

—Quanto ao assalto?

—Vamos ver. O oficial da detenção foi... — Avançou pela tela, logo assobiou entre dentes. — O nome foi apagado.

—Isso não tem sentido. Os ataques alienígenas são castigados com a morte, e só com a morte, mas ainda assim Lilla foi liberada e seus antecedentes ocultos.

—Por que o ocultaram? — Pensativo e preocupado, Dallas passou uma mão pela barba de três dias. — Quero dizer, obviamente alguém quer que a informação permaneça oculta, mas, por que não destruí-la?

—Chantagem, talvez? — Girei a cabeça e dei uma olhada fora.

Vários agentes embalavam seu equipamento e o carregavam em seus veículos. As peças deste quebra-cabeças não encaixavam corretamente, e belisquei a ponta do nariz, em uma tentativa para encontrar sentido ao que sabia. Voltei minha atenção a Dallas.

—Volte para a lista da base de dados. A quem Lilla sexualmente se ofereceu e a quem golpeou?

Outra pausa, então:

—Merda, Mia. Não vai acreditar nisto. O homem a quem Lilla deu a surra de sua vida era William Steele. E o homem a quem fez proposições não era nenhum outro que... — Me deu uma olhada, e dissemos juntos: — William Steele.

—Assim, há uma conexão. — Respirei fundo, passando a mão pelo rosto.

Lentamente, ele assentiu.

—Parece que temos nosso assassino.

—Sim, parece, verdade? — Mas, de repente, algo não estava correto, e minha mente girou com as possibilidades.

Aqui tínhamos uma fêmea Arcadian que desejava Steele o suficiente para tentar seduzi-lo.

Quando isto fracassou, o golpeou. Essa era uma fêmea totalmente capaz de assassinato, e a resposta mais simples para nossa investigação.

A Navalha de Occam.

Exceto... Algo dentro de mim gritava: *Muito fácil!*

OH, estava disposta a apostar todas as minhas economias que estava implicada. Tinha que estar. Mas...

—Conseguiu algo mais sobre ela? — Perguntei, esperando aliviar minhas preocupações. — Seu nome está unido a algum dos outros homens desaparecidos?

—Não que eu possa ver. A única pequena informação que tem aqui é o fato de que trabalha no Êxtase, e sai com o dono.

Apertei os lábios e procurei através de meus arquivos mentais.

—Esse nome é familiar.

—Tem que sair mais, mulher. O Êxtase é o clube noturno mais exclusivo de New Chicago, e recebe um monte de simpatizantes alienígenas. Mark St. John, o dono, é um bastardo duro de cortar e com mais dinheiro que Deus.

Assim que o namorado tinha dinheiro e poder, e provavelmente mantinha alguns funcionários no bolso. Isso explicava o arquivo confidencial de Lilla e o fato que ela ainda estivesse viva.

—Vamos primeiro pela Lilla, — Disse. — depois Hudson.

—Beleza antes da força física, né?

Fiz rodar os olhos.

—Acha que ela trabalhará esta noite?

—Segundo isto, ela trabalha todas as noites.

—Fazendo o que, exatamente?

—Atrás do balcão.

—Então, é uma maldita coisa boa que use meus sapatos de baile, —Disse, me apoiando no respaldo. — porque vamos penetrar na festa. E não a mate, Dallas. — Acrescentei rapidamente. — A quero viva.

—Como se tivesse que se preocupar por mim. Você é a do gatilho fácil. — Sorrindo ampla e languidamente, ele programou o endereço do clube no console. — Acredito que esta noite está a ponto de ficar realmente interessante.

Capítulo Dois

Êxtase estava situado no alto de uma perfeita colina deste Distrito. A luz da lua outorgava um ímpio marco ao edifício de três andares, iluminando as aparentemente virginais paredes brancas, as vidraças coloridas, e os pendentes vasos de barro cheios de falsas e brilhantes plantas verdes. Uma cruz se elevava do terraço como uma antena direta a Deus.

Uma capela de merda, pensei. O infame clube noturno onde havia drogas ilegais e sexo pago se alojava sob uma maldita capela. Sacudi a cabeça, me maravilhando do atrevimento que tal ato requeria. Era como dizer: “Foda-se, Deus”.

Algo no lugar incitou as bordas da minha memória. Olhei fixamente as flores de seda enroscadas ao redor das altas colunas de alabastro, procurando em minha mente... O que? O que me escapava?

Veio-me imediatamente, e quase gemi. Tinha esquecido que o memorial por meu irmão era nesta noite.

Meus pais me tiveram quase aos quarenta anos. Minha mãe fugiu pouco depois, mas meu pai ficou. Durante muitos anos, foi um pai maravilhoso, carinhoso e compreensivo. Foi só depois que meu irmão mais velho morreu que se tornou indiferente, um bastardo às vezes cruel.

A única coisa que parecia o alegrar era esta vigília anual de meia-noite às vésperas da morte de Kane. Embora meu irmão tivesse morrido há vinte e três anos, embora Kane tivesse dezessete anos e eu cinco e mal o recordasse, meu pai esperava que eu estivesse ali.

A cólera me envolveu em sua traiçoeira teia enquanto considerava a situação. Eu ainda estava viva, mas, basicamente, meu pai me tratava como se estivesse morta; Kane estava morto, mas ainda vivia e respirava no coração de meu pai.

Talvez fosse porque o corpo de Kane jamais foi encontrado. Não sabia e tentava não me preocupar. Importava-me uma merda seu desaparecimento.

Se o serviço fosse por meu outro irmão, Der, teria eliminado qualquer obstáculo para estar ali. Der tinha sido meu herói, meu salva-vidas. Sempre que papai me castigava, Der era o que me consolava.

Der era o que se assegurava que tivesse suficiente comida e roupa.

E tinha sido torturado e assassinado por um grupo de alienígenas em seu décimo oitavo aniversário. A data de sua morte estava estampada em minha mente como uma marca física.

Uma só vez meu pai manteve um memorial por ele? Diabos, não!

—Parece que vamos ter alguns problemas. — Disse Dallas, capturando minha atenção.

Compreendi que apertava as mãos, quase rompendo o osso. Pensar na morte de Der sempre causava esse efeito em mim.

—Nada que não possamos dirigir. — Disse distraidamente. Meu pai não tinha ligado ainda, mas era só questão de tempo que o fizesse. Esta era a única noite no ano que se lembrava de mim.

Enquanto geralmente (e em segredo) esperaria com muita ilusão sua ligação, agora mesmo não precisava de nenhuma distração. Deslizei meu móvel e o mudei para silencioso. Obriguei meu corpo a relaxar e minha mente a se limpar.

Nada de pensar em meu pai esta noite, e certamente, nada de pensar em meus irmãos tampouco. Tinha que me focar no aqui e agora. Vidas humanas dependiam de mim.

Na entrada de acesso reservado, Dallas deslizou o sedan para a cabine de segurança.

Antes que as rodas se parassem completamente, um guarda uniformizado

apareceu ao lado do guichê do condutor. O guarda tinha a pele seca e amarela, quase de réptil. Não tinha nariz, e suas maçãs do rosto eram tão afiadas que poderiam cortar o cristal. Feio como água pútrida, com um aroma que combinava, ele observou atentamente o carro com seus grandes olhos dourados.

Um Ell-Rollis. Era definitivamente um Ell-Rollis. Esta raça não era conhecida por sua criatividade; poucas vezes pensavam por si mesmos, mas seguiam exatamente as diretrizes dos outros. E aquelas diretrizes eram, em geral, infames. Exceto por sua força física, não tinham nenhum poder especial. Que eu soubesse.

Possivelmente haveria algum dia um manual com o perfil de todas as espécies alienígenas e suas capacidades, mas até então, funcionávamos com os poucos conhecimentos que possuíamos.

Dallas baixou o vidro, e de repente tudo o que o protegia do alienígena era o ar. E isso não era uma boa coisa, já que o alienígena tinha a constituição de dois lutadores da WWE⁵ juntos, músculos empilhados sobre músculos. Provavelmente tinham ordenado matar qualquer um que o desafiasse.

—Você tem convite? — Perguntou o guarda, a voz baixa, grave e fortemente acentuada.

Antes que Dallas pudesse pronunciar uma só palavra, inclinei-me através do assento e mostrei minha insígnia.

—Abra a porta.

O Ell-Rollis manteve seu olhar fixo concentrado em meu companheiro, assumindo que ele era a ameaça maior.

Nada impressionado, o alienígena cruzou os braços sobre o peito. Sua expressão escurecida com desdém.

—Não convite. Não entram.

—Entendo. — Respondi em tom agradável. Aparentemente. E realmente o entendia. Ele viu uma insígnia e automaticamente assumiu que eu era um agente meio sem jurisdição alienígena. — Talvez isto ajude. — Com um movimento fluido e ultrarrápido de meu pulso, desembainhei minha arma e a nivelei sobre sua cara. — Abra a porta, ou prova meu fogo.

As armas causavam uma grande dor com resultados mortais, e era algo que até um estúpido bastardo Ell-Rollis podia entender. Estas armas eram padrão; emitiam finas garras de fogo que explodiam ao impactar. O executor controlava a quantidade certa de fogo e dor. Certas raças de alienígenas eram impermeáveis às balas, mas ainda tinham que encontrar uma raça resistente ao fogo.

⁵ Nota da Revisora: Um tipo isso.





Dallas acendeu a luz de dentro, e dois círculos iluminaram os assentos dianteiros, afugentando a escuridão. O Ell-Rollis desviou seu fixo olhar de Dallas para minha arma. Logo seu nervoso olhar girou para meu rosto. Quando me viu, seus olhos se alargaram, e sua boca formou um pequeno O. Ele recuou três passos.

—Mia Snow. — Soltou com um ofego horrorizado.

—Pois é. — Meu olhar fixo permaneceu tão estável como minha arma.

—Deixarei-a passar, está bem? — Ele tentou de forma fácil, um sorrisinho só-queria-um-por-favor que soou mais como um que-falhe-a-arma-Pyre. Seus membros tremeram, e ele abriu caminho para a guarita.

—Fique onde está. — Disse, mantendo meu tom casual. Ele congelou tão rapidamente que quase ri. Quase. — Quero que meu amigo abra a porta. Você perdeu a oportunidade. — Nada de dar alarme, que era o que o bastardo faria se permitisse que entrasse na cabine.

Ele engoliu, a ação seguida por uma sacudida de cabeça irregular.

—O que quiser.

Dallas saiu do sedan, sempre cuidadoso em não entrar na minha linha de fogo. Deu um passo dentro da guarita, e momentos mais tarde as grossas barras metálicas que bloqueavam a entrada gemeram em protesto enquanto se abriam.

—Como se chama? — Perguntei ao Ell-Rollis.

—Bob. — Ofereceu ele hesitante.

Fiz rodar os olhos. Por que não podia ter escolhido um nome humano que encaixasse com seu aspecto? Como Biff ou Hulk?

—Bem, Bobby, — Disse. — sinto-me generosa esta noite. — Embainhei minha arma, mas sua expressão continuou oprimida de medo. — Vou te deixar viver, e em troca, você vai me escoltar até Lilla en Arr. Entendido?

—Sim, sim. Entendo. — As linhas de tensão finalmente relaxaram ao redor de sua boca. — Mia Snow sempre mantém sua palavra, igual faz Bob.

—Por seu bem, espero. — Meu olhar permaneceu sobre Bob, mas minhas seguintes palavras foram dirigidas a Dallas. — Entre no carro e me siga para dentro.

—De acordo. — Respondeu com um sorriso fácil. Sempre o divertia observar como uma delicada e pequena flor como eu intimidava tais enormes criaturas. Um humor retorcido, se me perguntasse isso, mas bom, todos temos nossas excentricidades.

—Qualquer coisa, Bobby, — Disse, saindo do sedan. — e juro por Deus que te usarei como alvo. — A neve predita decidiu nesse momento emanar do céu. Em segundos. Espessos flocos brancos caíram e formaram redemoinhos ao nosso redor, descendo como talco dentro de um globo de água.

—Eu não tentar nada. — Ele sacudiu a cabeça violentamente, fazendo que suas marrons tranças escuras se balançassem sobre suas têmporas. — Não, não. Nenhuma tentativa. Eu amigo seu.

Amigo, minha bunda. Mataria-me se tivesse oportunidade. Com uma inclinação de cabeça, assinalei o interior da porta. Mantive-o três passos diante de mim, sem confiar nele para tê-lo às minhas costas e sem o querer do meu lado.

Os carros enchiam o lugar, todos estrategicamente colocados para sair mais fácil. Um por um, os rodeamos, cada passo mais perto do Êxtase. Finalmente,

chegamos à frente da grande e intrincadamente esculpida porta de duas folhas. A ensurdecadora música rock estava tão forte, que as paredes e o chão vibravam.

Limpei a neve de meu rosto e me perguntei pela ausência de segurança na entrada. Sim, tinham Bob na porta dianteira, mas como acabava de demonstrar, não era infranqueável. Duvidava que confiassem nas câmaras. A vigilância sem licença foi restringida há anos porque até o cidadão médio sabia como juntar um filme simulado com outro resistente, e depois de numerosas reclamações falsas, os tribunais tinham decidido restringir o uso de vídeo. Para este clube noturno jamais tinham emitido uma licença. Certamente poderiam ter ocultado as câmaras, mas por que se arriscar a perder o negócio por um algo tão corriqueiro?

Perguntei-me outra vez pela razão de só colocarem um guarda. Estupidez por parte do dono? Simples arrogância? Ou talvez simplesmente fosse muito miserável para contratar mais? Votei a favor das três.

Simplesmente termine com isto, Mia. Silenciosamente aplaudi minha arma e ajustei o controle para modo “atordoar”. Disse que não o mataria, e não o faria. Mas jamais prometi não imobilizá-lo por umas horas. Com mão estável, apontei nas costas de Bob.

Como se sentisse minha intenção, ele se virou e jogou uma olhada sobre o ombro. Sua expressão era graciosa, realmente, já que não tinha nariz e seus afiados e amarelos dentes mordiscavam seu lábio inferior. Bobamente, fiz uma pausa muito longa, permitindo que sua expressão me distraísse por um segundo.

Assustado, ele me golpeou o braço com a mão. A arma saiu voando e patinou através do pórtico. Ele mergulhou por ela, mas só conseguiu empurrá-la mais e mais longe. Amaldiçoando-me, saltei sobre suas costas e pressionei meus dedos contra suas têmporas, impedindo sua guelra, parecida com as de um peixe, de se elevar e baixar. A ação cortou o fornecimento de ar.

Ele logo se esqueceu da arma enquanto o oxigênio lhe era negado. Lutou contra mim, esperneando, as mãos arranhando meus dedos. Quando isso não funcionou, fincou o cotovelo em meu estômago, e embora o fôlego explodisse em meus pulmões e a dor me dobrasse, sustentei meu agarre.

Finalmente, ele desmaiou. Seu corpo caiu, e golpeou o chão. Saltei sobre meus pés, mas fiquei dobrada enquanto tomava um profundo e muito necessário fôlego.

—Me agradecerá isso mais tarde, bastardo.

Dallas apareceu sobre a escada, sua arma engatilhada e apontando para Bob enquanto eu recolhia minha própria arma e despedia um raio laser atordoante sobre o adormecido gigante. Minha mão caiu de lado, e aspirei outra baforada de ar.

Dallas me fixou com um olhar preocupado.

—Está bem?

—Estou bem. — Disse, mas por Deus, meu estômago parecia um abusado saco de areia!

—Quer que o mate? Depois de tudo, atacou um oficial.

Meditei, logo sacudi a cabeça.

—Não. Muita papelada administrativa. De todo modo, não viemos por ele.

Os lábios de Dallas se esticaram nos cantos.

—Está se abrandando? Primeiro permitiu um Ell-Rollis te desarmar, logo...

—Que se foda.

Rindo entredentes, escorregou a arma de volta ao seu lugar. Com as mãos agora livres, fechou os braços sob as axilas de Bob e começou a tirar o gigante do caminho.

—Esconderei-o atrás. Não é necessário que me ajude.

—Não se preocupe. Não ia fazê-lo.

Ele me dirigiu um cenho. Esse cenho rapidamente mudou a uma careta enquanto puxava o peso de Bob.

—Disse a você que tenho um encontro amanhã? — Perguntou ele ocasionalmente, mudando de assunto só para me incomodar.

—Com quem?

—Jane Marlow.

—Cristo. A estrela pornô?

—Ela prefere o termo “profissional do sexo”. — Respondeu ele, soprando pelo esforço.

Arqueei uma sobrancelha.

—Ao menos com esta, saberá que há mais que gelo em suas calcinhas.

—Isso doeu. Sobretudo vindo de você, uma mulher que não teve um encontro na Grande Onda de Calor.

Minhas costas se endireitaram e quadrei os ombros.

—Jantei com Kedric Coners na semana passada.

—Ele não conta. Suas pernas são tão fracas que poderia as usar como palitos.

—Não está magro.

—Mas não pode negar que não tem coração. Diabos! Aposto que joga às viúvas e crianças do fantástico edifício de apartamentos que possui, para as frias e úmidas ruas.

Dallas girou a esquina, fora da vista, e ouvi um ruído surdo quando deixou cair Bob no chão. Após uns segundos, meu companheiro se dirigia a pernadas para mim. Quando me alcançou, inclinou-se sobre mim até que nossos narizes quase se tocaram.

—Por que só sai com homens assim? Homens em que pode pisar? Não há um infernal caminho para que possa respeitar alguém assim.

Meus olhos se estreitaram. A cólera me alagou, crescendo mais e mais quente, mais e mais escura. Eu gostava de ter o controle. E daí? Eu gostava que as coisas fossem da minha maneira, quando queria e onde queria. Poucas vezes saía com alguém, mas quando o fazia, escolhia homens que tomavam o que eu dava e não pediam mais. Se fosse homem, Dallas me daria um tapinha nas costas e convidaria para uma cerveja em vez de brigar.

—Eu gostaria de resolver o caso. — Disse com falsa calma. — Já perdemos muito tempo fora, não acha?

Um músculo palpitou em sua mandíbula, mas ele sustentou suas mãos e encolheu os ombros.

—O que diga. Você é a chefe, não?

As portas se abriram de repente.

De uma vez, Dalla e eu giramos, as armas prontas. Da aberta entrada, a



fumaça ondeou como uma espessa névoa matinal. Entre a neblina, surgiram duas fêmeas Delensean. Ambas aparentavam estar na metade dos vinte, com comprido cabelo azul celeste solto, sua pele azul, e quatro braços. Ambas vestiam só sorrisos de bêbadas e envolventes correntes. Os magros elos prateados ao redor de suas curvas, ocultavam meras polegadas de pele.

As mulheres riram bobamente quando nos viram, sem as preocupar nossa presença. Permitimos que passassem sem uma palavra, logo cada um girou e disparou, as atordoando. Elas congelaram no lugar.

Todo Delensean se comporta como adolescente rebelde, de todo modo. Inclua droga na mistura, e não há como saber que tipo de estragos criariam.

—Vai me ajudar desta vez? — Perguntou Dallas.

Arrastamos as duas atrás da esquina e as deixamos cair ao lado de Bob. Se não entrássemos depressa, não saberia dizer o tamanho que ficaria o monte.

Caminhei até a porta principal e empurrei, Dallas diretamente ao meu lado. A música devastou meus ouvidos, um rápido ritmo que atraía aos incautos. O aroma misturado de suor, sexo e álcool encheu as aletas de meu nariz, quase obsceno em seu efeito embriagador. Também cheirei fumaça de cigarro ilegal. Sombras e luzes constantemente combatiam pelo controle, mesclando-se juntas de vez em quando, iluminando, logo fugindo uma da outra, mas todo o tempo criando uma atmosfera de sonho.

O vestíbulo não possuía nenhum mobiliário, mas mesmo assim transbordava de ondulantes corpos meio vestidos, humanos e alienígenas. Um homem estava preso à parede por grossas cordas, e gemia em êxtase enquanto a mulher de pé atrás dele o açoitava com uma pá de puas de madeira.

Outro grupo estava em meio a um espetáculo de cão-e-pônei. Três mulheres humanas nuas estavam de quatro com colares de pontas agudas abrigando cada um de seus pescoços. Um excitado macho Mec passava por cima e por baixo da passarela.

—Sinto-me um pouco muito vestido. — Disse Dallas.

Eu nunca tinha visto tantas pessoas se desencaminhando de tantas formas diferentes.

—Vamos. Encontremos Lilla antes de perder a concentração.

—Muito tarde para mim, mas siga adiante e mostre o caminho.

À medida que caminhava na frente de Dallas, um homem me agarrou pelo pulso, tentando me introduzir em seu esperado abraço. Tentei me liberar de um puxão, mas meus esforços foram inúteis, comparados com sua determinação.

Estava a ponto de golpear a virilha do homem com meu joelho quando Dallas conectou seu punho com o rosto do cara.

De repente fui liberada.

—Obrigado. — Disse com um meio sorriso.

—Sem problema.

Seguimos para o espaço principal. Minhas botas aderiram ao chão em vários lugares, e estremeci só em pensar no que fazia que grudassem.

Uma vez no centro da ação, cataloguei toda a cena. As cruzes decoravam as paredes e a luz da lua se filtrava através das aveludadas e vermelhas cortinas.



Espreguiçadeiras cheias de almofadões dourados e púrpuras estavam colocadas nos longínquos cantos. Garçonetes vestidas de pervertidas monjas se pavoneavam em todas as direções, cada uma com uma bandeja onde se amontoavam drogas, álcool e brinquedos sexuais. Entre os gemidos de excitação que rivalizavam com o som da música, os corpos se chocavam e retorciam.

—Acha que posso conseguir ser sócio? — Perguntou Dallas, o calor de seu fôlego soprando em minha orelha.

—Se for o bastante pervertido.

—Sim, sou. — Respondeu ele com orgulho.

Fiz rodar os olhos.

—A vê?

—Francamente? — Ele sorriu devagar. — Não estava olhando. Há outros estímulos muito mais interessantes me rodeando.

Não podia brigar, já que eu também estava distraída. Deslizei meu olhar ao balcão. O relatório de Lilla assegurava que era garçoneiro, mas não a via servindo taças. Determinada a encontrá-la, estudei cada indivíduo, canto e vão. Contei dois Arcadians, ambos fêmeas, mas nenhuma era Lilla.

Então de repente... Sobressaltada...

Meu olhar conectou com os sedutores olhos violetas de um macho Arcadians. O fôlego congelou em meus pulmões, e tudo ao meu redor desvaneceu. O tempo ficou mais devagar. A música se atenuou em meus ouvidos. Meus olhos se focaram neste homem enquanto uma estranha energia chispava sob minha pele. Esfreguei os braços, tentando me liberar eu mesma da estranha sensação.

O Arcadian era mais alto que qualquer um na sala, seus ombros largos e musculosos como os de um antigo e selvagem guerreiro Picto⁶. Suas maçãs do rosto eram altas, seu nariz reto, seus lábios cheios, exuberantes, sensuais. Ele levava o perigo como uma capa, um perigo erótico, mortal, e havia uma dura borda de granito em sua expressão. Era a mesma expressão que os agentes e caçadores usavam, uma que proclama que tinham visto o lado mais escuro que a vida tinha a oferecer e tinham sobrevivido. Não podia ver sua roupa, assim não podia dizer se usava roupa normal da Terra ou algo mais atrevido. Só sabia que brilhava como um poder vivo.

Finalmente chegou, sussurraram tão claramente através da minha mente que quase virei para ver quem tinha falado.

Olhei-o conhecedora... E possivelmente um pequeno e zombador sorriso frisou os cantos de seus lábios antes que ele se fosse, ocultando de algum modo seu corpo de guerreiro entre a multidão. Busquei-o, mas não pude encontrá-lo. Além da energia que fluía através de mim, ali não havia nenhuma só indicação de sua presença.

Onde estava? Quem era? E como demônios tinha desaparecido tão rapidamente?

⁶ Nota da Revisora: Eram antigos habitantes da Escócia que estabeleceram seu próprio reino e lutaram contra os romanos na Britânia. Fontes romanas afirmam que os pictos teriam um poderoso reino com centro em Strathmore. Tiveram que enfrentar o advento de outros povos à Grã-Bretanha, entre eles os anglos da Úmbria do Norte; e os escotos procedentes da Irlanda, que formaram um reino na Dalriada.



Franzi o cenho.

—Ei! Mia! — Disse Dallas, resolvendo minha preocupação. — Está bem? Estava em transe ou algo. Tive que te chamar várias vezes para conseguir sua atenção.

—Estou bem. — Ofereci fracamente. Desgostosa comigo mesma, explorei a multidão outra vez. Lilla. Estou procurando Lilla. O homem não era importante.

Reatei minha busca e rapidamente fui recompensada. Ali, no altar traseiro, havia um negro e recarregado divã que se dobrava no final como a palma de um amante. Em cima das almofadas, vi uma cascata de cabelo branco que se derramava perfeitamente por umas costas. A antecipação ziguezagueou através das minhas terminações nervosas. Às vezes, simplesmente sabia, sabia coisas sem poder explicar por que, e agora sabia que essa era Lilla, apesar de não poder ver seu rosto.

Ela estava equilibrada sobre um macho humano. Suas pernas estavam dobradas e estendidas para oferecer seu libidinoso centro. Não podia distinguir seus traços. A esquerda e direita de Lilla haviam duas fêmeas felinas Taren; ambas usavam dois tênues trajes brancos e lambiam e beijavam os ombros de Lilla.

Como se sentisse meu intenso olhar, Lilla jogou o cabelo sobre o ombro, girou e encontrou meu olhar. Senti um leve zumbido de energia me atravessar, o mesmo tipo de estranho zumbido que senti com o guerreiro Arcadian. Era... Muito estranho, algo que jamais senti antes de hoje. Não tinha nem ideia do que significava, e não tinha tempo para analisá-lo. Lilla me dedicou um lento sorriso antes de voltar sua atenção aos seus amantes.

Meus olhos se entrecerraram.

—Por aqui. — Disse a Dallas, dando um puxão na manga de sua camisa. Costas com costas cruzamos rapidamente a pista de dança, ignorando as mãos longas e os corpos que giravam.

Quando alcançamos nosso destino, dei minha primeira olhada completa ao homem sob Lilla. Tinha o cabelo vermelho espesso e a pele sardenta, grandes cachos que provavelmente se agitavam com o vento e seus olhos estavam muito separados, mas a cor era agradável, uma mescla de verde e marrom.

— Mark St. John. — Subministrou Dallas. — O dono do Êxtase.

Tinha algumas pergunta para o Menino Amante, mas sabia que teriam que esperar. Um homem com uma ereção tinha problemas para se concentrar nos fatos. Além disso, as investigações surtiam melhor efeito com um suspeito de cada vez.

Mudei a direção de meu olhar para Lilla. Ela usava um Top preso ao pescoço cor de carne e uma saia que quase a fazia parecer nua. Estendi a mão e dei um toque sobre o ombro.

—Lilla en Arr?

—Sim? — Disse ela, sem me dar nem uma olhada.

—Temos que falar com você.

Languidamente, deliberadamente, ela se virou para me confrontar, e nossos olhares chocaram outra vez. Como um sinal, a aguda música deixou de soar.

—Mia Snow. — Disse, seu tom tão suave como uma carícia, cada sílaba bem modulada e pontuada com precisão, com um ritmo quase hipnótico. — Estou tão feliz por vê-la. Por fim se uniu a nós. Estivemos a esperando.

Capítulo Três

Estivemos a esperando.

As palavras ressoaram em minha cabeça entre o inesperado silêncio.

Nós. Não eu. Um tipo de palavras parecidas com as que tinham sussurrado em minha mente só minutos antes. *Finalmente chegou.*

Observei Lilla dos pés a cabeça. Seus traços eram tão delicados como asas de mariposa, incandescentes e angélicos. Pálidos. Totalmente inocentes. E de algum modo era a essência absoluta da sexualidade. Sobre a superfície, era a beleza personificada. Embora houvesse uma dureza subjacente em seu olhar fixo, uma rigidez em seus lábios que davam uma aparência emocionalmente intocável.

Não tinha que dar uma olhada a Dallas para saber que babava para saborear esta mulher. Era um imbecil referente às rainhas de gelo.

Lutei contra o impulso de agarrá-la pelos ombros, jogar um par de laserbands sobre seus pulsos, e arrastar seu traseiro ao escritório central do A.I.R. Tinha perguntas, e mais que provável, ela tinha as respostas. Entretanto, levá-la à delegacia de polícia poderia ter os mesmos resultados que sua primeira prisão - varrida sob um bonito e ordenado tapete - e não me arriscaria a isso. Não queria Lilla livre e seu arquivo outra vez oculto. Possivelmente, desta vez, inclusive destruído.

A interrogaria aqui, diante de Deus e de cada pervertido presente, se fosse necessário.

—Temos que falar com você, Lilla. — Disse, meu tom tão duro como sua expressão.

—Então fale. — Respondeu ela. Ainda me olhando, passou a ponta de um dedo sob o centro de seu top cor de carne. Era a viva imagem da sedução carnal, e fiquei assombrada do muito humana que parecia. — Não tenho nada a ocultar. Nenhum segredo à espreita, esperando para saltar e me morder.

—Vamos a algum lugar privado.

—Independentemente do que queira falar, falaremos aqui, com meus amigos. Ou... — Seu olhar me percorreu. — Possivelmente primeiro gostaria de se unir a nós?

—Não estou interessada em morrer como William Steele. — Disse.

O sorriso de Lilla perdeu um pouco da arrogância, e algo escuro piscou nas profundidades de seus olhos, tornando o violeta um profundo púrpura. Quase lamentei ter cravado um pouco sua casual indiferença. Afinal, admirava a força numa mulher. Admirava a coragem que a levava a olhar um caçador nos olhos e desprezá-lo com indiferença. Ou a ela. De todo modo achei interessante que se traísse com tal reação às minhas palavras. Aí havia emoções definidas.

Indiferente aos acontecimentos ao seu redor, St. John deslizou os braços ao redor de Lilla e acariciou seu estômago nu. Lilla recuperou sua despreocupada fachada.



Com uma ondulação de sua mão, despediu-se das duas mulheres Taren. Ou gatas. Ou o que fossem. Saltaram engatinhando sem protestar e escaparam para o bar. Lilla sussurrou algo no ouvido de St. John. Ele negou com a cabeça, tentando conseguir um pedaço de seu traseiro. Ela sussurrou algo mais. Não pude distinguir as palavras, só a ferocidade de seu tom. Desta vez, deu uma cabeçada abrupta. Com expressão sombria, levantou, uma ação que fez Lilla cair sobre o canapé. St. John se afastou.

—Sábia decisão. — Disse, a mecânica de sua relação ficando clara de repente. Lilla era quem dirigia os fios, e o pequeno Markie era sua marionete. Se o controlava através de simples artimanhas femininas ou através de controle mental Arcadian, não sabia. E não me importava. — Não queremos que St. John se inteire de seus entendimentos com outro homem, verdade?

Mantendo os olhos fixos nos meus, Lilla levantou, seus movimentos lentos e fluídos, de algum modo convertendo o simples ato de se elevar em um baile sedutor. Suas pálpebras desceram em tentadora piscada vêm-para-cá.

—Por favor. — Disse ela com um sussurro entrecortado. — Me siga. Falaremos em algum lugar privado, tal como desejava.

A música subiu, enchendo o clube de um rítmico tamborilar e reclamando a atenção dos clientes. Lilla girou, jogando seu exuberante cabelo branco sobre um ombro, e dando um passo cauteloso em volta das duas portas batentes. Dallas a seguiu bem atrás, como se fosse absolutamente normal seguir um suspeito de assassinato a qualquer lugar onde quisesse nos conduzir.

Bombeavam drogas através do sistema de ventilação? Pensei sarcasticamente. Dallas não era em geral tão tolo. Lilla era formosa, sim, mas a única coisa digna de tal cega adoração era uma tina gigante de recente e fumegante café sintético.

Sempre vigilante e cautelosa, fiquei cinco passos atrás. Quando me encontrei procurando o macho Arcadian que tinha prendido meu olhar antes por motivos que não tinham nada a ver com a segurança, meus lábios fizeram uma involuntária careta. Era tão idiota quanto Dallas. Obriguei meus olhos a enfocar tudo reto.

Fomos conduzidos a um vestíbulo vazio e subimos um lance de escadas que chiavam. Depois entramos em um estreito e longo corredor que tinha nas paredes ninfas pintadas que dançavam e um suave tapete vermelho. Finalmente, entramos em um pequeno escritório. Não havia janelas que adornassem as simples paredes brancas. Uma mesa coroava o centro, e quatro cadeiras formavam uma meia lua na frente. O ar era limpo, desprovido de fumaça. De fato, o ar cheirava um pouco a pétalas de rosas secas e a bolsinhas de lavanda, um aroma que qualquer avó teria aplaudido.

Lilla se decidiu a sentar na borda da mesa de carvalho cor mel. Notei que não havia papéis em cima.

—Quer a porta aberta ou fechada? — Perguntou. A sedutora se foi, e em seu lugar havia uma anfitriã cortês, mas formal.

—Fechada. — Respondi.

—Uma opção excelente. — Apertou um pequeno botão de um controle remoto, e a porta fechou, cortando todo rastro de música. — Teremos mais intimidade desta forma.



Rechacei ficar de costas para a porta, assim reclamei a alta cadeira giratória apoiada atrás da mesa.

Dallas ficou ao lado da entrada, no caso de alguém tentar entrar... Ou Lilla tentar partir.

— Bem. — Disse com um pequeno sorriso. Ela saltou da mesa e sentou em um dos assentos virados para mim. Dobrou uma perna sobre a outra, uma ação lenta e sensual. — Obviamente, agora tem toda minha atenção.

Coloquei um gravador sobre a superfície da mesa e apertei o botão de gravar. Logo esperei, permitindo que o silêncio se esticasse ao nosso redor como longos dedos de gelo. Queria que Lilla se perguntasse, inclusive se preocupasse, pelo que tinha a dizer. Um velho truque que aprendi em meu primeiro ano de serviço.

— Sou paciente. — Disse ela com um sorriso conhecedor. — Posso esperar tudo o que você possa.

— Bem. Assassinou William Steele? — Perguntei, minha voz firme e clara. Seus olhos se alargaram, e soube que não esperava que fosse tão direta.

— O-O que?

— William Steele foi achado em um campo abandonado, nu e morto. Estamos aqui para te dar uma oportunidade de limpar seu nome. — Menti. Realmente duvidava que pudesse limpar seu nome; estava implicada de algum modo, simplesmente desconhecia os dados concretos. Mas os averiguaria. — Vou perguntar outra vez. Assassinou William Steele?

— Não. Não, não. — Disse com uma sacudida de cabeça. — Não assassinei William.

— Vai ter que demonstrá-lo me dando uma lista detalhada de onde esteve hoje.

— Nunca lhe faria mal. — Seguiu como se eu não tivesse falado. — Jamais.

Arqueei uma sobrancelha.

— Jamais?

— É.

Dei uma olhada a Dallas.

— Agora me corrija se me enganar, mas não foi Lilla em Arr quem deu uma surra em William Steel faz seis semanas?

— Correto. — Respondeu ele.

A pele de Lilla empalideceu ainda mais.

— Não tenho que responder a isto. Tampouco tenho por que responder mais perguntas. — Pegou o controle remoto, com a intenção de abrir a porta. O tirei e o deixei de repente sobre a mesa.

— Me deixe explicar isso melhor. — Disse. — Aos *outros-mundos* se permite viver e trabalhar entre nós, desde que obedeçam todas as nossas leis. No momento que uma lei é quebrada, os alienígenas perdem todos os seus direitos. Meu trabalho é terminar o castigo. O fato que suspeite de sua participação em um assassinato humano me concede a autoridade de te matar. Você está viva agora só porque eu te permito viver.

Silêncio.

Um silêncio tão espesso que formou uma opressiva névoa por todo o quarto.

— Não lhe fiz mal. — Sussurrou finalmente Lilla, cada sílaba vacilante e



partida, dando ao seu tom uma base de dor, um sofrimento profundo que estava completamente em desacordo com tudo que eu tinha concluído dela. Olhou fixamente suas mãos, e as mechas de cabelo branco caíram adiante, protegendo seu rosto. — O amava.

Sim, o amava tanto que não o tinha procurado ou não tinha ajudado a polícia a encontrá-lo antes que morresse. Mas tinha que reconhecer sua interpretação. Mereceria o Oscar de melhor atriz durante o interrogatório de um caçador.

— Ainda preciso dessa lista. — Disse.

— Não o assassinei.

— Onde estava esta tarde? — Insisti.

— No clube. — Suspirou. — Estava aqui, no clube.

— Esteve aqui toda à tarde? Saiu alguma vez? Houve sempre alguém com você?

— Sim.

— Precisarei dos nomes das pessoas que estiveram com você e a hora que o fizeram. E, Lilla? — Acrescentei, piscando para ela. — Verificarei.

— Então encontrará que disse a verdade. — Sem dar nem uma olhada na minha direção, disse os nomes e horas que exigi. — Realmente o amava. — Disse, quase distraidamente. — Simplesmente não escutava minhas advertências. Tentei o obrigar a fazer minha vontade essa noite, mas se negou a prestar atenção. Usei a força física, sim, mas não pensei em machucá-lo.

— O que tentava obrigá-lo a fazer? — Dê corda suficiente às pessoas e eles se enforcarão.

Inclinou-se adiante, retorcendo as mãos.

— Tentei que os deixasse. Ele pensou que podia dirigi-los. Pensou, como todos fazem, — Acrescentou amargamente. — que nada mau poderia acontecer.

— *Eles?* — Exigi. — Quem são *eles?*

Sua boca ficou aberta, como se não pudesse acreditar que houvesse dito tanto. Não respondeu.

— Quem são eles? — Insisti.

— Ninguém que seja da sua conta. — Arqueou as sobrancelhas. — E você, acredito, não me perguntará isso de novo. Não lhe farei mal; isso zangaria meu irmão. Mas há outras coisas que posso fazer...

— Seu irmão? Por que ele se importaria?

— Sem mais perguntas.

As fantasmagóricas mãos empurraram um caminho para minha mente, agarrando-a, a alcançando. Pus-me em alerta imediatamente, usando toda minha força para erigir um bloqueio mental.

— O controle mental é um crime. — Grunhi. Uma dor aguda golpeou minhas têmporas, crescendo mais intensa e mais profundamente a cada segundo que passava, e não estava segura que a dor viesse de sua tentativa de controlar minha mente ou de minha tentativa de bloquear seus poderes.

Quando acreditei que poderia gritar de tensão, ela girou de repente, e o dinamismo de seu intenso olhar se rompeu. De repente, minha dor cessou e um enjoo me alcançou. Incapaz de focar a vista, deixei cair a cabeça em minhas mãos abertas.



O ar começou a chispar com eletricidade, a intensidade só aumentando.

—Dallas. — Disse, me obrigando a dar uma olhada.

Ignorou-me. Estava concentrado completamente em Lilla... E em abrir a maldita porta.

—Dallas!

Ainda nenhuma resposta.

Tive o bom senso de pegar meu gravador antes de saltar sobre meus pés. Meus joelhos cederam.

Quando recuperei o equilíbrio, Lilla tinha partido. Corri ao redor da mesa e vi que Dallas se encostava contra a parede, com os olhos fechados. Voei pelo vestíbulo, mas só o vazio me saudou. Maldição, maldição, maldição.

Dei um pisão no chão, e o peso da minha bota causou um pesado ruído surdo. Dentro do escritório, esbofetei Dallas no rosto. Com força, pondo toda a minha vontade no golpe.

—Maldito seja! Por que a deixou ir?

—E-eu, não sei. — Sua expressão era perplexa e sacudiu a cabeça, seus olhos piscaram.

—Por quê? — Exigi.

— Senti que tinha que abrir a porta ou senão morreria. — Pouco depois, seus olhos escureceram pela cólera. Esfregou a bochecha avermelhada com três dedos. — Por que demônios me golpeou?

—Acredito que é melhor perguntar, por que não te esbofetei duas vezes?

Deixou-o passar porque sabia que estava o bastante zangada para fazê-lo.

—Sabe aonde foi?

—É inteligente, e sabe que aqui a encontraríamos. Calculo que terá fugido a outro lugar... Ou com alguém. — Acrescentei no último momento. Logo, xinguei baixinho. — Não posso acreditar que a deixamos escapar.

—Olhe desta forma... — Ofereceu ele. — Agora começa a autêntica diversão. Vamos caçar.

Capítulo Quatro

Cotovelo com cotovelo, Dallas e eu descemos correndo, de três em três degraus. Ainda enjoado pelo controle mental de Lilla, Dallas não estava tão ágil como de costume. Tropeçou uma vez e teve que se agarrar ao corrimão para impedir de cair de boca.

Um grupo de musculosos homens, obviamente guarda-costas contratados, nos esperavam abaixo. Eram humanos, o que queria dizer que não podíamos matá-los sem ter um monte de problemas. Que lástima! Um pouco de matança poderia ter liberado um pouco da minha tensão.

Fizemos uma parada no meio da escada. Ou os prendíamos ou brigávamos com eles e eu não tinha tempo para levá-los ao escritório central do A.I.R. E mais, alguém que tentava dificultar uma investigação alienígena merecia que lhe dessem



uma patada no traseiro.

Contei cinco idiotas, todos sorrindo abertamente já que, provavelmente, eu parecia como se nunca me sujasse, suasse ou dissesse um palavrão em minha vida. E Dallas era só um homem. Que dano poderiam fazer estes dois? Pensavam.

Um lento sorriso se desenhou nos meus lábios. Tinha passado toda a minha infância de uma briga a outra, tentando demonstrar ao meu pai que era forte, capaz e intrépida, como meus irmãos. Vivía no Distrito Sul, o lado pobre da cidade, e não podia brigar como um policial ou uma pequena e doce senhorita. Não, tinha aprendido a lutar sujo. E má coisa.

Possivelmente se minha mãe não fugisse quando era criança, poderia ter me inculcado algumas qualidades femininas. Mas não o fez, e eu não era “uma dama”. Uma maré de antecipação já se precipitava através de mim ao pensar em pôr estes homens em seu lugar... Que era aos meus pés.

—Preparado? — Perguntei a Dallas. Eu sabia infligir dano, sim, mas não podia fazer isto sozinha.

—Totalmente. — Parecia completamente seguro de sua capacidade.

—Isto vai ser divertido. — Disse um dos idiotas.

O que falou era um homem bonito, provavelmente uns vinte anos, e tinha uma ereção do tamanho de uma clava. Impressionante, mas isso não ia salvá-lo de uma surra. Tinha um sorriso tipo vem-e-me-lambe, e notei que tinha uma boca e dentes brancos perfeitos. Era uma pena que estivesse a ponto de perder alguns.

Ao ritmo da música que se escutava no quarto posterior, Dallas e eu entramos rapidamente em ação. No momento que se aproximaram, levantei uma perna e golpeei um dos homens nas bolas com o calcanhar, tudo sem perder o passo. Ele gritou de dor. O sino da saída, poderia se dizer, porque a luta apenas começava.

Outro homem veio para mim, e deixei voar meu punho adiante. Ossos chocaram contra cartilagem. O sangue saiu a jorros de seu nariz. Sem fazer uma pausa para tomar fôlego, dei duas cotoveladas na garganta, rompi a rótula de um homem, acertei uma joelhada na virilha de outros dois, e um murro num par de olhos antes de estampar a cabeça de um cara contra a parede. Um dos homens se recuperou o suficiente para me agarrar pelas lapelas da jaqueta. Introduzi os braços entre seu forte agarre e rapidamente golpeei minha palma contra sua traqueia. Com os olhos ampliados pelo horror, o homem lutou para gritar, o som partido. Ele me liberou como se eu fosse lixo radiativo e agarrou a garganta, incapaz de respirar.

Provavelmente morreria, e eu teria que escrever um relatório. Oh, bom.

—Não deveria ter voltado, imbecil.

Ao meu lado, Dallas lutava como um boxeador profissional. Golpeava, esquivava, e golpeava de novo, descarregando consistentes golpes ininterruptamente. Finalmente os cinco homens jaziam inconscientes aos nossos pés. O sangue de alguns corpos se juntava, um rio carmesim de dor. Havia um dente ao lado da parede mais longe... Provavelmente do cara que tinha pensado que isto seria divertido. Sim!

Eu tinha suportado vários murros no estômago, meu lábio tinha agora um corte e uma coxa machucada. Um dos homens tinha puxado meu cabelo e arranhado a bochecha, como uma joaninha que não encontrou seu caminho. Muito gatinho.



Ignorei o fato que eu mesma estava dobrada e ofegando como uma maricas.

—Está bem? — Perguntei a Dallas.

—Um lado do meu rosto dói como o inferno, mas, além disso, estou bem. — Com cuidado tocou o inchado e enegrecido olho. — E você?

—O mesmo. — Tomei um segundo para pegar fôlego, arrastando cada baforada aos meus pulmões como se nisso estivesse minha vida. A fumaça filtrou dentro do pequeno espaço, por isso o ar não era fresco e deixava um cinzento sabor em minha garganta.

—Se as atravessarmos, — Disse Dallas indicando as duas portas batentes que conduziam ao clube. — explodirá outra briga, e não estou seguro que meu corpo aguente outra ronda agora mesmo.

—Menino grande. — Disse. Não ia admitir que me sentia da mesma forma. Meus ossos palpitavam e os músculos queimavam. — Há uma janela na parede norte. Se abrisse, seríamos capazes de sair sem chamar a atenção sobre nós.

—Isso vale uma tentativa. — Disse ele.

Coxeamos para a janela em questão e fizemos uma pausa. Nossas maldições se mesclaram em uma larga e acalorada explosão enquanto inspecionávamos a potencial saída. A grossa vidraça estava soldada a um marco de cobre, que por sua vez estava soldado à parede. E não me teria surpreendido se a parede estivesse soldada a uma viga de aço.

Dallas olhou à esquerda, logo à direita. Nem um móvel, nem um adorno ocupavam o vestíbulo. Murmurando mais maldições baixas, tirou o sapato esquerdo.

—Se isto não funcionar, — Disse. — teremos que atravessar o clube. Reze pelo primeiro.

—Deixei de rezar faz muito tempo.

—Faça de todo modo. — Ele colocou o punho sobre a bota e golpeou justo no centro do cristal usando toda a sua força. Nada. Dallas golpeou, golpeou e golpeou. Finalmente, graças a Deus, o cristal cedeu e quebrou. O som se mesclou com a música no auge enquanto o vento assobiava no tempestuoso dia. Estava segura que tínhamos ativado algum tipo de alarme.

Tirei a jaqueta e a lancei sobre a dentado soleira. Dallas me deu uma mão e logo saiu atrás de mim, puxou minha jaqueta e nos pusemos a caminho. Dava boas-vindas à fria e gelada brisa quando os flocos de neve formaram redemoinhos ao nosso redor.

—Ouço passos. — Disse Dallas, me agarrando pela mão. — Se mova mais rápido.

Juntos, chegamos ao carro.

Duas horas mais tarde, não estávamos mais perto de encontrar Lilla do que quando deixamos pela primeira vez o clube. Agora tínhamos sua voz gravada, mas em qualquer parte que estivesse, ela não falava, assim não podíamos marcar sua posição.

Tínhamos detectado e falado com várias pessoas que tinha descrito como contatos, mas não tivemos sorte com nenhum deles.

—Merda. — Disse Dallas e eu estava de acordo.

Sentei no assento de passageiros de seu sedan e conduzimos pelo Distrito,



oscilando entre as ruas escorregadias pela neve. Embora o carro se autodirigisse, Dallas mantinha os olhos sobre o caminho, sempre consciente do nosso redor. A música fluía brandamente dos alto-falantes, e o calor se filtrava pelas frestas de ventilação, ambos tão opressivos como meus pensamentos.

Alguém próximo a mim ia morrer antes que a noite terminasse.

A premonição me surpreendeu. Pisquei, e foi então que vi uma cena se revelar em minha mente.

Embora não pudesse distinguir todos os fatos concretos. Vi a rajada de uma pyre, a queda de um homem. Não podia ver seu rosto nem tampouco quem tinha disparado; só sabia que o atirador era uma mulher, a vítima um amigo, e que cada fibra de meu ser gritava por sua morte próxima.

Dallas às vezes zombava de mim dizendo que era psíquica. Eu sempre negava, dizendo que meus instintos eram simplesmente melhores que os da maioria. Mas mentia. Era capaz de prever certos acontecimentos.

Eu tinha quatorze anos no dia da minha primeira visão. Em minha mente vi meu irmão do meio estendido em um rio carmesim, três alienígenas de pé sobre ele, rindo e o apontando. Naquela época fingi que o que tinha visto não era real, que só foi um invento da minha imaginação. Mas no dia seguinte encontrei Der inconsciente, seu corpo drenado de sangue.

Minha seguinte visão veio um ano mais tarde. Vi meu pai bêbado e batendo de frente contra um carro que vinha no sentido contrário. Os sensores nos veículos não eram tão sensíveis como os de hoje em dia, e o capô afundou para dentro. É óbvio, contei imediatamente o que tinha visto, mas ele riu e me afastou com uma indiferente ondulação de mãos. Dois dias mais tarde seu sedan se chocou. Rompeu o quadril e a perna e tiveram que intervir cirurgicamente para substituir o osso. Meu pai nunca falou disso, mas sei que minha capacidade o assusta.

Assim é como comecei a compreender como era diferente. Também compreendi que tinha que me exigir ser mais dura que todos os outros, tinha que ser melhor, mais forte e mais inteligente se quisesse ser vista como um dos meninos.

Passei a mão pelo rosto. Com esta nova visão ia tomar medidas para prevenir que não se realizasse. Conseguiria. Embora a cada segundo que passava, o temor arraigava em meu interior, crescendo mais frio que a glacial neve que açoitava fora das janelas.

Simplesmente, o que podia fazer? Atrasar a caça até amanhã possivelmente? Chamar por rádio todos os meus homens e enviá-los para casa?

Assim que aqueles pensamentos entraram em minha mente, os desprezei. Vidas dependiam de mim. De nós. Não abandonaria meu trabalho, nem sequer por uma noite. E meus homens tampouco, embora eu pedisse. Nosso trabalho estava antes de nossas emoções. Sempre.

Assim, o que podia fazer? Apertei os dentes enquanto a impotência me reclamava. Ao longo dos anos, perdi meu irmão Der e muitos, muitos amigos nas mãos de rebeldes alienígenas, e não perderia outro amigo sem lutar. Não me tinha permitido ter muitos, e estes significavam muito para mim.

—Pare o carro. — Pude dizer enquanto puxava um vacilante fôlego.

Dallas me deu uma rápida olhada.

—Por quê? Quase estamos...

—Pare o fodido carro!

—Pare. — Ordenou ao veículo.

O chiar dos pneus encheu meus ouvidos, e de repente fui lançada adiante pelo ímpeto da derrapagem e nossa repentina parada. Outro carro tocou a buzina e virou bruscamente ao nosso lado.

Dallas me olhou com um cenho.

—Que diabos acontece com você?

Eu não sabia o que dizer, assim simplesmente soltei:

—Preciso de um momento para pensar.

—No que? Em como encontrar Lilla? — Ele perdeu um pouco de sua cólera. — Já carreguei sua frequência de voz, mas até que não inicie uma maldita conversa, não há nada que possamos fazer.

—Só tire o computador e olhe o que pode desenterrar dela. — Sem dar outra olhada a Dallas ordenei à porta. — Abre. — E a porta deslizou aberta. Dei um passo na implacavelmente fria noite.

Afastei-me a pernadas, minhas botas esmiuçando a neve a cada passo. Compreendi que estava à beira da deserta e silenciosa Rua Estatal, uma capa de crepúsculo e estrelas me envolvendo. Vários flocos de neve flutuaram até minhas pestanas, e pisquei para tirá-las, desejando poder afastar também meus medos com uma piscada.

Ambos permaneceram.

Talvez tenha omitido algo na visão, algum detalhe escuro que me ajudaria a impedir a morte que estava para ocorrer. Havia só um modo de descobrir...

Fechei os olhos, manipulando minha consciência até estar na periferia de meus pensamentos, permitindo à espantosa cena entrar em minha mente, com uma profunda e esmagadora dor.

Através de uma espessa e misteriosa névoa, vejo duas mulheres; uma é humana, a outra alienígena. Elas estão se enfrentando. Não posso distinguir sua cor, não posso distinguir nada exceto a forma de seus corpos. Um homem irrompe no espaço, atrás da alienígena. Conheço este homem, seu aroma, sua energia, mas sua identidade me evita. Ele empurra a alienígena de lado. A mulher humana dispara seu pyre e o homem cai em um atoleiro de seu próprio sangue.

A visão me abandonou imediatamente.

Entreabri os olhos. Apertei minhas mãos de lado enquanto minha impotência se intensificava, mais real que a dor e o mal-estar de meu golpeado corpo. Não sabia por que o homem tinha afastado a alienígena, por que tinha tomado a rajada de fogo que ia para ela. Tampouco sabia o porquê uma humana queria lhe fazer mal. E ainda desconhecia as identidades da vítima e do assassino.

Inspirei profundamente e logo, devagar, liberei o ar através de meus lábios. Nenhum amigo meu ia morrer esta noite. Simplesmente não o permitiria. Suspeitaria de cada fêmea humana que encontrasse, e salvaria este homem.

Se simplesmente pudéssemos encontrar Lilla, poderíamos encerrá-la, e Dallas e os outros poderiam ir para casa, longe do perigo.

Meus movimentos eram cortados, desiguais, enquanto dava a volta e

retornava ao carro. A porta de passageiros ainda estava aberta, e assim que deslizei dentro, a fechei de repente.

Dallas continuava insistindo no computador. Deu-me uma olhada.

— Melhor agora?

— Sim. — Não dei mais explicações.

Os cantos de sua boca se esticaram.

— Sua TPM sempre é tão má?

— Este, na realidade, é um caso leve. — Respondi secamente.

Ele riu entre dentes, o divertido e rouco timbre se mesclando com suas palavras seguintes.

— Deus ajude a todos quando for má, né?

Abri a boca para mandá-lo ao diabo. Entretanto, antes de pronunciar uma palavra, seu rosto ficou sério, amaldiçoou baixo e golpeou com um punho o teclado.

— Levo um monte de tempo revisando o arquivo de Lilla. Maldita seja! Se pudesse emparelhar sua frequência de voz, já estaríamos em marcha.

— Esquece a voz. Omitimos algo. — Disse com um frustrado suspiro.

Em minha mente, estudei minuciosamente tudo o que sabia dela, tudo o que tinha aprendido em nossa reunião.

— A mulher não é muito exigente. Está vinculada a mais homens?

— Não, que eu saiba. Foi vista com William Steele, é óbvio, e com Mark St. John, mas com ninguém mais. Bom, — Acrescentou. — a não ser que conte George Hudson, o oficial que a deteve.

No momento que Dallas disse essas palavras, vários pedaços do quebra-cabeças se uniram em minha cabeça.

— É um fodido gênio, Dallas. — Me joguei contra o recosto e ri com entusiasmo. — Hudson. Ainda não falamos com Hudson. Ele está comprometido de algum modo.

— Mas por que Lilla permitiu detê-la? Sua capacidade para o controle mental é assombrosa, como ambos comprovamos.

— Espere. Recorda o que disse? Que não pôde forçar Steele a fazer o que queria? Talvez não possa controlar a todos nós. Talvez não possa controlar os homens com quem fode.

— Ah, isso está bem. Isso está muito bem. Já que ela não pôde convencer Hudson que esquecesse sua detenção, deve ter passado umas horas sob os lençóis com ele.

Eu estava intrigada “e enojada” pelo suposto comportamento de Hudson, que não se ajustava às normas do A.I.R. Os agentes não se deitavam com os *outros-mundos*. Jamais. Por nenhuma razão.

— Mas se dormiram juntos, por que simplesmente não a deixou ir? Por que todo esse ânimo para a levar à central, fichá-la, e depois ocultar seu arquivo?

— Talvez estivesse ciumento de Steele e quis ensinar uma lição: me obedeça ou pague as consequências.

— Há outros modos de ensinar uma lição a um alienígena. Formas que não incluem incriminar a si mesmo.

— Testemunhas. — Disse Dallas, dando uma palmada na coxa. — Teria



havido testemunhas de seus crimes, e Hudson teve que fazer sua detenção parecer autêntica. — Meus olhos aumentaram. — Deus, agora tudo parece claro. — Disse, e com isto, o alívio golpeou através de mim.

Saber exatamente o que ocultava o arquivo de Lilla apagava minhas inquietações referente à delegacia de polícia. Agora podia tomar Lilla sob custódia; podia interrogá-la em meu terreno.

Isso não queria dizer que meus amigos estivessem completamente a salvo, é óbvio. Isso só significava que tinha uma preocupação a menos para me inquietar nesta noite de merda.

—O que sabemos de Hudson? — Perguntei.

Dallas golpeou algumas teclas. Uma imagem de George Hudson encheu a tela, sua informação ao lado do sorridente rosto.

—Quarenta e um anos. Cabelo castanho, olhos negros... — Dallas fez uma pausa. — Tinha esquecido sua cor... Encaixa perfeitamente com nossos homens desaparecidos. — Ele girou o pescoço, e os ossos rangeram. — Realmente acha que está com ele? Que iria com o homem que a deteve?

—OH, sim. Ela se sentirá a salvo com o agente do A.I.R. que já a protegeu duas vezes.

—Deveria pedir reforços?

Assenti com a cabeça.

—Faz que Ghost e Kittie se encontrem conosco no velho reservatório.

Dallas avisou por rádio aos dois agentes, logo programou o endereço no carro. Nossos pneus chiaram quando o veículo virou na rua, os sensores de alta tecnologia o dirigindo e impedindo que chocasse com outros objetos.

—Você disse que a noite ia ser interessante.

—Interessante? — Sacudi a cabeça. — Não. Isto está a ponto de ficar feio.

Um brilho de movimento capturou minha atenção. Meus olhos se estreitaram, e intensifiquei meu enfoque, girando a cabeça enquanto o carro se afastava mais e mais a grande velocidade. Quando vi um segundo brilho, uma peculiar e familiar energia me alagou. Igual no clube. Conhecia-o. Era o Arcadian masculino.

—Pare o carro.

—Outra vez? — Perguntou Dallas.

—Pare! — Gritei.

A sua ordem, o carro uma vez mais parou de repente. Propulsei-me para diante no assento e logo para trás. Neste ritmo, teria uma lesão cervical antes que amanhecesse.

—Fique de guarda. — Disse a Dallas, logo assinalei: — Abre. — Ao carro. Enquanto a porta levantava, acrescentei: — Descobri alguém a quem quero interrogar.

Saltei, minha arma já preparada, meus pés em movimento, saindo correndo no momento que meus sapatos tocaram o chão. Isto não se ajustava a minha visão, assim não tinha nenhuma necessidade de proteger Dallas.

—Por que demônios...? — Ouvi o grito de Dallas atrás de mim, sua voz se movendo comigo.

Não reduzi a velocidade para explicar. Não podia. Ele me seguiria. Sempre me



seguia quando saía. Seus instintos protetores não permitiam ficar esperando passivamente atrás.

Meus olhos continuamente inspecionavam a área ao redor. Maldição! Onde tinha ido o Arcadian? Mantive a corrida, localizando seu aroma de Onadyn.

A cada pernada de meus pés, com cada afiada rocha que golpeava minhas botas, se fazia mais e mais claro que o homem zombava de mim. Quando Dallas parou o carro com um chiado, vi o sorriso do Arcadian, seu condenado sorriso antes de se afastar correndo a toda velocidade.

Meus passos seguiram golpeando o pavimento. Meu acalorado fôlego misturado com o vento gelado.

Edifícios de tijolos vermelhos, tanto a minha esquerda como a minha direita, faziam que a escuridão aumentasse mais ao redor. Todos os meus sentidos estavam despertos, minha visão noturna era excelente, e finalmente pilhei outro vislumbre dele. Vi o açoite de seu impermeável rodear uma esquina e o segui.

—Detenha-se! — Gritei. — A.I.R.

Sua risada flutuou até mim, rica e suave, como brandy quente durante uma tormenta de verão, incrível e sugestivamente sensual.

Apanharia-o, bastardo, embora só fosse para colocar sua voz em uma caixa e assim ele nunca mais riria outra vez. Enquanto corria, ajustei minha pyre em modo atordoar, aponte e disparei várias rondas. A cada tiro, luzes azuis abriam caminho diante de mim, iluminando as sobressaltadas caras dos habitantes do beco. As luzes rapidamente se apagaram.

Falhava. Sempre. Ele esquivava cada ronda como se conhecesse exatamente onde aterrissariam.

Mais rápido, Mia, me ordenei. *Não o perca*. Minha respiração irregular queimava em minha garganta e pulmões, tapando os ouvidos, mas me forcei a seguir em movimento.

Bruscamente minha corrida se deteve, mas por motivos que não tinham nada a ver com a resistência. Uma parede obstruía a saída do beco. Girando, ofegando, observei cada polegada deste recinto ladrilhado. O Arcadian não se via por nenhuma parte. Como diabos tinha passado por essa parede?

No próximo instante, algo suave roçou minha orelha. Girei com um açoite, disparando. Só golpeei a parede. A mesma suavidade roçou minha outra orelha, refrescando minha consciência, propulsando essa estranha e emocionante energia através de mim. Girei, disparei e amaldiçoei. De novo, nada.

—Está sendo seguida. — Disse uma rouca voz masculina. Sua voz. O guerreiro. Ele parecia mortalmente sério agora, e não pude dizer de que direção vinha sua voz. Movia-se muito rápido.

—Sei que estou sendo seguida. — Disse através dos dentes apertados. — Por você. — Firme. — É um covarde? Se mostre.

—Outro já foi tomado, Mia Snow, e outro logo se converterá em uma vítima também. — Ele continuou movendo-se ao meu redor, tão depressa que eu não podia distinguir nem uma mecha de seu cabelo. — Vai proteger a estas vítimas, — Disse ele. — ou ajudará o assassino?

Que tipo de pergunta era essa? Uma tão estúpida, que não ia responder.

—Quem foi tomado, e quem será tomado? Dê-me os nomes. —Exigi.

—Protegerá essas vítimas? — Exigiu o Arcadian no mesmo tom duro que eu usei.

Onde diabos estava ele?

—É óbvio que os protegerei. Esse é meu trabalho. Agora me dê seus nomes.

Uma pausa longa nos rodeou. Finalmente, ele disse:

—O que sabe de Rianne Harte?

—Ryan Heart. — Repeti, aprendendo de cor o nome. — Nada. O que você sabe dele?

Ele riu entredentes, o som mais sombrio que divertido.

—Certamente tem mais do caso que isto. Certamente...

—Mia. — Chamou Dallas atrás de mim.

—E aqui termina nosso tempo juntos. — Disse o alienígena.

—Fique! — Exigi. — Não terminei com você.

O Arcadian não respondeu. De fato, já não sentia mais sua presença. O agradável e apazível zumbido de sua potência elétrica se foi. Maldição! Obviamente seus poderes eram excepcionais. Talvez por isso senti sua energia duas vezes até agora. Para escapar tão fácil e rapidamente como tinha feito, tinha que ter levitado ou atravessado aquela parede de tijolos.

Deus nos ajude se os alienígenas agora podiam se converter em névoa e atravessar objetos sólidos.

Apertei minha mão livre em um punho. Ele havia dito a verdade? Tinham sequestrado alguém mais? Estava outro homem a ponto de morrer? Se fosse assim, o Arcadian inclusive poderia ser o responsável. Poderia estar se gabando. Encontrei-me assentindo com a cabeça. Aquela parte tinha sentido e coincidia com o perfil do assassino.

—Onde está o Arcadian? — Perguntou Dallas, ofegante. — Consegui dar uma olhada e logo desapareceu.

Girei e confrontei meu companheiro.

—Perdi-o. Merda, perdi-o.

—Quem diabos era, de todo modo? — Ele se inclinou e aspirou um fôlego. — E por que demônios o estamos perseguindo?

—O vi no clube.

Os olhos de Dallas se alargaram.

—Acha que ele sabe algo?

—Sim. — Com minhas mãos sobre os quadris, procurei no beco outra vez. Nada. — Vamos voltar para carro e explicarei isso.

Caminhamos rapidamente ao veículo, sempre alertas ao que acontecia ao nosso redor, e conseguimos nos colocar no quente carro sem incidentes.

—Ele mencionou um nome. — Disse. — Ryan Heart, macho. Comprove-o no relatório de desaparecidos.

Dallas escreveu o nome no console, logo me deu uma olhada.

—Nada.

—Tenta como Ryan Hart. — Disse, trocando a ortografia. — E se isso não funcionar, Harte.

Passou um momento antes que Dallas formasse um sorrisinho misterioso.

—Lamento estragar isto, Mia, mas há dois Ryan Hart. Um tem sessenta e oito anos e não combina com o aspecto de nossas vítimas. O outro é seu neto de dez anos. Ambos têm o cabelo loiro.

—Está certo?

—Absolutamente.

O Arcadian tinha mentido. Meus músculos se esticaram com minha fúria cozinhando a fogo lento.

—Consiga o telefone dos dois Hart. — Disse. — Quero ouvir pessoalmente que estão a salvo em suas camas.

Isso levou a Dallas quinze minutos, mas finalmente confirmou que tanto o avô como o moço estavam a salvo.

—Quero que vigiem a ambos. — Disse. — Quero saber com quem falam, onde vão. E mantenham em segredo. Não quero que ninguém saiba, nem sequer o comandante.

—Há um par de pessoas que me devem um favor. — Dallas fez as chamadas necessárias.

Isto eu não gostava. Eu não gostava absolutamente.

Capítulo Cinco

Quando chegamos ao reservatório, Ghost e Kittie já estavam lá.

Estavam de pé ao lado de seu Cruiser⁷, cada um carregado com armas de todos os tamanhos, facas e munições. Usavam as típicas calças negras de couro dos caçadores, com camisas e jaquetas negras. Onde Ghost era alto, com a pele de chocolate e um corpo bem musculoso, Kittie era baixo e tão pálido como sorvete de baunilha e nata. Seus braços largos e suas magras pernas ocultavam uma perigosa força e uma capacidade de derrubar ao mais ameaçador dos suspeitos.

O verdadeiro nome de Kittie era James Vaughn, e durante seu primeiro dia no A.I.R. vagou pelos corredores, apresentando a si mesmo como Mad Dog⁸. Ele

⁷ *Nota da Revisora:* Chrysler PT Cruiser. O PT Cruiser é um modelo da Chrysler de estilo “retrô”, considerado como compacto Nos EUA, apesar de ter sido lançado em 2000 como um utilitário graças às confusas definições do governo norte americano. Apareceu pela primeira vez em 1999, ainda como Plymouth PT Cruiser. O PT Cruiser sairia de linha em 2009, mas teve sua permanência no portfolio de produtos da fabricante Chrysler confirmada pelo CEO responsável pela marca Chrysler, Peter Fong. Saiu de linha definitivamente em 09 de julho de 2010 e a última unidade saiu da fábrica de Toluca, no México. O modelo teve muitas versões durante sua vida, incluindo uma conversível de 2 portas, e vendeu mais de 1.500.000 unidades nos EUA até sair de linha. Seu preço médio era 75 mil reais.



⁸ *Nota da Revisora:* Cão Raivoso, do inglês.



merecia um apelido duro, havia dito. Então decidi chama-lo de Kittie.

O nome pegou.

Dallas ordenou que o carro estacionasse ao seu lado, e o veículo obedeceu brandamente. Saímos.

—Boa noite, meninos. — Disse.

—Boa noite. — Disse Kittie com um sorriso. Seus lábios eram quase imperceptíveis, só duas rosadas e magras linhas, e tinha um queixo que parecia o sapato de um duende, mas maldito fosse se não tinha um par de formosos olhos! Duas brilhantes esmeraldas emolduradas por longas pestanas negras. Aspirou uma última imersão de seu cigarro e logo o jogou no chão.

—Esse é um hábito repugnante. — Disse, meus olhos fixos no alaranjado extremo aceso enquanto este rodava pelo pavimento. — E completamente ilegal.

—É só um modo de controlar minha esquizofrenia avançada e minha raiva narcisista.

Aqueles círculos verdes brilharam com diversão enquanto acariciava com amor o maço de cigarros no bolso de seu casaco.

—Mia, parece... Bom... Está como sempre, — Disse Ghost. — mas Dallas... Cara, isso é um condenado olho arroxado. Encheu o saco de Mia outra vez?

—Não. — Dallas encolheu os ombros. — Desta vez me golpeou sem nenhuma razão.

—Sempre há uma razão. — Resmunguei.

Ele só soltou uma risadinha.

—Tiveram algum problema em encontrar o primeiro objetivo? —Perguntei aos outros.

—Nenhum absolutamente. — Disse Kittie, sua profunda voz era um vivo contraste com seu físico. — Demoramos pouco em prender o bastardo. Mas tenho que dizer que, o estúpido filho da cadela, não poderia nem encontrar seu traseiro no chapéu de um mineiro, e era bastante óbvio que não sabia nada de Steele.

—Bem, o Arcadian que estamos a ponto de deter certamente sabe do Steele, assim prestem atenção. — Dei umas palmadas para me assegurar que tinha a atenção de todo mundo. — A casa de Hudson está a um bloco de distância. Faremos isto tão rápido e silenciosamente como possível. E quero que todos, todos, — Acentuei, com minha anterior visão de repente em minha mente. — sejam cuidadosos com qualquer mulher que encontremos. Entendido?

Todos me olharam fixamente com os olhos entrecerrados, como se acabasse de chamá-los de estúpidos idiotas de merda. Possivelmente o fiz. Sabiam que tinham que tomar cuidado com todos que encontravam. Sustentei o olhar de cada um por uns segundos, logo cruzei os braços sobre meu peito e esperei. Não ia me desculpar.

Finalmente, Ghost rompeu o silêncio.

—Quer esta garota, Lilla, morta ou viva? — Perguntou.

—Viva. Tenho perguntas e ela tem as respostas. Agora, basta de bate-papo. Se movam.

Furtivamente caminhamos até o pátio traseiro de Hudson. Nossa roupa negra parecia um néon em comparação com a palidez da neve, assim ficamos agachados sobre o chão, tentando nos fundir com as sombras.

Em alguns pontos avançamos lentamente. Em outros, corremos. As luzes saíam de todas as partes e de todas as casas; todas as cortinas estavam abertas. Nosso acalorado fôlego formava bafo no ar gelado, e o único som era o repico apazível da neve ao cair.

Duvidava que Hudson fosse o suficientemente estúpido para deixar escondido um cartão escaneador de convidados, mas o busquei de todo modo. Infelizmente, não encontrei nada mais que umas rochas brilhantes e um punhado de sujeira.

Kittie passou uns minutos no receptor de potência, cortando o alarme e a bateria de reserva. Um arriscado movimento, realmente, porque a presença de um abajur de teto ou a piscada do alarme de um relógio poderiam alertar os residentes de nossa presença. Arriscado, mas necessário.

Ghost se agachou em frente ao trinco da porta e extraiu uma aveludada bolsa negra de um bolso. Pegou uma diminuta e serrada lâmina e encaixou o brilhante metal prateado na fechadura. Os Sistemas Inalámbricos ainda eram raros entre a classe média, graças a Deus, mas até a casa mais humilde usava unidades de identificação ID ou cartões de convidados para entrar. Nisto, Hudson não era diferente. Eu não escolheria uma unidade de identificação para salvar minha vida. Não tinha suficiente paciência.

Sorrindo, disse brandamente:

—Eu adoro quando faz isso. — Sua capacidade para romper qualquer barreira de forma cuidadosa e eficiente, sem que ninguém se inteirasse, era pelo que ganhou seu apelido. — Juro por Deus que me deixa quente.

—Quando quiser, neném. — Disse ele. — Este é só um de meus muitos talentos com as mãos.

Eu já tinha minha arma preparada, assim me coloquei atrás dele e cobri suas costas enquanto ele trabalhava. Momentos mais tarde, o ID foi desarmado e a porta aberta.

Rápida como um raio, girei e coloquei as costas contra a parede, me preparando para entrar.

Qual destes homens morreria esta noite?

Espontaneamente, a pergunta cintilou em minha mente. Por um momento, não pude me mover, mal pude respirar.

Não. Não! Eu não os deixaria morrer dentro desta casa. Os protegeria, com minha própria vida se fosse necessário.

Com aquele pensamento, me acalmei. Os manteria a salvo com minha própria vida. Sacudindo a cabeça, esclareci minhas ideias.

—Preparados? — Perguntei, sem expressar as palavras, somente movendo os lábios.

Dallas ficou em posição do outro lado da porta. Assentiu.

Ghost e Kittie se distanciaram, as armas preparadas. Eles, também deram uma curta, mas apreciável cabeçada.

Cada nervo de meu corpo ficou em alerta, e silenciosamente dei um passo dentro. Meus olhos percorreram tudo, e minha arma se moveu com eles. Espaçoso. Dei um passo mais fundo dentro, cuidadosa em colocar minhas botas no lugar certo para prevenir qualquer tipo de chiado. Fiz uma pausa, absorvendo o silêncio. Dallas



entrou atrás de mim, seguido rapidamente de Ghost. Kittie ficou na porta, protegendo a retaguarda.

Legalmente, não tínhamos que anunciar nossa presença como a polícia. Nós caçávamos alienígenas predadores, e isso nos dava direito a entrar em qualquer casa sem avisar. Assim não o fizemos. Lilla era uma criatura escorregadia, e eu não ia lhe dar nenhuma advertência.

Explorei a área imediata. Uma cozinha. Pratos quebrados sujavam o chão. As cadeiras estavam caídas.

Meu coração disparou. Houve uma luta neste aposento e minhas tripas me diziam que Lilla era a culpada. Igual no clube, igual ao guerreiro Arcadian, senti sua energia, pilhei um rastro tardio de seu aroma sensual e exótico. Minha conclusão: sentia-a porque ela era tão poderosa como o outro Arcadian. Teria que tomar cuidado com ela.

Desconhecia por que de repente me tinha permitido sentir a energia Arcadians, mas neste momento estava fodidamente contente com essa capacidade.

Fiz gestos aos homens para que permanecessem atrás de mim, e não tive que ver suas expressões para saber o incrivelmente irritados que estariam. Em geral, eles iam adiante e limpavam o caminho antes que eu entrasse no quarto seguinte. Desta vez, não. Não lhes daria nenhuma oportunidade. Que se fodessem seus egos.

Silenciosamente, entrei na sala de estar iluminada pela lua. Uma grande janela decorava a parede mais longe, e as cortinas estavam ligeiramente abertas. As almofadas do sofá estavam jogadas pelo chão, a televisão quebrada, feita em pedacinhos, mas nem rastro de vida.

Meu coração deu um salto em meu peito, e tive que lutar para manter minha adrenalina sob controle. Isto era igual à minha visão. Caos total, energia zangada. Logo, morte. Tremi e me esforcei para respirar. Tinha que manter a mente limpa. Tranquila. Fiz uma pausa um momento e simplesmente escutei. Silêncio.

Não. Não, ali havia um som surdo, baixo, precipitado e errático, mas ali estava em todo caso. Esperei, contendo o fôlego. Havia três entradas abertas no corredor e nenhuma luz emanava de nenhuma delas. De que quarto vinha o som? Merda! Isto eu não gostava. O melhor curso de ação seria comprovar um eu mesma e permitir que Dallas e Ghost comprovassem os outros, todos ao mesmo tempo.

Rechacei aquela ideia assim que se formou e bordeei o suporte da parede, com os homens perto de meus calcanhares. Movi-me ao primeiro quarto. Quase imediatamente, notei uma mulher que dormia sobre a cama. Os rosados lençóis de seda a cobriam dos dedos dos pés até os ombros. Fui capaz de distinguir o cabelo loiro, mas nada mais.

Quatro passos mais tarde, estava ao lado da cama. Mantendo minha arma apoiada sobre seu peito, liberei um par de laserbands da minha cintura e algemei seus pulsos à cabeceira. As cintas pulsaram uma leve luz dourada enquanto se vinculavam a sua pele. Ela murmurou algo enquanto se revolia. Suas pálpebras se abriram lentamente.

No momento que me descobriu, sua mandíbula caiu aberta, e se dispôs a gritar. Cobri sua boca com minha mão livre, cortando qualquer som. Um segundo mais tarde, Ghost estava ao meu lado.



Alguém gemeu, e não foi a mulher atada. O som foi muito profundo, muito longínquo. Ghost pôs sua mão na boca da mulher em substituição da minha. Girei, preparada e observei a entrada. O som tinha vindo de um dos outros quartos.

—Somos agentes do A.I.R., senhora. — Sussurrou Ghost à mulher. — Fique quieta e estará bem. De acordo?

Ela olhava de um ao outro, tremendo tão violentamente que temi que tivesse um ataque.

As lágrimas enchiam seus olhos, mas assentiu com a cabeça. Merda! Amaldiçoei por dentro, quando a observei melhor. Era só uma menina. Provavelmente não teria mais de dezoito anos.

Atrás de mim, ouvi o gemido de uma mulher e o grito de:

—Oh, Deus.

Girei outra vez e não vi ninguém. E então foi quando a compreensão me golpeou. Tínhamos sido tão cuidadosos, tão discretos, mas, ao que parecia, não teríamos sido ouvidos embora anunciássemos nossa presença com uma trompetista.

Hudson e Lilla estavam muito ocupados fodendo.

—Fique aqui. — Disse a Dallas.

Ele deu uma rápida e cortante cabeçada, afirmando. A fúria ardia em seus olhos.

Já que a porta do dormitório estava aberta, Ghost e eu tomamos posições do lado do batente. Kittie tomou posição no final do vestíbulo.

Concentrei-me no casal. Estavam agachados no chão, Hudson agarrando Lilla por trás. Seu pálido cabelo balançava cada vez que seu traseiro nu golpeava para frente. Suas mãos vagavam por toda ela, através de seu cabelo, sobre seus seios.

Tinha que admirar sua técnica.

—No três. — Articulei silenciosamente.

Levantei meu indicador. Um.

O dedo médio. Dois.

Outro dedo. Três.

Saltamos dentro.

—Mãos para cima. — Gritou Ghost. — A.I.R.

—Agora. — Gritou Dallas.

É óbvio, não tinha ficado atrás como tinha ordenado.

Lilla gritou e tombou sobre seu estômago. Hudson nem sequer deu a volta. Estava muito ocupado alcançando a arma sobre a mesinha de noite.

—Toca sua arma, e está morto. — Eu disse com calma. — Está fodido, Agente Hudson. E não o digo literalmente.

Ainda me dando as costas, sustentou as palmas para cima enquanto recuava para trás sobre seus calcanhares.

—Mantenha as mãos onde eu possa ver. — Disse. — Entendido?

Ele assentiu quase imperceptivelmente com a cabeça.

—Bom menino. Agora gire para mim. Isso é... — Arqueei uma sobrancelha quando ele se sentou ao lado de Lilla. Não pude impedir. Meu olhar se fixou entre suas pernas e quase ri. — Descanse, soldado. Não estou impressionada por seu equipamento.



Hudson franziu o cenho.

Lilla chorava, seus soluços ressoavam pelas paredes, e minha atenção foi de Hudson para...

—Merda! — Gritei. — Não é ela. Maldita seja, não é ela! — Hudson não estava fodendo com Lilla, afinal.

Esta mulher nem sequer era uma Arcadian. Tinha o cabelo comprido e loiro, sim, mas seus olhos eram de um azul escuro, e sua pele estava bronzeada.

Quase cruzei o rosto de Hudson só para apaziguar minha raiva em crescimento.

Mas fiz uma pausa e fiquei quieta. Bem. Então esta mulher não era Lilla. Não importava. Lilla estava aqui. Ainda sentia sua presença.

—Onde está ela, Hudson? — Exigi.

Quando ele não respondeu imediatamente, apontei minha arma ao seu pênis, o que tão orgulhoso mostrava.

—Não sei do que fala. Juro por Deus que não sei! — Lambeu os lábios e tentou escapulir atrás da mulher.

—Utilizando um civil para se proteger. — Grunhi. — É virtualmente o Anticristo, sabe?

Ele ficou quieto.

—No treinamento do A.I.R., viu hologramas de instrução de meu trabalho? — Perguntei.

—Sim. — Respondeu ele hesitante.

—Então sabe que não tenho consciência e farei o que for para conseguir o que quero. — Dei ao gatilho de minha arma uma pequena pressão, não o suficiente para disparar um tiro, mas o bastante para que meu objetivo se retorcesse um pouco. — Não vou perguntar por Lilla outra vez. Simplesmente te golpearei.

—Irá para o cárcere se me fizer mal. — O suor cobriu sua testa, e passou uma mão instável por ela. — A agressão a um agente da lei é uma ofensa federal, e aqui há muitas testemunhas.

Um por um, meus homens giraram e ficaram de rosto na parede. O rosto de Hudson ficou mais e mais pálido. Uma risada cruel saiu de meus lábios.

—Má resposta. — Disse, e troquei o ajuste de minha arma a um nível mais alto.

Apontei.

—Ela esteve aqui, — Se apressou a dizer, protegendo-se com as mãos. — e destróçou minha casa. A expulsei. Juro.

Mentia.

Lilla não o controlava, mas ele se preocupava com ela o suficiente para arriscar sua carreira e sua liberdade ocultando seu paradeiro. Realmente duvidava que a tivesse expulsado de sua casa.

—Quem é sua amiga? — Perguntei, assinalando à mulher que chorava.

Meus homens se voltaram e nos olharam. Já tínhamos demonstrado nosso ponto.

Hudson deu uma olhada a cada um dos homens.

—É minha esposa.

Mentia. De novo. Seu relatório dizia que era solteiro. O mais provável era que não quisesse que interrogássemos a mulher sobre ele.

—Georgie, Georgie, Georgie, — Disse, embainhando minha arma. — desta vez, realmente me empurrou muito longe.

Com isto, fechei a distância entre nós e dei um murro no seu nariz. A cartilagem se rompeu com o contato. Entre seus chiados de agonia, dei a volta e disse:

—Três narizes em uma noite. Não é meu recorde, mas não está mal tampouco.

Atrás de mim, ouvi Dallas grunhir uma curta gargalhada. Girei, mas não fui o bastante rápida para pilhar seu sorriso. Ele me olhou com o cenho franzido, ainda zangado comigo por tomar à dianteira. Podia dirigir sua cólera, porque isso significava que ele ainda estava vivo.

Voltei e me ajoelhei em frente à mulher. Seu corpo tremia violentamente, e seus olhos eram frestas de medo.

—Não vou te machucar. — Assegurei. — Está a salvo.

Olhando-me, ainda insegura, ela assentiu.

—Como se chama? — Perguntei.

—Sherry. Sherry Galligher.

—Viu uma fêmea Arcadian aqui esta noite, Sherry?

Ela assentiu com a cabeça outra vez.

—Está aqui agora?

—Sim. — Foi a vacilante resposta.

—Fecha a boca, puta. — Cuspiu Hudson, fechando seu punho sobre o estômago da mulher tão forte que ela golpeou contra a mesinha de noite.

Meus olhos se estreitaram sobre o bastardo, e levantei minha mão para Kittie.

—Me dê seu isqueiro. Acredito que acenderei um charuto. — Dei uma olhada significativa ao pênis de Hudson. — Bom, um cigarro, em todo caso.

—Bruxa. — Grunhiu Hudson, sua cólera e desespero fazendo que esquecesse seu medo. — O faria. Bom, se quer acender meu pênis, por que não tenta chupá-lo primeiro? Porque esse é o único lugar a que pertence. Sobre seus joelhos.

—Oh, merda. — Disse Dallas, de repente atrás de mim. — Está morto agora.

Kittie pôs o isqueiro sobre minha mão estendida.

—Obrigado. — Mantive minha atenção sobre Hudson. Sustentei a chama perto de seu nariz e, lentamente, a movi para baixo. Ele tentou recuar, mas a borda da cama deteve qualquer tentativa de escapar. — Quer retificar suas últimas palavras?

Seus lábios se comprimiram em uma apertada linha enquanto os cabelos de suas bolas chamuscavam.

—Sinto muito. Não quis dizer. Arrependo-me.

—Bom menino. — Detive a chama, mas mantive o isqueiro dentro de sua vista. — Sherry, — Continuei, voltando minha atenção à mulher. — onde está Lilla?

Ela respondeu só depois que Ghost tivesse agarrado Hudson pela perna e o arrastado além de seu alcance.

—George a prendeu no porão. — Disse ela. — Lilla ameaçou contar à polícia sobre ele a não ser que a ajudasse.

Apertei sua mão para confortá-la.

—Fez muito bem. Muito bem.

Averiguaria mais sobre as atividades do Anticristo mais tarde. Agora mesmo, tinha que me ocupar de Lilla.

—Eu posso? Quero dizer... Posso me vestir já? — Perguntou Sherry hesitante, chorando.

A compaixão me alagou. Lamentava ver uma mulher humana tão humilhada.

—É óbvio.

Mas a observei todo o tempo, me assegurando que não fazia nenhum movimento para meus homens. Não pensava que fosse fazê-lo, mas ainda assim...

Tão rápido como suas mãos permitiram, recolheu sua roupa do chão e se vestiu. Não queria fazê-lo, mas depois a prendi, só para prevenir.

Minha visão me deixava condenadamente cuidadosa.

Feito isto, meti no bolso a arma de Hudson. Então, por puro prazer, dei um passo até onde Ghost o sustentava e dei um chute no estômago do bastardo. Seu fôlego saiu de sua boca com um grito aflito.

—Você gosta de como se sente? — Zombei.

Sua única resposta foi um murmurado:

—Cadela.

—Prenda-o, — Disse para Ghost. — antes que o mate.

—Será um prazer. — Respondeu ele.

—Preciso primeiro da roupa.

Ghost o levantou e o fixou contra a parede, seus braços esticados atrás das costas. O sangue gotejava do nariz de Hudson em um rio vermelho.

—Não posso sair assim. — Gritou. — Não pode me levar à fodida central até que não esteja vestido. Quero um advogado. Consigam-me um advogado, maldita seja!

—Não temos que conseguir nenhuma maldita coisa. — Replicou Dallas. — Somos do A.I.R., não a polícia local.

Sorri abertamente. A situação estava completamente sob controle, e fui capaz de relaxar minha vigília... Bom, relaxei ligeiramente minha vigília. Não relaxaria completamente até que não fosse manhã e soubesse que todos os meus homens estavam vivos e bem. Agora, pelo menos, senti-me o suficientemente livre para deixá-los aqui com Hudson e Sherry enquanto me encarregava cuidadosamente de um assunto muito delicado no porão.

—Dallas, lhe consiga um pouco de roupa e o encerre no carro. —Disse. — Ghost, você e Kittie se ocupem das mulheres. Eu me encarregarei de Lilla.

—Precisa de reforços? — Perguntou Dallas.

—Não. Depois de me ocupar dela, me encontrarei com você no carro.

Com isto, cruzei de um salto o quarto, me preparando para descer ao inferno.

Capítulo Seis



Brandindo minha própria ID pessoal, peguei minha pyre e desci pouco a pouco os rangentes degraus que levavam ao porão. Uma vez ali, simplesmente me pus voar o maldito scanner. Boom. O aroma de cabos queimados encheram as aletas de meu nariz. Meus métodos eram mais rápidos que os de Ghost. E mais sujos e ruidosos, também. Mas já não tinha por que ser sutil.

Acabando com a fechadura, dei um forte chute no centro da porta com o pé. Pedacinhos de madeira choveram no chão enquanto a porta se abria. Um solitário e bamboleante lustre pendurava do teto, repartindo magros raios de luz pelo pequeno quarto.

Lilla ocupava o canto esquerdo mais afastado desse pequeno espaço. Estava agachada no chão nu, com os joelhos no peito, os dedos fechados sobre as canelas. O ar daqui era tão frio e úmido como no exterior, e ainda assim, ela só usava a curta camisa e saia que tinha no clube. Pelo menos, tinha as botas calçadas.

Girou com calma o queixo até que me confrontou, e vi uma grossa raia de sujeira atravessar sua bochecha direita.

—Compreende que está perdendo o tempo? — Foram as primeiras palavras que disse, com tom uniforme.

—O que você disser. Levante. — Mantive os olhos fixos em seu rosto, procurando qualquer sinal, um movimento nervoso dos olhos, dentes que mordiscalessem o lábio inferior, de que ela planejasse fugir. — Mãos contra a parede.

Ela, devagar, ficou de pé.

—Meu irmão te castigará por isso.

—Possivelmente não me ouviu. Mãos contra a parede.

Com um longo e tirado do inferno suspiro, atuando como mártir... Fez o que ordenei.

—Tão pouco se preocupa com sua vida, senhorita Snow? Meu irmão me encontrará, e quando o fizer, você sofrerá enormemente por tudo que me tem feito passar.

—A história de minha vida. Terá que pegar senha.

Com movimentos diligentes e eficazes, revistei-a com uma mão enquanto sustentava minha arma sobre sua têmpora com a outra. Encontrei uma pequena e afiada faca presa com uma corrente no interior de sua coxa.

—Desfrutou? — Perguntou ela quando confisquei a arma.

—Mais do que acredita. — Embainhei minha arma e ateí seus pulsos atrás das costas.

Ela protestou fracamente, mas me permitiu conduzi-la para cima e logo para fora sem lutar. Mantive-a segura pelo braço enquanto caminhávamos trabalhosamente por uma ladeira. A neve era mais profunda do que lembrava, e a cada passo a água derretida penetrava por cima das minhas botas, me congelando os dedos dos pés.

Quanto mais nos aproximávamos do depósito, mais falava Lilla de seu irmão. Sem cessar, dizia:

—Ele te matará. — Ameaçava. — Kyrin matou mais gente que nenhum de nossa espécie. — Alardeava.

Quando alcançamos Dallas, tinha uma vontade enorme de cortar minhas

orelhas e dar a alguém, só para não ter que escutar outra palavra sobre seu irmão.

Olhei fixamente ao meu redor, e descobri que Ghost e Kittie não estavam. Só Dallas, com Hudson no assento traseiro de nosso carro. Dallas se apoiava contra a porta com os braços cruzados.

Seus olhos me lançavam adagas enquanto Hudson, que estava dentro com suas mãos ainda presas atrás dele, animosamente tentava tirar a fita azul que cobria sua boca esfregando o rosto contra o recosto na frente dele.

Levantei uma sobrancelha com curiosidade.

Dallas encolheu os ombros.

—Estava muito falador.

—Kyrin a...

—Oh, por Deus. — Disse, cortando Lilla. — Fecha o maldito bico e entra no carro.

Dallas ordenou que a porta se abrisse, e atirei Lilla dentro. Um escudo antibalas separava o compartimento dianteiro do de atrás, por isso não tinha medo que tentasse saltar sobre o assento do condutor e fugir a toda velocidade de nós. Quando a porta fechou de repente, encerrando-a ao lado de Hudson, dei uma olhada a Dallas.

—Onde estão outros?

—Levaram às mulheres para interrogatório.

—Não deveriam ter partido sem minha permissão.

—Sua permissão? — Dallas riu, o som cruel e envolto pela raiva. — Quem porra precisa de sua permissão agora mesmo? No que pensava ali? Que sabia mais que nós? Você mesma entrou em cada maldito quarto. —Seu discurso agressivo ecoou através da escuridão, tão negro e mortal como a noite. — Isso não é só perigoso, é estúpido. Poderia ter feito que matassem a todos.

Na verdade, tive que tragar minha primeira resposta. Ele não reconheceria, sem ferir seriamente seu ego, o fato de que era igualmente suscetível à morte como qualquer humano, que era só um mortal, não um super-herói. Assim simplesmente me apoiei contra o carro e disse:

—Tenho meus motivos.

—Têm? — Ladrou incrédulo. — Isso é tudo que tem a dizer?

—Olhe, você fez seu trabalho e eu fiz o meu. Tudo resolvido, assim deixe estar.

—Não, Mia. — Deu um murro no teto do carro, logo se inclinou para baixo até que seu fôlego se mesclou com o meu. — Não fiz meu trabalho. Você não deixou.

Franzindo o cenho, empurrei-o pelos ombros para afastá-lo do caminho e sentei dentro do veículo.

Dallas permaneceu fora pelo que pareceu uma eternidade. Finalmente, sentou de repente no assento do condutor e disse:

—Já telefonei para Pagosa. Nos espera na Central. — Seu tom era distante, o modo como falava com sua odiada ex-esposa.

Ele estava irritado, sim, e se sentia traído. Enquanto odiava a distância entre nós, preferia tratar com estas emoções que com sua morte.

Apertei minhas coxas. O pesado silêncio encheu o carro enquanto nos púnhamos em marcha. Bendito silêncio. E naquele silêncio, um pensamento me



ocorreu. Quase sorri abertamente. A alvorada estava só a uma hora de distância; Dallas e os outros estavam vivos. Ele ia ficar bem. Eles iam estar bem. Logo estaríamos no escritório central do A.I.R. Nada mal poderia acontecer ali.

De repente, Dallas começou a programar de novo o carro, dando um novo destino. Este se impulsionou a um lado do caminho. Entramos por um atalho cheio de neve antes de parar bruscamente com um tombo.

—O que faz? — Exigi, olhando iradamente para Dallas.

Sua testa estava lisa, seus lábios relaxados. Ele piscou uma vez, duas vezes, mas não falou.

O que acontecia?

—Dallas?

—Tenho que libertá-la. — Disse.

—O que! Por quê?

—Tenho que libertá-la. — Disse outra vez.

Seu tom era tão inexpressivo como seus traços.

Controle mental.

Merda, merda, merda. Dei a Lilla uma olhada furiosa. Ela tinha sua atenção em Dallas, olhando fixamente como ele dava um passo na noite, rodeava o veículo, e fazia uma pausa ao lado de sua porta.

Saltei do carro e me coloquei justo na frente de Dallas, bloqueando seu caminho para Lilla.

—Olhe-me. — Ordenei.

Ele não o fez.

—Olhe-me, Dallas. — Agitei minha mão em seu rosto e inclusive estalei os dedos.

De novo, era como se eu não estivesse aí.

—Se apenas me olhasse, poderia te ajudar a passar por isso.

—Retorne ao carro, Mia.

Sabia pela frieza em seus olhos que me mataria para liberar Lilla. Não me deixou outra opção.

—Sinto muito, Dallas. — Disse, mas não esperei outro segundo.

Rodeei seu pescoço com minhas mãos e apertei, oprimindo sua artéria carótida, cortando o fornecimento de oxigênio ao seu cérebro. Seu estado de ânimo mudou, sem compreender o que eu fazia até que foi muito tarde. Seus olhos se alargaram, e ele rodeou suas grandes mãos sobre minha traqueia. Antes que pudesse me fazer algum dano, seus joelhos dobraram, e caiu no chão, inconsciente.

Conseguir colocar seu musculoso corpo no assento de passageiros requereu mais força do que eu acreditava possuir, mas de alguma forma fui capaz de fazê-lo.

—Faça uma fodida dieta! — Soltei entre dentes.

Meu corpo já estava dolorido, e isto simplesmente intensificou a dor.

Maldita seja, que feliz estaria quando esta horrorosa noite terminasse!

Caí sobre o assento do condutor enquanto Dallas dormia placidamente, seus traços tão relaxados como os de um menino, seus roncos tão escandalosos como uma maldita sirene de névoa. Lilla e Hudson, os quais precisariam compartilhar um pouco de minha dor, permaneceram quietos e silenciosos. Provavelmente compreendiam



que estava a ponto de me quebrar. Tudo o que precisava era um gesto – um maldito gesto! – de algum deles, e chutaria um traseiro.

Programei de novo o endereço da delegacia de polícia no console, e o carro saltou em movimento. Logo o edifício do A.I.R. entrou na vista. O exterior era simples, marrom e anódino. Sem janelas, sem jardins. Uma monstruosidade muito alta, realmente, que alardeava paredes resistentes às chamas e vidros antibalas.

Enquanto entrávamos no estacionamento, notei o Comandante Jack Pagosa esperando com impaciência na entrada da minha vaga de estacionamento. Uma vez que o carro parou, saí. Fiquei de pé ao lado da porta aberta, aliviada de estar por fim aqui.

—Bem, Jack! Está preparado para isto?

—Por que levou tanto tempo? — Exigiu ele com aquela brusca voz sua. — E por que diabos Gutiérrez está dormindo na hora de trabalho?

Pela extremidade do olho, vi o movimento do corpo de Lilla e sua atenção para Jack e soube o que planejava. Meus punhos se apertaram. Maldita seja! Esta mulher era uma ameaça.

—Explicarei isso em um minuto. — Disse ao comandante.

Agora mesmo, tinha que neutralizar Lilla antes que lavasse seu cérebro com toda a sua força.

Liberei meu pyre, mudei a alavanca para modo atordoar, e me joguei de novo no assento do condutor. Desta vez, virada para a parte detrás. Os olhos de Lilla se abriram como pratos quando baixei o escudo protetor e nivelei o canhão da minha arma em sua testa.

—Meu irmão...

—Que se foda seu irmão. — Apertei o gatilho.

Um solitário raio azul voou e a paralisou, cortando suas palavras. Deus, que bom foi isso! Assenti com satisfação. Deveria tê-lo feito quando a encontrei no porão, mas não queria carregá-la. O inconveniente agora, era que não poderia interrogá-la até amanhã de noite, quando passasse o atordoamento. Oh, bom. Esse era o preço a pagar pela paz. E neste momento estava muito disposta a pagá-lo.

Ao lado da forma imóvel de Lilla, Hudson choramingava como um bebê. De algum modo, tirou a fita da boca. No momento que compreendeu que o olhava, pronunciou um guincho de menina que ressoou por todo o sedan.

—Sinto muito, Mia. Estou muito arrependido. — Choramingou. — Juro que estou. Farei o que quiser, direi tudo o que quiser saber se apenas guardar sua arma.

Tive muita vontade de disparar outra ronda nele, mas o atordoamento só funcionava com os alienígenas. Algo sobre seus componentes químicos. O raio de fogo, entretanto, eliminava tudo em seu caminho, e sabia que isso era o que ele temia.

—Conversaremos um pouco mais tarde, Georgie, rapaz, — Disse, dando um toque a sua bochecha com a borda da minha arma. — não tem que se preocupar. E esperarei esta mesma impaciência de você.

—O que você quiser.

Suas bochechas, já pálidas, empalideceram ainda mais. Não estava segura, mas acredito que mijou em suas calças. Não quis olhar muito estreitamente para

averiguar.

—Agora, Comandante. — Disse, saindo outra vez do carro. — O que perguntava?

Seu bigode sacudiu... E eu sabia o que significava. Não estava divertido; estava furioso. Não gostou de ser afastado, não gostou de ser tratado como um de meus lacaios. Seus escuros olhos marrons flamejavam de emoção, e as linhas ao redor de sua boca estavam tensas. Neste mesmo momento, com seu espesso cabelo prateado, seu arredondado ventre e sua vermelha camisa de flanela, parecia um Papai Noel psicótico.

—Estou assim da borda, Snow. Assim da borda. — Quase juntou seu indicador e polegar, deixando só meio centímetro de espaço entre eles. — Sabe o que estou a ponto de fazer?

—De me chutar o traseiro na próxima semana, senhor? — Disse, porque ele tinha feito a ameaça mil vezes antes.

—Isso. — Endireitou os ombros e ajustou o pescoço da camisa, a maior parte de sua fanfarronice desinflada por minha falta de preocupação. — Tem que seguir as regras, Snow, e isso significa responder ao telefone como todos outros.

—Desliguei-o. Não precisava de nenhuma distração.

—A cada membro da minha unidade é dado um telefone para que possa distrair cada um de vocês a qualquer maldito momento que queira. Recorde isso. — Soltou um suspiro. — Ghost e Kittie estão dentro, mas não me contaram nada. Sou o comandante, o safado chefe desta equipe, e eles querem te esperar!

—Não precisa chutar o traseiro de ninguém ainda, Jack. Trouxe-te um presente. — Com um varrido de minha mão, assinalei Lilla e Hudson. — Um suspeito e outro da equipe A.I.R. George, aqui presente, que foi um menino travesso e acredito que pode nos ajudar com o caso Steele.

Dallas gemeu.

Finalmente despertava. Massageou o pescoço com ambas as mãos enquanto seus olhos se abriam lentamente. Piscou e enfocou. Soube o momento exato em que recordou os acontecimentos da noite... Nosso pequeno passeio à casa do Hudson, meu rechaço a me explicar... Que quase o tinha afogado até a morte. O fogo cobrou vida em seus olhos, fazendo resplandecer aqueles perfeitos círculos marrons.

—Mia! — Gritou.

Afastei-me do carro, minhas mãos elevadas num gesto de impotência.

—Tive que fazê-lo, Dallas. Sabe.

—Ainda espero minha explicação. — Lançou Jack asperamente.

—Me ajude a levar os prisioneiros ao isolamento, e explicarei tudo. Aos dois. — Acrescentei.

Um por um, assentiram com a cabeça.

Trinta minutos mais tarde, Jack tinha sua explicação... Menos alguns pequenos detalhes. Respirei mais tranquila porque a luz do dia se aproximava rapidamente. Diabos, até tinha vontade de desfrutar! Tinha frustrado minha visão. Tinha ganhado desta vez. Dallas ainda estava furioso comigo, mas estava vivo. Inclusive Ghost e Kittie estavam a salvo.

Nada mais importava.

A vida era maravilhosa.

Lilla e Hudson foram separados e colocados em câmaras de isolamento. Enquanto Hudson se queixava durante a viagem para sua cela, Lilla permaneceu benditamente calada, aturdida como estava. Sherry e a outra mulher da casa de Hudson que agora sabia se chamar Isabel Hudson, a filha de dezessete anos de George estavam sendo interrogadas por Ghost e Kittie.

A única coisa que faltava fazer era falar com Dallas, mas neste momento, era impossível. Jack não tinha terminado ainda conosco.

O comandante se inclinou adiante em sua cadeira cinza de couro e respaldo alto. Estava sentado atrás de sua grande mesa de carvalho, a viva imagem da autoridade enquanto revolia alguns papéis da borda da desordenada mesa. As paredes ao redor estavam alagadas com fotos da filha de vinte e três anos de Jack. Sua esposa o tinha abandonado há anos, assim que a única imagem dela era a que decorava seu cesto de lixo.

—Fizeram um bom trabalho esta noite. — Disse. — Bom trabalho. Ambos. Encontraram a pista do caso que precisávamos, e trouxeram os suspeitos para interrogar. Embora feridos, mas pelo menos vivos. Diferente da última vez. — Seus olhos cintilaram para mim quando acentuou suas últimas palavras.

—O que? — Resmunguei com um encolhimento.

Dallas e eu nos dávamos às costas. Não nos havíamos falado desde que entramos no escritório de Jack. A tensão irradiava de nós.

—O problema é, — Acrescentou Jack. — que tivemos outro desaparecimento. A vítima sumiu na noite passada. Sua companheira de quarto só denunciou o desaparecimento há uma hora.

—Por que não fomos notificados imediatamente? — Perguntei.

—No princípio, os oficiais responsáveis não estavam certos que este caso tivesse alguma conexão. Entretanto, tenho Jaffe revisando a papelada, e está bem seguro que está conectado aos outros. Muitas similaridades e muitas pequenas evidências... Que acrescenta uma fêmea ao nosso complicado caso. Esta última vítima é mulher.

O medo me atravessou, escuro e perigosamente agudo. Dei uma olhada para Dallas pela primeira vez desde que demos um passo no escritório. Dallas me deu uma olhada. Não eram boas notícias que conseguíamos. Juntos, ambos voltamos nossa atenção para Jack.

—Uma fêmea? — Perguntei.

Jack piscou para mim.

—Isso é o que disse.

—Qual é seu nome? — Me movi em meu assento, odiando e amando cada momento que passava e ele não respondia.

—Rianne Harte. — Disse, dando uma olhada em seus papéis.

—Soletre. — Disse, o gelo cristalizando meu sangue.

Ele o fez.

Meu estômago se revolveu, e fechei os olhos. O Arcadian não tinha mentido. Ele havia dito Rianne Harte, mas não tinha soletrado o nome, e não tinha especificado que a vítima era feminina. Eu assumi que tinha escutado mal. Uma

combinação perigosa.

Ele também tinha mencionado que alguém mais morreria logo.

Ao menos, poderia tirar a vigilância do avô Ryan e do moço. Um autêntico aspecto positivo de merda.

—Jack, — Disse Dallas. — Mia e eu andamos em busca de...

Dei a Dallas uma apenas imperceptível sacudida de cabeça que dizia: não mencione o macho Arcadian.

—Em busca de uma garrafa de tequila. — Terminou ele sem convicção. — Sinto.

—Obrigado. — Articulei.

Não estava segura de por que queria manter Jack no escuro, mas o fiz. Não estava segura de quem era esse Arcadian ou de que lado jogava realmente. Só sabia que ia ser miserável com a informação que compartilhava até que entendesse exatamente os motivos que escondiam aqueles olhos cor ametista.

—Sabe bem que não se bebe no trabalho. — Disse Jack estreitando os olhos. — Primeiro te pego dormindo, e agora confessa a bebida. Que diabos acontece com você?

—Tem uma descrição da senhorita Harte? — Perguntou Dallas, voltando rapidamente para o caso.

—Cabelo vermelho. Olhos verdes. Aproximadamente um metro e meio de altura. — Jack se encolheu. — É técnica de laboratório no Kilmer, Peterman e Nate Farmacêutica. Eles se especializaram em tratamentos de fertilidade.

—Que semelhanças encontraram com este rapto e os outros? —perguntei.

—O cabelo Arcadian encontrado na cozinha da mulher responde isso. Como com os outros, não há testemunhas de seu rapto. Nenhum sinal de luta. Simplesmente desapareceu de sua casa.

—E está?

—Quase. — Disse Jack com um sorrisinho misterioso. — Ela teve contato com dois dos homens desaparecidos. Sullivan Bay e Raymond Palmer. Foi vista com um e outro em duas ocasiões e em separado.

—Isto se complica, Jack. — Disse Dallas.

—Sei. E preciso que encontrem os desaparecidos o quanto antes. Vivos. — Acrescentou Jack. — Se falharem, bom, se preparem para revisar também a papelada administrativa. — Não havia nada de humor em seu tom. — Me pressionam de cima. Têm medo que a história exploda logo e querem respostas.

Fabuloso. Já trabalhávamos tão rápido como era possível. Que nos ordenassem trabalhar mais rápido era... Genial.

—Agora mesmo, quero que vão para casa e descansem um pouco. — Seguiu Jack. — Daremos parte amanhã ao meio dia junto com Ghost, Kittie, Mandalay, Johnson e Jaffe.

—Uma coisa, Comandante. — Disse. Tinha trabalhado sob as ordens de Jack por nove anos. Ele era velho e resmungão, mas honorável. — Mantenha todos e isto inclui você, longe da câmara de Lilla. Seus poderes para controle mental são assombrosos.

—Duvido que possa penetrar em minha mente.

—O governo ainda tem que inventar um escudo mental factível, e até que o façam, estará em perigo com ela.

Ele deu golpezinhos com sua caneta na mesa.

—Se me afastar dela e ordenar que todos os outros façam o mesmo, me deverá uma. Estupendo.

Ele deveria estar agradecido por minha advertência, deveria dizer como eu era sensata. Mas não, o matreiro bastardo queria um favor, por isso fingia que estava em um grande apuro. Da última vez que lhe devi um favor, me fez ensinar sua filha, que me recordava uma Barbie drogada, como disparar um antiquado revolver .48. Para minha desgraça, passei umas noites no hospital, me recuperando de uma bala no traseiro.

—O que quer? — Perguntei com um cansado suspiro.

—Preciso que trabalhe no próximo fim de semana. Estamos com falta de agentes.

—Feito. — Disse, e senti um agudo alívio.

Trabalhar horas extras não era problema. Não era como se realmente tivesse uma vida. Não tinha afeições, nem amigos fora do trabalho, nem assistia às reuniões familiares.

Isso era... Penoso, compreendi com um cenho.

—Ninguém entrará. — Prometeu ele, acariciando a barba. — Não sem sua permissão. Inclusive entregarei a comida com bandejas mecânicas.

—Obrigado.

—Agora saiam daqui. — Disse ele, agitando uma mão no ar. — A visão do rosto machucado de Dallas me revolve o estômago. — Para Dallas disse: — Um conselho, menino. Da próxima vez que esteja em uma briga... Se agache.

— Sim, tentarei recordar. — Disse Dallas, com seu escuro olhar fixo em mim.

Levantamos e saímos. A porta fechou atrás de nós com um estalo. Logo, silêncio. As cadeiras e as mesas estavam vazias, e só uns agentes davam voltas por ali. A maior parte das equipes do A.I.R. estavam vigiando as ruas.

—Dallas. — Disse, depois fiz uma pausa. Notei que Ghost saía no corredor, me fazendo gestos com o dedo dobrado. Sua calva cabeça brilhava com a luz do teto.

—Não abandone o edifício. — Disse Dallas. — Temos muito a discutir.

—Tem razão. — Tinha alcançado sua tolerância às babaquices, e não tentei andar com rodeios. — Por que não vem comigo falar com Ghost, e logo vamos tomar um café no Trollie?

Ele afastou a vista de mim, sua expressão dura e decidida.

—De acordo. — Disse finalmente. — Tem dez minutos. Nenhum mais.

Arqueei uma sobrancelha ante seu tom sou-o-comandante-do-universo e jurei demorar onze minutos, embora tivesse que sentar em um canto e fuçar o nariz na maior parte deles. Cruzamos de uma pernada o corredor, o som de nossos passos ressonando em meus ouvidos. O ar era estéril aqui, como se alguém tivesse empapado as paredes com uma solução desinfetante. Ghost nos conduziu a um pequeno quarto privado.

—Essa garota está louca. — Disse no momento em que fechou a porta.

—Qual? — Perguntei, dando um passo para o grande e falso espelho que

dominava a parede de um lado e pelo qual se podia ver secretamente o outro quarto ainda menor. Tive minha resposta antes que ele respondesse. — Isabel Hudson, a filha do Anticristo. — Disse, no momento exato que dizia:

—A Bela Adormecida do bosque, a filha do Anticristo.

Estudei-a. Ela estava sentada em uma mesa cheia de marcas, suas mãos ocultas atrás das dobras da roupa. Seu cabelo era comprido e loiro e tão murcho como o meu. Sua pele, pura porcelana, estava bronzeada embora o que realmente chamava a atenção eram seus olhos. Eram uns ovalóides impecáveis, ricos, de um profundo violeta e emoldurados por longas e escuras pestanas.

—Parece uma Arcadian. — Comentei.

—Não pode ser. — Disse Ghost. — Não usa peruca nem o cabelo é tingido, e se por acaso não notou, sua cabeça está cheia de mechas loiras, não brancas nem prateadas.

Dei-lhe um cenho tipo: “Obrigado por declarar o óbvio”.

—De todo modo, — Seguiu com um encolhimento de ombros. — não há espaço em seu corpo para sangue alienígena. Ela tem vinte por cento humano e outros oitenta por cento de loucura. — Jogou os braços no ar em um gesto que dizia: “as coisas que faço por meu trabalho”. — Loucura, eu digo!

—O que aconteceu? — Dallas riu entre dentes. — Tentou conectar com ela e te disse não?

Ghost estremeceu, e seu rosto se enrugou com horror.

—Tem dezessete anos. — Recordei a Dallas. — Se tivesse tentado conectar com ela, teria que detê-lo.

—O que há nela que a faz tão má? — Perguntou Dallas.

—No momento que entrei no quarto, começou a resmungar baixo sobre controle mental. Uma de suas mãos se movia continuamente como se apunhalasse. E quando perguntei, ela ameaçou me cortar as bolas.

—Assim resmunga e gosta de cortar coisas. — Disse Dallas, tentando com todas as suas forças ocultar seu sorriso. — Grande coisa.

—Ei! Não te vejo entrar correndo aí! — Franzindo o cenho, Ghost gesticulou para a porta. — De toda forma, irei perguntar à pequena macaca um par de coisas.

—Não. — Disse. — Quero falar eu com ela. De garota para garota.

Os ombros de Ghost caíram com alívio.

—Se alguém pode tratar com essa psicopata, é você. Tem calcinhas de aço, Mia Snow. Eu? Eu teria mijado nas calças se não fosse minha arma. — Acariciou sua jaqueta sob seu peito esquerdo.

Fez uma pausa. Acariciou outra vez. Seu sorriso se apagou centímetro a centímetro, e soltou um incrédulo ofego.

Eu já estava na porta, tinha girado o pomo e dado um passo no quarto de interrogatório quando ouvi Ghost gritar.

—Minha arma! Ela está com minha fodida arma!

Mal tive tempo de reagir, não registrei que minha visão cobrava vida. Isabel sustentava a pyre e apontava o canhão em meu coração. Tinha o rosto em branco e o mesmo olhar que Dallas tinha quando tinham controlado sua mente.

Não. Não!

Atrás de mim, alguém gritou:

—Mia! — Enquanto eu alcançava minha própria arma.

De repente, me separaram de um empurrão do caminho e me senti cair lentamente. Isabel disparou. Uma rajada de luz e som envolveu o quarto. Um grito de frustração, fúria e medo se alojou em minha garganta, e disparei uma ronda própria antes de aterrissar no chão com um ruído surdo. O ar abandonou meus pulmões em um poderoso puxão, e minha visão se voltou uma teia de brancos e negros.

Tomando apenas fôlego, sacudi a cabeça para esclarecer as ideias, e compreendi que o tiro de Isabel não tinha me alcançado.

Estava ilesa.

Então um corpo masculino caiu sobre mim, sangrando e sem vida.

Capítulo Sete

O clink, clink da intravenosa harmonizava com o piii, piii do monitor cardíaco, criando uma sinfonia... Uma ópera de morte. Minha cabeça repousava sobre minhas mãos, meus cotovelos estavam apoiados sobre a cama do hospital. Estava cansada, tão cansada. A cadeira que ocupava era feita de dura e incômoda madeira, mas não podia me obrigar a me mover.

Quando era mais jovem, depois que meu pai deixasse de me amar, ele tinha castigado cada uma das minhas indiscrições me obrigando a sentar em uma cadeira muito similar a esta. É óbvio, encerrava a cadeira e eu num quarto escuro e pequeno. Eu sentava ali, aterrorizada e sozinha, soluçando silenciosamente ou às vezes gritando até que minha voz saía rouca. As lembranças sempre me deixavam cheia de ódio, mas devido a isso, agora podia permanecer imóvel por horas e sem emitir uma só queixa. Aquele pequeno talento agora vinha justo na medida.

Dallas descansava sobre a cama, com os olhos fechados e com uma máquina que respirava por ele, inflando seus pulmões, expulsando o ar e logo repetindo a ação uma e outra vez.

Só há uma hora, foi declarado morto. Mas um dos cirurgiões atribuídos para o atender rechaçou se render e ficou com ele, golpeando seu peito, inchando-o com todo tipo de medicamentos. Incrivelmente, Dallas tinha ressuscitado. Eu jamais tive fé em nada que não pudesse apontar ou disparar, mas quando o monitor cardíaco saltou à vida, comecei a acreditar nos milagres de novo.

Agentes do A.I.R. tinham ido e vindo ao longo da manhã, igual aos doutores e enfermeiras. Nenhuma só pessoa que entrou neste quarto deixou um raio de esperança atrás de si; só tristes condolências.

As feridas de Dallas eram fatais. A maior parte de seus órgãos internos foram calcinados, e havia um buraco de seis centímetros em seu peito, a carne circundante queimada além da reparação.

Não, eles não tinham devotado nenhuma esperança.

Mas Dallas era um lutador. Aferrava-se à vida com cada grama de força que

possuía.

Agora mesmo, estava a sós com ele, tentando colocar minha energia vital em seu interior. Pedi a Deus que sua família viesse, alguém que chorasse e rezasse por ele. Infelizmente, seus pais tinham morrido há anos e não tinha irmãos ou irmãs, tios ou tias, que algum de nós soubesse.

A impotência me afligia, uma impotência tão intensa que meu corpo tremeu com força.

A manhã tinha vindo e se foi, e agora, pela tarde, uma tormenta golpeava fora. Não tinha comido nem dormido. Não podia. Meu estômago era um doloroso nó de terror, temor e pena. Dallas era meu melhor amigo. Minha rocha.

Ele era uma extensão de Der, suponho, o irmão que tinha adorado e perdido. De uma forma estranha, equilibramos um ao outro, e minha vida sem ele...

Um estremecimento sacudiu minhas costas, agravado por uma queimação em minha garganta. Traguei ar. Apertei os olhos com força.

—Maldito seja, Dallas. — Sussurrei quebradamente.

Queria bater nele, gritar. Estava furiosa, muito furiosa, porque me tinha afastado e recebido o golpe. Eu deveria ter sido a primeira a cair, a primeira a sofrer. A que, em última instância, morreria.

Tinha falhado.

Meus ombros caíram cansados enquanto a onda de raiva me abandonava. Abri os olhos lentamente e estendi a mão com dedos trementes. A ponta de meus dedos acariciaram sua bochecha e ao longo de sua mandíbula. Estava frio e sua uma vez bronzeada pele agora era pálida, quase translúcida. Se tivesse lágrimas para dar, teria chorado até que meu nariz explodisse pela pressão. Como estava, só podia sentar aqui, necessitada, e vê-lo morrer.

Minhas mãos se apertaram tão forte que uma meia lua se marcou nas minhas palmas, causadas por minhas unhas. Isabel Hudson estava morta. Em minha mente, vi o contínuo brilho da minha arma, a expressão de horror da moça quando múltiplas rajadas de fogo explodiram contra seu peito. A vi cair lentamente no chão. Eu a tinha matado, tinha matado uma jovem garota que não chegou à maioridade. Em algum nível, me odiava pelo que fiz, mas isso não embotava meu desejo de matá-la outra vez, desta vez devagar, prolongando cada doloroso momento.

Merda! Como pôde acontecer isto? Quem tinha controlado a mente da Isabel? Lilla não, estava profundamente aturdida. Isso deixava... Ninguém.

Devo ter omitido os sutis detalhes de minha visão. Deus sabia que alguns deles eram incorretos. Tinha colocado o humano e a alienígena no lugar equivocado, pensando que um humano que matava Dallas. Como podia saber que se tratava de um alienígena humanoide? Não sabia que espécie era Isabel, só sabia que não podia ser a filha de Hudson, como afirmava seu relatório.

—Como pôde acontecer isto? — Sussurrei cansada.

—Vá para casa, Mia. — Me disse uma voz masculina.

Jack.

Não dei a volta para enfrentá-lo.

—Não posso partir. Não vou partir. Conhece-me melhor que isso.

Ele suspirou.



—Com isto, não me ajuda. Não ajuda a ele.

—Então me despeça.

—Claro que não!

—Simplesmente... Não posso o abandonar. Precisa de mim. Não tem ninguém mais.

Jack fez uma pausa por um momento, e eu sabia o que ruminava em sua cabeça. Com Jack, o trabalho sempre era o primeiro.

—Quer que distribua seus casos? Que te dê uma semana ou duas?

—E quanto à Steele? — Perguntei, embora fosse incapaz de sentir autêntica curiosidade.

—Porei Ghost e Kittie no caso. Eles conseguirão terminar o trabalho.

Com aquelas poucas palavras, Jack acendeu a primeira faísca de ira em meu interior. Ele tinha feito soar como se eu não pudesse conseguir terminar o trabalho.

—Esse caso é meu. — Disse com uma ponta de rancor. Ainda assim, continuei sem olhá-lo. — Eu o terminarei.

—Não é necessário. Quase está fechado. Lilla está sob custódia, e uma vez que não esteja aturdida, enviarei Kittie dentro de sua cela. Esperamos saber onde estão os homens desaparecidos antes do anoitecer.

Olhei fixamente além da cama, na janela, meus olhos indiferentes enquanto as balançantes árvores e o brilhante pavimento entravam em minha visão.

—Prometeu que ninguém se dirigiria a ela sem minha permissão.

—Isso foi antes.

—Comete um grande engano. Se permitir que Kittie se aproxime dela, pode dar a Lilla um beijo de despedida. Ela terá ido antes que possa tirar a cabeça do traseiro. Além disso, duvido que saiba onde estão os homens desaparecidos.

—Está dizendo que é inocente? — Ele se engasgou.

—Inocente não. — Soltei um suspiro. — Só que não é o cérebro que está atrás do assassinato ou dos raptos.

Suas sobrancelhas se elevaram levemente.

—E pensa isso por quê?

—Ela atua segundo suas emoções, não pensa nas coisas antes. O assassinato de Steele foi imperturbável, planejado até o último detalhe.

—Mia... — Disse Jack, logo se deteve. Exalou outro suspiro. — Se quer fechar este caso, — Disse. — a deixarei. Se quiser interrogar Lilla você mesma, também te deixarei fazê-lo. Mas tem que descansar um pouco.

—Perdeu a fé em mim, Jack? — Perguntei com um risinho carente de humor.

Minha cabeça caiu para trás e olhei o branco e esterilizado teto. Não o culpava. Eu tinha perdido a fé em mim.

—Não. Jamais. — Disse, colocando a mão no bolso de seu casaco. — Não há ninguém em quem confie mais que em você. Diabos, você nunca me enganou!

—Isso não é verdade. Enganei-te ontem à noite. Enganei a todos. Dallas não estaria aqui se tivesse agido mais rápido.

—Escuta você mesma? — Zombou Jack. — Essa é a coisa mais ridícula que jamais ouvi. Não sabia o que ia acontecer. Dallas tomou sua própria decisão, e nem mesmo Deus poderia tê-lo detido de te proteger.

—Se engana. Eu poderia tê-lo detido. — Dei um murro na cama. — Poderia tê-lo mantido inconsciente até de manhã, incapaz de trabalhar. Poderia ter postergado a caça. Poderia ter feito que me esperasse no Trollie enquanto falava com Ghost.

Havia tantas coisas que poderia e deveria ter feito de forma diferente. Eu sabia, maldita fosse! Sabia que estava em perigo, e ainda assim não o tinha protegido.

—Mia. — Disse Jack brandamente. — Agora mesmo não pensa com clareza. Faz duas noites que não dorme. Tem que descansar um pouco. — Repetiu.

Girei a cabeça e nossos olhares se encontraram. Suas bochechas estavam pálidas, seu perpétuo brilho avermelhado ido. Sua camisa de flanela pendurava sobre seus ombros, sem apertar, como se tivesse perdido uns quilos.

—Não sou uma menina, Jack.

—Seus olhos estão vermelhos, — Continuou ele. — sua pele pálida. Francamente, parece uma merda.

—Obrigado pelo elogio, mas estou bem. — Disse, embora sabia que tinha razão.

Minha mente estava nublada, cheia de uma espessa névoa que parecia não poder penetrar. Minhas pálpebras se sentiam pesadas, meu corpo débil e instável.

—Está a ponto de cair. Ordeno que vá para casa.

—Que se fodam suas ordens.

Não pude convocar forças para gritar, por isso minhas palavras surgiram como um pequeno e oco sussurro. Surpreendentemente, minha ira cresceu um pouco mais. Girei de novo para a cama.

—Dallas precisa de mim.

Não ouvi Jack se aproximar, mas de repente ele estava de pé ao meu lado, sua mão sobre meu ombro.

—Ficar não fará que reviva.

—Ao menos... — Traguei ar. — Ao menos não morrerá sozinho.

Deus, como doía dizê-lo! Quase gritei então, a Deus, para Jack, para os doutores que não podiam ajudar este, uma vez, vivaz homem. Tive que morder a bochecha para manter o som em meu interior; mordendo até que o forte sabor metálico do sangue encheu minha boca.

Jack me apertou o ombro.

—Era um bom homem. Um dos melhores. Já sinto sua falta.

Se cale, se cale, se cale! Gritou minha mente. Cobri as orelhas para bloquear a voz de Jack. Estava falando de Dallas como se já estivesse morto.

Possivelmente estava.

Enfoquei o rosto de Dallas, tão pálido, tão retraído. Realmente, aí não havia nenhuma esperança de sobrevivência.

Entretanto, não podia dizer aquelas palavras, assim disse:

—Ainda não está morto.

—Não, mas precisará de um milagre para sobreviver. — Deu outro apertão em meu ombro. — É assombroso como a vida de um homem pode mudar rápido, verdade? Em uma piscada. Em um estalo dos dedos. — Fez uma pausa. — Um batimento de coração.



Uma de suas lágrimas salpicou minha mão. Observei como o claro líquido escorregava por meus dedos. Jamais tinha visto este forte homem chorar antes. E saber que suas próprias emoções refletiam as minha... Um estremecimento percorreu minhas costas. Ele tinha encontrado algum tipo de liberação, mas eu não tinha nenhuma. Minhas emoções estavam presas dentro de mim.

Esfreguei o rosto com as mãos, resistindo ao impulso de golpear minha cabeça contra o corrimão da cama. Possivelmente a dor física eclipsaria minha dor emocional.

—Sofre? — Perguntou Jack brandamente, cortando meus pensamentos.

Sacudi a cabeça.

—Nenhuma dor. Está tão sedado que provavelmente voa com os anjos.

—Me alegre. Não quero que nosso menino sofra. — Jack liberou meu ombro e cruzou de uma pernada o quarto para a única janela. — Jaxon se encarregará dos preparativos do enterro. Pensei que seria muito para você.

—Eu o farei. —disse, minha irritação se elevando outro ponto. — Como sua companheira, é meu direito. Quero seus casos, também. Não os dê a ninguém mais.

—Muito bem. — Então, voltando para seu habitual comportamento brusco, Jack disse: — Esteja no escritório central amanhã, à uma em ponto. — Girou sobre seus calcanhares e se dirigiu à porta, parando só antes de atravessar a soleira. Dando uma olhada sobre seu ombro, olhou-me fixamente. — Sei que está de causar pena. Todos estamos.

—Eu...

Ele me cortou.

—Mas pediu para manter o caso Steele. Você pediu. Não ordenei isso. Portanto, tem um trabalho a fazer, e espero que o faça.

—Sim. — Disse, massageando as têmporas.

Estava agradecida por sua aspereza. Teria me quebrado sob a compaixão ou suavidade, e ele sabia.

—Preciso que interrogue Lilla, e relate os resultados em nosso relatório. Pode fazê-lo?

—Sim. — Disse, a determinação deslizando em meu tom.

—Boa garota.

Com isto, saiu arrastando os pés do quarto.

Outra vez estava a sós com Dallas. Agarrando sua fria mão, sem vida, pus a bochecha na borda da cama. Aquelas duas pequenas ações causaram que cada emoção que experimentei nas últimas horas me esgotassem, me deixando vazia. A letargia me atravessou, alagando cada vão e greta, reclamando meus membros e, finalmente, meus olhos.

O último pensamento que foi à deriva em minha mente antes que uma névoa me inundasse foi: “Por favor, Deus, me envie outro milagre”.

Despertei lentamente e compreendi três coisas de repente, só uma delas significativa. Primeiro, compreendi que não foi nenhum sonho. Muito insólito em mim; eu sempre sonhava.

Segunda, não estava segura do tempo que tinha dormido. Terceiro, tinha o pelo da nuca arrepiado.



Enquanto meus sentidos se concentravam, senti um par de invisíveis olhos sobre mim. Intensos e observadores olhos que caíam sobre meu ombro, vigiando... Esperando. Sabia que estava no hospital, no quarto de Dallas e sabia que não era Dallas quem me olhava.

Mantendo meus movimentos lentos e deliberados, procurei minha arma na cintura. Então, congelei. Minha arma não estava. Merda, não estava! Não entrei em pânico já que tinha outra de reserva atada no tornozelo, mas esta não tão potente, já que só oferecia ajuste de quente e extra quente. Nada de aturdir. Coloquei o dedo no gatilho.

Lutando contra o impulso de me mover e saltar sobre meus pés, permiti que minhas pálpebras se abrissem pouco a pouco, estudando gradualmente o entorno. A escuridão tinha partido, e débeis raios de luz se filtravam através das persianas bege do hospital.

Mantive a cabeça e o corpo totalmente imóveis enquanto passava a vista por todo o quarto.

Ali, no canto, um homem vadiava casualmente em uma cadeira. Sufoquei um ofego quando vi seus traços. Não, não um homem. Um Arcadian.

O Arcadian.

O guerreiro que tinha açoitado através do beco.

Sua energia se abrigou ao meu redor; forte, pura. Terrível. Um tremor zumbiu ao longo de minhas terminações nervosas. Seu espesso e branco cabelo caía sobre os ombros. Imaginei seus olhos. Sabia que eram de um violeta muito pálido, quase cristalinos, com uma fina capa de tranquilidade, como nitroglicerina antes de detonar. Sabia que seus lábios eram cheios e exuberantes, um perfeito contraste com seus traços ultra masculinos, fazendo-o parecer muito mais perigoso.

Ele deve ter sentido meu escrutínio porque piscou, um varrido sensual de suas pestanas, e disse com voz rouca.

—Seu amigo descansa nas portas da morte, Tai la Mar.

Anjo da Morte, me chamou. Levantei de repente. Minha cadeira patinou para trás e se chocou contra a parede. Já tinha minha arma empunhada e apontei ao seu coração antes que pudesse tomar outro fôlego. Sabia que Dallas ainda vivia porque o aprazível zumbido de seus monitores enchia meus ouvidos, e podia ver a subida e descida de seu peito pela extremidade do olho, cortesia da máquina que respirava por ele.

—Onde está minha pyre? — Perguntei, mantendo um tom tranquilo, mesmo enquanto meu coração galopava em meu peito.

—Sua arma está a salvo.

A salvo, meu traseiro.

—Onde está Rianne Harte?

—Tentei te advertir sobre ela, não foi? — Moveu-se ligeiramente, enrugando suas calças negras. As mangas de sua camisa estavam enroladas até os cotovelos. — Mas prestou atenção à minha advertência?

Não respondi. Em troca, fiz uma pergunta própria.

—Você a sequestrou?

—Não. — Respondeu ele sem vacilar. — Não o fiz.

—Então, demonstre. Se puder.

—Te adverti sobre ela, não?

Tirei a trava, me assegurando que ele visse, e logo estreitei os olhos, enfocando a parte de seu corpo que queria golpear primeiro. Entre os olhos, decidi, apontando meu objetivo. Um movimento por sua parte e eu dispararia primeiro e perguntaria depois.

—Pergunto-me se com sua advertência esperava me ajudar ou me insultar.

Ele só riu, um rico e gutural retumbar cheio de genuína diversão. O som deslizou sobre mim como uma suave carícia.

—Vocês, humanos, são tão tolos. Guarde a arma em seu lugar. —Disse ele. — Se quisesse machucar seu amigo, já o teria feito.

Firmemente, sustentei minha arma estável.

—Ainda estou interessada em escutar por que me deu o nome de Rianne.

Ele encolheu os ombros, seu olhar se voltando duro e calculista.

—Possivelmente te pus a prova. — Fez uma pausa. — Possivelmente falhou.

—E veio me dar outra oportunidade? Ou desfrutar com meu fracasso?

—Na realidade, estou aqui para oferecer um acordo. Se for tão honorável como escutei, podemos ajudar um ao outro.

Soprei.

—A única coisa em que vou te ajudar é te mostrar o caminho de uma cela.

Seus olhos se entrecerraram.

—Sou Kyrin en Arr, e vim por minha irmã.

O irmão de Lilla. Deveria ter adivinhado. Automaticamente apliquei pressão no gatilho, mas parei antes de disparar realmente. Este homem sabia das vítimas, e agora estava unido ao caso por outros motivos. Servia-me melhor vivo.

—Então você é o Arcadian que assassinou mais humanos que nenhum de seus parentes, não?

—Alguns dizem isso, sim. — Disse ele sem vergonha ou pesar.

—Bem, sabe o que, Kyrin? Lilla pertence ao A.I.R. agora, e com seu histórico de violência e sendo a suspeita principal em uma investigação de assassinato, continuará assim. Estou segura que é consciente que seus crimes se castigam com a morte.

Seu rosto empalideceu. Definitivamente era consciente.

—Planejo vê-la executada. — Terminei.

—Ela não é uma criminosa. — Algo frio e duro passou por seu rosto, devolvendo a cor. Seus olhos brilharam com perigosa intenção, como as mais afiadas adagas, deliciosas para olhar, mortais para tocar. — Deixe-a ir.

—Sim, claro.

—Se fosse você, eu não seria tão rápida em rechaçar minha petição.

—E por que não?

—Porque, — Disse ele, me estudando com uma intensidade que acovardava. — posso salvar seu amigo.

Posso salvar seu amigo.

Aquelas palavras golpearam dentro da minha cabeça, fazendo que uma candente fúria palpitasse por todas as fibras de meu ser. Bastardo! Como se atrevia a



pronunciar tal mentira? Como se atrevia a tentar me oferecer falsas esperanças, simplesmente para salvar sua irmã? Entrecerrando os olhos em diminutas fatias, as aletas de meu nariz flamejaram e comecei a ajustar o nível de potência da minha arma para seu nível mais alto. Ia fazer um churrasco Arcadian.

Uma enfermeira entrou no quarto. A vi pela minha visão periférica, mas não mudei minha posição nem meu enfoque em Kyrin. Ela deixou cair o histórico médico quando viu minha arma. Congelou no lugar, com a boca aberta, a viva imagem do horror.

—E-Eu ouvi um ruído. — Gaguejou ela, seus traços cinzentos pela surpresa.

—Saia do quarto, senhora. — Disse. Pensei em dizer as palavras com calma e tranquilidade, mas estas saíram da minha boca com toda a raiva que sentia. — Tenho a situação sob controle.

—D-deveria chamar à polícia? — Gaguejou para Kyrin, como se ele fosse o responsável aqui.

—Eu sou a polícia. — Gritei. — E agora saía!

A enfermeira idiota não se moveu.

Então Kyrin deu uma leve inclinação de sua cabeça, e ela fugiu do quarto tão rapidamente como seus pés permitiam. Meus lábios se curvaram com desprezo.

—Prefere normal ou extra rangente? — Perguntei. — Porque estou disposta a te fritar de uma ou outra maneira.

Ele não me deu atenção, e em troca respondeu,

—Daria a Dallas, — esse é seu nome, não? — um pouco do meu sangue. Só uma gota, sabe? Mas ele viverá alguns dias mais devido a isso. Se desse mais, viveria o resto de sua vida são e inteiro.

—Se você não escolher, escolherei por você. Eu digo... — Fingi duvidar sobre isso. — Extra rangente.

—Seu batimento de coração não está mais estável? Sua cor não é mais brilhante?

Dei a meu companheiro uma rápida olhada, e meus olhos se alargaram. Sim, em ambos os casos, compreendi, com a comoção me atravessando. Minhas mãos ficaram quietas.

—Isso não significa que você o tenha ajudado.

—Me decepciona. Pensei que uma mulher com seus talentos seria mais intuitiva.

Apertei os dentes em uma careta.

—Possivelmente requeira uma demonstração de quais são exatamente meus talentos.

—Possivelmente você requeira uma demonstração dos meus. —Kyrin se levantou devagar.

Era tão alto que me obrigou a elevar a vista, quase até o teto. Explorei seu corpo, mas não vi nenhum sinal de armas. De todo modo meu coração parou de repente em meu peito, e minhas palmas começaram a suar. Não entendi minha reação. Tinha enfrentado alienígenas tão intimidantes e ganho. Aqui, eu tinha o controle. A autoridade. Sustentava a arma.

—Diria qualquer coisa para salvar sua irmã. — Disse.



—Diria qualquer coisa para libertá-la, sim, mas nisto não minto.

Ele esticou uma mão e colocou a outra dentro de suas calças. Com seu olhar fixo em mim, tirou uma pequena, mas mortal faca.

Bom, agora ele tinha uma arma.

—Pare agora. — Ordenei. — Ou te matarei sem duvidar.

—Então nunca saberia a verdade, não?

Com calma empunhou a faca e colocou a ponta em sua palma. Eu estava muito fascinada por suas palavras e ações para continuar com minha ameaça. Seus traços permaneceram inexpressivos enquanto cortava uma profunda incisão de um extremo a outro. O sangue saltou dos rasgados tecidos, e a cicatriz de meu braço palpitou em reação.

Enquanto observava, sua ferida fechou lentamente, o tecido se unindo e deixando um atoleiro de sangue em sua mão. Ele limpou todas as gotas carmesins na manga da camisa, deixando uma mancha vermelha sobre o antigo branco, logo me mostrou a perfeita suavidade de sua mão.

—Vê? — Disse. — Não posso morrer, e os que consomem meu sangue também viverão.

Meu Deus, este alienígena era alguma espécie de ser imortal!

Não sabia o que pensar disto. Muitos alienígenas tinham poderes especiais, mas jamais me informei que um fosse a cura acelerada. Se fosse assim...

—Isso não quer dizer que não os haja. Há só outro como eu, — Disse Kyrin com um encolhimento de ombros. — mas nunca a encontrará. Assim, agora mesmo, sou a única esperança para seu amigo. Meu sangue *pode* salvá-lo.

Neste momento foi quando tudo me golpeou, realmente golpeou. Dallas poderia ser salvo. O conhecimento sacudiu meu coração. Quase tive medo de dizer minhas seguintes palavras.

—Em troca de sua vida, quer que liberte sua irmã?

—Sim. — Disse ele. — É tudo que peço.

Sim, a poria em liberdade, pensei imediatamente. Entraria no escritório central do A.I.R., abriria a cela, e a escoltaria fora do edifício. Sim, isso era exatamente o que faria. O entusiasmo borbulhou em meu interior. Então... A enormidade da situação me golpeou com a força de uma antiga Glock 9mm. Fechei os olhos e baixeí minha arma. Não podia deixar Lilla partir. Havia outras seis vidas em jogo... As vidas dos cinco cidadãos sequestrados... E a minha própria.

Ao pôr Lilla em liberdade, prejudicaria severamente o caso Steele. Condenaria as próprias pessoas que tinha jurado proteger. Romperia as regras que tão duramente tinha trabalhado para fazer cumprir, significava perder meu trabalho, minha honra e o respeito de meus colegas. E o mais provável era que me encarcerassem por toda a vida.

Sempre temi os lugares pequenos e escuros... Uma lembrança de minha infância e ainda tinha que vencer o medo que me produziam. O frio, a completa e total escuridão. O silêncio. Mas queria Dallas curado. Deus, queria-o. Desesperadamente, queria que meu amigo vivesse uma vida longa e sã. Não pude salvar Der, mas agora tinha a oportunidade de salvar Dallas.

Abrindo os olhos, olhei fixamente para Dallas, o necessitado homem que agora



tinha uma única esperança de sobreviver. Arranquei minha vista dele e confrontei Kyrin com tom de súplica.

—O que pede é impossível. — Disse, a culpa estalando já contra mim porque não tinha gritado *sim!* imediatamente. — Meu chefe nunca aceitaria o trato.

—Não recordo sugerir que perguntasse ao seu chefe.

Não, não o tinha feito.

Mordi o lábio inferior. Merda, o que ia fazer? Não podia permitir que Dallas morresse agora que sabia que havia uma possibilidade de salvá-lo, mas tampouco podia libertar Lilla.

—A lei diz que devo eliminá-la uma vez que já não seja útil para o caso. E se juro mantê-la com vida? Deixá-la viva dentro de uma cela pelo resto de seus dias?

—Se dissesse que sim a isso, apoiaria às mesmas leis que desprezo. — Grunhiu ele. — Leis que foram feitas porque sua gente teme o que não entende.

—Nossas leis foram feitas para nos proteger de visitantes indesejados. — Respondi tão sombria quanto ele. Depois, tão rápido como minha cólera apareceu, desapareceu. — Por favor. Por favor, me ajude. Ajude Dallas. Se for necessário, suplicarei para salvá-lo. Caírei de joelhos bem aqui, agora mesmo. Farei o que quiser. Qualquer coisa... Exceto libertar Lilla.

Seus olhos cintilaram como aço opalescente.

—Mia Snow de joelhos na minha frente? Tentador, devo dizer.

—É isso o que quer? — Correntes de energia sexual explodiram entre nós enquanto imaginava fazendo mais que rogar. — De joelhos?

—Na realidade, agora mesmo preferiria ter sua arma.

Tudo dentro de mim gritou em negação, um bom agente jamais abandonava sua arma, mas fechei a distância entre nós e apertei o canhão contra sua bochecha. Deixei-a ali dois segundos.

—Poderia te matar agora mesmo. — Disse, o olhando.

—Mas não o fará.

Não, não o faria. Franzindo o cenho, tirei a arma de seu rosto e ao ver a impressão que tinha deixado ali, senti uma pequena onda de satisfação. Girei o punho e a coloquei em suas mãos abertas. Não mencionei que tinha outras armas. As facas estavam presas com correntes por todo o meu corpo.

Observei como tirava o cristal de detonação da câmara, deixando-a completamente inútil, e logo jogava a arma no canto mais afastado do quarto. Pelo menos não tentou me dar um tiro.

—Fiz o que queria. — Disse, meus olhos entrecerrados. — Agora me deve algo em troca. Dê a Dallas mais de seu sangue.

—Nunca prometi nada. Simplesmente pedi que me desse sua arma.

—Maldito. — Sussurrei com voz rouca.

Tive muita vontade de enterrar meu punho em seu nariz, mas não podia derramar seu precioso sangue desnecessariamente. Mostrei os dentes em uma careta. O bastardo não ia ceder nem um centímetro. Não ia negociar. Ele tinha posto suas condições, e concordava com elas ou partia.

—Preciso de tempo.

—Então darei isso. Mas não demore muito, — Com expressão obstinada e



decidida, ele cruzou de um salto diante de mim, dizendo sobre o ombro. — sem minha ajuda, Dallas morrerá em quatro dias. Recorde enquanto considera minha oferta.

Como se pudesse esquecer.

Kyrin saiu do quarto.

Não pensei nas minhas seguintes ações, ou nas consequências que poderiam conduzir. Sabia o que queria, e ia lutar por isso. Segui-o silenciosamente. No momento que Kyrin deu um passo fora do edifício no frio ar, saltei adiante com minha perna estendida; concentrei toda minha cólera, toda minha frustração e impotência, no golpe. Contato. Meu pé golpeou no meio de suas costas. Kyrin tropeçou.

—Saúda as botas especiais do A.I.R. com meu próprio salto personalizado. — Grunhi. — As tenho em preto, branco, vermelho e em camuflagem, lamentável filho da puta.

Ia obrigá-lo a ajudar a Dallas.

Quando ele recuperou o equilíbrio, deu meia volta para me confrontar. Um músculo palpitava em sua mandíbula, e seus lábios se apertavam em uma fina linha.

—Golpeando um homem pelas costas?

—Golpeei você pelas costas. — Fechei os punhos e me preparei para a briga que sabia que estava por vir. — Quero seu sangue e, por Deus, que o terei. Cada preciosa gota.

—Estou decepcionado. — Estalou com a língua. — Uma ação tão covarde de alguém tão valente.

—Covarde, não. Inteligente. Ajudará Dallas tanto se quiser como não, e o ajudará agora. — Dei um chute, mas ele esquivou.

Kyrin pronunciou de novo aquele sorrisinho rouco dele, revivendo minha irritação.

—Quer apostar algo?

—Absolutamente. — Disse, e como uma catapulta mortal de punhos e fúria, me lancei sobre ele.

Capítulo Oito

Primeira regra em uma briga: Permaneça tranquila.

Segunda regra: Nunca deixe que suas emoções a dominem.

Tinha quebrado ambas no momento que me lancei sobre ele.

Kyrin saiu do meu caminho, e passei voando. A tormenta tinha acabado, mas o sol se ocultava atrás de escuras nuvens cinza, oferecendo uma vaga visibilidade. Por causa do brilhante gelo sob meus pés, tive problemas para parar e dar a volta.

Definitivamente as condições não eram ótimas; entretanto, não recuaria.

—Não quer lutar comigo, Mia.

Girei de repente.

—Quer apostar nisso, também? — Saltei adiante de novo, com o propósito de



chutar e derrubá-lo no chão desta vez, mas ele me alcançou primeiro. Atirou-me no chão, fixando meus ombros sobre o gelo, e me prendendo com seu corpo. Frio em minhas costas, puro calor em cima de mim. Nenhum era aceitável.

—Ainda quer lutar? — Perguntou ele.

—Merda, sim! — Rapidamente consegui golpeá-lo na virilha. Sim, tinha intenção de lutar sujo. Ele se dobrou, e saltei sobre meus pés, escorregando e logo me estabilizando.

Reduz a velocidade, me ordenei, respirando profundamente. Não podia me lançar sobre ele outra vez, não podia dar a oportunidade de evadir ou me capturar. Um ataque frontal não funcionaria com este homem; sua força era simplesmente muito extraordinária. Tinha que golpear de lado, por trás, e tinha que golpear com força.

Aceitei com gosto o desafio.

Usando em minha vantagem sua posição vulnerável, consegui um golpe no lado esquerdo e que expulsasse o ar dos pulmões. Ele grunhiu de dor com a repentina dificuldade ao respirar. Os Arcadians pareciam muitíssimos aos humanos. Vulneráveis na virilha, estômago e cabeça.

Enquanto estava ocupado ofegando, chutei o lado esquerdo de novo. Satisfeita com meu progresso, me lancei à direita e o golpeei com a bota. Desta vez, ele agarrou meu tornozelo e me derrubou no chão. Perdida minha satisfação, senti um momento de desespero. Lutamos ali, rodando em cima um do outro, lutando pelo domínio. Podia cheirar a doçura de seu fôlego, o Onadyn que o mantinha vivo.

Fisicamente, eu estava em desvantagem, e ambos sabíamos. Ele poderia ter tentado me asfixiar, mas não o fez.

—Não tem que ser desta maneira. — Ofegou ele.

Pense, Mia, pense.

Eu ainda tinha pleno uso de minhas pernas, e fiz um total uso delas. Espremi sua cintura com uma tesoura, obrigando-o a liberar meus braços e se focar em minhas pernas. Foi tudo que necessitei para cravar quatro dedos na sua traqueia, cortando seu fornecimento de ar momentaneamente, me dando a oportunidade perfeita de saltar livre.

Meu velho instrutor de combate estaria orgulhoso.

Examinei minhas opções. Tinha que deixá-lo inconsciente se esperava ganhar. De outra forma, me derrotaria, teria que ser desumana, mas parando antes de matá-lo. Precisava de sua ajuda, afinal. Seu sangue. Não queria derramar nenhuma só gota sobre este duro e frio gelo.

—Se renda, maldito. — Grunhi, assediando-o como uma tigresa a sua presa.

—Você primeiro. — Disse ele, ainda de joelhos.

Ataquei, apontando sua cabeça. Ele me viu de relance, esquivando rodando. Antes que pudesse recuperar minha posição, estava em pé e vinha diretamente para mim. Ao mesmo tempo em que me alcançava, uni meus dedos e os balancei, golpeando com eles sua têmpora. Sua cabeça girou de lado. Permaneceu no lugar, as mãos apertadas em punhos, os joelhos ligeiramente inclinados. A determinação brilhando em seus olhos.

—Estou cansado de brincar com você. — Disse ele.



—Brinque com isto. — Lancei uma voadora do seu lado. Esperava romper algumas costelas, não um bloqueio. Mas me bloqueou, claro. Tentei de novo. De algum modo ele era capaz de prever cada um dos meus movimentos. Era rápido. Antinaturalmente rápido. Continuei dando chutes, deixando que meu próprio ímpeto me fizesse girar. Então me agachei e dei uma rasteira. Minha perna empreendeu um duro varrido enquanto tentava travar seus pés. Kyrin saltou sobre minha perna como se estivesse pulando corda. Maldita seja! Sua velocidade... Ninguém era tão rápido. Ninguém humano, pelo menos.

Mais rápido do que eu podia piscar, ele me alcançou. Usou seu peso para me empurrar e tropecei para trás. Quando meu corpo entrou em contato com o dele, sua força oculta sob sua roupa me sacudiu. Ele era feito de sólidos músculos, facilmente pesando quarenta e cinco quilos a mais que eu, mas não tinha usado nenhuma só vez o poder oculto em seus punhos para me abater. *Por quê?* Perguntei-me, inclusive quando o pegava com força no nariz.

Sua cabeça girou de lado... Mas não fez nenhum movimento em resposta. Por que não devolvia o ataque? Por que era sua forma de não me machucar?

Não havia tempo para considerar a resposta. Havia muito em jogo. De todo modo, a resposta não importava. Agora mesmo precisava deste homem por uma só razão, e sua benevolência não era uma delas. Com um fantástico jogo de pés, dei três sucessivos golpes laterais. O último o enviou voando contra o para-brisa de um Mustang vermelho cereja estacionado. Seu corpo ficou jogado sobre o capô, o brilhante metal amassado com o impacto. Kyrin sacudiu a cabeça, por certo tentando clarear a visão, já que aparecia em sua testa um corte denteado.

Envergonhada pelo carro, mas queria como o inferno salvar o sangue que gotejava da ponta de seu nariz. Rapidamente saltei sobre ele, tentando sustentá-lo, mas ele rodou fora do meu alcance.

Diante dos meus próprios olhos, a carne sobre sua testa fechou, passando do vermelho ao rosado e a uma cor normal. Era a segunda vez que o via se curar tão rapidamente, e ainda me assombrava.

Ele saltou sobre seus pés. Estudando-me a todo o momento, limpou o sangue do rosto como se fosse uma maldita mosca. Bastardo. Zombava de mim.

Sua artéria principal, a que subministrava sangue para seu cérebro, corria bem debaixo de seu esterno. Se simplesmente pudesse aplicar suficiente pressão, ele cairia como um manequim.

Dei voltas ao seu redor, com a intenção de fazer justamente isso, mas ele me surpreendeu me agarrando pela jaqueta e puxando. O gelo sob meus pés o ajudou. Perdendo de repente o equilíbrio, caí sobre ele, que me agarrou com um apertão parecido ao de um parafuso. Seu quente fôlego me acariciou o rosto enquanto se inclinava mais perto.

—Agora, me concederá a vitória. — Grunhiu ele baixo.

—Quando não me golpeou nem uma vez? — Disse, com uma aresta arrogante em meu tom. Tinha lutado contra muitos competidores para saber que Kyrin teve muitas oportunidades, mas não ia admitir isso em voz alta.

Seus olhos escureceram, revelando um pingo de malícia, ele se inclinou para baixo até que nossos lábios se roçaram uma vez, duas vezes. Beijos suaves, beijos



lânguidos. Beijos inocentes.

E ainda mais abrasadores porque careciam de calor.

—Por que golpearia uma mulher quando prefiro fodê-la? —Perguntou entrecortadamente. Senti a grossura de sua ereção entre minhas pernas.

Encontrei-me lutando para tomar fôlego... Não pelo esforço, mas sim pela excitação. Isto não era próprio de mim. Estes não podiam ser meus sentimentos. Meus olhos se estreitaram.

—Sai da minha cabeça! — Gritei.

—Não estou dentro da sua cabeça. — Ele esfregou sua bochecha contra minha mandíbula. — Sua mente simplesmente reconhece o que seu corpo anseia.

—Não! Você é um alienígena. Um *outro-mundo*.

Ele fez uma pausa e nossos olhos se encontraram.

—E o que é você, Mia Snow?

—Uma mulher irritada. — Grunhi, tentando afastá-lo com um empurrão. Só consegui esfregá-lo contra mim. Ofeguei, saboreando e desprezando a repentina sensação. Coloquei minhas mãos sobre seus peitorais, com o propósito de dar um duro empurrão, mas só obtive que seus mamilos pressionassem contra minhas palmas como pequenas agulhas.

Queria-o separado de mim. *Agora! Acabe com isto!* Gritou minha mente. *Termine a luta.*

Tinha que encontrar seu ponto débil; era minha única oportunidade de ganhar neste ponto.

Onde era vulnerável?

Imediatamente me chegou a resposta. Podia usar sua falta de vontade de me ferir contra ele. Com sorte, ficaria em uma posição vulnerável simplesmente para me proteger.

Com isto em mente, fingi desfalecer. Como esperava, Kyrin liberou seu aperto sobre minha jaqueta para me pegar, me sustentando toda reta, deixando o resto de seu corpo indefeso. Rápida como um gato, girei atrás dele, saltando sobre suas costas, e abrigoando meus braços ao redor de seu pescoço. Puxei-o contra mim, com força, sustentando meus punhos bem no meio de sua traqueia.

Um, dois, três, contei. Ele permaneceu consciente.

—Sou diferente dos de minha espécie. — Disse ele em tom casual, como se lhe desse um abraço em vez de tentar imobilizá-lo. — Igual você é diferente dos de sua espécie.

Como sabia que eu era diferente? Pressionei com mais força, mas tudo que consegui com meu esforço foi que o suor gotejasse por minhas têmporas. Eu era a que lutava por respirar. Minha energia era a que rapidamente se esgotava.

Tinha que tentar outra coisa. Sem saber mais o que fazer, golpeei a parte detrás de seus joelhos com meu pé. Suas pernas cederam, e enquanto ele caía no chão, dobrei os punhos e os estrelei contra sua cabeça. Seu rosto girou de lado com brutalidade e golpeou o concreto liso. Um atoleiro de rico sangue gotejou de sua boca, e um escuro riacho se formou onde o calor derretia o gelo.

Meus nódulos palpitavam pelo impacto.

De novo, ele se curou rapidamente. Quase imediatamente, levantou e girou

para me confrontar. Nossos olhos se encontraram.

— Parece que nenhum de nós cederá. — Disse ele, sua voz rouca.

Fiquei feliz ao notar que finalmente ele parecia um pouco ofegante.

Pedaços quebrados de vidro do carro estavam dispersos aos nossos pés. A fria rajada passou rapidamente e atormentou nossa golpeada carne, mas nenhum dos dois parecia notar ou se importar. Seu cabelo resvalou em seu rosto, mas Kyrin nunca afastou seus olhos de mim.

Minha pele se sentia muito tensa para meu corpo; meu sangue mexia com a consciência recém-despertada. Isto aconteceu na primeira vez que o vi, mas só neste momento de calma fiquei incapaz de mascarar a sensação. Não podia obrigar os batimentos do coração a reduzir a marcha. Amaldiçoei baixo. Matava alienígenas! Não os desejava!

— O que Dallas é para você? — Perguntou Kyrin.

O que compartilhava com Dallas não era assunto dele. Sabia, mas me achei respondendo:

— É meu amigo.

O fixo olhar de Kyrin ficou penetrante.

— Não é seu amante?

— Não.

— Está bem. Eu não gosto de compartilhar.

Obriguei-me a parecer tão fria e insensível como qualquer caçador.

— É isso o que quer para salvar Dallas? Sexo?

— Se deitará comigo porque me deseja, por nenhuma outra razão.

Podia ignorar a segurança em sua voz, mas não pude ignorar a escura premonição que me atravessou. De algum modo, mantive uma expressão neutra.

— Tão seguro de si mesmo?

— Oh, sim. — Ele me deu um repasse, tirando mentalmente a roupa. — Estou seguro.

Lutei contra um tremor.

— Se Dallas morrer, te matarei. Sabe, verdade?

— Sei que não mudei de ideia. — Disse ele. — Até que minha irmã não seja livre, não te ajudarei. Tem quatro dias para se decidir. Então voltarei.

Maldito. Fechei as mãos em punhos e dei um passo para ele, pronta para golpear.

Ele só sorriu amplamente.

— Até que nos encontremos outra vez, Tai la Mar. — Deu a volta e começou a se afastar a pernas, seus passos ressoando em meus ouvidos.

— Kyrin. — O chamei.

O som o deteve.

Não sei por que o chamei por seu nome, não sabia o que queria dizer. Só sabia que era bom em meus lábios. Não disse nada mais. Quando começou a se afastar pela segunda vez, estupidamente o chamei de novo.

— Kyrin.

Uma vez mais, ele fez uma pausa.

— Te perseguirei, — Disse desta vez. — e quando o encontrar, ajudará Dallas.

Ele me deu uma olhada sobre o ombro, e disse:

—Espero com muita ansiedade suas tentativas. Suas tentativas, —Disse depois de uma pausa. — de nenhum outro. Se descobrir que outros agentes me buscam, desaparecerei por completo, e seu amigo não terá nenhuma possibilidade de sobreviver. — Ele me abandonou então, seu corpo trágico pela névoa, suas palavras ressoando atrás dele.

Fiquei sozinha no estacionamento do hospital. Certamente poderia o ter açoitado. Mas não o fiz. O que faria se o agarrasse? Não tinha minha pyre, assim não podia aturdi-lo. E ele já tinha demonstrado que estávamos iguais no combate. Bom, possivelmente não tão iguais.

Chegaria o dia em que saldaríamos as contas, não tinha dúvida; uma sedutora antecipação já me percorria. Agora, entretanto, não era o momento.

Esgotada, caminhei tropeçando de volta ao hospital. Nunca estive em uma situação como esta antes, e me sentia insegura de como proceder. Precisava... Deus, não sabia o que precisava!

—Este milagre é uma merda. — Resmunguei.

A enfermeira idiota estava parada como uma sentinela fora do quarto de Dallas, rodeada por guardas de segurança, enquanto soluçava e gaguejava seu encontro comigo. Ela limpava os olhos com um lenço, as curtas mechas de cabelo castanho caindo pelas têmporas. Seu rosto estava avermelhado pelas lágrimas, perfeitamente combinando com seu uniforme púrpura. Os guardas tomavam nota de cada palavra, cada expressão, oferecendo tranquilizadores murmúrios de consolo cada vez que ela fazia uma pausa.

—Tem que estar de brincadeira. — Disse com uma onda de irritação.

—É ela. — Gritou a enfermeira assinalando com um dedo em minha direção. — É ela! — Disse outra vez, se ocultando atrás de um dos guardas.

Os três homens me olharam com aversão e se dirigiram para mim. Não me incomodei em explicar nada; simplesmente mostrei meu distintivo, e voltaram atrás.

—Me consiga o doutor responsável pelo caso do Agente Gutiérrez. Agora!

Com olhos como pratos, a enfermeira idiota se propulsou ao controle de enfermeiras e com mão instável agarrou o telefone rapidamente. Cinco minutos mais tarde, estava a ponto de arrancar os cabelos - e os cabelos da enfermeira - porque o Doutor Hanna não chegava.

—Chame-o pelo alto-falante outra vez. — Disse.

—Mas eu...

—Quem me chamou pelo alto-falante? — Perguntou um homem atrás de mim.

Dei a volta. O Doutor Hanna era baixinho, só um metro e meio de estatura. Tinha o cabelo grisalho e grosso, e óculos igualmente grossos.

—Preciso que examine Dallas Gutiérrez e me diga se seu estado mudou de algum modo.

O Doutor Hanna franziu o cenho.

—Acreditei que isto era uma emergência.

—É.

—A enfermeira Walden...

—Está ocupada. — Terminei por ele. — Quero que você o faça.

Obviamente exasperado, ele passou uma mão pelo rosto.

—Certamente isto pode esperar. Você me chamou quando estava me preparando para entrar na sala de cirurgia. Tenho que unir um membro artificial em... — Comprovou seu relógio de pulso— Quatorze minutos.

—Então, melhor se apressar. — Com uma inclinação de cabeça, assinali o quarto 417. — A não ser, é obvio, que queira que chame meu chefe e diga que investigue seu nome e o de cada membro de sua equipe. Posso voltar mais tarde e falar dos resultados com cada um.

—Uh... Estou seguro que não será necessário. — Acomodou a gola da camisa. — Dallas Gutiérrez, disse?

—Isso.

—Muito bem, então. — Um longo suspiro escapou de seus lábios, e seus olhos fecharam com resignação. — Vamos dar uma olhada.

Depois de tomar o pulso e a tensão arterial de Dallas, o Doutor Hanna dirigiu um fino feixe de luz aos seus olhos. Pronunciou um: Hum! e logo repetiu a ação. Franziu a testa, cortou a atadura sobre o peito de Dallas e inspecionou a ferida.

—Não entendo. — Disse, me dando uma olhada, logo depois voltou a Dallas.

—O que? — Estive ao seu lado em um instante.

—Realmente está melhor. — O entusiasmo gotejou de sua voz. — Seu pulso é mais forte; sua pressão sanguínea mais alta. Seus olhos se dilatam e contraem perfeitamente. E olhe isto. — Com um dedo enluvado, indicou uma parte do tecido queimada. — Vê como a carne daqui aparece rosada?

—Sim.

—Bem, rosado indica vivo. Esta manhã, esse tecido estava negro, morto, e completamente incapaz de se regenerar. Agora está vivo e tentado se curar.

Quando começou a resmungar sobre escrever um artigo para um jornal nacional médico, agarrei-o pelos ombros e o obriguei a me olhar.

—Então Dallas viverá?

Sorrindo abertamente.

—E-eu... — O Doutor Hanna arranhou a cabeça. — Sim, acredito que sim. Um pouco mais de tempo, em todo caso.

Era tudo que queria saber.

—Me chame se houver qualquer mudança.

—Sim, sim. — Respondeu ele, distraído. — Vou ordenar uma análise completa e uma biópsia infra lateral. Talvez um scanner para comprovar a atividade cerebral. Em todos os meus anos de médico, nunca vi algo assim antes.

Quis rir e franzir o cenho ao mesmo tempo. Como podia algo tão maravilhoso para Dallas ser tão desastroso para outros?

Merda, só tinha quatro dias para salvar a vida do meu amigo.

Capítulo Nove



Fui para casa e caí sobre a cama totalmente vestida. Não verifiquei minhas mensagens, nem comi ou tomei banho. Meu cansado e dolorido corpo exigia descanso, e a suavidade do colchão me atraía como o canto de uma sereia.

O sono me reclamou imediatamente.

Como sempre, sonhei em seguida, embora estes sonhos fossem diferentes dos que tinha experimentado antes. Sonhei com Kyrin. Sonhei que me despia, tirando cada peça de roupa. Sua língua se movia contra a minha todo o tempo, seu sabor tão quente e rico como brandy em uma noite fria.

Instintivamente, minhas mãos se enredaram em seu sedoso cabelo.

Ele separou seus lábios dos meus, e gemi com a perda.

—Me toque. — Sussurrou Kyrin.

Inclusive em sonhos tentei resistir a ele.

—Não.

Um lento sorriso brincou em sua boca antes que ele juntasse nossos lábios de novo. Liberei seu cabelo, deslizando minhas palmas pelos fortes músculos e tendões de seu peito, e logo cavei seu duro traseiro. Sua pele parecia veludo, a dureza de seus músculos um contraste perfeito.

Seu corpo estava constituído e formado como o de qualquer humano. Inclusive melhor. Maior. Seus membros eram puros tendões, quentes e poderosos. Uma garota poderia ficar viciada em tal intensa crueldade.

—Te desejo, Mia. — Entoou.

Fechei minhas mãos sobre sua mandíbula e o atraí para outro beijo. Saboreei uma faminta e revoltosa tormenta quando sua língua varreu minha boca e tentou me conquistar. Conquistar-me totalmente.

Ele gemeu meu nome.

Despertei gritando o dele.

Ofegando, empapada em suor, fiquei estendida ali, as mãos apertando o cobertor da cama. A frustração me envolvia, seu embriagador sabor ainda em minha boca. O frio ar acariciava minha nua e acalorada pele. Inspirei entrecortada, odiando me sentir tão ardente. Marcada.

Kyrin não se via por nenhum lugar.

Só foi um sonho, recordei. Só um sonho. Exceto, quando tinha me despido?

Deus, preciso de um hobby, pensei, rodando de lado. Entretanto, nada me atraía. Não tinha paciência para criar coisas. Não gostava de pintar, ou fazer tricô, nem ir às compras. Minha única atividade em meu tempo livre era fazer exercício ou treinar em combate de ruas. Às vezes lia, mas só sobre as investigações de um caso. Possivelmente fosse hora de deixar de viver, comer e respirar por meu trabalho. Possivelmente então meus sonhos se acalmariam.

Ao menos não tinha sonhado, como sempre, com alienígenas que tinha matado ou com as vítimas que falhei em salvar a tempo.

Saí pesadamente da cama. Minhas pernas estavam instáveis. Depois de engolir um tubo inteiro de vitaminas... Ajudada por um café sintético, tomei banho. Tinha lido que nossos antepassados usavam água para se banhar. Não podia nem imaginar



tal coisa. A limpeza a seco por enzimas e o spray de glicérido⁹ era o normal agora, passando da cabeça aos pés em meros segundos. A água valia uma fortuna e teria levado muito tempo.

Uma vez vestida, dirigi para a delegacia de polícia. Ali peguei uma nova pyre, substituindo a que Kyrin tinha roubado.

Subi no elevador até o nível cinco e logo suportei uma exploração de retina e uma identificação digital. Senti-me reanimada, centrada, enquanto entrava na pequena e estreita cela de Lilla. O click, click, click da tripla fechadura ressoou atrás de mim.

Tinha deixado minha arma e minhas facas fora. Fisicamente, Lilla não era competidora para mim, e ambas sabíamos. Eu podia derrubá-la sem ajuda do meu pyre. Mas mentalmente... Simplesmente rezava para estar preparada.

Ia ter que surrupiar desta obstinada e emotiva Arcadian cada pedaço de informação que possuía. Provavelmente teria que mentir, fazer armadilhas e ameaçar. Independentemente do que tivesse que fazer, o faria. Não podia libertar Lilla. Deus, nem sequer podia acreditar que houvesse considerado a possibilidade! Sem ter encontrado os desaparecidos primeiro.

Nem sequer por Dallas.

Embora já me dissesse isso muitas vezes, ainda doía como o inferno.

Mas...

Se encontrasse os homens raptados, assim como o assassino de Steele, poderia pôr Lilla em liberdade com a consciência tranquila.

Indubitavelmente quebraria a lei... Todos os alienígenas predadores deviam ser executados. Tinha lutado para fazer cumprir essa lei, e Lilla definitivamente era uma predadora. Entretanto, não me importava. A poria em liberdade e jamais lamentaria.

A urgência, e um pequeno vestígio de medo, me envolveram enquanto examinava o entorno. Urgência por Dallas, temor pelo encerrado espaço. As paredes eram de um austero branco, estavam acolchoadas e não havia uma só janela. Uma cama de armar descansava sobre a parede norte, e um lavabo ocupava a parede sul. Não havia nenhum outro móvel.

Lilla estava estendida na cama de armar, as mãos cuidadosamente dobradas sobre o estômago, as pernas cruzadas pelos tornozelos. Já não usava sua sedutora roupa. Agora usava uma simples camisa azul com calças combinando, ambas confeccionadas com um rígido material. Tinha os olhos fechados, mas sabia que não dormia. A serenidade podia irradiar de cada um de seus poros, mas eu era mais pronta que isso; sentia sua confusão interna.

—Sei que está acordada. — Disse. Cruzei os braços sobre o peito e esperei. Quando os minutos passaram sem que ela dissesse nada, perguntei com tom zombador: — Que tal seus aposentos? Satisfatórios, espero. Se o guarda esquecer-se de pôr uma barra de chocolate sobre seu travesseiro...

Isso surtiu o efeito desejado.

—Maldita. — Cuspiu, sentando de repente. As aletas de seu nariz flamejavam,

⁹ Nota da Revisora: Éstere derivado da glicerina e de ácidos gordos.



seus olhos lançavam faíscas de ódio. — Quem se acha para arruinar a vida dos outros?

—Salvo vidas humanas. Se arruinar a tua para fazê-lo, — Encolhi de ombros. — que assim seja.

—Está tão satisfeita, tão segura. Chegará um dia que lamentará tudo o que faz, Mia Snow. Disso pode estar segura.

Uma profecia? Ou simplesmente uma esperança? De uma forma ou outra, reprimi um estremecimento.

—Meu irmão... — Começou ela com seu familiar estribilho.

—Sim, sim. Sei. Ele me comerá de uma bocada e cuspirá meus ossos. O fato é, Lilla, — Disse, colocando as mãos nos bolsos em uma postura casual. — que já tive o prazer de conhecer seu irmão, o procurador da morte humana. — Esvaziei meu rosto de toda emoção. Não podia permitir que interpretasse minha expressão; que visse a verdade, uma vez que dissesse as seguintes palavras. — Kyrin está sob custódia agora mesmo.

Ofegando, ela me olhou fixamente, com dureza, procurando qualquer indício que mentia. Quando só encontrou minha expressão neutra, a surpresa e o medo revoaram sobre seus traços.

Tive que conter um suspiro de alívio. Até aquele momento, desconhecia a profundidade de seus sentimentos por seu irmão. Só sabia como teria me sentido se Der estivesse vivo e fosse capturado. Desesperada.

Saber que Lilla se sentia da mesma forma por seu irmão me deu a vantagem que precisava. Enquanto pensasse que tinha a vida de Kyrin em minhas mãos, poderia usar seu amor contra ela.

—Mente. — Grunhiu Lilla.

Sim, o fazia. Sustentei o zangado olhar.

—Kyrin jamais permitiria ser capturado. — Agarrou a borda da cama de armar e seus nódulos rapidamente perderam toda a cor.

—Permitir? Oh, não. — Ri entre dentes. — Ele não permitiu nada. Meu pyre me deu toda a autoridade que precisava. Recorda os efeitos do atordoamento, verdade?

Outra pausa.

—Está ferido? — Metade grunhiu, metade soluçou Lilla. Inclinou-se adiante, esperando minha resposta. — Se tiver feito mal a ele, juro por seu Deus que destruirei tudo que te é querido.

—Está ileso. — Mantendo minha fachada casual, me apoiei contra a parede. Olhei-a diretamente nos olhos e acrescentei: — Por agora. Entretanto, para que permaneça assim, preciso de um ato de boa vontade de sua parte. Um sinal de agradecimento, por assim dizer.

—É uma puta.

—Sim, sou. — Lentamente sorri com franqueza. — Mas elogios não é o que quero de você.

Seus punhos fecharam e abriram, e suas pálidas bochechas avermelharam.

—O que quer então?

—Informação.

—Sobre William?

—Sim.

Ela mordeu o lábio inferior.

—Isso é tudo?

—Por agora.

Passou um longo momento enquanto considerava minha oferta.

—Como posso estar segura que liberará Kyrin?

Por um breve segundo, vacilei em meu engodo. Eu sempre fui orgulhosa da minha sinceridade, e cada vez que pronunciava uma mentira, um pouquinho da minha integridade se derretia. Então, como rajadas de uma câmera, em brilhos preto e branco, a imagem dos quatro homens que faltavam, e agora da desaparecida Rianne Harte, surgiu na minha mente, seguida rapidamente de uma imagem de Dallas se abatendo perto da morte.

—Tem minha palavra. — Disse imediatamente.

Seu pescoço virou para trás enquanto estudava o branco e singelo teto.

—Muito bem, então. — Disse finalmente. — Por onde começa?

—Pelo princípio. Começa pelo dia que conheceu William e termina com você nesta cela. — Quero saber tudo.

O conhecimento era poder, e nesta situação, o poder era tudo.

—Conheci-o faz aproximadamente seis meses. Ele veio ao clube. Sabia que era casado. Sabia que sua mulher estava grávida, mas não me importou. — Acrescentou na defensiva, me desafiando que a criticasse.

—Não te julgo. — Disse. Independentemente se o homem tinha amado Lilla ou não, ele não estava tão felizmente casado como assegurava sua esposa no relatório. Jaxon teria que falar com ela disto. — Quando começou?

—Uns dias depois. Ele voltou ao clube.

—E Mark St. John não se importou que você e Steele deitassem juntos?

—Oh, por favor. — Agitou uma mão no ar. — Sua opinião não importa nada.

—Então, por que sai com ele?

Ela encolheu um pouco os ombros.

—Porque me diverte. George gosta de ser rude, a violência o excita, mas Mark gosta de ser dominado. Às vezes eu gosto de uma forma e às vezes de outra.

—George Hudson se incomodou com isso? — Dei um passo adiante.

Suas relações iam além de suas preferências sexuais, apostaria nisso.

—Oh, sim. Ele odiava William.

Fechei um pouco mais a distância entre nós.

—Odiava William o suficiente para matá-lo?

—Ele é culpado de muitas coisas, mas não de assassinato.

Havia convicção em seu tom.

—Quais são seus sentimentos por George?

—Ele era um meio para alcançar um fim. Um bastardo, sim, mas devo admitir que era agradável ter um agente do A.I.R. à minha disposição. — Por sua expressão gelada, podia dizer que entrava em um território do qual não desejava falar. — Com toda segurança já respondi a todas suas perguntas. Liberará Kyrin agora?

Ignorei-a.

—No clube, mencionou que tentou advertir Steele que lhe fariam mal se não partisse com você. Disse que tentou o advertir sobre eles. Quem são *eles*?

Passou um momento, logo outro.

—De quem falava, Lilla?

Ela retorceu as mãos agitada, enroscando e desenredando os lençóis entre seus dedos. Finalmente, respondeu:

—Um grupo de Arcadians exilados.

—Exilados de onde?

—Da Arcadia. De onde mais, idiota? — Resmungou.

Tinham-na chamado de coisas piores.

—Por que essa gente faria mal à Steele?

Mais vacilação.

—Ele tinha algo que queriam.

Quase grunhi de frustração. A mulher se negava a explicar sem uma insistência direta.

—Estou cansada de insistir, Lilla. Conte-me tudo. O que tinha que queriam?

— A afiada tensão transpassou em minha voz. Estava perto, muito perto das respostas que precisava. — O que tinha que eles queriam?

—Vida! — Gritou ela. Ficou de pé e começou a passear pela parede mais afastada. — Vida.

—Vida. Não entendo.

—Então é estúpida.

Minha mandíbula se apertou.

—Conhece algum dos outros desaparecidos? — Um por um, disse seus nomes.

Desviadas as perguntas sobre os Arcadians exilados, seus traços relaxaram, mas não reduziu seu frenético passo.

—Só me é familiar o último. Sullivan Bay.

—Quando o conheceu?

—Não o conheço. Ouvi falar dele.

—Pelos Arcadians exilados? — Não pude evitar voltar para eles.

Seus lábios se franziram.

—Sim. Pelo líder.

—E quem é o líder?

Seus lábios se apertaram em um rebelde silêncio, e seus passos ficaram mais selvagens.

Bom, já voltaria naquela pergunta.

—Seu irmão está relacionado de algum modo com Rianne Harte?

Fazendo uma parada, ela piscou para mim, e posso assegurar que considerou cada uma de suas seguintes palavras.

—Passou algum tempo com ela, mas o que fizeram quando estavam sozinhos, desconheço. Assim se quer saber se deitava com ela, não posso assegurar isso.

Uma imagem de Kyrin na cama com outra mulher me teve lutando contra uma onda de irritação. Contra Kyrin e contra mim mesma.

—Quem é o líder dos Arcadians exilados? Terei que falar com ele.

—O líder é... — Fechou os olhos com força e soltou um profundo fôlego.



Pressionou as costas contra a parede. — O líder é Atlanna em Arr. Uma fêmea. E os outros são irrelevantes.

Atlanna... O nome enviou uma onda daquela estranha energia que zumbiu através de mim. Não sabia por quê.

Meu queixo se inclinou de lado, e observei Lilla em busca de qualquer sinal de emoção.

—É essa Atlanna sua irmã?

—Não. — Lilla riu entre dentes, um divertido som que dançou por todo o quarto. — Diferente de sua gente, não nos apelidamos segundo nossos pais. Chamamo-nos segundo o tipo.

Um fato interessante, e um que desconhecia.

—E que tipo é em Arr?

—Realeza.

Poderia estar mentindo para me impressionar. Não estava segura, e não tinha tempo para indagar mais sobre o tema. Entretanto, Kyrin em Arr tinha o porte de um rei, isso era certo.

—Me diga mais coisas de Atlanna. Como ela conheceu Sullivan Bay?

—Eram amantes.

—Eram? Está morto?

Não recebi resposta.

Tentei impedir que meu caráter vencesse minhas intenções. A maior parte das testemunhas me obrigavam a surrupiar mentalmente cada pedaço de informação que possuíam, e Lilla não era diferente nisso. Geralmente dirigia a situação com paciência... Pelo menos, gostava de pensar assim. Hoje, pendurava na borda da minha tolerância.

—Está morto? — Exigi outra vez.

—Sinceramente, não sei. — Suspirou ela.

—Onde está Atlanna agora?

—Tampouco sei.

Não iríamos a nenhuma parte por este caminho, assim tentei outra linha de interrogatório.

—Quem matou William Steele? Sabe isso?

—Não. — Afastou os olhos de mim.

—Acredito que sabe. Acredito que você e seu irmão estão implicados. Acredito que deveria interrogar seu irmão. Com violência.

Um fogo furioso saltou à vida em seus olhos. Se estivesse mais perto, teria tentado arranhar meu rosto.

—Seja o que for que descubra, — Grunhiu. — meu irmão não está comprometido.

Minhas costas se endireitaram e meu pulso saltou.

—Seja o que for que descubra, hein? Isso significa que há provas contra ele.

Um ofego escapou de sua boca quando ela compreendeu que havia dito muito.

—Ele não é responsável. — Jogando fumaça pelo nariz, assinalou com um vingativo dedo na minha direção. — Terminei de falar com você. Conteí tudo que sei. Libertará meu irmão agora?



—Não. Respondeu algumas das minhas perguntas, mas não todas. Quero saber mais coisas de Kyrin. Quero saber o que os Arcadians exilados desejavam de Steele. Quero saber...

—Vá! Vá antes que a mate! Não sei nada mais. Não recordo.

Meus punhos se apertaram em meus lados, e permaneci no lugar.

—Recorde.

Ela permaneceu calada, mas pequenos dedos fantasmagóricos começaram a bisbilhotar em minha mente, sugerindo que partisse pacificamente. A mulher se atrevia a tentar me controlar de novo. Apertei os dentes.

—Quer que a deixe atordoada outra vez?

—Vá! — Gritou Lilla, e a pressão em minha mente se apaziguou.

Agora mesmo, não conseguiria mais nada dela, estava claro. Só que, quanto tempo me veria obrigada a esperar até que se acalmasse?

O tempo passava rapidamente e se tornava meu maior inimigo.

—Partirei, — Disse. — mas não pense nem por um momento que nossa conversa terminou. Sua vida e a de seu irmão dependem da melhoria de sua memória.

Capítulo Dez

Passei uma hora no ginásio, suando minhas frustrações, esmurrando com os punhos e pés o saco de boxe. Até utilizei o programa virtual de combate, golpeando até fazer picadinho os *outros-mundos* gerados pelo computador. Infelizmente, meu escuro humor era ainda mais negro quando entrei na sala de conferências quinze minutos mais tarde.

Estava decidida a sentar e passar por esta reunião, recolhendo toda a informação que pudesse. Embora isso me matasse... Ou eu matasse alguém. Já tinha enchido meu carro com os arquivos do caso e consegui todos os documentos dos outros casos de rapto. Em segredo, naturalmente. Tinha pagado à Mandalay para que hackeasse o computador central e acrescentasse meu nome à lista daqueles que era permitido entrar na área de arquivos confidenciais. Assim que saí, ela apagou meu nome. Mandalay não tinha perguntado o porquê, simplesmente tinha agradecido pelo dinheiro. Quando chegasse em casa, planejava estudá-los linha por linha e ver se tinham excluído algo nas cópias que me tinham dado.

Vejam, sempre dão aos agentes cópias do arquivo principal, nunca os originais, e o arquivo principal estava fortemente protegido e era exclusivo para os chefões. Supostamente, se fazia para preservar o documento original de falsificações. Pura merda. O governo queria colocar a mão em tudo, nada mais; queriam controlar o que sabíamos. E o que fazíamos.

A conversa cessou enquanto sentava na única cadeira vazia na mesa. A minha esquerda estava Jaxon, e à minha direita Jack. Ghost, Kittie, Jaffe, e Mandalay, a única outra mulher, estavam em frente a mim.

Atrás deles pendurava uma tela virtual que continha cinco imagens verticais

dos sequestrados. Ao lado de cada foto estava a data, a hora e o lugar do rapto. Debaixo das fotos havia um mapa, assinalando a posição de cada um.

Jaxon me dirigiu um sorriso alentador para me mostrar seu apoio.

Cabeceei em reconhecimento. Jaxon era um bom homem, um dos melhores das forças militares. A cicatriz de uma navalhada marcava o lado superior direito de seu rosto e descia até sua mandíbula, cortesia de um infame alienígena, mas mesmo assim sempre conseguia parecer um santo. Talvez fosse porque nunca dizia nada fora do tom ou jamais pronunciou uma só insinuação sexual.

—Como está Dallas? — Perguntou Ghost, sua profunda e rica voz de barítono encheu o quarto de tristeza.

—Igual. — Senti a urgência de contar a verdade, que Dallas poderia sobreviver. Mas não o fiz. Se soubessem sobre o sangue de Kyrin e o que tinha que fazer para consegui-lo me proibiriam de entrar na cela de Lilla para sempre.

O silêncio flutuou no ar, pesado e desencorajador, enquanto cada um de nós se encontrava perdido em seus próprios pensamentos sobre Dallas.

Finalmente, Jack limpou a garganta e disse:

—Mia, Mandalay estava nos contando algo sobre o rapto de Harte. Ela assumiu o caso desde que Johnson está doente. Mandalay?

—Sim? — Disse com energia, mexendo os papéis na frente dela.

—Continue.

—Sim, senhor. Harte foi sequestrada de sua casa pouco depois das duas da tarde. Sua companheira de quarto, que também é sua irmã, assegura que estavam vendo um filme. Harte foi à cozinha fazer um sanduíche e não voltou. Não há sinais de luta. Nenhuma indicação que forçassem a entrada. Não fomos capazes de rastrear seu namorado, Kyrin ou algo assim. A irmã desconhece seu sobrenome. Só sabe que é Arcadians.

—Interessante, verdade? — Jack elevou uma sobrancelha. — Outro Arcadians no quadro.

Não comentei nada. Meu estômago estava muito ocupado revolvendo-se de temor. Kyrin conhecia Harte, saía com ela. Inclusive Lilla tinha admitido. Havia uma esquadrilha inteira de agentes do A.I.R. que sabiam, e isso não era um bom presságio para ele.

—Mia. — Disse Jack. — Nos diga o que averiguou de Lilla.

Inspirei profundamente para me acalmar e logo expulsei o ar pela boca.

—Sobretudo encobria coisas que já conhecíamos. Entretanto, descobri que há outra fêmea Arcadians implicada. Seu nome é Atlanna em Arr, e se encontrava com um dos homens sequestrados, Sullivan Bay. Ela também é a líder de um bando de Arcadians exilados.

—Mandalay? — Disse Jack dando uma rápida olhada a nossa perita em computadores.

—Estou nisso, senhor. — A ponta dos dedos de Mandalay voavam sobre o teclado em frente a ela. Frisadas mechas de cabelo vermelho caíam ao redor de suas têmporas e roçavam seus pulsos. Por seu aspecto, era uma mulher autoritária, alta e corpulenta, mas, por sua natureza, não era uma lutadora. Trabalhava melhor com as probabilidades e possibilidades.

Mandalay fez uma pausa e olhou para Jack.

—Não há nenhuma Atlanna em Arr em nossa base de dados.

—E quanto a esse cara, Kyrin? — Perguntei, tentando ser sutil.

—Tampouco está arquivado. — Disse Jaxon. — Já o comprovamos.

—Lilla deu alguma pista de onde poderíamos encontrar essa Atlanna? —

Perguntou Jack.

—Não. — Respondi com sinceridade.

—Acha que pode encontrá-la?

O que acreditava não importava. A encontraria.

—Me dê dois dias.

—Feito. Bem, vamos resumir o resto do que Snow perdeu. — Jack me lançou um olhar irritado, e esperei que fosse meu único castigo pelo atraso. — Ghost e Kittie interrogaram Isabel e Sherry ontem pela tarde. Nada soubemos de Isabel, agora falecida.

Ouvi vários homens murmurar:

—Filha da puta.

—De Sherry soubemos um pouco mais. — Seguiu Jack. — Segundo ela, conhece Hudson há três meses. Parece que Lilla a pagou para que tivesse sexo com ele com regularidade, e o homem nunca soube. Sherry disse que Lilla prometeu pagar uma soma enorme se ficasse grávida. Mas não teve sorte.

Muito interessante.

—Por que Lilla queria que Sherry tivesse um bebê de Hudson?

—Sherry não sabe. — Disse Kittie. — Lilla os apresentou no Clube Êxtase. — Ele deu um toque com seu isqueiro azul contra a superfície da mesa. — Hudson não tinha nenhum problema com a merda das duas mulheres, mas no momento que Lilla começou a ver Steele, o homem perdeu a cabeça.

—Um possível motivo para matar Steele. — Disse. — Hudson estava ciumento.

—Possível, sim. — Disse Ghost. — Mas isso não explica os outros raptos.

Eu disse:

—Alguém falou com Hudson? Talvez possa nos ajudar a vadear a merda e encontrar o diamante.

—Não ajudará de bom grado, isso asseguro. Mas não, ninguém falou com ele ainda. — Um cenho danificou o rosto de Jack enquanto retorcia um lápis entre os dedos. — Arrumaram seu nariz esta manhã, e o devolveram a sua cela há pouco. Jaxon planejava interrogá-lo depois desta reunião.

Observei meu chefe, calibrando sua reação.

—Assim Hudson não sabe sobre Isabel?

—Oh, sabe. — Disse Jack. — O bom doutor o deixou cair antes da cirurgia. Embora se importasse uma merda. Disse que sua vida seria mais tranquila agora que a garota se foi.

Senti um tic na pálpebra com tal fragrante crueldade.

—Quero estar lá quando Jaxon o interrogar. — Talvez tirasse um pouco dessa atitude de Hudson enquanto estivesse ali.

Como me conhecia bem, Jack negou com a cabeça.



—Não quero você no quarto. Você não é sua pessoa favorita agora mesmo, e te ver pode o tornar violento. Pior, poderia se negar a falar. Não cederei nisto. — Acrescentou quando abriu a boca para discutir. — Te direi o mesmo diga o que disser.

Tinha que estar nesse interrogatório. Tinha que saber o que Hudson sabia... E não queria esperar o relatório oficial de Jaxon.

—Observarei através do espelho. — Sugeriu.

Jack me estudou por muito tempo. Agitei minhas pestanas, tentando parecer inocente. Ele soltou um suspiro.

—Bem, pode ir. Mas se averiguar que deu um passo... — Me assinalou com o dedo. — Um maldito passo da sala de observação, te chutarei até a próxima semana. Entendido?

—Absolutamente.

Jack voltou sua atenção para Jaxon.

—O que averiguou da família de Steele?

—Quando a interroguei de novo, a esposa admitiu que ele via outra mulher, mas que não sabia quem era.

Cruzei os braços sobre o peito.

—Ela assegurou que estavam felizmente casados em seu primeiro interrogatório. Se sabia sobre sua infidelidade, por que se calou?

—Perguntei. Diz que já estava grávida quando se inteirou e que não podia nem pensar em criar seu bebê sozinha. Disse-me que o amava.

—Poderia estar mentindo. — Disse Mandalay.

—Certo. — Reconheceu Jaxon.

—Tem álibi? — Perguntou Jack.

—Sim. No desaparecimento de Steele, estava com sua mãe. Já verifiquei. E averigui algo mais, que Steele jantou com um macho Arcadians na noite antes de ser sequestrado. Kyrin. — Disse, comprovando seus apontamentos. — Por certo é o mesmo Kyrin que saía com Rianne Harte.

Meu estômago encolheu. Isto era o que Lilla tinha advertido. Isto era o que ela temia que o implicasse. E juro por Deus que o fazia!

—Temos que encontrar esse homem. — Disse Jack. — O quero interrogado o quanto antes.

Não podia permitir que outros agentes o buscassem, não com a advertência de Kyrin repicando em minha cabeça. Se alguém além de mim o buscasse, fugiria tão rápido que provocaria uma queimadura no vento.

—O que tem para nós? — Perguntei para Jaffe, esperando mudar de assunto.

—Bem... — Disse Jaffe, falando pela primeira vez desde que eu tinha entrado na sala. Era um homem baixinho, nervoso, com o cabelo loiro cinza e grandes olhos cor avelã separados. Aqueles olhos sempre se lançavam para a esquerda e direita, como se tentasse decidir qual era o melhor caminho para fugir. E era fodidamente bom com os números e padrões. — Não existe nenhum *modus operandi* óbvio com este assassino. Houve duas semanas de diferença entre os dois primeiros raptos, mas o terceiro foi sequestrado só três dias mais tarde. E passaram oito dias entre o terceiro e o quarto.

—Continue procurando. — Ordenou Jack. — Falta algo. Inclusive o caos pode



formar um padrão. — Ele voltou sua atenção para Mandalay. — Quanto ao corpo da vítima?

—Infelizmente, — Respondeu Mandalay. — não havia rastro de sangue. Tampouco nada sob suas unhas. Nenhuma fibra-alienígena ou humana que indique onde esteve preso ou como foi transportado. Os gravadores de voz dos arredores não contêm nenhuma só gravação alienígena em nenhum momento do dia do assassinato.

—E quanto à casa de Rianne Harte? — Perguntou Jack. — O que encontraram ali?

Mandalay sacudiu a cabeça, fazendo voar seus avermelhados cachos.

—Nada, senhor.

—Maravilhoso. Fodidamente maravilhoso. Esperava algo melhor que isto. — Jack levantou e chegou de uma pernada a uma mesa auxiliar. Encheu uma xícara de café e terminou o fumegante líquido de um só gole. Logo girou de volta para nós. — Não estamos mais perto de encontrar às vítimas do que estávamos ontem. A pressão aumenta, moços, e continuará até que resolvamos ou percamos nossos empregos.

—Voltemos para esse cara, Kyrin. — Disse Ghost. — Foi visto com a vítima número um na noite antes do rapto. Também saía com Harte. Há uma possibilidade que conhecesse outros e tivesse algum tipo de contato com eles. Então minha pergunta é: quem vai caçá-lo?

—Me deixem me encarregar disso. — Disse, esperando não soar muito impaciente.

—Você deve encontrar Atlanna, lembra? — Disse Jack.

Estendi os braços.

—E não posso fazer as duas coisas?

—Não é a Super Mulher. — Comentou Kittie com um sorriso.

—Não. — Disse Ghost com um sorriso próprio. — Ela é Super Cadela.

A risada encheu a sala, um tipo de risada que vinha de gente que topava com a depravação todos os dias. Jaxon tentou conter sua diversão, mas logo se rendeu e irrompeu em gargalhadas. Inclusive eu perdi meu cenho e tive que rir. Era uma Super Cadela.

—De acordo. — Disse Jack. — Kyrin é teu.

Aquelas palavras me afetaram a um nível profundo, primitivo. *Meu*, pensei. *Todo meu*.

De pé, Jack golpeou a mesa com as mãos.

—Bem, moços. Já sabem o que têm a fazer. Assim façam!

Acompanhei Jaxon e descemos pelo longo e tortuoso corredor que conduzia ao quinto setor do A.I.R.. Nossos cartões de identificação nos permitiram passar os detectores de movimento, os sensores de calor, e os ladrilhos do chão sensíveis ao peso sem fazer uma só pausa.

Jack nos tinha despedido há cinco minutos, e eu já tinha chamado o doutor de Dallas duas vezes. Na primeira vez, ele me pôs em espera. Na segunda, não cometeu o mesmo erro. Informou-me que os tecidos de Dallas estavam realmente rejuvenescendo. O Doutor Hanna descobriu uma substância química estranha no sangue de Dallas, uma substância que jamais tinha visto antes, e isso por que tinha



tratado tanto de alienígenas como humanos.

Eu sabia que a substância química vinha de Kyrin.

O bom doutor estava fazendo mais testes, mas por agora, Dallas estava estável. De todo modo, não pude evitar escutar uma contagem regressiva em minha cabeça. Faltavam três dias para que Kyrin reaparecesse, exigindo a libertação de sua irmã... A não ser que eu o encontrasse primeiro.

—Está preparada para isto? — Perguntou Jaxon. Ele olhou para mim, seus traços tensos e compreensivos.

—Mais do que pensa. — Obriguei-me a desterrar Dallas a um canto de minha mente. Tinha que me concentrar no aqui e agora.

Quando alcançamos o final do vestíbulo, esperamos nas portas de segurança metálicas.

—Depois de você, Jaxon. — Disse.

Ele colocou sua cabeça em frente ao scanner de retina que piscava com uma luz azul. O computador advertiu:

—Iniciando exploração. — E dirigiu a luz sobre todo seu rosto. — Obrigado, Jaxon Tramain.

Jaxon endireitou os ombros e me deu uma olhada.

—Sua vez.

Deus, odiava estas coisas. Descansei o queixo no apoio, e o monstro metálico me segurou a cabeça para uma completa exploração óptica. Se um dos antiquados lasers recebesse alguma vez uma sobrecarga, estaria condenada a uma baixa médica permanente e que me dessem um SGA, um autômato que me guiasse em minhas visitas turísticas.

—Obrigado, Mia Snow. — Disse o computador, me liberando.

Agora que nossas identidades foram verificadas, suportamos uma exploração de palma simultânea e as comportas se abriram. Entramos em um longo vestíbulo branco. Tanto a nossa esquerda como direita estavam portas fechadas, cada uma conduzindo a celas privadas.

Estes quartos poucas vezes eram ocupados por muito tempo. Os *outros-mundos* que aqui vinham, em geral, eram interrogados em poucas horas. Depois de ser exonerados, eram postos em liberdade ou executados se fossem culpados. Assim simples.

Passei a cela de Lilla, a trinta e dois, e mantive os olhos fixos à frente. Preocuparia-me com ela mais tarde.

A cela 66, nosso destino, era a cela de Hudson... A que faltava outro 6 para ser a adequada, em minha opinião. Ele era humano, sim, mas estava comprometido em uma investigação alienígena, por isso aqui estava. O bastardo seria tratado com os direitos de um cidadão humano, mas seguro como o inferno que não o merecia.

Quando chegamos ao nosso destino, Jaxon colocou sua mão sobre o scanner 66A, e eu coloquei a minha sobre o 66B. Uma luz amarela envolveu as pontas de nossos dedos.

—Não acredite em nada do que diga, certo? — Disse Jaxon. — Sabe que tenho que dizer o que quer ouvir se espero conseguir um pouco de informação.

—Sei.

—Simplesmente não me mate depois.

—Ei! Faça-me um favor e pergunte para Hudson por sua filha. Pergunte por que reclama uma alienígena como filha.

—Alienígena? — Jaxon piscou. — Acha que Isabel era alienígena? De que espécie?

—Não sei. Pergunte isso, também.

Ele assentiu com a cabeça uma vez que as fechaduras de nossas respectivas portas se abriam, nos permitindo a entrada.

Tirando toda expressão de seu rosto, Jaxon deu um passo dentro da cela de Hudson e eu entrei na de observação. Pelo espelho, vi que Hudson estava convexo na cama de armar. Uma atadura cobria seu nariz, e seus olhos estavam inchados e rodeados por um anel de contusões. Como se seguisse o ritmo de um tambor, ele gemia a cada segundo.

Jaxon se aproximou da borda da cama, agachou e olhou atentamente ao homem ferido.

—Você está bem, George? — Perguntou. — Está doendo?

Hudson piscou, mas não se moveu.

—Parece que dói? — Sua voz era nasal e constrangida. — Imbecil. — Resmungou.

Como se não estivesse se partindo em risadas em seu interior, Jaxon pronunciou um suspiro pormenorizado.

—Quer remédios?

—O que quero que faça é que me tire deste inferno.

Jaxon fingiu se abrandar.

—Não posso fazer isso. Está metido em uma boa confusão, George, e sabe. Deixe-me ajudar.

Eu sabia que Jaxon usava deliberadamente seu nome de batismo. Assim ele parecia mais amistoso, mais humano. Mas Hudson não mordeu a isca. Diabos, teve o mesmo treinamento que nós!

—Me ajudar? — Grasnou, girando a cabeça e cravando os olhos sobre Jaxon. Ele teria gritado se seu nariz não estivesse cheio de gases. — Você não daria uma merda por mim.

—Você é um agente. É óbvio que me importa. — Disse Jaxon, como se isso explicasse tudo. Sua expressão era tão compassiva, que quase acreditei. — Além disso, temos algo em comum.

—E o que é?

Ele se inclinou para frente, como se compartilhasse um grande segredo.

—Ambos odiamos Mia Snow. — Sussurrou.

Isso pareceu aplacar a cólera de Hudson.

Jaxon, é realmente bom, pensei.

—Acreditava que aqui todos adoravam essa cadela.

—Eu não. Roubou-me a promoção. Deveria ter sido eu o líder deste esquadrão, mas ela se deitou com Pagosa, e a ganhou.

—Não me fode! — A atenção de Hudson se animou e seus lábios se inclinaram. Ele se apoiou sobre os cotovelos. — Sempre suspeitei que fodia com



Pagosa para subir.

Jaxon deu uma olhada ao espelho. Para mim. Seus olhos brilhavam com travessura, mas seu tom era mortalmente sério.

—É uma garota. Essa é a única maneira que pode subir.

Se alguém mais tivesse pronunciado aquelas palavras, teria irrompido nessa cela e chutado alguns traseiros. Mas o comentário de Jaxon tinha funcionado. Hudson agora o considerava um fodido gênio.

—Maldita seja, é certo! — Disse Hudson, dando um murro na cama. — Eu poderia comer essa puta no café da manhã e fazer que pedisse por mais.

Mantendo seu tom amistoso e ocasional, Jaxon disse:

—Mia acredita que você matou Steele.

—Isso é babaquice. — Hudson quis sentar, estremeceu e logo afundou de novo na cama. — Babaquice. — Repetiu. — Não tive nada a ver com isso.

—Isso foi exatamente o que eu disse. Ele é inocente, assegurei. Sabe o que ela fez depois?

—O que?

—Riu em minha cara.

—Maldita puta. — Se queixou. — Juro isso, eu gostaria de ter cinco minutos a sós com ela. A ensinaria umas quantas coisas sobre os homens. Homens de verdade. Não esses perdedores joaninhas com quem trabalha.

Jaxon assentiu em acordo, e não indicou que ele mesmo trabalhava comigo.

—Tem que me ajudar com isto, George. Preciso de um pouco de informação para poder demonstrar sua inocência e mandar a Rainha das Cadelas ao inferno.

—O que quer saber? — Perguntou, seu tom destilando resignação.

—Por que não me fala de Lilla? — Disse Jaxon. — Sherry assegura que estava ciumento de sua relação com Steele.

—Sherry não sabe uma merda.

—É uma tonta, verdade?

Hudson riu entre dentes.

—Eu gosto disso. Tonta. A descreve perfeitamente.

—Sherry diz que Lilla a pagou para que se deitasse com você. Que Lilla queria que tivesse seu filho.

—Não demorei muito tempo para descobrir o que acontecia. Use minha camisinha, dizia Sherry, como se eu não pudesse ver o buraco do tamanho de uma fodida cratera no meio dela.

—O que fez?

—Pedi explicações. Ela me contou que Lilla a pagava, assim logo enfrentei Lilla também. Ela disse que não podia ter filhos, mas que queria um bebê. Acredito que queria dar o pirralho para Steele, possivelmente para atraí-lo longe de sua esposa.

—Com certeza isso o deixou louco.

—Louco? Diabos, fiquei furioso!

—O que fez para castigar as mulheres?

—Esbofetei Sherry já que algumas mulherzinhas precisam que de vez em quando as coloquem em seu lugar. Logo detive Lilla por prostituição. Além disso,



cagou-se de medo. — Disse rindo.

—O que aconteceu depois?

—Lilla rogou que a soltasse. Acreditei que me veria como seu herói, sabe, mas a puta se foi com Steele no momento que a liberei.

—Por isso Sherry se mudou para sua casa? Para poder se vingar de Lilla?

Ele encolheu os ombros.

—Sou um homem. Tenho necessidades. Ela é fácil, e não tinha nenhum lugar para onde ir.

—Não se preocupou que tentasse te enganar para ficar grávida?

Ele riu, um som cheio de malvado prazer.

—Fiz vasectomia depois que Isabel nasceu. Nenhuma mulher nunca suspeitou.

Jaxon murmurou:

—Homem prevenido. — E pude assegurar que queria asfixiar Hudson até a morte. Sabia pelas linhas tensas ao redor da boca e seus olhos ligeiramente entrecerrados. — Como se sentiu? Quis eliminar Steele da equação?

—Mal. Realmente mal. Mas não o suficiente para matá-lo. —Acrescentou Hudson rapidamente. — Só disse para sua esposa que estava fodendo outra. Isso pôs ponto final às coisas realmente rápido. Steele não quis saber nada de Lilla depois disso.

—Já posso imaginar como Lilla encarou o rechaço.

—Golpeou-o até fazê-lo mingau. Ele merecia, assim não me alterei muito com ela por fazê-lo.

—Mulheres! — Jaxon sacudiu a cabeça e fez uma pausa para dar efeito. — Por curiosidade, sabe algo de um grupo de Arcadians exilados? Tentou demonstrar que são os culpados.

Eu gostava de como Jaxon misturava tão espertamente suas perguntas, com uma compaixão e desejo de ajudar que atraíam suas confiadas vítimas mais profundamente em seu teia de falso consolo.

—Sim, conheço-os. — Respondeu Hudson. — São liderados por uma fêmea. Atlanna.

—Sabe onde posso encontrá-la?

—Não. Só a vi uma vez, e ela não ficou para conversar. É realmente reservada. Parece com Lilla, mas mais alta. Tem um complexo de Deus que não pode nem imaginar. Como Mia, acredita que controla o destino do mundo, e é uma autêntica puta, sabe o que quero dizer?

—Oh, sei exatamente o que quer dizer. — Mantendo sua bondosa expressão, Jaxon massageou a nuca. — Alguma vez Lilla mencionou um homem chamado Kyrin?

—Sim, é seu irmão.

—Um bom cara?

—Estranho. — A voz de Hudson ficou mais débil, como se de repente tivesse problemas para se manter acordado. — Quando o olha, parece que examina sua alma. Também é forte. O homem provavelmente poderia esmagar a todos com um golpe de sua mão. — Sua boca abriu com um amplo bocejo.

—Posso ver que está cansado, George. Só tenho uma pergunta mais e te



deixarei descansar. Isabel era realmente sua filha, ou era uma alienígena?

—Que merda de pergunta é essa? É óbvio que era minha filha.

—Não há nenhuma possibilidade..?

—Já disse, ela era minha. — Disse Hudson com voz sonolenta.

—Obrigado, cara. É tudo o que queria saber. — Jaxon abandonou a cela e deu uma olhada pela porta da sala de observação.

—É seguro entrar? — Perguntou-me, suas bochechas avermelhadas.

—É seguro. George mentiu sobre Isabel, tem que ter mentido. —Em minha visão, ela era alienígena, só que não sabia por que Hudson mentiria em algo assim. Embora, por agora, deixaria como estava.

Jaxon entrou completamente e logo fechou a porta atrás dele com um estalo.

—Bastardo. — Disse, seu tom ficando enojado enquanto repetia meus pensamentos. — Esse homem merece sofrer. Toneladas e toneladas de sofrimento.

—Pelo menos confirmamos a existência de Atlanna.

—E de Kyrin, também. E se ele, Lilla, e Atlanna trabalham juntos?

—Talvez. Isso teria sentido com Steele... Lilla amava Steele, ele a rechaça, e o irmão e Atlanna se zangam, mas e os outros raptos? Não há nenhum motivo para eles. — Suspirei. — Interrogarei de novo Lilla amanhã e verei o que posso tirar. Esta noite... — Fechei a boca quando compreendi que estava a ponto de contar minhas intenções de procurar Kyrin.

Embora, rapidamente, tive uma revelação. Não podia fazer isto sozinha. Não podia procurar Kyrin, procurar Atlanna, ler os arquivos do caso, estudar as fotos da cena do crime, suportar outro interrogatório com Lilla, e encontrar os homens sequestrados... Tudo em apenas três dias.

Precisava de alguém de confiança que me ajudasse.

Quem melhor que Jaxon? Estudei seu rosto. Apesar de sua cicatriz, era um homem sensualmente atrativo. Seus olhos eram mais prateados que azuis, seu nariz ligeiramente curvo ao ser quebrado muitas vezes. Lábios suaves, queixo forte. Usava o escuro e ligeiramente encaracolado cabelo um pouco comprido por isso sempre parecia despenteado.

Ele me olhava com bondade e preocupação.

—Esta noite, — Continuei, depois de tomar e expulsar um profundo fôlego. — preciso de sua ajuda.

Ele nem pensou.

—Seja o que for que queira que faça por você, farei. Já sabe.

—Aceito sua palavra, Jaxon. Aceito sua palavra.

Capítulo Onze

Levei Jaxon ao Trollie, um café-bar situado a uns quilômetros do escritório central e o único restaurante aberto vinte e quatro horas. A qualquer dia e qualquer hora, o local estava repleto de agentes do A.I.R., tanto em seu turno como fora dele. A comida era medíocre, mas a atmosfera era excepcional: uma iluminação suave e



apagada, música relaxante, e lascivos agentes que contavam piadas. Um restaurante de cinco estrelas não podia competir com isso.

Pelo caminho, falei com Jaxon de Kyrin, Dallas e Lilla. Não excluí nada. Jaxon não me interrompeu nenhuma só vez. Quando terminei, fiquei esperando algum tipo de reação por parte dele.

Só me saudou o silêncio, e os minutos passaram.

—E bem? — Disse, o estudando com uma rápida olhada. — Ainda quer me ajudar?

Ele olhou fixamente pela janela do assento de passageiros.

—Me dê um pouco de tempo para digerir tudo. É muito para lançar em um homem.

Tempo era a única coisa que eu não tinha.

—Tem até sentarmos no Trollie. Se não for me ajudar, terei que procurar alguém mais.

Ele soltou o ar entre os dentes enchendo o carro com um suave assobio.

—Sempre é tão impaciente?

—Sempre.

—Aposto que era isso que deixava Dallas louco.

—E poderia ganhar uma fortuna com essa aposta.

Fizemos o resto do caminho em silêncio. Minutos mais tarde, conduzi por um caminho de cascalho e estacionamos diante de uma velha caminhonete laranja, que ocupava quase todo o espaço.

Fora, o ar era frio e calmo, cheio do aroma dos escapamentos dos carros. Quando puxei a maçaneta para abrir a porta, o murmúrio de bêbados falando saiu em turba. Abrimos caminho através de uma espessa neblina produzida pela fumaça dos cigarros “deveriam prendê-los todos por fumar” e os sinuosos corpos. Como sempre, o lugar estava abarrotado. Tivemos que conversar com vários agentes que conhecíamos antes de nos sentar na mesa do canto, na parte traseira.

Dallas e eu tínhamos passado muitas tardes aqui. Nenhum dos dois gostávamos de cozinhar. Eu tinha tentado, mas o resultado final sempre era um pouco queimado ou derramado. Tínhamos rido e relaxado aqui. Ele merecia mais noites dessas.

Teclamos nosso pedido na unidade da parede, e logo Molly, uma bonita loira, nos trouxe as bebidas e se afastou correndo. Jaxon, um consumado fanático por saúde, tinha pedido água com uma rodela de limão. Eu? O café mais forte e negro que tinham, com um jorro de cafeína pura, sem diluir. Estou segura que injetar petróleo cru em minhas veias teria sido melhor para meu corpo, mas não importava. Tragui o quente líquido e logo pedi outro. Parecia um bêbado com uma nova garrafa de tequila.

—Meu Deus, Mia! Quer se matar? — Perguntou Jaxon com um sorriso.

—Só tento sobreviver.

—Por isso está tão magra? Vive a base de cafeína?

Encolhi os ombros e o olhei através de minhas espessas pestanas. Já tinha tido suficiente brincadeira, agora queria falar de negócios.

—E bem, está dentro ou fora?

Jaxon entendeu ao que me referia e me olhou fixamente através da manchada mesa amarela.

—Deixe ver se estou entendendo.

As sombras e luz brincavam sobre seus traços enquanto o abajur em cima de nós balançava, iluminando sua cicatriz e dando um aspecto ameaçador.

—Kyrin...

—Nada de nomes. — O interrompi, assinalando com a cabeça os outros agentes presentes.

—O irmão pode salvar a vida de nosso amigo. Em troca, quer sua irmã em liberdade e te deu quatro dias para fazê-lo ou nosso amigo morrerá.

—Agora só restam três dias. Mas o resto é correto.

—E nenhum agente...

—Menos eu.

—... pode buscá-lo, ou ele desaparecerá.

—Correto de novo.

—Assim se propõe encontrar às vítimas “e ao irmão” nos próximos três dias?

—Assim é. Então, está dentro ou fora? — Perguntei de novo.

—Dentro, é óbvio.

É óbvio, disse, como se não me tivesse feito suar nestes últimos dez minutos com sua indecisão. Ao meu lado, sobre o negro assento de vinil, tinha deixado minha carteira com os arquivos roubados. Já tinha coberto a etiqueta de “Confidencial” com outra em branco. Retirei dois e os dei à Jaxon.

—Preciso que revise estes. Investigue cada detalhe.

Ele pegou os arquivos oferecidos e logo, para meu assombro, deixou-os de lado.

—Não posso me concentrar sem me alimentar primeiro. Vamos comer. Logo os estudarei.

Minha impaciência apareceu. Quanto antes nos puséssemos a trabalhar, antes encontraríamos respostas. Mas não ia tentar minha sorte, por isso me obriguei a assentir.

Nossa comida chegou quinze minutos mais tarde e a puseram na nossa frente. Jaxon engoliu seu sanduíche de peru com pão integral. Sem maionese. Eu mordisquei meu duplo hambúrguer com queijo e bacon e minhas batatas fritas extra rangentes com chili. Normalmente, teria limpado o prato e pedido sobremesa. Dallas sempre ria da minha afeição pela comida rápida e constantemente se queixava que se comesse assim, não caberia no carro. Eu? Eu tinha um metabolismo estranho. Não podia manter a gordura em meu corpo. O que era muito bom. Por agora, não tinha nenhuma intenção de mudar meus hábitos alimentares.

Esta noite, entretanto, meu estômago simplesmente estava muito revoltado para me permitir o prazer.

—Vai comer isso? — Perguntou Jaxon, olhando meu hambúrguer com aversão.

—Não tem suficiente gordura para meu gosto. — Disse.

—Bem... — Ele fez rodar os olhos e lançou seu guardanapo sobre a mesa. — Vamos ver o que temos aqui, — Disse, abrindo um dos arquivos. — já que não



relaxará até que o façamos.

Segundos mais tarde, ele me deu uma olhada, seu rosto neutro.

—Por fora, parece um arquivo não restringido. Deveria ser um arquivo não restringido. Mas o que encontro quando dou uma olhada dentro? Isto é material confidencial, Mia. O que está fazendo fora do A.I.R.?

Encolhi os ombros e disse:

—Devolverei tudo quando acabarmos.

—Deus meu. — Ele sacudiu a cabeça, mas descobri uma ponta de admiração em sua expressão.

Enquanto lia o relatório, eu peguei outro e estudei minuciosamente cada foto, cada frase. Só tinha chegado à terceira página quando fiz uma pausa, reli e pisquei. Pisquei de novo. Uma ideia saltou à vida em minha cabeça.

—Olhe isto. — Disse para Jaxon lhe dando a pasta. — Isto não estava mencionado em nosso arquivo. Steele e sua esposa acabavam de ter um bebê, certo? Pois o conceberam com inseminação artificial. Hudson não disse que Lilla pagou para Sherry tentar ficar grávida dele? E agora descubro isto, que Sullivan Bay fazia frequentes depósitos em seu banco de esperma local. — Sacudi a cabeça. — O que falta aqui?

—Raymond Palmer.

—Comprove se...

Não tive que terminar a frase. Jaxon me deu uma olhada.

—O senhor Palmer também fez depósitos regulares no Kilmer, Peterman e Nate. O mesmo lugar que Rianne Harte trabalhava. Por que não nos deram esta informação?

Eu não sabia, mas um sentimento de êxito me atravessou. Tinha um denominador comum. A fertilidade. Concentrei minha atenção de volta nos papéis e nas fotos na minha frente. Minutos mais tarde, sacudi a cabeça com incredulidade.

—Olhe o que encontrei. — Disse. — Comprove o quarto parágrafo.

Ele deu uma olhada no papel, olhou de novo seu próprio arquivo, e logo deu outra olhada no meu.

—Adivinha o que? O meu diz o mesmo, exceto o nome não é mencionado. Só a descrição.

—Por favor, me diga que está brincando.

—Lamento não poder dizer. — Disse ele gravemente. — Quer apostar que os outros dizem o mesmo?

Reprimi um gemido.

—Rezemos para que não o façam.

Sabíamos que havia uma pessoa em particular relacionada com dois dos casos, mas se estava relacionado com todos... Parei esse pensamento, sem querer mais preocupações. Mas de todo modo, lutei contra a sensação de iminente fatalidade enquanto pegava as duas pastas restantes da minha cadeira, dava uma para Jaxon e eu mesma abria a outra.

—Feliz em não aceitar minha aposta? — Perguntou Jaxon.

Maldito seja! Kyrin era mencionado em todos os arquivos como “um alto macho Arcadians”. E duas vezes pelo nome. Não só tinha saído com Rianne Harte,

tinha jantado ou tido algum contato de merda com cada homem na noite antes que fossem sequestrados. A mesma noite.

Esta não era o tipo de informação que um agente ético podia ocultar de seu comandante. Entretanto, se falássemos para Jack, vinte agentes seriam imediatamente atribuídos para caçar e matar Kyrin. Eles poderiam até dar por perdidos os homens sequestrados, sem parar para perguntar à Kyrin por seu paradeiro, simplesmente matando-o em sua fúria.

Não podia permitir. Não duvidava nem por um segundo que Kyrin cumpriria a ameaça que me fez. Se descobrisse que outros agentes o caçavam, desapareceria e Dallas morreria.

De repente, a imagem de Kyrin se formou em minha cabeça. O cabelo branco. Os enigmáticos olhos cor de lavanda. Os tensos tendões de seu duro e musculoso corpo. A forma como se movia com graça e fluidez. Sua maneira de andar que destilava confiança em si mesmo. Como a força irradiava dele.

—O que quer fazer com Kyrin? — Perguntou Jaxon.

—Não sei. Deus, não sei!

Jaxon esfregou a mandíbula com os dedos.

—Poderíamos nos separar para buscá-lo. Você olha por meia cidade, e eu faço pela outra. Ou... — Repicou os dedos sobre a mesa. — Ou poderíamos atraí-lo para nós.

Intrigada, inclinei o queixo e o estudei.

—Como o faríamos?

—Ele ama sua irmã e quer salvá-la, não?

—Isso.

Um homem cruzou ao lado de nossa mesa, seguido por outro. Jaxon esperou que ambos estivessem fora do alcance do ouvido antes de continuar.

—E se alguém alertasse os meios de comunicação sobre a execução de Lilla?

—Execução? Não a mataremos ainda. Precisamos... Oh. Ooohhh. — Sorri lentamente, meu coração bombeando em um rápido ritmo. — Uma falsa denúncia. Gosto disso.

—Todos no escritório central ficarão surpresos quando os manifestantes assaltem as portas.

—O que permitirá a entrada de Kyrin. E quando o mar de repórteres entre, todas as saídas serão seladas, prendendo todos dentro.

Jaxon assentiu com a cabeça.

—Acha que deveríamos dizer para Jack e os outros o que acontecerá? Assim serão capazes de nos cobrir, e teremos uma melhor oportunidade de capturar nosso cara.

—Não. — Belisquei a ponta do nariz. — Não vou me arriscar com um agente de gatilho fácil, que não se importe se Kyrin vive ou morre.

—Bem. Farei a chamada amanhã às onze da noite e direi que Lilla será executada à meia-noite. Isso dará à imprensa uma hora para fazer correr a notícia, mas não dará à Jack tempo suficiente para negar.

—Perfeito. Se ele, de algum modo, averiguar o que fizemos, assumo toda a responsabilidade.

—Não preciso que me encubra. Assumirei as consequências.

—Sinto muito, mas não. — Dirigi-lhe um fulgurante olhar tipo “não-me-contradiga”, que ele, é óbvio, ignorou. Seu ego masculino não ia fazer que mudasse de ideia. — Não permitirei que o afundem. Eu pedi ajuda, não o inverso.

—Pois, que pena. — As linhas ao redor de sua boca se esticaram. — Dallas também é meu amigo. Agora, quer minha ajuda ou não?

Fiz uma pausa.

—De acordo. Se nos agarrarem, falarei sobre você como uma mariquinha. O que acha?

—Bem. — Ele sorriu abertamente. — Muito bem.

—Vá para casa e descanse um pouco. — Disse a ele. — Precisaré. Encontrarei-me aqui com você as sete para jantar.

Talvez devesse ter seguido meu próprio conselho e ter ido para casa descansar. Mas não queria dormir, bom, não queria sonhar. Terminei fazendo o caminho de vinte minutos até a Kilmer, Peterman e Nate Produtos Farmacêuticos.

Passei duas horas dentro, perguntando de empregado a empregado... Mas foi uma perda de tempo. Simplesmente confirmaram o que eu já sabia: que os homens sequestrados tinham doado voluntariamente seu esperma em troca de dinheiro, e que Rianne trabalhou aqui.

A única informação nova que recebi foi que cada doador masculino tinha uma alta contagem de espermatozoides.

Sentia-me frustrada... Até que dei um passo fora. Uma onda familiar de energia me golpeou em pleno peito. Congelei. O coração martelava contra minhas costelas e lancei meu penetrante olhar em todas as direções, procurando Kyrin. E o encontrei. Ele se mantinha a distância, de lado, de costas para mim e enfrentava um jovem casal de morenos.

Diabos! Eu adorava este novo meu dom de perceber energias.

Lentamente peguei minha nova pyre e me movi para o grupo. Sustentei a arma de lado, não querendo que o casal a visse e advertisse Kyrin.

—Não venham aqui de novo. — Ouvi Kyrin dizer aos jovens. — Não deixem seus nomes em sua base de dados. As pessoas que há nela morrem.

—Está louco, E.T.. — Disse o cara. — Algo assim estaria em todas as notícias. Agora, pela última vez, saia do meu caminho. — Ele arrastou à pálida mulher ao seu lado enquanto empurrava Kyrin e caminhavam rapidamente para o edifício.

Esperei até que me passassem antes de apontar, mas as palavras de Kyrin se repetiram em minha mente, me detendo. “Não venham de novo. Não venham de novo”. Ele se arriscou muito ao vir aqui. Tinha tentado advertir às potenciais vítimas que se afastassem. Não era algo que um cara mau faria.

Esse pensamento quase me impediu de apertar o gatilho. Quase.

Tive muita sorte ao encontrá-lo tão rápido e de improviso, e não cuspiria nessa sorte. Ia o aturdir, pegar o sangue que precisasse, e logo prendê-lo e interrogar.

Com minha atenção sobre ele, apertei o gatilho.

Não aconteceu nada. Minha boca ficou aberta, e apertei outra vez. E outra. E



outra. Nada. Frustrada e mais furiosa a cada segundo, dei uma olhada na arma. O cristal, de algum modo, estava fora do lugar. Merda. Merda! Não tinha comprovado a maldita coisa antes de tirá-la do A.I.R.? Merda, não, compreendi. Não o tinha feito.

Os ombros de Kyrin ficaram rígidos. Ele deu a volta, me permitindo ver seus tensos traços e as sombras sob seus atormentados olhos.

—Mia.

Não entrei em pânico. Mantive minha arma estável. Ele não sabia que minha nova arma não funcionava corretamente. Usaria isso para mantê-lo dócil e logo já descobriria o modo de o deixar pasmado.

—Estive te procurando. — Disse, sem perder terreno. — Temos um assunto pendente.

Kyrin abriu a boca para responder, mas o raio azul de uma pyre-armas abriu caminho bem atrás dele “e não era meu” calou suas palavras. Alguém gritou. Passos correndo. Pilhei um vislumbre de uma ágil mulher de cabelo branco enquanto Kyrin gritava:

—Abaixe! — Saltava adiante, caía sobre mim e me derrubava.

No momento que nos chocamos contra o chão, eu perdi o fôlego e agudas pedras se cravaram em minhas costas. Kyrin rodou em cima de mim e se agachou de joelhos. Segui seu exemplo e saltamos atrás de um carro, usando-o como escudo enquanto outro raio voava para nós.

Kyrin deu uma olhada sobre o capô.

—Onde está ela?

Pus minha arma no modo “matar” e rezei para que aquele ajuste funcionasse. Kyrin esquivou outro raio que passou em frente a ele, golpeando o chão bem além de seus pés. Pó e cascalho voaram em todas as direções.

—Quer me explicar por que há uma mulher que quer te matar? — Disse, me elevando ligeiramente e disparando. Click. Click. — Merda! — Amaldiçoei enquanto agachava. A arma tampouco funcionava no modo matar...

—Possivelmente não goste deste meu desejo de expiar pecados passados.

Deslizei minha velha arma de só-matar da cartucheira em meu tornozelo, subi e disparei. Acertei um veículo azul escuro e destrocei o para-brisa.

—Sim? Que tipo de pecados passados?

—Do tipo mau.

—Seu sarcasmo fede. — Dei uma olhada, mas estava de perfil. — Não se preocupe. Não vou permitir que lhe façam mal. Se alguém derramar seu sangue, serei eu.

—De repente me sinto enjoado e quente por dentro. — Seu tom era tão seco como o ar. — Está tentando que caia apaixonado por você?

Bufei.

Ele agarrou uma pyre da cintura de suas calças. Minha antiga arma, notei.

—Que apropriado. — Disse.

Ele sorriu amplamente, beijou o canhão com uma piscada zombadora, levantou e disparou sobre o carro.

—Quem teria pensado que Mia Snow trabalharia comigo em vez de contra mim? — Um quarto tiro zumbiu na frente dele. Este quase o chamuscando no



ombro.

Neste mesmo momento, senti algo... Formar redemoinhos dentro de mim. Um comichão dentro das minhas veias, pulsando através de todo meu corpo. Não sei o que era, ou o que o causava. Pisquei confusa. Quando voltei a olhar, o mundo ao redor começou a reduzir a velocidade.

Uma mosca entrou em minha linha de visão, suas asas movendo-se tão lentamente que podia ver cada agitação, ver inclusive a ondulação do ar. Tinha que estar alucinando, mas... Franzindo o cenho, estendi a mão e pilhei o inseto no voo.

Não, nenhuma alucinação. Podia sentir. O que me acontecia?

Três tiros mais se elevaram sobre nosso carro, e enquanto liberava a mosca, observei o sinuoso fogo ir para Kyrin, vi-o saltar fora de seu caminho, movendo-se centímetro a centímetro. Vi aquele fogo golpear o chão, atrás de nós. Poderia ter dançado ao redor daqueles raios, de tão devagar que se moviam.

—Dispara, Mia! — Gritou ele, o som profundo, quase deformado, e tão lento quanto seus movimentos.

Elevei-me, cada uma das minhas ações rápidas. Muito rápidas. Meus olhos percorreram o estacionamento. O atirador estava meio agachado, o branco cabelo flutuando sobre sua cabeça, seus delicados traços fixos no lugar. Ela se movia como Kyrin, com movimentos graduais. Estudei seus olhos lavanda, que irradiavam uma fúria intensa, seu fino nariz e suas altas maçãs do rosto alarmantemente familiares. A tinha visto antes. Sabia que o tinha feito, mas não recordava onde.

E logo, tão de repente como o estranho redemoinho veio, me deixou. O comichão abandonou minhas veias e meu corpo deixou de pulsar. Tudo voltou para a câmara rápida e, por uma fração de segundo, meus olhos se encontraram com a Arcadian feminina e a surpresa obscureceu seus traços antes que ela desaparecesse atrás do carro.

Ofegando, me curvei e olhei Kyrin.

—Merda Santa.

Ele me olhava com uma expressão estranha, ilegível. Sacudi minha cabeça, de repente cansada, esperando que uma explicação chegasse. Não aconteceu nada. Então outra rajada se elevou sobre nós, reclamando minha atenção.

—Conhece essa mulher?

—Atlanna en Arr.

Atlanna. Arrepiou-me o pelo da nuca, e sorri amplamente, empurrando essa coisa da ralentização fora da minha mente. Eu gostava quando os suspeitos faziam meu trabalho mais fácil.

Não podia esperar para pôr as mãos em cima dessa mulher.

Ela poderia ter esperado até que Kyrin abandonasse esta área para tentar o matar em privado, onde havia menos possibilidades de capturá-la. Mas não, ela o fez aqui, uma ação que gritava “me olhe, olhe o que posso fazer”. Aquele tipo de comportamento encaixava com o perfil do assassino de Steele. Perfeitamente.

Agora mesmo, ia ter que confiar em Kyrin se esperava conseguir me aproximar de Atlanna, e embora sabê-lo não me sentou bem, sabia que não tinha outra opção.

—Ela está atrás do Lexis verde, seis carros mais à frente, bem no centro, mas



provavelmente agora já esteja correndo. Você vai pela esquerda. Eu pela direita. Encontraremos-nos com essa puta.

Não esperei sua resposta, nem esperei para ver se seguia minhas ordens. Saltei em movimento. O cascalho cortava minhas calças e joelhos, e roguei a Deus poder me levantar e caminhar, mas tive que ficar agachada. Atlanna podia ter vindo para matar Kyrin, mas estou segura que não se importaria de se desfazer de mim também.

—Maldita seja! — Ouvi a maldição de Kyrin. — A encontrei.

Levantei de um salto e rodeei uma caminhonete tão rapidamente como meus pés me permitiram, a arma apontando bem na minha frente. A mulher corria e Kyrin estendeu a mão. Ele agarrou algumas mechas de seu comprido cabelo, mas ela puxou e se liberou sem reduzir a marcha.

Então desapareceu completamente.

Parei e pisquei, olhando fixamente o ar vazio onde ela estava. Escapou. Merda, ela tinha escapado!

—Como diabos desapareceu assim?

Ele liberou os cabelos brancos e estes foram à deriva com a brisa. Suas mãos caíram de lado.

—Suponho que esteve praticando seu tele transporte molecular.

—Isso não é possi... — Cortei minhas palavras. Cada vez mais, compreendia que eu realmente não sabia uma merda sobre estes alienígenas. Procurei no estacionamento qualquer sinal dela e franzi o cenho. Realmente tinha se tele transportado longe. Amaldiçoei baixo.

—É doloroso, — Disse Kyrin. — e Atlanna odeia dor, por isso estou surpreso que o tenha feito.

—Sabe onde foi?

—Acha que estaria aqui se soubesse?

Maldito seja!

—Bem, não vou para casa com um fracasso. — Voltei minha atenção para Kyrin.

Tinha perdido uma perfeita oportunidade de pegar Atlanna, mas não me permitiria perder a oportunidade de pegar a ele.

—Fique bem onde está, e não terei que te machucar. — Apontei minha arma ao seu coração, muito consciente que a arma não possuía a capacidade de aturdir. *Tranquila com o gatilho*, cantarolei mentalmente.

Uma parte de mim lamentava fazer isto. Nós acabávamos de agir como uma equipe. Ele tinha me ajudado. Mas tinha que fazê-lo.

—Darei duas opções, Kyrin. Pode ir de bom grado ao hospital para ajudar Dallas, e logo à delegacia de polícia onde responderá minhas perguntas, já que tem muito a explicar... Ou posso disparar aqui e agora.

—Não vai me disparar. Precisa de mim vivo.

Baixei o canhão até sua perna.

—Então, simplesmente, te incapacitarei.

Ele me deu um sorriso lânguido.

—Como se uma pequena ferida na perna me impedisse de partir. Já viu o tão rápido que me curo. E realmente quer desperdiçar meu sangue?

Ele deu um passo para mim.

—Fique onde está! — Gritei. Não abri fogo. Condenado! Tinha razão. Não dispararia. Por que tinha me incomodado em sequer o ameaçar?

Lentamente e relaxado, ele fechou a distância entre nós e eu o deixei vir. Sim, baixei minha arma e esperei. Kyrin ficou de pé em frente a mim por vários segundos “ou possivelmente, uma eternidade” sem me tocar. Minha respiração ficou irregular enquanto sua energia me rodeava. Minha pele esquentou e lambi os lábios. Sabia o que planejava fazer.

—O que espera? — Grunhi. — Faça. Não posso te deter.

—Não quer me deter. — Seus braços me rodearam e sua boca sussurrou. — Obrigado por sua ajuda.

—De nada. — Respondi a contra gosto.

Seus lábios esmagaram os meus, e sua língua saqueou minha boca. Nossos dentes com muita dificuldade não se chocaram com a força de sua invasão. Entreguei a ele. Odiei-me por isso, mas o fiz de toda forma. Enquanto ele caminhava para mim, a excitação tinha crescido em meu interior. Cálida e com força... Inegável. Kyrin tinha sabor de fogo e paixão e eu me pressionei mais contra ele.

Mas obriguei minhas mãos a ficar dos lados. Podia desfrutar de seu beijo, podia ansiá-lo, mas não me permitiria participar mais do que já o fazia. Embora ficar quieta fosse à coisa mais difícil que jamais fiz. Odiei-o. Eu gostava. Ódio. Prazer.

Ele afastou os lábios e nos olhamos fixamente um ao outro.

—Arriscou sua vida ao ficar comigo.

—Sim, fiz. Como recompensa quero que me conte tudo o que sabe de Atlanna. — Para minha vergonha, as palavras surgiram ofegantes.

—Seu sabor é melhor do que sonhei, Tai la Mar. — Kyrin deixou um rastro de ligeiros beijos como plumas por toda a minha mandíbula. — Até a próxima.

E também desapareceu.

Surpresa, fiquei de pé em silêncio, tentando respirar e observando fixamente o espaço vazio onde esteve. Remontei um dedo sobre meus lábios e franzi o cenho. Obviamente, ele podia tele transportar-se como Atlanna. O bastardo! E por que ficou todo este tempo? Poderia ter ido a qualquer momento. Tinha tentado me proteger?

Embainhei minha arma e sacudi a cabeça. Entenderia alguma vez estes alienígenas?

O ruído das sirenes chegou aos meus ouvidos e suspirei. Ficaria aqui um momento, explicando à polícia de New Chicago o que tinha acontecido. Merda!

Não me permiti pensar na perda de Atlanna, em beijos e na perda de Kyrin quando conduzia horas mais tarde para casa. Não me permiti pensar na estranha... Coisa que me invadiu e que, por alguns segundos, tinha reduzido a velocidade do mundo ao meu redor. Pensar nisso traria medo, ondas e ondas de medo, já que esse tipo de capacidade era pouco natural.

O medo tornava uma pessoa débil. A fazia perder o foco.

Entrei penosamente em meu apartamento e verifiquei minhas mensagens. Havia seis de meu pai.

—Onde está? — Perguntava na primeiro. Sua voz era agradável, quase como a recordava quando era menina.



—Por que não está aqui? — Dizia na segunda.

—É assim como trata sua família? — Disse na terceira.

Empurrando uma série de botões na parede, saltei as outras mensagens, mas não pude deter a profunda dor e pesar que abria caminho em meu interior. Não deveria me importar com o que pensasse de mim. Ele era um velho, patético, e eu era uma mulher adulta. Estive sozinha desde os dezesseis anos.

Uma pequena parte de mim, entretanto, uma parte que desprezava, ansiava desesperadamente sua aprovação. Sempre o fiz. Queria o tipo de aprovação que tinha dado para Kane. O tipo de aprovação que poderia ter dado a Der, se meu irmão tivesse sobrevivido. O tipo de aprovação que uma vez tive, mas que perdi por alguma razão que jamais entendi.

Gostava de me lançar um osso às vezes, quando eu matava algum *outro-mundo*, mas só então. E inclusive assim simplesmente recebia um débil sorriso e um impassível:

—Bem feito.

—Precisa que te examinem a cabeça, Mia. — Resmunguei para mim mesma enquanto recolhia o auricular. — Papai. — Disse no alto-falante e escutei como começava a consequente chamada.

Meu estômago encolheu de medo quando coloquei o pequeno receptor em minha orelha. Poderia confrontar um grupo de alienígenas e rir. Às vezes até desejava a luta. Mas não podia confrontar meu pai sem me converter em uma menina de novo: nervosa, desesperada. Triste.

No sétimo toque, ele ladrou um brusco:

—Olá!

—Ei! Papai. Sou eu. — Estremeci com a necessidade de meu tom.

—Onde esteve? — Perguntou ele com sua impassibilidade para mim.

—Tive uma emergência no trabalho.

—Faltou com o respeito ao seu irmão ao não assistir seu memorial. Sabe, verdade?

—Sei, mas perseguia um assassino em série alienígena.

Ele fez uma pausa.

—Alguma pista?

Eu não podia falar do caso com ele, assim apenas disse:

—Ainda não.

—Então não temos nada mais a falar, não?

Bruscamente, a conexão foi cortada, e o sinal de discar zumbiu em meu ouvido. Sustentei o pequeno e negro auricular na minha frente por um prolongado momento, em silêncio, olhando-o piscando. Encolhi-me de dor. No geral, não foi uma conversa tão má. Ele tinha aceitado melhor do que esperava. Soltando um suspiro, devolvi o receptor ao gancho da parede.

Entrei direto na cozinha. Nenhum obstáculo reduziu minha marcha. Em vez do sofá, eu tinha uma mesa no meio da sala de estar, enormemente desordenada com papéis e livros. E à esquerda, no canto mais afastado, uma pequena tela pendurada que sempre mostrava as notícias locais. Dois tamboretes e uma cafeteira na cozinha completavam o conjunto. Tudo marrom, anódino.



E essa era a extensão de meu mobiliário.

Poucas vezes ficava aqui, e além disso, a única coisa que fazia em casa era dormir e trabalhar, para que gastar tempo e dinheiro em fazer o lugar acolhedor? De todo modo, este modesto apartamento de um quarto nunca seria brilhante como uma casa... Como se eu soubesse o que se parecia uma casa. Quando era jovem jamais tinha pertencido a nenhuma, sempre fui uma forasteira.

Pus em iniciar a cafeteira e o temporizador automático para três horas a partir de agora. Tomaria uma cerveja, tiraria uma soneca, e quando me desse conta, o café já estaria quente e me esperando. Abri a geladeira, e imediatamente, uma lista de mantimentos necessários se imprimiu ao lado.

—Sei. Sei. — Resmunguei. Não tinha tempo de fazer compras há muito tempo. Bocejando, estiquei a mão para pegar uma cerveja... E esta deslizou sozinha até mim.

Assustada, deixei-a cair e o vidro se fez em pedacinhos no chão. Baixei a vista e observei piscando as partes quebradas e o líquido que derramava em todas as direções. Que diabos acontecia? Primeiro a ralentização durante o tiroteio e agora isto.

Não, não. Isto não acabava de ocorrer. Tinha imaginado isso. Estava cansada, isso era tudo. A garrafa não tinha vindo para mim. Apressadamente limpei a confusão, sem me permitir pensar mais nisso, e caminhei a pernas até meu dormitório.

Um delicioso edredom safira e esmeralda cobria a cama e havia três cômodas juntas contra a parede norte. O edredom era meu único luxo. Despi-me até ficar de calcinha e caí sobre o colchão.

Quando o sono me reclamou, meus sonhos também.

Num momento não via nada em minha imaginação; no seguinte via um brilhante caleidoscópio de imagens: o rosto de uma mulher cintilava na minha frente... Meu rosto, compreendi segundos mais tarde, embora meu cabelo mudasse continuamente de cor. Vermelho, branco, amarelo, marrom. Parecia um camaleão e não entendia a razão dessas mudanças. Cada vez que estava a ponto de entender a resposta, minha sempre mutante imagem desvanecia.

Então vi meu herói, Der. Tinha os braços abertos enquanto corria para ele por um abraço. Eu só tinha seis anos. Ele dez. Der me agarrou entre seus braços, e rompemos em risadas tolas e despreocupadas enquanto caímos sobre uma almofada de brilhantes folhas verdes de verão. Ante o impacto, ambos pulamos alto no ar e logo descemos flutuando em uma multidão de cores.

—Te amo, tontinha. — Disse ele com sua carinhosa voz.

—Eu também te amo, Der. — Impaciente e sorridente, saí de seu abraço e me pus de pé sobre minhas rechonchudas pernas. — Me encontre, Der. Me encontre. — Minha risada se arrastou atrás de mim e corri para os bosques próximos.

Embora brincássemos de esconde-esconde milhares de vezes antes, eu sempre me ocultava atrás do alto carvalho com grandes ramos e gorjeantes pássaros.

Dei uma olhada sobre meu ombro quando saltou atrás de mim. Quase tinha me alcançado e gritado “te peguei!” quando as folhas se dispersaram, desapareceram e meu sonho mudou. De repente tinha quinze anos e estava sendo arrastada por meu



pai por uma escura escada e logo por um sujo vestíbulo. Eu chorava e gritava:

—Por favor, não o faça, papai. Por favor.

—Tem que aprender a ter respeito, Mia. — Seus traços permaneciam indiferentes enquanto ele abria a porta do porão com um puxão e me empurrava na escuridão.

—Serei boa. — Choraminguei. — Prometo.

—Este é o único modo de aprender. — Disse ele. — Algum dia me agradecerá isso.

Ele fechou de repente a porta, cortando todas as luzes. O estalo da fechadura ressoou em meus ouvidos.

Tão frio. Tão escuro. As duas coisas me consumiram quase imediatamente, e meu peito de repente ficou muito apertado. Não podia respirar. Meu coração pulsava desesperado, a ponto de explodir pela tensão.

—Serei boa. — Gritei na porta. — Serei muito boa.

Caí de joelhos, a fria parede nas minhas costas. As lágrimas congelavam em minhas bochechas, e o ar antigo e poeirento picava o nariz. Lamentava que minha mãe não estivesse aqui, ou Der, mas os dois se foram. Os dois tinham me abandonado, embora de forma diferente. Agora mesmo minha única companheira era só uma cadeira, visível pelos poucos segundos que a porta permaneceu aberta. Ia morrer aqui, gritava minha mente. A escuridão me tragara por completo.

Quando meu corpo se encheu de terror, a única saída do quarto se retorceu de repente e meu sonho mudou de novo.

No próximo minuto, eu tinha dezesseis anos e uma mochila de viagem. Estava de pé em frente à tumba de Der. A lua estava alta e o ar era quente. Os vaga-lumes piscavam no alto, e os grilos cantavam em coro ao redor de uma pedra angular. Vistasas flores floresciam ao redor de meus pés, em direto contraste com meu humor.

—Vingarei sua morte, Der. — Jurei. — Vingarei sua morte e farei que papai se sinta orgulhoso. Verá.

Lentamente abri os olhos, só para compreender que estava ofegando, inspirando fôlego atrás de fôlego como se não pudesse conseguir suficiente oxigênio. O suor empapava meu corpo, fazendo as mantas aderirem a minha pele.

Em geral os sonhos tinham esse efeito em mim e odiava.

Com grande esforço, obriguei minha respiração a reduzir e meu corpo a relaxar. Dei uma olhada no relógio de parede. Os números marcavam 5:39 da tarde. Tinha tempo de tomar banho e investigar um pouco antes de jantar com Jaxon.

Saí pesadamente da cama e tropecei duas vezes no caminho ao banheiro. Escovei os dentes e tomei banho, mas a limpeza a seco não fez nada para me limpar.

Quando saí, o aroma de café sintético recém feito encheu meu nariz, forte e intenso.

Pus o mesmo tipo de roupa de ontem: calças negras justas, camisa negra, botas, e uma jaqueta negra de couro. Minhas calças possuíam uma tira de velcro nas costuras, me permitindo um fácil acesso às armas presas nas minhas coxas. É obvio, também tinha armas e facas estrategicamente presas ao resto do meu corpo.

Recolhi o cabelo em um rabo-de-cavalo, franzi o cenho quando várias mechas



escorregaram livres, e logo voltei a prender a tira com mais força. Às vezes desejava cortar cada fodido fio, mas sempre parava antes de dar realmente a tesourada. Este era o único aspecto feminino da minha vida, e simplesmente não queria eliminá-lo.

Já vestida, entrei na cozinha e rapidamente bebi duas xícaras de café. Enchi uma terceira xícara e levei o fumegante líquido à minha mesa. Inspecionei meu computador com o reconhecimento de voz e identificação digital. Mandalay tinha mencionado que nem Kyrin nem Atlanna estavam na base de dados, mas de toda forma comprovei de novo.

Quando teclei o nome de Atlanna, em vez disso, a tela se encheu de informação sobre a cidade perdida de Atlântida. O equivalente a Atlanna, possivelmente? Deslocando-me pela tela, encontrei a maior parte dos artigos intrigantes, e pronunciei uma só ordem:

—Impressão.

Sustentando os papéis em minhas mãos, li:

—No começo da história, Zeus, o deus dos deuses, concedeu ao seu irmão Poseidon a cidade de Atlântida. Esta ilha ficava fora dos pilares de Hércules, um ponto onde todos os oceanos do mundo se encontravam. Por muitas gerações, os Atlantes prosperaram em sabedoria e riqueza, e a terra transbordava com mantimentos e vinho. Mas estes grandes guerreiros e cientistas não estavam contentes com o que tinham, e logo a avareza cresceu em seus corações. Eles começaram a invadir outras terras, desejando escravizar os estrangeiros. A guerra reinou no planeta. Zeus se zangou pela luta constante, e culpou os Atlantes. Lançou um grande raio dos céus que impactou no coração da cidade. A terra retumbou e estremeceu, e em minutos, o oceano tragou cada rocha, vão e habitante. Coloquei o artigo ao lado da minha xícara de café e franzi o cenho. Era Atlanna como estes Atlantes? Cobiçava escravos? Se for assim, onde entravam os bebês? Queria criá-los e fazer seu próprio exército?

Isso soava um pouco exagerado.

Vendê-los, possivelmente? Sentei mais reta. Isso tinha sentido.

—Fertilidade. — Disse ao computador, recordando o que era um fio comum em todos os casos.

Segundos mais tarde, vários lugares apareceram na tela. Imprimi cada página e descobri que Rianne Harte, a técnica de laboratório, tinha tentado ganhar a aprovação do governo para apoiar drogas de fertilidade que ajudassem a aumentar o número de mulheres alienígenas que pudessem ficar grávidas. Mulheres alienígenas, não humanas.

Era interessante, mas não me ajudava em meu caso. Eu tratava com homens humanos, o que significaria que Atlanna teria que emparelhá-los com mulheres humanas. Nossos cientistas tinham tentado unir o DNA alienígena e humano, criando híbridos, mas simplesmente não podia ser feito. Algo sobre diferentes tipos de células que ao serem estranhas tentavam matar umas às outras.

Li o resto do artigo de Harte e fiquei parada quando encontrei por acaso o nome A. en Arr, que a ajudava a financiar a investigação. A. en Arr. Atlanna en Arr. Assim que queria que seus alienígenas fossem capazes de ter mais bebês. Mas, para que necessitava dos machos humanos? Eles não podiam ajudá-la com isso.



Teclei meus apontamentos e ideias em uma nova pasta que intitulei “Assassinatos de Fertilidade e Raptos”. Trabalhei pela seguinte meia hora, aliviada por ter pelo menos uma resposta. Sem dúvida, Atlanna era a assassina.

Quando terminei, resmunguei, “Guardar e fechar”, e meu computador fechou. Levantei. Era hora de me encontrar com Jaxon para jantar. Mal podia esperar para contar o que tinha averiguado.

Nesse mesmo momento minha unidade telefônica explodiu em um gemido agudo. Meu pai, supus, assim deliberadamente não respondi enquanto juntava o resto das minhas armas e facas. Não tinha tempo para lidar com ele. Minutos mais tarde, minha unidade celular prorropeu em uma série de assobios. A Identificação de Chamadas revelou que era da delegacia de polícia.

Respondi imediatamente.

—Encontramos Rianne Harte. — Disse Jack. — Está morta.

Encontrava-me de pé no meio da cena do crime, catalogando os detalhes. Diferente de Willian Steele, Rianne Harte não estava posta para parecer sedutora. Estava posta para parecer brutal. É óbvio, tinha sido tratada brutalmente. Seus olhos ainda estavam alargados pelo terror e estava dentro de um ataúde, as pernas e os braços dolorosamente arqueados.

Tínhamos a caixa aberta completamente, nos dando uma vista geral do interior. Nua como estava, fui capaz de ver cada corte, arranhão, sinal de mordida e contusão que danificava todo o seu corpo. O cabelo sobre sua cabeça foi totalmente raspado. Suas unhas estavam quebradas e sujas.

Mal era reconhecível como a sorridente mulher que vi na foto de sua identificação pessoal, mas uma amostra de sangue tinha confirmado que realmente era a senhorita Harte. Ela foi presa dentro do negro e sufocante ataúde com algum tipo de serpente ou lagarto, embora essa coisa fosse de um vermelho brilhante e obviamente não era deste planeta.

Mandalay a tinha encontrado aqui, na Esquina da Puta, no mesmo bosque onde tínhamos encontrado Steele.

—Que merda! — Murmurou Mandalay antes de caminhar rapidamente para o seu carro.

—Lilla não pôde fazer isto. — Disse Jaxon ao meu lado, elevando a voz sobre o vento frio. Ele afastou a vista do corpo e sacudiu a cabeça. — Não teve suficiente tempo.

—Engana-se. Teve muito tempo. Este corpo não é recente, e Lilla não está sob custódia há muito tempo. Embora para ser honesta, —Acrescentei. — não acredito que o fizesse. De novo, este crime é muito metódico. Muito exato. Cada detalhe estudado.

Fiz uma pausa quando me ocorreu uma ideia.

—Harte está ou esteve, grávida?

—Não sei

—Você. — Chamei um dos agentes próximos. — Faça um teste de gravidez com seu sangue, e rápido.

Cinco minutos mais tarde, descobri que não estava e que não esteve recentemente.



—Ghost encontrou dois cabelos. — Disse Jaxon. — Arcadian.

—É óbvio.

—Foram localizados sobre o mesmo ramo de antes. É extremamente duvidoso que o assassino enganchasse duas vezes o cabelo no mesmo lugar, assim, ou foram implantados ali e estamos no caminho errado, ou o assassino zomba de nós.

—Ri de nós.

Sim, Atlanna zombava. Conteí o que tinha averiguado sobre a fertilidade, Harte, e a mortífera Atlanna.

—Ela é arrogante como o inferno e está segura de seu êxito. Isso já sabíamos, mas por que não colocar Harte com a mesma graça que colocou Steele?

—Pode ser que nos aproximamos da verdade, e a tenhamos irritado. Pode ser que Harte a traísse. Ou possivelmente que Steele fosse um presente para nós, e Harte uma advertência.

Todas as possibilidades tinham sentido. Atlanna tinha me visto no estacionamento. Eu tinha disparado nela, tinha tentado apanhá-la. Isso tinha que tê-la irritado.

—Só há um modo seguro de averiguar. — Disse.

—Pegando nossa garota. — Terminou Jaxon por mim.

Assenti. Um pouco mais fácil de dizer do que de fazer.

Capítulo Doze

Quando a Homicídios chegou, Jaxon e eu reunimos nossos apontamentos e abandonamos a cena do crime. De todo modo, já tínhamos toda a informação que precisávamos.

—Vamos visitar Dallas. — Disse a ele. — Logo iremos jantar e falaremos.

Fazia tempo que não o via e, de repente, precisava me assegurar que estava bem, que não estava mais perto da morte.

Jaxon deve ter sentido meu desespero, porque abriu a boca para protestar e logo a fechou apertando os lábios.

—Boa ideia. — Disse finalmente.

Ele conduziu até o condado sem dizer outra palavra. Descansei a cabeça contra o recosto e esvaziei minha mente. Minutos, ou possivelmente horas mais tarde, chegamos, e me encontrei cruzando de uma pernada os retorcidos e tranquilos vestibulos do hospital. As horas de visita já tinham acabado nos Cuidados Intensivos, mas o pessoal foi o bastante amável para nos deixar passar.

Enquanto Jaxon esperava no corredor, entrei no quarto de Dallas, respirei profundamente e me aproximei da cama. Li seu histórico médico. Seu estado ainda era considerado estável, mas não havia sinais de novas melhoras. Sustentei sua fria e inerte mão. Sua tez tinha empalidecido ligeiramente, sua respiração não era tão forte como antes.

Lutei contra uma onda de terror, pedindo a Deus poder me aferrar à vida por ele.



—Me escute bem. — Eu disse. — Vai se recuperar. Ouviu? Vai ficar bom. Tenho um plano para conseguir. — E me dispus a explicar todos os detalhes. — Jaxon vai me ajudar. Ele não tem sua afeição pelo melodrama, mas acredito que me proporcionará algum outro entretenimento.

Por uma vez, acreditei que Dallas apertou minha mão, como se escutasse cada palavra que pronunciava.

Quando parti, me sentia mais animada, mais disposta a enfrentar os acontecimentos do dia.

—Tem fome? — Perguntei à Jaxon.

—Sempre.

Conduzi à grande velocidade estrada abaixo e estacionei em frente ao Trollie, numa zona onde não era permitido estacionar.

Jaxon e eu comemos um lanche rápido, em silêncio, os dois perdidos em nossos pensamentos. Eu pedi o especial, sanduíche da casa com batatas fritas e uma fumegante tigela de sopa de vitela. Jaxon pediu torradas integrais, peito de frango na chapa e um grande suco de laranja.

—Como sobrevive comendo tão pouco? — Perguntei.

—Comendo mais vezes que uma pessoa normal. — Quando terminou, fez uma bola com seu guardanapo e atirou o enrugado papel na mesa. — Algo que deveria considerar.

O tempo de descanso tinha terminado.

Um duro brilho iluminou os olhos de Jaxon, e eu sabia que o mesmo brilho se refletia nos meus. Hora de trabalhar. Joguei-me para trás em meu assento.

—O mais importante é encontrar Atlanna, mas não temos nem ideia de onde pode estar. Há duas pessoas que parecem conhecê-la bem... Kyrin e Lilla. Lilla está encerrada e a interrogarei de novo, mas também precisamos de Kyrin. Poderíamos enfrentá-los para alcançar nossos propósitos.

—Se o queremos pegar, teremos que falar com o namorado de Lilla, St. John, o quanto antes. — Disse ele. — Venha, coloquemos, por assim dizer, a bola em movimento para o grande acontecimento.

Oh, sim. A falsa execução.

—Vamos.

Meia hora mais tarde, me encontrava dentro do escritório de St. John.

Este não era nada comparável ao escassamente mobiliado recinto que Lilla ocupou. Aqui, um luxuoso tapete vinho cobria o chão. A mesa era feita com uma brilhante madeira marroquina muito cara e rara. As cadeiras estavam envoltas em linho e estofadas combinando, com os apoios perfeitamente alinhados. Murais de nuas figuras religiosas pulando cobriam as paredes, suas zombeteiras expressões tão luxuosamente detalhadas que quase pareciam vivas.

St. John estava sentado atrás da mesa, seu sardento rosto frio e distante. Seus dedos estavam entrelaçados na frente dele. Ao menos estava vestido e suas mãos não rodeavam uns peitos. Notei que não nos ofereceu assento. De todo modo, não queria sentar.

Um alto e musculosos Ell-Rollis, que não era Bob, deu um passo dentro do recinto. Vestia um brilhante traje púrpura.



—Está bem, chefe? — Perguntou, nos olhando como se fôssemos geladas jarras de água e ele estivesse vagando pelo deserto pelo menos por um ano.

—Estou bem. — Disse St. John. — Pode ir.

O *outro-mundo* deu uma rápida cabeçada, girou, e fechou as portas duplas atrás dele.

Cruzei os braços sobre o peito e esperei.

—Quero que saibam que meus advogados trabalham arduamente no caso de Lilla. — Disse ele através dos dentes apertados. — Será posta em liberdade antes que possam estalar os dedos.

Por puro prazer, estalei os dedos e logo dei uma olhada sobre cada um de meus ombros.

—A está vendo sendo liberada?

Ao meu lado, Jaxon sorriu amplamente.

As aletas do nariz de St. John flamejaram, e saltou sobre seus pés. Sua cadeira patinou atrás dele, mesclando-se com o som de seu ofego. Escutei o tic-tac do relógio de parede enquanto St. John me olhava iradamente e com ódio nos olhos, embora rapidamente refreasse sua ira e sentou de novo na cadeira.

—O que posso fazer por você, Agente Snow? — Perguntou, seu tom tão cortês quanto podia, embora eu pilhasse um pinga de fúria nas profundidades.

—O que fez em dois de fevereiro entre as nove e às doze da noite? — Perguntei.

Ele riu com genuína diversão, abandonando completamente sua cólera no momento. Inclusive tirou um charuto de uma pequena cigarreira que tinha no canto de sua mesa e brincou com ele entre seus dedos, virtualmente me desafiando a detê-lo pela posse ilegal.

—Não vão me implicar neste assassinato.

Arqueei uma sobrancelha.

—Responda a pergunta.

Ainda sorrindo, ele encolheu os ombros.

—Estava aqui, trabalhando. Mil pessoas podem confirmar.

—Isso significa que não estive na cena do crime. — Disse, descruzando os braços e apoiando as mãos perto das armas presas na minha cintura. — Mas não quer dizer que não esteja realmente comprometido no assassinato.

Igual como chegou, no espaço de um batimento de coração, St. John perdeu seu bom humor e mostrou os dentes em uma careta.

—O que quer dizer com isso?

—Você estava ciumento de Steele, verdade?

—Não, não estava.

Ignorei sua resposta.

—Quanto custa um capanga hoje em dia? Mil? Dois? Isso é fichinha para você.

O silêncio espessou o ar.

Então St. John declarou:

—Está mostrando seu desespero, Agente Snow. — E logo entre dentes e de forma ameaçadora acrescentou: — Não tenho nada a ver com isto.



Dediquei-lhe um lento e satisfeito sorriso. Realmente eu adorava esta parte do meu trabalho.

—Talvez sim, talvez não. Acredito que será divertido ver como prova sua inocência.

—Tome cuidado. — Seus olhos brilharam com um fogo ameaçador. — Você não quer me pressionar. Tenho muitos amigos influentes.

Descansei o pé sobre a borda da cadeira mais próxima e empurrei para trás meu casaco para mostrar minha arma. Ainda não tinha tido tempo para substituir minha pyre, e esta estava no nível de matar.

—Bem, eu tenho mau gênio, Sr. St. John, e não sigo sempre as regras. Realmente duvido que você queira pressionar a mim.

Quando ele compreendeu o que eu queria dizer, empalideceu. Seus dedos tremeram quando esticou a mão para alcançar sua unidade móvel e chamar a segurança.

Jaxon o deteve dizendo rapidamente:

—Acredito que tem uma ideia equivocada do que acontece aqui, Sr. St. John. — Mantive seu tom afável. — Sabemos que não é responsável pela morte de Steele. Seguimos simplesmente o procedimento habitual ao interrogar todos os que o conheciam.

O homem deixou quieto o dedo sobre o botão e seus olhos se estreitaram.

—Inclui o procedimento habitual acusar e intimidar?

—Não, senhor. — Disse Jaxon. — Peço desculpas se o ofendemos.

Apertei fortemente os lábios, me impedindo de gritar obscenidades. Negava-me a pedir perdão a esta pequena e suja doninha, mas tampouco ia minar os esforços de Jaxon.

St. John alisou seu traje de seda com um puxão e sua expressão se acalmou um pouco.

—Me alegra enormemente que alguém não esteja cego à verdade. Agora, se tiverem terminado com suas perguntas, podem ir.

Sim, como se fosse deixá-lo tão facilmente.

—Há uma coisa mais. — Disse. — Suspendo a licença de abertura do Êxtase até próximo aviso. Não só há substâncias ilegais à vista de todos, mas também abrigava um alienígena predador, e a responsabilidade poderia recair contra você. — O olhando, me aproximei da mesa, me inclinei e endireitei sua gravata. — Pense nisso enquanto decide se tem mais informações para nós.

Em uma explosão de fúria, ele se levantou de repente outra vez.

—Quem acredita que é? Você não pode me suspender. Não tem direito a fazê-lo.

—Tenho todo o direito. — Agitei meu indicador em uma caramelada despedida. — Que tenha um bom dia, Sr. St. John.

—Por que, porr...

Fechei a porta do escritório com um estalo e sorri para Jaxon.

—Acredito que é justo dizer que conseguimos toda a sua atenção. Chame todos os seus contatos nos meios de comunicação desta área. Estou pronta para tratar com Kyrin.



Ele sustentou meu olhar fixo e assentiu com a cabeça.

—Agradeço a Deus que não seja minha inimiga. — Disse ele com um lento sorriso.

11:43 p.m.

Nosso plano começou perfeitamente.

Quase entrei em pânico no momento que pensei em Kyrin se tele transportando molecularmente junto com sua irmã fora do edifício. Acalmei-me, entretanto, quando compreendi que não era algo que pudesse fazer ou já o teria feito. Suponho que não podia se transportar dentro de um edifício. De todo modo, não daria oportunidade; planejava erigir um campo de força no momento apropriado. Isso poderia retê-lo um pouco.

Tinha passado a última hora interrogando Lilla de novo e não tinha me levado a nenhum lugar. Depois, tinha substituído meu defunto pyre por outro que realmente funcionava, e agora estava sentada no escritório de Jack com Jaxon. Esperando. Fingindo escutar meu chefe enquanto instruía a missão desta noite.

E logo, graças a Deus, tudo aconteceu.

Tumultuosos e vociferantes, imprensa e protestantes assaltaram o escritório central do A.I.R., seus cartazes balançando em uma gigantesca onda. Por sorte, os guardas no ponto de controle e os despreparados caçadores – que estavam preparados para quase tudo – que passeavam pelo vestíbulo, foram capazes de deter e evitar que qualquer civil entrasse nos escritórios reais ou celas. Dentro das brancas paredes do A.I.R., a buliçosa multidão era muito colorida e disforme, como um arco íris caído do céu.

Jack se deteve no meio de uma frase quando o aviso chegou.

—Pagosa. — Ladrou no telefone. Seus olhos estavam de par em par e seus lábios mostraram uma careta. — Sobre o que protestam?

Aqui vem, pensei, dando uma olhada para Jaxon. Nossos olhos se encontraram uma fração de segundo antes de enfrentar Jack de novo e esperar.

—Vamos para lá. — Disse Jack, pondo de repente o telefone em sua unidade e piscando para nós com uma incomparável surpresa.

Suas bochechas estavam acesas em vermelho vivo.

—Fomos invadidos. — Disse entrecortadamente.

—O que? — Disse Jaxon com fingida surpresa.

—Como pôde ocorrer? — Perguntei.

Deus, merecia um prêmio.

Ele nos respondeu com um conciso:

—Não tenho nem ideia. Vamos.

Saltamos sobre nossos pés e entramos precipitadamente no vestíbulo com as armas prontas. O alto volume do alarme nos assaltou de repente, misturado com o constante ulular do código azul. Luzes vermelhas zumbiam sobre as paredes.

Antes de alcançar sequer o vestíbulo, um cântico: “Assassinos são os caçadores, não os alienígenas” já soava em meus ouvidos. Meus dedos apertaram sobre a arma enquanto uma onda de fúria me invadia. Esta gente precisava de uma boa dose de realidade. Assassinos eram os caçadores? Por favor. Eles só viam os alienígenas bons, esses que trabalhavam em empregos estáveis e viviam em antigas

vizinhanças. Mas não viam os maus, a aqueles que desfrutavam mutilando pessoas, dando surras e violando. Não sabiam que alguns alienígenas podiam controlar a mente, mudar o tempo, tele transportar-se em suas casas sem que os detectassem.

Se o fizessem, ajoelhariam e nos agradeceriam por tudo que fazíamos. Mas jamais dizíamos o que podia acontecer. O pânico se estenderia e nosso governo preferia evitar a situação. Preferiam tê-los na ignorância.

Alcançamos nosso destino. Pessoas ocupavam cada centímetro do lugar; os cartazes se agitavam em todas direções.

“Salvem Lilla” proclamavam todos eles. Abrimos caminho através da multidão. Lutei contra outra onda de fúria e me obriguei a pensar só no assunto que tinha entre as mãos: Kyrin.

—De onde a maldita imprensa tirou a ideia que executaríamos Lilla esta noite? — Exigiu Jack sobre o ruído.

—Lamento não saber. — Disse, respirando rasamente e explorando a multidão em busca da alta e formosa forma de Kyrin.

—O maldito bastardo que disse tal mentira precisa que o chutem por uma semana. — Disse Jaxon.

Jack assentiu com a cabeça.

—E tanto que sim!

Meus lábios se esticaram enquanto continuei olhando ao meu redor, mas um cenho seguiu rapidamente essa ação. Maldito seja! Onde diabos estava Kyrin? Tinha recrutado alguém mais para vir em seu lugar? Alguém que nós não reconheceríamos?

Possivelmente, pensei, mas logo neguei com a cabeça. Não. Só estive em sua presença pouco tempo, mas sabia que possuía a mentalidade de um herói. Queria salvar sua irmã ele mesmo. Tão arrogante como era, não confiaria que alguém mais fizesse o trabalho.

Virá, me assegurei. Tudo o que tinha a fazer era esperar. Quando entrasse no quarto saberia. Sentiria suas vibrações, tal e como as senti quando entrou no quarto de Dallas no hospital. Tal e como senti o zumbido de sua energia no beco, quando ambos lutamos juntos contra Atlanna... E quando nos beijamos.

Recordar me fez tremer. Várias emoções acariciaram minha mente. Antecipação. Temor. Incerteza.

Desejo.

Como se o tivesse evocado, uma faísca de consciência cravou e chispou ao longo das minhas terminações nervosas. Pouco depois, o doce aroma de Onadyn encheu meu nariz. Cada músculo do meu corpo esticou. Quadrei os ombros e entrei imediatamente em estado de alarme.

Ele estava aqui.

Coloquei a mão no bolso e peguei uma pequena caixa negra. No interior havia um só botão. Pressionei-o, sabendo que um campo de força se erigia fora.

—Não permitam que ninguém cruze essas portas. — Me ordenou Jack. — Chamarei por reforços.

E dito isto, se afastou.

Dei uma olhada para Jaxon e articulei:

—Kyrin está aqui.

Ele também se endireitou.

—Onde? O vê?

—Não. Mas sei.

Abri caminho entre a multidão e subi ao andar de acima, olhando para trás duas vezes, me assegurando que ninguém me seguia. Suportei uma exploração de verificação de identidade e logo entrei no quarto de vigilância central. Dois guardas sentados em frente aos monitores, me olharam com cautela.

—Desliguem o alarme, fechem as portas de todos os quartos e me preparem um canal de transmissão para todo o edifício.

Os guardas me olharam com surpresa. Tínhamos treinado para uma hipotética situação que requeresse um isolamento, mas esta era a primeira vez que a púnhamos em prática.

—Façam. — Ladrei.

Um dos homens apertou uma série de botões.

—Portas fechadas e sistemas preparados para a transmissão. —Disse.

Falando por um microfone, disse:

—Agentes, detenham todos os cidadãos presentes.

—Estes protestantes são humanos. — Disse um dos guardas. — Não podem detê-los a não ser que ajudem um alienígena em um crime.

—É uma ordem. — Disse bruscamente pelo microfone.

11:55 p.m.

Esperar o desconhecido era um inferno para alguém como eu. Impaciente e desejosa, tensa e preparada, queria que nesta noite a vitória fosse minha.

Jaxon e eu estávamos de um lado do vestíbulo, observando como os caçadores reuniam e algemavam cada protestante e repórter presente. Alguns homens e mulheres correram para as portas em uma vã tentativa para escapar. Outros lutaram. Mas cada um deles continuou cantando: “Assassinos são os caçadores, não os alienígenas”.

Blá, blá, blá, isso foi o que eu ouvi.

Os protestantes de fora do edifício também estavam sendo detidos. Tinham jogado tijolos em nossas janelas protegidas com metal e tentado derrubar as portas. E juízo, iam pagar por isso.

Enquanto isso, a imprensa me lançava suas perguntas.

—Por que assassinarão Lilla em Arr?

—Quantos assassinatos você já tem? Duzentos? Trezentos?

—Possui um coração, Agente Snow?

—Como é capaz de dormir à noite?

Ignorei a todos. Sim, tinha matado muitos alienígenas ao longo dos anos, e não lamentava. Fiz o que tinha que fazer pela segurança humana.

Um dos repórteres, que ainda tinha que ser algemado, dirigiu um gravador em minha direção.

—Alguns começaram a chamar você e seus homens de Anjos da Morte. Como se sente ao fazer honra a esse nome?

—Feche a fodida boca. — Disse, logo fiz uma pausa. Kyrin também tinha me



chamado de Anjo de Morte e me perguntava se este homem tinha escutado dele. — Encerre este separado dos outros. — Disse a um dos agentes. — Quero falar com ele em privado.

Pus-me nas pontas dos pés, me esforçando para ver Kyrin. Ainda sentia sua presença, mas ainda tinha que pegar um vislumbre dele.

12:21 p.m.

A multidão foi submetida, algemada e posta em linha contra a parede. Contei-os mentalmente. Havia mais de oitenta homens e mulheres.

Kyrin não estava entre eles.

Onde diabos estava? Mudei de um pé ao outro. Tinha escapado? Não, não. Sua energia ainda ronronava dentro de mim. Estava aqui; tinha que estar aqui.

Belisquei a ponta do nariz. Deus, estava perdida. Não sabia o que fazer em seguida. Não podia chamá-lo pelos alto-falantes e perguntar se gostaria de se encontrar comigo no setor onze para tomar um café.

Então... Um segundo alarme explodiu com um grande estrondo crescente.

— Brecha no setor cinco. — Reconheceu uma tranquila e automatizada voz feminina. — Entrada alienígena desconhecida.

Congelei. O sangue abandonou minha cabeça. Merda. Merda, merda, merda.

De algum modo Kyrin tinha evitado nossa defesa e entrado nas celas.

Capítulo Treze

— Fique aqui. — Gritei aos caçadores que tentavam submeter aos cada vez mais assustados protestantes. — Se mantenham tranquilos. — Para Jaxon, disse: — É ele. — Vamos à ação. Enquanto corríamos através do edifício, permanecemos ombro a ombro, nossos braços balançando em harmonia. As paredes laterais pareciam um borrão branco, um mar em constante movimento. Uma gota de suor deslizou por minhas omoplatas, e o aroma do medo me sacudiu.

Meu próprio medo.

Kyrin era forte. Sabia isso. Também existia uma nada desdenhável possibilidade que fosse imortal. Mas de todo modo, duvidava que fosse capaz de atravessar as paredes reforçadas com metal. Assim, como conseguiu burlar a segurança?

Como evitou as fechaduras, os detectores de movimento, os exploratórios digitais, os sensores de calor, a exploração ocular e os ladrilhos do chão sensíveis ao peso? Tele transporte molecular? Então por que não pegou Lilla e partiram?

Se conseguisse resgatar Lilla...

Só os ferrolhos e exploradores oculares reduziram minha marcha e a de Jaxon. Quando alcançamos o último, acelerei o passo, passando voando pelos outros agentes que diligentemente se apressavam ao setor cinco. Tinha que chegar primeiro.

— Se pegar Lilla, — Disse Jaxon, pondo voz aos meus medos. — estaremos de merda até o pescoço.

—Deus, sei.

Alcançamos nosso destino, a única entrada às celas, e suportamos outro exploratório de retina. A porta abriu com conformidade, e entramos de repente... Só para descobrir que as grossas portas das celas estavam fechadas e asseguradas e o guarda dormindo em seu posto. Dormindo? Com este ruído? Nem pensar!

Jaxon teve a mesma ideia e cabeceou.

—Cubro suas costas.

Comprovei o pulso do homem adormecido. Muito rápido para um plácido sonho. Definitivamente, não era um sono natural, mas sim induzido por drogas ou controle mental.

—Kyrin esteve aqui. — Disse.

Jaxon amaldiçoou baixo.

Um presságio correu por minhas veias.

—Não gosto disso. — Resmunguei. — Vamos entrar e vigiar a porta de Lilla.

Estendi a mão, quase pressionado minha palma contra o exploratório digital para abrir a fechadura. Então fiz uma pausa, com a mão suspensa no ar. Minha pele formigou. Outro pressentimento, este mais forte e intenso, bateu contra mim.

Tinha que abrir a porta de entrada, mas...

Jaxon me olhava com espera.

Faça. Abra a porta, repetiam em minha mente, as palavras ditas com aquela rica voz masculina que sempre me fazia tremer, tanto de temor como de calor. *Abra a porta*.

Permaneci imóvel. Era possível? Kyrin podia ficar invisível? Estava aqui, agora, esperando que entrasse na cela?

—Mia. — Gritou Jaxon com alarme. — O que acontece? Temos que escutar Lilla. Ele poderia estar já dentro.

Joguei a mão para trás.

—Como pôde ter aberto esta porta?

Jaxon se mexeu com impaciência sobre seus pés.

—Não sei. Não importa. Temos que entrar. Esta conversa pode esperar.

Não. Não podia. Uma leve brisa acariciou meu pescoço, uma brisa que sustentava a sutil fragrância de Onadyn. Girei à minha esquerda. Não vi nada estranho. Girei à direita. De novo, nada. Mas sabia, sabia, que Kyrin estava comigo no ambiente.

—Mia, merda! — Disse Jaxon. — Façamos. — Deu um passo adiante, estendendo a mão, me esperando. Tínhamos que efetuar o exploratório digital juntos, ou a porta não abriria.

Justo antes que sua palma tocasse o sensor, fechei a distância entre nós e agarrei seu pulso.

—Kyrin está no quarto. Não sei como, mas está aqui.

—Do que fala? Ele não está aqui. Ele é...

—Não há forma que pudesse abrir esta porta. Acredito... — Outra brisa, esta mais perto que a primeira e senti uma onda de calor roçar minha bochecha. Não terminei a frase enquanto liberava a mão de Jaxon e girava sobre meus calcanhares. Pressionei as costas contra a porta de aço, pus minha arma no nível de aturdir e logo

assinalei com o canhão todo reto.

Jaxon por fim pegou a verdade em minhas palavras. Sem outro protesto, saiu do meu caminho e se colocou ao meu lado, sua arma também preparada.

Abre a porta, disse Kyrin, as palavras sussurradas em meu ouvido como o rogo de um amante. Sua voz era baixa, um grunhido ameaçador. De forma estranha, quis obedecer, embora não sentisse fantasmagóricos dedos dentro da minha mente tentando me dobrar a sua vontade. Simplesmente, minha parte mais feminina queria ajudá-lo.

—Ouve isso? — Perguntei para Jaxon, mantendo meus olhos à frente.

—O alarme?

—A voz.

Ele sacudiu a cabeça.

Obriguei meus ouvidos a bloquear o bramido do alarme e minha cabeça a bloquear o sedutor timbre de Kyrin. Obriguei minha respiração a reduzir e me concentrei nos movimentos que meus sentidos físicos não podiam ver.

Mais adiante, um veloz relâmpago turvou minha visão, e no mesmo instante, um lânguido comichão de consciência ondulou através de mim. Outro borrão, este à direita. Logo outro, à esquerda.

—Não abrirei a porta. — Disse ao ar na minha frente.

Senti o prateado olhar de Jaxon fixo sobre mim.

Talvez me enganasse. Talvez Kyrin já houvesse deslizado adiante desta porta, e eu era uma idiota por não irromper nas celas e o deter. Mas confiava em meus instintos, e por isso, estava disposta a me arriscar.

—Não me importa quanto tempo soe o alarme ou o que acontecer neste quarto. — Disse. — Não vou me mover deste ponto.

No painel de cristal da entrada mais afastada, vi como Jack e vários agentes corriam para o recinto. Maldito seja! Agora mesmo não precisava de sua interferência.

Tinha que deter seu avanço. Eles poderiam involuntariamente ou intencionalmente, arruinar tudo pelo que eu tinha lutado.

—Feche a entrada. — Disse para Jaxon.

Depois de apenas uma leve vacilação, ele se lançou através do pequeno espaço e inutilizou os cabos que permitiam entrar e sair. Quando Jack alcançou a entrada, golpeou as barras de aço com um ruído surdo. Observei como sua boca se movia rapidamente em uma fileira de insultos quando tentou romper a porta com um sólido chute e logo com um empurrão do ombro. Não houve sorte. Ele sacudiu um punho para nós, sua mão formando um arco no ar em uma tentativa de me chamar e me ameaçar ao mesmo tempo.

Dei uma rápida sacudida de cabeça.

—Se mostre. — Gritei para Kyrin.

Ele não o fez, é óbvio.

—Se mantenha alerta. — Disse para Jaxon. Ele não apreciou a advertência, mas a ofereci de todo modo. Ele não tinha visto Kyrin cortar a palma com uma faca, não tinha visto a ferida se fechar misteriosamente como se nunca tivesse existido. Não tinha visto o modo que Kyrin podia se mover, tão rapidamente que o olho



humano era incapaz de o ver. Não havia sentido sua força sobrenatural. — Ponha sua pyre no nível de aturdir.

Jack desapareceu por vários longos segundos, e quando voltou, ele e vários agentes sustentavam um aríete. Quanto demorariam para abrir caminho dentro?

—Se mostre, Kyrin. — Gritei outra vez. — Te ajudarei a deixar este lugar ileso. Ajudaremos um ao outro, como já fizemos antes.

Outra vez, ele não me fez conta. Vi um ponto de sombra dançar perto de mim, logo evaporar antes que pudesse disparar. Como podia se mover assim? A frustração me consumia enquanto lutava pelo ter o alvo.

—Sou sua única esperança de fuga. — Disse.

Uma rajada de ar ondulou. Antes que pudesse reagir, os traços de Jaxon se retorceram de dor. Ele grunhiu e caiu sobre os duros ladrilhos azuis, seu peito subindo e descendo enquanto respirava. Sobressaltada, fiquei parada só por um segundo, com a vista fixa nele.

No próximo instante, minha arma foi separada da minha mão com um golpe. Observei, horrorizada, como minha pyre voava pelos ares, batendo com um surdo ruído contra a parede. A fúria acendeu rapidamente meu sangue, quente e mortal, pronta para explodir.

Tinha dado só um passo para a parede quando, dois metros na minha frente, o ar começou a se liquidificar, a ficar colorido, como uma piscina vertical de um majestoso azul. A névoa formou redemoinhos e se dobrou como uma fina fita, saltando até o teto. Pisquei. Pestanejei só uma vez, mas quando reenfoquei, Kyrin estava ali. Completamente visível, uma iminente torre de perigo. Seu aroma me rodeou, quente e exótico, misturado com um pingo de Onadyn.

Calças negras de couro e uma camisa negra, muito parecida com a roupa de um caçador, abraçavam os grossos músculos de suas coxas e peito. Seu cabelo branco caía solto sobre seus ombros, com duas tranças emoldurando suas têmporas. Tranças de guerra? Perguntei-me. Isso só o deixava mais atraente, o insofrível bastardo.

—Como o fez? — Exigi. Independentemente de como o tinha feito, não tinha usado sua capacidade de tele transporte. Ou o tinha feito?

Seus intensos olhos violeta me perfuraram com resolvida determinação.

—Realmente planejava matá-la?

Levantei meu queixo em um gesto obstinado e permaneci com a boca fechada, me negando a responder. Se dizia que sim, poderia se zangar comigo por mentir sobre sua morte em primeiro lugar. Se dizia que não, perderia qualquer vantagem que pudesse ter ganhado.

O alarme parou de repente; alguém devia tê-lo mudado para modo silencioso. Meus ouvidos seguiram apitando, e meu olhar permaneceu fixo sobre Kyrin.

—Você e eu sabemos que te preciso vivo. — Disse, atenuando minha voz para ajustá-la ao abrupto silêncio, embora tudo o que queria fazer era gritar. Como podia meu plano ter fracassado tão rapidamente? — Veem comigo. Ajude-me, e eu te ajudarei. Assim simples.

—Aqui estou tão a salvo como em qualquer outra parte. — Foi sua única resposta.

Arqueei as sobrancelhas. Minha atenção se dirigiu para a porta, para Jack e os vociferantes agentes atrás e ao lado dele.

—Se aqueles caçadores romperem essa barreira, não pararão para perguntar por sua intrusão. O matarão. Eles não sabem quem é, que o precisamos no caso ou que eu te preciso para ajudar Dallas. Só sabem que é um alienígena e que está em uma área restrita.

Seus lábios se estiraram em um lento e pecaminoso sorriso.

—Para me matar, teriam que me pegar. E como já descobriu, isso é impossível. — Com passos meticulosos e cuidadosamente moderados, ele se moveu lentamente. — Não respondeu minha pergunta, Tai la Mar. Planejava assassinar minha irmã?

—Uma execução alienígena não é considerada assassinato. No A.I.R. nós gostamos de considerá-lo como um serviço público.

Um músculo saltou à vida em sua têmpora, e ele passou a língua pelos dentes.

—É que Dallas significa tão pouco para você que estaria disposta a destruir sua única chance?

Suavizei meu tom... Por Dallas, me assegurei, não porque lamentasse ver este homem preocupado.

—Sua irmã pode nos ajudar neste caso; pode nos ajudar a salvar vidas humanas. No momento, está bastante segura.

—Poderia te obrigar a abrir sua cela. — Disse brandamente.

—Requer dois agentes, Kyrin. Dois. Duvido que possa me submeter e apoiar Jaxon ao mesmo tempo.

—Não posso te permitir que lhe faça mal, Mia. Entende?

—Então façamos um trato. Diga-me o que sabe sobre Atlanna e os raptos. Diga-me onde posso encontrá-la. Sei que não é o assassino, mas também sei que de algum modo está envolto.

Ele ficou imóvel, a surpresa escurecendo seus traços.

—O que sabe exatamente de mim?

—Que esteve em contato com todas as vítimas. Que saía com Rianne Harte. — Fiz uma pausa.

Cuidadosamente, dei uma olhada em minha arma. Dez passos e a teria. O aturdiria e o obrigaria a fazer minha vontade. Assim simples. Assim fácil. Sim, claro! Movi-me pouco a pouco para a direita, tentando parecer casual.

—Sei que a fertilidade é a medula do assunto. Atlanna tenta criar bebês e vendê-los?

Ele passou a mão pelo cabelo e olhou para o teto.

Eu dei outro passo.

Seu olhar retornou para mim, chocando-se com o meu. Sua expressão era ilegível. O silêncio nos envolveu como uma grossa, pesada e opressiva manta. Pela extremidade do olho vi a mão de um agente dar algum tipo de instrumento para Jack, ele se agachou, e escutei o golpear de aço contra aço. Ia desmontar as dobradiças. O desespero me assaltou.

Outro passo. E outro.

—Kyrin... — Disse.



Ele agitou a mão para me fazer calar.

—Me nego a cooperar com o A.I.R.. — Disse, e antes que eu pudesse pronunciar outra palavra, desapareceu de novo. Não houve nenhuma advertência, nenhum brilho de luz ou névoa. Simplesmente desapareceu da minha vista.

Alguma coisa... Azeda queimou meu nariz. Estremeci e tentei afastar o aroma longe. Senti-me enjoada. Uma escura neblina invadiu minha mente, me impedindo de pensar. Lutei contra o peso da névoa, mas uma estranha letargia se apoderou de meus ossos, e flutuei para baixo, baixo, baixo... Embora nunca golpeasse os frios ladrilhos. Fortes e consoladores braços me rodearam e recolheram em um quente abraço masculino. Deveria estar assustada, mas não estava. Deveria tentar protestar, mas não o fiz.

—Dorme, anjo. — Sussurrou Kyrin, seu doce e quente fôlego abanando minha bochecha.

E o fiz.

Capítulo Quatorze

Notei que estava amarrada a uma cama.

Meus pulsos e tornozelos estavam amarrados às colunas de mogno de uma cama por grossas faixas de seda rosa. Minhas armas tinham desaparecido; não sentia seu peso. Minha roupa era muito leve, mas sabia que algum tipo de material me cobria. Pequenos raios de luz se derramavam pelo quarto, mas de algum modo a leve iluminação só aumentava a escuridão, dando passo a mais sombras.

Meu coração saltou dentro de meu peito, e o medo afundou suas afiadas garras em meu estômago. Lutei contra minhas amarras, tentando dar chutes com as pernas, tentando afrouxar minhas mãos. Só consegui apertar mais, e a cada movimento, a suave seda cortava profundamente minha pele. Oh, Deus, não podia me libertar! Com esse conhecimento veio o pânico. E o pânico me consumiu.

Um soluço borbulhou em minha garganta.

O ar queimava, ficando cinza em meus pulmões. Não podia... Respirar. Não podia respirar! Minha garganta fechou, apertando com terror. Um suor frio gotejou entre meus seios e omoplatas.

As lembranças da minha infância em escuros armários, só e aterrorizada, invadiram minha mente. Fechei os olhos com força, tentando bloquear o eletrizante pavor. Por favor, tentei gritar. Por favor, que alguém me ajude.

Tinha sido abandonada aqui para morrer?

A morte não me assustava; mas não queria morrer desta forma. Não aqui. Não sozinha. Lutaria para me liberar. Gritei enquanto corcoveava contra as ataduras.

Meu coração pulsava tão rapidamente, que temi que o pobre órgão explodisse dentro do meu peito. Inclusive com os olhos fechados, senti o quarto inclinar e girar. Mais e mais rápido. Pilhada com as calças arriadas, reconheci minha própria voz ressoar em meus ouvidos. Minha luta aumentou, frenética. Tão frenética.

—Tranquila, Mia. — Sussurrou um homem.



Kyrin.

Kyrin estava aqui.

Tem que respirar, pensei desesperadamente. Outro grito tentou sair de minha boca, um grito tão profundo e intenso que minhas cordas vocais se esticaram em carne viva pelo esforço.

—Está a salvo. — Disse ele com sua sempre tranquila voz.

—Que se foda — Grunhi, minha voz rouca e quebrada. — Corte as amarras. Corte as fodidas amarras.

—Está a salvo. — Repetiu ele, acariciando com a ponta de seus dedos minha febril testa, minhas bochechas e meu queixo. Seu toque era aprazível, puro calor líquido e a sensação, a simples presença dele, de algum modo, penetrou em meu pânico.

Por fim fui capaz de aspirar uma grande baforada de precioso ar. Uma vez, duas vezes. Enquanto respirava, cheirei a suave chuva... Onadyn. A fragrância invadiu meus sentidos. Não sou uma menina. Não estou encerrada dentro de um pequeno e úmido armário. O batimento do meu coração reduziu gradualmente, e meu terror diminuiu quando a compreensão penetrou em minha mente. Estava dentro de um dormitório e Kyrin estava ao meu lado.

Pouco a pouco, deixei de lutar e abri os olhos. Kyrin estava sobre mim, seu olhar fixo no meu. Seus olhos eram do mesmo pálido violeta de antes, e formavam redemoinhos com vida própria. A preocupação marcava as linhas ao redor de sua boca e franzia o cenho.

Notei que nossos dedos estavam entrelaçados, as palmas uma contra a outra. A pele de suas mãos não era suave, mas áspera e calosa, com ossos grossos e fortes. O calor e a energia fluíam para mim, me acalmando ainda mais. A luz do sol se filtrava através das brilhantes cortinas cor safira que cobriam a grande janela da longínqua parede.

—Luz. — Disse entrecortadamente. — Preciso de mais luz.

—Acender três luzes. — Disse Kyrin. Em instantes, três lâmpadas que gotejavam como lágrimas de cristal de uma fonte elevada, acenderam, iluminando intensamente o quarto. Meus olhos inspecionaram ao redor. Estava em cima de uma grande e decadente cama de quatro colunas e um aveludado dossel carmesim caía como correntes ao redor de cada borda.

Espelhos emoldurados em ébano e com bordas de ouro penduravam no meio de todas as paredes. Brilhantes travesseiros turquesa, esmeralda e rubi estavam dispersos por todo o assoalho, e um grosso tapete floral cobria o polido chão de madeira. Ao lado da janela, havia uma convidativa e limpa lareira de pedra desprovida de brilhantes rescaldos.

Um lugar de profundidade e sensualidade visível, sem dúvida, mas neste momento, era simplesmente uma prisão.

Fulminei com o olhar Kyrin através da neblina das minhas pestanas.

—Me liberte. — Grunhi. Meus dentes estavam tão fortemente apertados, que temi que minha mandíbula rompesse. Agora que o medo tinha me abandonado, a fúria borbulhava candente em meu sangue.

Olhando-me, Kyrin sorriu amplo e languidamente e liberou minhas mãos de



seu aperto. Recuou, se apoiou sobre um cotovelo e passou a ponta de um dedo por minha coxa.

—Aí é onde queria chegar.

—Isso não é o que queria dizer. — Bastardo! — Corte os laços.

Ainda sorrindo, ele negou com a cabeça.

—Acredito que ainda não. Eu gosto muito de onde está. Em minha cama. Esperando por meu prazer.

—Só espero seu falecimento.

Ele riu entre dentes.

—Que divertida é, pequena Mia. Onde está a apaixonada mulher que beijei?

— Seu dedo continuou dançando sobre minha pele. — Engana a si mesma sobre seus desejos, ou só a mim?

Tremi outra vez, incapaz de deter o movimento, logo tentei mascarar minha crescente excitação e minha consciência dele com acaloradas palavras.

—Afastas suas mãos de mim antes que as corte.

A ampla extensão de seus ombros se levantou em um encolhimento. Mas não tirou a mão.

—Só quero te dar prazer.

Ou possivelmente só queria me fazer gritar, compreendi. Possivelmente esperava quebrar meu espírito. Bom, não permitiria que isso acontecesse. Franzindo o cenho, levantei os joelhos de um puxão, afastando seus dedos.

—Quer me agradar? Deixe-me ir.

Sua cabeça se inclinou à direita; seu intenso olhar jamais vacilou.

—Por que estar presa te transtorna assim? Algumas mulheres acham bastante excitante.

—Bom, essas mulheres são idiotas. — Tentei me libertar de novo das amarras, ignorando as espetadas de dor quando a seda cortou mais fundo minha pele. Um fio de sangue desceu deslizando por meu braço, quente contra minha fria pele, e logo gotejou do meu cotovelo ao lençol.

—Fique quieta. — Me arreganhou ele. — Está se machucando.

Seu rosto se esticou com intensa concentração enquanto abria as palmas e rodeava com elas meus tornozelos. Um morno e quente formigamento subiu por minhas panturrilhas, e logo, lentamente esfriou, me relaxando perfeitamente.

Lamento admiti-lo, mas não queria que parasse. As sensações eram muito fascinantes. Muito... Boas. Criavam um profundo comichão de sensualidade em meu interior. Quis estender as pernas e convidar aqueles mágicos dedos a entrar. Quis sua boca no calor da minha, perdido em minha essência.

—O que faz? — Perguntei, quase sem fôlego, meu traseiro arqueado.

—Shh. — Foi tudo o que ele disse.

Ele acariciou com suas mãos minhas coxas, ventre e pulsos. Engoli um gemido. Deus, era bom! Ele parou um momento para estudar a tatuagem de meu pulso. Passou um dedo sobre a foíce negra e sorriu lentamente.

—Que apropriado. — Ele desviou à cicatriz do interior de meu braço, um pequeno presente que recebi de um Mec enlouquecido. Ele colocou um ligeiro beijo sobre a elevada e dentada carne. Nossos olhos se encontraram. Seus lábios a

polegadas dos meus. Tão perto, de fato, que senti seu doce fôlego sobre meu nariz. Derreti em resposta. Logo o mesmo narcótico calor se instalou em meus braços, esfriando muito rápido.

Quando Kyrin se afastou, meus pulsos e tornozelos já não doíam, mas meu corpo sim... Doía por ter seu peso de volta.

Puxei ar e logo perguntei:

—Por que me trouxe aqui? — Meu corpo traidor poderia desejá-lo, mas minha mente era mais preparada.

Seus traços se voltaram uma máscara de resignação.

—Trouxe porque temos muito do que falar. Sem interrupções. Sem sua pyre me apontando.

—O que te faz pensar que falarei com você aqui, hum?!

Ele soltou outra risada, uma rica e retumbante risada que deslizou por todo meu corpo, como um íntimo convite a se beijar mais docemente.

—Como se pudesse se opor.

Soltei um frustrado grunhido. Ele tinha razão.

—Simplesmente me liberte, merda!

—Se fizesse isso, começaria a distribuir golpes a torto e a direito, e passaríamos o tempo lutando em vez de falando.

Mordi o lábio inferior e permaneci calada. Não podia negar suas palavras sem mentir, e embora não me importasse de mentir a este homem, sabia que saberia a verdade, assim para que me esforçar?

—O A.I.R. virá por você. Eles o localizarão por sua voz.

—Primeiro, não estou em sua base de dados. E segundo, aqui não há amplificadores. Nem gravadores. E inclusive se houvesse, minha casa é construída com paredes a prova de som. Até duvido que o A.I.R saiba que este lugar existe.

Mudei meus quadris em cima do edredom, me afastando dele... E pela primeira vez vi o que usava. Vestia um diáfano tecido branco, vincado em um círculo em meu pescoço e que mal cobria meus seios mas deixava o estômago nu. O suave material juntava de novo em minha cintura, caía sobre meus quadris e depois me cobria das pernas aos tornozelos com um fino véu transparente.

Um bracelete decorado com joias rodeava meus bíceps. Hipnotizadoras pedras púrpuras, muito leves para serem ametistas e muito luminescente para ser desta terra, formavam um intrincado modelo ao redor da base. Minhas unhas cravaram em minha palmas.

Como se atrevia a me despir e me vestir tão escassamente?

—Onde estão minhas armas? Minhas calças e botas?

Indiferente a minhas perguntas, Kyrin levantou uma mecha de meu cabelo. O negro cabelo era um erótico contraste com a palidez de sua pele.

—Eu gosto do seu cabelo desta forma. — Disse. — Solto. Como uma escura nuvem ao redor de seu rosto. — Depois ele arrastou um dedo sobre meu seio, fazendo meu mamilo endurecer e meu fôlego entupir.

Reprimi o impulso de me dissolver com seu toque. Quando havia me tornado tão impaciente por um homem? Tão necessitada?

Quando me tornei escrava de meus sentidos?

—Quero minha roupa de volta. — Disse, endurecendo de propósito meu tom.
Seu olhar viajou pela longitude de meu corpo.

—Você não gosta deste vestido?

—O que você acha?

Ele sorriu devagar.

—Me diga, Kyrin. Desfrutou despindo uma mulher indefesa e inconsciente?

Com movimentos exagerados, ele se inclinou para mim até que nossos rostos quase se tocaram.

—Duvido que alguma vez tenha estado indefesa, Tai La Mar.

Levantei a cabeça, diminuindo inclusive mais a distância. Meu nariz roçou a ponta do dele.

—Tem um minuto para me devolver cada objeto de roupa, cada arma que me tirou. Ou vou, vou...

Suas sobrelanceiras se arquearam com insolência.

—Ou vai o que?

Deus, não sabia o que faria. Minha cabeça se jogou contra o travesseiro, e chiei.

Ele não vacilou, nem sequer pareceu afetado quando admitiu:

—Já destruí sua roupa e suas armas.

—Bastardo de merda.

—Não fique zangada porque te vesti assim. Queria te ver com a roupa da minha pátria. — Sua voz carecia de qualquer sinal de arrependimento, só sustentava um rouco eco de desejo. — E devo dizer, anjo escuro, que este traje é como você. Parecido com sexo. Sexo excepcional e sensual. É mais formosa do que tinha imaginado... — Se inclinou mais perto a cada palavra, diminuindo a distância entre nós de novo como se não gostasse de estar longe. — E imagino você e eu o fazendo. Nua, debaixo de mim, sobre mim, me tomando dentro de seu corpo e...

—Se cale! — Disse ofegando, a umidade entre minhas pernas.

Não se abrande. Ele te amarrou com cordas na sua cama.

Seu olhar se apropriou de meus lábios, logo se moveu aos meus olhos. Sustentei seu olhar fixamente, o ar ao nosso redor espesso pela tensão sexual. Bruscamente, ele negou com a cabeça.

—Não. Ainda não.

Rompendo o estranho feitiço que tinha sobre meus sentidos, Kyrin saltou da cama e caminhou para a janela. Mantendo-se de costas para mim, disse:

—Quero te beijar outra vez, mas não antes que explique algumas coisas. — Ele inspirou profundamente. — Não pode abandonar esta casa, Mia. O bracelete se assegurará disso.

Pisquei confusa.

—Não entendo.

—Se sair desta casa, uma descarga começará na faixa e viajará por todo seu corpo. A dor, intensa e urgente, só cessará quando entrar de novo em meu lar.

—Está mentindo.

—Digo para que não se zangue ou se assuste, — Disse. — para advertir do que uma tentativa de fuga fará. Permanecerá aqui como minha convidada até que

nosso trato esteja concluído.

O timbre rouco de sua voz foi tão plano, tão resolvido.

Meu Deus! Dizia a verdade. Pensava me manter como um animal, levando minha liberdade e direitos. Os dedos de meus pés se dobraram com a força da minha angústia.

—Sequestrou Rianne Harte e a amarrou desta forma?

Ele girou e me confrontou, os olhos torturados.

—Tentei proteger Rianne.

—Da mesma forma que sua irmã tentou proteger William Steele? — Zombei.

Um músculo palpitou em sua mandíbula e ele não respondeu.

—Este não é o modo de cortejar uma mulher em suas mãos.

Suas sobrancelhas se levantaram.

—Não é? — Ele se deitou ao meu lado de novo, seu quadril grudado no meu, e levantou outro cacho do meu cabelo. Esfregou os brilhantes fios entre seus dedos, olhou-os cair e logo se apoderou outra vez deles, o desejo crescendo em sua expressão. — Possivelmente deveria tentar demonstrar como está enganada.

O conhecimento de meu encarceramento lutava contra meu ainda intenso desejo. Continue falando, disse a mim mesma.

—Jamais me contou o tipo de trato que temos, esse pelo que vale a pena arriscar a vida ao me sequestrar em meu próprio trabalho.

—No princípio pensei em te trocar por minha irmã. — Admitiu, acariciando meu cabelo contra sua bochecha. Seus olhos fecharam em rendição, igual meu couro cabeludo coçou com a embriagadora sensação.

Joguei a cabeça de lado, afastando rápida e de maneira eficiente as escuras mechas de suas mãos.

—O lema dos agentes é o dever antes dos sentimentos. O A.I.R. não negociará minha libertação.

—Seus colegas a condenariam à morte? — Perguntou.

—Em um batimento de coração. — Respondi. Não, não é certo. Eles o perseguiriam e lutariam por mim, igual eu faria por eles.

Kyrin inclinou a cabeça, os olhos acesos com curiosidade.

—E isso não te incomoda?

Entendia a política do A.I.R.. Inclusive tinha ajudado a criá-la.

—Por que pôr um assassino em liberdade para salvar uma vida? O assassino então tirará muitas mais.

—Esta conversa é desnecessária. — Disse ele com um ondulação de sua mão. — Antes que despertasse, já tinha decidido não te trocar.

O medo desdobrou em meu interior.

—Então o que planeja fazer comigo? Quanto tempo espera me manter aqui?

Ele deliberou um momento, antes de responder evasivamente:

—Te manterei só o tempo necessário para ganhar sua confiança.

Confiança? Falava a sério? Soprei.

—Confiou em mim uma vez, quando te ajudei a pegar Atlanna.

—Me tem presa em uma cama. Como posso voltar a confiar em você de novo?

— De todo modo, confiava em muito pouca gente, e todos eram humanos. — Não



acreditava que fosse um idiota até agora.

— Já veremos — foi sua única resposta.

Ele levantou e deu um passo para a porta.

Um pequeno rescaldo de pânico voltou à vida. Puxei outra vez minhas ataduras.

— Aonde vai? — Gritei. — Não me deixe aqui.

Ele fez uma pausa e me olhou. Caí contra o suave colchão. Tinha que dizer algo, qualquer coisa, para mantê-lo comigo. Não queria ficar sozinha de novo.

— Por que é tão reservado sobre Atlanna? — Perguntei. — A está ajudando? Manter-me aqui é um plano que prepararam juntos?

Aquele brilho torturado voltou aos seus olhos.

— Não. Preferia morrer antes de ajudá-la.

— Então me deixe e me ajude a encontrá-la.

— Te ajudarei, Mia. A você. Não ao A.I.R.. Detesto todos os caçadores.

— Eu sou um caçador. — Nossos olhares chocaram, e fui incapaz de afastar os olhos.

— Por você, — Disse. — estou disposto a reconsiderar. — Solto um suspiro. — Tem fome?

Meu estômago se atou em protesto, mas disse:

— Sim. — A comida sempre relaxava as pessoas. Deixava-os mais dispostos a falar.

— Comeremos.

— Terá que me desamarrar. — Disse, fazendo um considerável esforço para não implorar.

Ele assentiu.

— Tinha pensado em trazer a comida, mas vou confiar em você com a esperança que assim confie em mim. Mas deve me dar sua palavra que não brigará comigo.

— Prometo não te assassinar até que não termine a comida. Parece bom isso?

Sorrindo amplamente, disse:

— Depois de comer, simplesmente te amarrarei de novo. Parece bom isso? — Ele se aproximou de mim, tirou uma pequena e fina adaga de seu bolso, e com cuidado cortou a seda que me prendia.

Uma vez liberada, reagi por instinto. Sentando-me na cama, joguei para trás o cotovelo e com um movimento fluido estampeei meus nódulos na parte superior da sua maçã do rosto. Sua cabeça açoitou de lado.

Quando não fiz nenhum movimento mais para o atacar, lentamente Kyrin voltou a me olhar. Ele tocou a agora avermelhada pele.

— Disse que não te mataria e não o farei, mas não disse nada de não te dar a fodida surra que merece.

— Meu engano. — Disse ele.

— Jamais volte a me amarrar de novo. — Grunhi. — E agora, vamos comer.

Capítulo Quinze

A culpa se enroscou em meu interior enquanto sentava na mesa de Kyrin e dava um festim com a salada de romeiro e camarões-rosa. Dallas estava no hospital lutando por sua vida. Os caçadores provavelmente penteavam os limites da cidade me buscando. E eu estava aqui, sentada em uma cadeira de cetim e ouro, enchendo minha boca com delícias.

Pior, realmente estava desfrutando.

Kyrin e eu tínhamos criado uma espécie de trégua. Por agora, neste momento, erámos simplesmente um homem e uma mulher desfrutando de uma comida deliciosa. A superfície de uma mesa egípcia esculpida à mão nos separava, mas nossas pernas estavam o suficientemente juntas para se tocar... E me tocar é o que ele fazia, roçando sua coxa contra a minha. A suavidade de suas calças e a leveza do meu véu criavam uma fricção que não podia ignorar.

Encontrei-me ofegando, aguardando o seguinte roce.

—Quer sobremesa? — Perguntou ele, encostando atrás no brocado do banco.

Minha boca fez água.

—Sim. — Disse, o ar frio chegava através das paredes e atormentava minha pele nua. — Obrigado.

Um de seus criados, que se recusou a encontrar meu olhar, deixou uma bandeja de porcelana com pasteizinhos de chocolate, nata e trufas de amora bem na minha frente. Quase ronronei de pura alegria.

Desde a quase aniquilação do cacau, o chocolate era considerado um raro tesouro. Só as mais ricas e influentes pessoas eram capazes de adquiri-lo. Antes que tivesse decidido que não me queria, meu pai me deu de presente uma barra de chocolate. Ainda recordava o tão maravilhoso que tinha sido, como tinha pedido mais, mas ele só tinha uma.

Com dedos instáveis, coloquei com cuidado um pastelzinho na minha boca e... Minhas papilas gustativas explodiram. Oh, meu Deus! Meus olhos fecharam por conta própria enquanto uma pura rendição se dissolvia em minha boca. Esse era o gosto do chocolate. Rendição pura.

Matem-me agora, pensei, porque por fim entrei nas portas de paraíso.

Quando fui capaz de abrir os olhos, Kyrin me olhava com fogo fundido em seus olhos. Sustentei seu olhar fixamente por prolongados minutos.

—Todos os Arcadians são tão... Sexuais como você?

Ele sorriu timidamente.

—Somos uma raça extremamente sexual, sim.

Obriguei meus olhos a se afastarem dele e observei a piscada das velas perfumadas com canela e baunilha. Sombras e luzes pulavam ao longo das paredes com estampados florais e rosa, dançando com as chamas.

Aquelas mesmas sombras tinham dançado sobre a rosto de Kyrin, outorgando a suas maçãs do rosto um duro e quase áspero aspecto.

Minha atenção desviou aos móveis circundantes. Muitas cores vivas e texturas, tudo seletto, enchiam sua casa. Flores frescas se derramavam pelas mesas baixas, e as bordas de uma elegante manta se entremeava com as pétalas dessas



mesmas flores. Elegantes cadeiras de marfim contrastavam com as paredes jaspeadas em prata.

Tal riqueza me assombrou.

—Como conseguiu tudo isto? — Perguntei.

Ele encolheu os ombros.

—Arcadia é rica em minerais que seu mundo aprecia. Diamantes, ouro, safiras, e muitos mais. Quando vim através da entrada Interestelar, simplesmente trouxe uns quantos comigo.

Quanto mais Kyrin falava, mais cativada me sentia.

—Me fale de Arcadia.

—É muito menor que este mundo e muito mais lotado, com pouco espaço para respirar. Nossa gente vive tanto tempo que a população mal envelhece. — Tocou a borda de sua taça de vinho. — Faz anos que promulgamos a lei que proíbe às mulheres ter mais de um filho, mas muitos os têm em segredo.

—Obviamente, tecnicamente estão mais avançados que nós, o que explicaria sua capacidade de tele transporte molecular.

—Ainda temos que dominar o tele transporte a espaços maiores sem sair seriamente feridos. Qualquer um que tente, terminará com pedaços de móveis ou parede em seu interior, e morreria pouco depois.

—Já que estão tão determinados a ficar aqui, possivelmente deveriam trabalhar com nossos cientistas para nos ajudar nos avanços deste mundo.

—Ou possivelmente, — Disse ele, encontrando solenemente meu olhar. — o avanço tecnológico faça mais mal que bem.

Franzi o cenho.

—Se explique.

Dando uma olhada em sua comida, ele encolheu os ombros de novo. Não pôde ocultar ou mascarar o atormentado manto que cobriu seus traços.

—Gente inocente morre durante os experimentos. Às vezes, de uma morte horrível.

Inclinei-me para trás em meu assento, mantendo os olhos fixos sobre ele.

—Começo a te entender, Kyrin. Fez coisas das quais se envergonha. Não tente negar. — Disse quando ele abriu a boca para falar. — Compreender às pessoas é parte do meu trabalho. Realizou experimentos, verdade? E aqueles experimentos mataram pessoas. No tiroteio com Atlanna, mencionou a expiação de pecados passados.

Não respondeu.

—Escute, pode dormir tranquilo. Se as pessoas se oferecerem como voluntárias para um trabalho, eles de bom grado aceitam o risco. Não vejo problema.

—E se não se oferecem?

Bem, assim obviamente não tinha obtido a permissão para realizar qualquer experimento que tivesse feito. Não sabia o que dizer a isso. Eram os cientistas monstros por tentar que a sociedade avançasse sem importar o custo? O fim justificava os meios? Como uma assassina assalariada, frequentemente pensava que sim...

—Trabalhou para Atlanna certa época? — Perguntei. Ela tinha financiado a



investigação de Rianne Harte, por isso a mulher estava metida em ciência.

Kyrin afastou seu prato.

—O jantar terminou.

Bingo.

—O que a ajudou a fazer?

—Não ajudei a sequestrar ou matar nenhum dos homens, asseguro isso. — Sua voz era tensa. — E agora, o jantar terminou.

Muito bem... O deixaria ficar. Por agora. Porque, bom, acreditava. Ele não tinha ajudado nem tinha matado os homens.

Observei perplexa meu prato, compreendendo que comi cada pedaço e migalha de chocolate. Suspirei.

—Sim, o jantar terminou.

—Me obrigará a te amarrar agora? — Perguntou Kyrin, dobrando os braços sobre o peito. — Ou vai se comportar?

Apertei os dentes.

—Não sou uma menina.

Seu olhar me percorreu inteira e ele disse:

—Não, definitivamente não é.

—O que te faz pensar que permitiria me amarrar uma segunda vez?

—Vive para o desafio, e gosto disso. Faz-me sentir vivo. Jamais me senti tão vivo como quando estou com você.

O mesmo poderia dizer de mim.

A compreensão me golpeou, e quase fiz um movimento para a saída mais próxima. A forma como me afetava dava medo, mas me obriguei a permanecer sentada. Tinha Kyrin exatamente onde Jaxon e eu queríamos... Facilmente disponível para surrupiar informação. Certamente, contava com três desvantagens ao estar aqui em vez da delegacia de polícia: primeira, nenhuma das minhas armas estava em minha posse. Segunda, este era o território de Kyrin, não meu. E terceira, estava virtualmente nua. Este maldito vestido foi feito para a sedução, não para a guerra.

Bom, pensei imediatamente, na realidade poderia usar o vestido em minha vantagem.

Bebi a goles meu vinho e me reclinei na acolchoada cadeira, olhando-o a espera.

—Antes que termine nossa trégua, tenho algumas perguntas mais a fazer.

—Pergunte. — Disse ele.

E fiz isso.

—Não usou o tele transporte molecular na delegacia de polícia, assim... Como conseguiu aparecer e desaparecer tão rapidamente?

—Não desapareci. Não realmente. Simplesmente me movi mais rápido que seu olho pode ver.

—Poderia ter se movido nessa velocidade em nossa pequena briga no estacionamento do hospital.

—Certo. — O brilho em seus olhos ficou travesso. — Mas se o fizesse meu corpo jamais teria entrado em completo contato com o seu.



Tentei ocultar um sorriso. Como eu gostava deste homem.

—Nem todos os Arcadians podem fazê-lo. — Disse. — Se mover tão rapidamente, quero dizer.

—Muito poucos. — Respondeu ele com um tom de orgulho em sua voz.

Enquanto o considerava, a curiosidade me invadiu. Não por outros Arcadians, mas por este em particular...

—Por que você pode?

—Bastante simples. Essa é uma capacidade com a qual nasci. Todos os Arcadians são bentos com certas capacidades. Lilla, por exemplo, tem uma grande capacidade para o controle mental.

—E você não? — Perguntei, compreendendo que ele nunca tentou ditar minhas ações com sua mente. Um ponto a seu favor.

—Sou telepático, capaz de plasmar meus pensamentos dentro da cabeça dos outros, mas dominar as ações de uma pessoa não é uma capacidade que possua. Nem que me interesse.

—Para que usar o controle mental quando pode usar a força, verdade? — Acaricieei o bracelete.

—O que faço, faço pelo bem maior. Não é assim como faz seu trabalho?

Endireitei-me de repente, o confrontando com um cenho.

—O que quer dizer?

Ele suspirou.

—Que outras perguntas tem para mim?

—Quero saber se tiver razão. Quero saber se Atlanna está criando bebês.

—Sim. — Respondeu simplesmente. Cuidadoso.

Um pedaço do quebra-cabeças encaixou em seu lugar. Eu tinha razão. Fertilidade. Bebês. A puta planejava criar tantos meninos como pudesse e logo vendê-los. Que tipo de doente faria algo assim? Por que demônios sequestrava homens humanos? Tinha adeptos humanos e se emparelhava com eles?

—Qual a sua participação? Jantou com William Steele na noite antes de seu rapto. Por quê?

Sua expressão se voltou receosa.

—Travei amizade com Willian, não para machucá-lo, mas para ajudá-lo.

Minhas sobrelhas se arquearam.

—E o fez? Realmente o ajudou?

Um músculo pulsou em sua mandíbula.

—Sou bem consciente que minha ajuda teve um resultado negativo. Não preciso que me recorde isso.

Seu acento se voltava mais fechado, mais pronunciado, a cada palavra que dizia. Havia tocado um nervo.

—Sei que advertiu os homens com a esperança de se redimir, mas isso faz eu me perguntar como sabia que estavam em perigo em primeiro lugar.

—Como posso realmente confiar em você, Mia Snow?

—Se quiser que eu aprenda a confiar em você, também deverá aprender a confiar em mim.

Kyrin levou a taça aos lábios e acabou o rico Borgonha.

—Não perguntou o que Atlanna faz com os meninos. — Disse, afastando a atenção de si mesmo. Seu queixo se inclinou de lado. — Por quê?

—Ela planeja vendê-los. Supus há muito tempo.

—Alguns deles, sim.

—E o resto?

—No fundo ela é uma cientista. Os outros, bom, usa-os em seus experimentos. Fiquei rígida.

—Fala como se os meninos já tivessem nascido, mas não há tempo para isso. Willian e os outros foram raptados recentemente.

—William e os outros não foram os primeiros. Só são os primeiros dos quais têm conhecimento. Muitos meninos já nasceram.

Meu Deus! A repulsa pelos crimes desta mulher e a compaixão pelos bebês inocentes que foram vendidos ao melhor preço ou algo pior, me invadiu.

—Que tipo de experimentos?

Enquanto falava, puro e cru ódio faiscou a vida em meu interior. Queria Atlanna morta. Queria que sofresse. E queria ser eu quem a fizesse sofrer.

Kyrin pressionou seus lábios juntos e deixou a taça de lado.

—Não me dirá isso. — Disse, uma declaração, não uma pergunta. Mordi a língua para evitar soltar por minha boca uma fileira de maldições.

—Não. Pelo menos, ainda não.

—Quero saber! — Fechei de repente meu punho contra a mesa. — Agora!

—Não está preparada para a verdade.

Agarrei meu garfo tão forte que a cor abandonou meus nódulos.

—Sabe que a caçarei e a matarei. Sabe que farei todo o possível para salvar esses bebês. É o que importa. Nada mais. Ou quer Atlanna viva?

—Não. Quero-a morta, como você, mas há mais em tudo isto que você não entende.

—Explique. Estou aqui. Disposta a escutar.

O cabelo balançou em suas têmporas quando ele negou com a cabeça.

—Você disse. Ainda não está preparada para a verdade, Mia. —Antes que pudesse responder, acrescentou: — Gostaria de falar de seu amigo Dallas?

Meus ombros endireitaram. Inclinei para frente e descansei meus cotovelos sobre a mesa, deixando o assunto de Atlanna temporalmente parado.

—O curará?

—Possivelmente.

Saltei sobre meus pés, meu vestido formando redemoinhos em meus tornozelos. Minha cadeira patinou atrás de mim e logo caiu com um ruído surdo.

—Já tive o suficiente de sua resposta de merda não-está-preparada-para-saber-a-verdade. Nossa trégua terminou.

Lentamente, Kyrin ficou de pé, a decepção aprofundando as linhas ao redor de sua boca.

—Devemos trabalhar juntos como antes. Não foram essas suas palavras?

—Eu estou disposta a fazê-lo. Você não. Se não responde minhas perguntas, é que não está interessado em trabalhar comigo.

—Há tanto que não sabe.



—Pois me conte.

—Não posso.

—Por quê?

—Simplesmente... Não posso. Veem. Escoltarei-te de volta ao seu quarto.

—Disse a sério antes. Terá que brigar comigo.

—Se for seu desejo. Simplesmente terminará amarrada à cama de novo.

—Acha que será fácil, verdade? — Ri, o som desprovido completamente de humor. — Se se aproximar de mim agora mesmo, derramarei seu sangue em um tigela e o deixarei morrer aqui. — Disse tão séria, tão calma, que minhas palavras deixaram um frio na sala.

Kyrin franziu os lábios, parecendo tão casual e tão a vontade como se escolhesse que bolo consumir para o café da manhã, o arrogante bastardo.

—Entenderá se me defendo?

—É óbvio. Estaria decepcionada se não o fizesse. Interferirão seus criados?

—Claro que não. Eles não nos incomodarão... — Seus olhos brilharam com depravada antecipação. — ... sem importar os sons que você faça.

—Muito bem, então. Perfeito, vamos.

Movi-me ao redor da mesa com deliberada lentidão, indo diretamente para ele. Kyrin caminhou na direção oposta. Perseguimos um ao outro, e a impaciência me atravessou. Parei e fiz gestos com o dedo.

—Veem aqui se te atrever.

Ele riu.

—Acontece que eu gosto de onde estou.

Ele ia usar sua habilidade rápido-como-um-raio. Podia ver em seus olhos, e não podia permitir essa vantagem. Antes que pudesse tomar seu próximo fôlego, agarrei a tigela com o vinagrete de romeiro e joguei o conteúdo no seu rosto, porcelana incluída. O líquido salpicou em seus olhos e boca enquanto a tigela batia contra sua testa.

Ele grunhiu e depois uivou. Suponho que o vinagre ardia. Bom! Controlei o impulso de sorrir abertamente. Saltei sobre a brilhante e escura mesa... E quase me estatelei contra o chão quando pisei na prega da minha saia. Minha diversão se apagou enquanto me endireitava e jogava três pratos em rápida sucessão. Enquanto ele esfregava os olhos, tentou se esquivar de cada míssil. Só conseguiu bater contra sua cadeira e cair no tapete.

Enquanto Kyrin estava ali estendido, incapaz de ver, fiz uma pausa para admirar minha obra artesanal. Macarrão e verduras gotejavam de sua empapada roupa. Minha salada alienígena, pensei com ar de suficiência.

Mas não era suficiente. Tinha me sequestrado, mantido cativa, despido, e me obrigado a usar este transparente vestido pornô. Merecia mais. Ele se negava a me dar as respostas que precisava, e dizia que possivelmente poderia ajudar Dallas. Bom, não era suficiente. A princípio tinha esperado atraí-lo para mim para encarcerá-lo, e esse plano não tinha mudado. Ele só tinha mudado o lugar de sua captura.

Decidida, saltei ao tapete e o golpeei com cada grama de força que possuía. Seu queixo sacudiu de lado e Kyrin rodou sobre a cara toalha que eu acabava de arruinar

com a comida. Ele tentou se estabilizar, tentando ficar de joelhos, mas lhe dei um chute no estômago. Seu fôlego entupiu em seus pulmões. Empurrei-o pelo ombro, o fazendo girar de costas. Então saltei sobre ele, me sentando escarranchada sobre sua cintura, prendendo-o onde estava.

—Me sequestrando, verdade? — Estalei meu punho em seu olho esquerdo. — Me amarrando a uma cama, não? — Golpeei seu olho direito. — Se recusando a me responder, vai a...

Minhas palavras foram cortadas de repente quando suas mãos agarraram meus quadris e me empurraram contra seu peito.

Dureza contra suavidade. Uma de suas pegajosas palmas se retorceu em meu cabelo e de um puxão me aproximou, até que só um sopro de ar nos separava. Ele cheirava a romeiro.

—Vou te beijar. — Advertiu. — Não o doce e ligeiro beijo dos homens da terra, não como da outra vez, mas um beijo duro e consciencioso dos Arcadians.

—Faça e morderei sua língua. — Eu disse acaloradamente, mas não fiz nenhum movimento para me afastar.

Não, afundei mais comodamente nele, e minhas terminações nervosas explodiram com a sensação.

—Não, te chutarei o traseiro. — Disse, desta vez sem nenhuma ira em meu tom, apenas sem fôlego.

Não deveria desejá-lo assim.

Sei que já havia me isso dito antes, e provavelmente teria que me recordar isso mil vezes mais. O homem era proibido para mim. Talvez esse fosse seu encanto. Como aquela vez que minha mãe me disse que não comesse daquela caixa de bolachas. No momento que disse as palavras, aquelas malditas bolachas de repente se tornaram as mais deliciosas. Tinha que comer disso. E tinha comido, é óbvio, e ganhei uma rugente dor de estômago.

A mão sobre meu quadril viajou mais abaixo, cavando meu traseiro. Um fogo se acendeu a fogo lento sob minha pele, as chamas lambendo escura e profundamente. Minha crescente fome por ele era quase tão sedutora quanto ele mesmo.

—Se não puder ser honesta comigo, — Disse. — pelo menos seja honesta consigo mesma. Deseja-me. Já nos beijamos antes, sabe como pode ser bom.

—Sim. — A palavra sustentou um amplo significado.

Empurrou-me mais perto até que nada nos separava. Meus lábios se abriram, dispostos. E logo devastou minha boca, ali, sobre o chão da sala de jantar. Uma e outra vez escorregou sua língua adiante de meus dentes, acariciando o interior, tomando. Exigindo.

Devorando.

Minhas mãos deslizaram sob sua camisa. A ponta de meus dedos amassaram seus músculos, beliscaram seus mamilos, e ele gemeu. Tanta força. Tanto calor. Sua energia cantarolava dentro de mim, uma potente vibração que acendia meu sangue e fazia que cada polegada de meu corpo cantasse. Pronunciei um sub som, provocado por minha própria necessidade.

—Mia. — Disse Kyrin severamente.



O som se fechou de repente sobre mim, abastecendo o combustível da minha paixão. Seu fôlego irregular soprou sobre meu nariz e bochecha enquanto nossas línguas dançavam e lutavam. O escarpado desespero de seu beijo encheu minha cabeça, invadiu e consumiu meus sentidos.

—Tem um gosto tão bom. — Ofeguei. — Melhor que chocolate.

—Estive desesperado para te saborear outra vez. — Sussurrou ele com veemência. Tentou me dizer algo mais, mas mudou para uma língua que não entendi.

Agarrou meu traseiro mais forte, me encaixando comodamente contra a grossura de sua ereção. Movi-me contra ele, imitando os movimentos do sexo, todo o tempo odiando nossa roupa. Minha língua se moveu contra a dele em sincronia com os movimentos de nossos corpos. Tremi com a força de meu desejo, Oh, como tremi! Meu controle cambaleava sobre a borda da eliminação. Jamais tinha experimentado nada assim, nunca tinha experimentado nada tão intenso, como se o precisasse para sobreviver.

O que estava mal comigo? Não podia permitir isto. Tinha que recuperar meu controle.

Empurrei longe dele, mas Kyrin só me fez rodar de costas e se encaixou comodamente sobre mim. A união de minhas coxas embalou sua ereção. Antes que pudesse pronunciar algum protesto, seus lábios tomaram de novo posse de meus. A suavidade de seus lábios... O persistente sabor do vinho em sua língua... Quase caí. Quase.

Empurrei-o sobre suas costas.

—Basta. — Disse, sabendo que a fome ainda cintilava em meus olhos.

Suas pálpebras estavam meio fechadas, e seus traços brilhavam, realmente brilhavam, com ardor. Ele era elementar e cru, e a dura longitude de seu corpo se apertava contra mim, exigindo atenção. Dever, desejo e medo batalharam em meu interior.

Em última instância, o dever e o medo ganharam.

Odiei-me pelo que estava a ponto de fazer, mas inclusive enquanto me amaldiçoava por dentro, estendi a mão e com a ponta de meus dedos agarrei a tigela de porcelana mais próxima. Em algum momento durante nosso beijo, tinha perdido minha cólera, e realmente não queria machuca-lo.

—Tenho que partir agora. — Disse. E logo rompi a tigela contra sua têmpora.

Seus olhos aumentaram e logo fecharam. Seu corpo se esticou e imediatamente ficou imóvel.

Fiquei onde estava por um tempo, simplesmente olhando. Um galo cresceu sobre sua testa, só para desaparecer rapidamente. Tinha boa cor e com uma mão instável, estendi a mão e coloquei a palma sobre seu coração. Um aprazível batimento do coração me saudou.

A culpa me deixou sem fôlego.

—Sinto muito. — Disse, me inclinando e o beijando brandamente nos lábios. Pus-me de pé. Não sabia em que parte da cidade estava. Nem sequer tinha sapatos e estava noventa e nove por cento segura que parecia com uma estrela pornô. De todo modo, fosse onde estivesse, ia arrastar este alienígena sólido como uma rocha fora e



colocá-lo dentro de um carro. E se não pudesse encontrar um carro, o arrastaria todo o caminho até a delegacia de polícia a pé. Ali o aturdiria e logo o arrastaria até o hospital. Depois disso, o encerraria até que me desse toda a informação que precisava para encontrar Atlanna. Sem mais evasivas.

Fiz uma busca rápida procurando um telefone. Não encontrei nenhum. Entretanto, encontrei uma Road Kill; uma antiguidade que usava balas em vez de fogo, e a confisquei, amarrando com uma corda o cano na minha cintura.

Dei um passo atrás de meu cativo e fechei os braços ao redor de seu peito, apoiando suas costas contra meus seios. Lentamente o arrastei até a porta da rua, cada passo requerendo cada grama de força que possuía. O homem pesava mais que Dallas. Graças a Deus, os criados permaneceram fora da vista, tal e como Kyrin tinha prometido.

Dentro do vestíbulo, apoiei Kyrin no chão de mármore. Girei a maçaneta com minha mão livre e abri a porta. Imediatamente, um vento frio passou ao redor e um tremor percorreu minha coluna. Maldito seja! Tinha esquecido da neve. Se fosse necessário, poderia partir sem casaco, mas precisava desesperadamente de sapatos. Ajoelhando-me diante de Kyrin, tirei suas botas e meias três-quartos, e logo encaixei ambos em meus próprios pés. Eram muito grandes, mas teriam que funcionar.

Por sorte, o armário ao meu lado tinha um grande sortimento de casacos de homem, por isso não teria que sair sem um. Tirei o mais próximo de seu cabide e segurei a pesada lã ao redor de meus ombros e depois fiz o mesmo com Kyrin.

Feito isto, uma vez mais agarrei minha carga e o arrastei fora.

No momento que dava um passo mais à frente da soleira, uma aguda e penetrante dor começou em meus bíceps esquerdo, exatamente onde o bracelete descansava, e logo viajou e cresceu em intensidade pelo resto do meu corpo. Fui capaz de ignorar a dor no princípio, mas de repente começou a ser insuportável. Muita dor. Aguda, aguda. Por toda parte. Certamente minha cabeça explodiria. Dobrei-me e caí de joelhos, mal sentindo o gelo enquanto as náuseas cresciam em meu estômago.

—Não te adverti disto? — Suspirou Kyrin ao meu lado.

Ofeguei.

—Você... Não... Estava... Inconsciente?

—Me curo rapidamente, lembra? — Ele ficou trabalhosamente em pé.

A corrente de agonia seguiu golpeando em mim, me sacudindo, erodindo minha determinação com a selvagem intensidade de sua tempestade. Apertei os lábios para me impedir de gritar e nem sequer pensei em protestar quando me rodeou os ombros com seu braço, me ajudou a ficar em pé e me conduziu de volta à casa. No meio do caminho, confiscou a arma que encontrei e não pude reunir energia suficiente para que me importasse.

Quando entramos, minha dor desapareceu imediatamente. Minha cabeça limpou e tomei várias ofegantes baforadas de ar. Kyrin se colocou na minha frente, e levantei os olhos de seus pés nus, passando por sua negra calça e o fulminei com o olhar em contraste com o seu divertido.

—Me tire esta maldita coisa. — Tentei arrancar o frio metal, mas permaneceu firmemente em seu lugar, enroscado ao redor do meu braço.

—Ainda temos muito do que falar, por isso continuará sendo minha convidada. Já te expliquei isso.

—É você quem se nega a terminar nossa conversa. — Minhas mãos se apertaram em punhos. — Me tirará esta merda, ou vou...

—O que? — Ele sorriu abertamente. Seu cabelo estava grudado na cabeça e brilhava pelo azeite. Tinha macarrão grudado no pescoço. — Tentará de novo me deixar inconsciente com uma tigela de comida?

Um músculo palpitou sob meu olho. Esta situação não era divertida.

—Não volte a me beijar outra vez. Ouviu-me?

O sorriso passou lentamente a um cenho, e ele estendeu a mão e acariciou com a ponta de um dedo minha bochecha.

—Devemos encontrar pontos em comum ou muitos de sua gente morrerão.

Agarrei as lapelas de sua jaqueta e o empurrei mais perto.

—É uma ameaça?

—É a realidade.

—E o que importa a você? É um *outro-mundo*. Por que se preocupa pelas vidas humanas?

—Vivo neste mundo, Mia. Esta é minha casa. Quero a paz com sua gente, e nunca a alcançaremos se formos culpados de todos os crimes.

Soltei um suspiro, perdendo a maior parte de minha raiva.

—Estou disposta a trabalhar com você, de acordo? Mas tem que fazer um trato comigo.

—Trato? Todos os seus tratos beneficiam você, a ninguém mais. Deseja que salve seu amigo, mas se mostra pouco disposta a libertar minha irmã.

Olhamo-nos fixamente um ao outro, considerando nossas palavras.

Finalmente, ele passou uma mão por seu cansado rosto.

—Não chegaremos a nenhum lugar com esta conversa. — Disse, sua voz profunda, rítmica e hipnótica. — Durma.

Aquela ácida e enjoativa fragrância que começava a me aborrecer, me alcançou. Lutei contra o que sabia ser a chegada da inconsciência, mas a escuridão me propulsou a um doce esquecimento.

Capítulo Dezesseis

Meus sonhos foram eróticos.

Kyrin me despojava lentamente de minha roupa, e eu fazia o mesmo. Seu fôlego era quente sobre minha pele enquanto lambia meu pescoço e beliscava meu queixo. Seus músculos estavam tensos e duros, e soube que lutava pelo controle. Que queria tomar, me reclamar.

—Não pare. — Disse com um gemido, me arqueando contra ele. Só agora, neste mundo de sonho, podia admitir meus desejos mais profundos. — Não pare.

—Sempre dando ordens, — Disse ele com uma risadinha entrecortada, sua voz muito acentuada. — mas não se preocupe. Jamais me deteria. Prometa-me que



nunca me abandonará. — Disse. — Te necessito muito. Desejo-te com ferocidade.

Ele me beijou, e dei boas-vindas à sua língua. Sempre tinha um gosto tão bom! Como uma droga proibida que não deveria tomar, mas que não podia resistir. Sussurrei seu nome.

O som me despertou.

Minhas pálpebras abriram de repente. Meu coração trovejava em meu peito, e minha respiração era desigual.

Quando momentos mais tarde me acalmei embora não acreditasse que o batimento de meu coração reduzira, explorei meu redor. Estava na cama de Kyrin. Sozinha. O suor grudava o vestido a minha pele, mas pelo menos meus pulsos e tornozelos estavam livres.

Kyrin tinha experimentado um sonho similar? perguntei-me. Aquele sonho foi mais vívido que os outros, quase como se realmente estivesse aqui comigo. Não sabia o que pensar disso.

Saí do calor e suavidade do colchão e caminhei sem fazer ruído para a janela já que o tapete amortecia meus passos. Meus sapatos tinham desaparecido; bom, os sapatos que tinha roubado de Kyrin. Esfreguei os sonolentos olhos e afastei as aveludadas cortinas. A luz da lua se difundia através da noite, pintando o bosque nevado de uma apagada cor dourada e prateada. Árvores sem folhas brotavam da terra em um amplo arco, quase beijando o céu.

—Onde estou? — Murmurei. Jamais tinha visto tantas árvores ou tanta terra sem cultivar.

Uma figura solitária apareceu e manteve meu olhar enquanto surgia da casa. Um homem. Ele era alto e seu cabelo branco se mesclava com a neve quando desapareceu dentro de uma garagem de tijolo de dois andares. Kyrin. Inspirei profundamente. Pouco depois, um Jaguar negro saiu a toda velocidade da garagem e conduziu pelo caminho de cascalho.

Aonde ia? Apoiei a mão na janela, e o frio cristal contra a esquentada pele me fez ofegar. O que planejava fazer?

No momento, as respostas não importavam, assim não me preocuparia com elas. Ele tinha ido, e eu podia usar isso em meu benefício, com a esperança de poder encontrar algum tipo de dispositivo de comunicação fora.

Os criados iam e vinham de todos os cômodos, ocupados em suas tarefas. Nenhum me dirigiu a palavra enquanto eu explorava a casa inteira. Uma hora mais tarde ainda não tinha encontrado nenhum só telefone, nem computador, assim me aproximei de uma criada com a intenção de perguntar, mas seus olhos se alargaram de medo e fugiu correndo. Os outros logo a seguiram.

—Desisto! — Disse, lançando as mãos no ar. Maldito seja, maldito seja, maldito seja! Pisei forte de volta ao dormitório de Kyrin e me deixei cair sobre um banco ao lado da lareira. Usei o tempo a sós para trabalhar no bracelete, tentando de algum modo desenrolá-lo. O metal permaneceu firme e inflexível.

Enquanto estava distraída, uma criada saiu de seu esconderijo e se apressou para a porta, um borrão de cabelo branco e gaze violeta. Ela fechou de repente a pesada porta de madeira e logo pôs a fechadura em seu lugar.

—Tenho que falar com você! — A chamei, já de pé.



O som de passos correndo chegou aos meus ouvidos e afundei de novo na cadeira.

Passaram duas horas. Duas miseráveis horas.

Anotei cada experimento em que pensava poderiam ser utilizados bebês. Quando estava no número seis, queria vomitar. Meu ódio por Atlanna aumentou. Meus desejos de matá-la aumentaram.

Tinha que encontrá-la. Detê-la. Destruí-la.

Por que Kyrin não me contava mais coisas sobre ela e seus experimentos? Tinha medo? Não, o homem não parecia ter medo de nada. Nem sequer de mim. Suspirei. Como demônios ia encontrá-la?

As dobradiças chiaram quando alguém abriu devagar a porta do dormitório e eu levantei de repente.

—Não me ataque. — Disse uma mulher Arcadians, dando uma olhada dentro. — Trago comida e bebida. Não tenho intenção de fazer nenhum mal.

Meus ombros afundaram com decepção. Se fosse Kyrin, poderia ter eliminado parte da minha frustração.

—Entre. — Disse.

Ela o fez devagar. Usava o mesmo tipo de vestido aberto e feminino que eu, só que o seu era de um pálido púrpura, igual a seus olhos. Ela irradiava juventude e vitalidade, inclusive enquanto tremia de medo.

—Tem um momento? — Perguntei, mantendo minha voz serena. — Eu gostaria de fazer algumas perguntas.

Sem uma palavra e sem dar uma olhada em minha direção, a mulher colocou uma bandeja cheia de frutas e vinho sobre a mesa. O doce aroma de melão alagou tudo ao nosso redor, e logo ela saiu correndo do quarto.

—Merla. — A ouvi dizer, e os ferrolhos deslizaram em seu lugar de novo. Obviamente, a palavra significava fechadura.

—Suponho que não. — Murmurei.

Só para demonstrar como as fechaduras eram ridículas, peguei rapidamente uma pequena e sólida escultura e caminhei para a porta. Tinha a intenção de bater o grosso metal contra as dobradiças, mas antes que a alcançasse, senti um calor nos olhos. Realmente esquentaram quando fulminei com o olhar e as dobradiças viraram migalhas sozinhas, desabando como vidro quebrado sobre o tapete prateado. A entrada ficou aberta. Ouvi o chiado da mulher e observei suas costas desaparecerem enquanto brincava de correr corredor abaixo, pondo tanta distância entre nós como podia.

Horrorizada, deixei cair à escultura no chão e escutei o forte clonk, clonk ao se chocar contra as desmanteladas partes. Esfreguei os olhos, mas já tinham esfriado.

Que diabos me acontecia? Como podia fazer estas coisas? Sabia que era diferente, mas isto era muito diferente. Estas coisas eram estranhamente diferentes.

Um tremor percorreu todos os meus membros. Tinha fingido que isso da desaceleração não tinha acontecido. Fingi que o incidente com a cerveja não tinha acontecido, e nenhuma dessas coisas aconteceu de novo. Isto tampouco aconteceria de novo. Como o resto, fingiria que jamais tinha acontecido.

Decidida, caminhei de volta ao escritório e sentei. Trabalho. Tinha que



trabalhar. Passei os vinte minutos seguintes escrevendo uma lista sobre Kyrin. Se algo podia consumir meus pensamentos, era aquele homem.

Ele queria minha confiança, e francamente, apesar de tudo, estava a ponto de dar-lhe. Ele desejava a libertação de sua irmã. Isso mostrava sua lealdade. Ele não tinha me ferido fisicamente, mesmo que eu o tendo golpeado várias vezes. Isso mostrava sua disciplina. Ele inclusive me tinha ajudado a atravessar meu pânico com as amarras. Isso mostrava sua compaixão. Ele queria expiar seus antigos pecados, e via a morte de Atlanna como um modo de fazê-lo. Isto mostrava seu remorso.

Ele agia com sua própria escala de justiça e honra. Ditava suas próprias leis. Mas Kyrin não mataria um inocente. Teve numerosas ocasiões para me matar, e eu distava muito de ser uma inocente. Kyrin sempre procurou não me fazer mal.

Estava preparada para falar com ele de novo. Tinha que falar com ele de novo. Mas o relógio marcou além da meia-noite sem sua volta.

Capítulo Dezessete

Passei várias horas rondando pela casa, desta vez em busca de pistas sobre Kyrin ou Atlanna. Descobri que Kyrin tinha gostos caros... Em tudo. Inclusive roupa interior. Ele era meticoloso, não gostava de desordem e não deixava nada pessoal à vista. Era um homem cauteloso. E muito inteligente.

Onde diabos estava?

Passei a seguinte hora correndo acima e abaixo pelas escadas para fazer exercício. Quando terminei, meus braços tremiam e minhas pernas ardiam. O suor gotejava por minhas costas e o ar queimava em meus pulmões. Estava próxima da extenuação... E tinha abastecido o combustível de minha cólera por Kyrin. Como se atrevia a me abandonar aqui assim, com este maldito bracelete impossível de tirar?

Caminhei trabalhosamente até o banheiro decorado com ladrilhos vinho e porcelana azul celeste. As paredes de mármore estavam chapadas em ouro e os metais custavam mais do que eu ganhava em um ano. Se não fosse uma prisioneira, poderia ter desfrutado da extravagância.

Depois de programar a unidade da parede, dei um passo dentro da ducha... E chiei quando a água, um real e quente jorro de água, saiu dos tubos. De fato, quase saltei de minha pele, mas enquanto a água seguia caindo sobre mim, relaxei. Era tão... Bom. Estranho, mas bom. Relaxante. Não era assombroso que as pessoas costumassem se banhar desta forma.

Quando saí, estava deliciosamente molhada e meus músculos lassos. Um novo vestido me esperava sobre a cama, este de um entrelaçado rosa e branco nata. Rosa, pelo amor de Deus! Franzindo o cenho deslizei meu úmido corpo pelo tecido ultra suave e deitei na cama. Observei o teto abobado. Por que eu?

Em geral não dormia de noite, já que tinha que ficar na rua, em busca de predadores. Dormia durante o dia. Mas enquanto escutava o uivo do vento fora da janela, e o arranhão dos ramos contra o vidro, minhas pálpebras começaram a ficar pesadas. O colchão era brando... E muito suave.



O sono logo me reclamou.

Imediatamente, os sonhos invadiram minha mente. Desta vez, vi Der, embora já não fosse um menino. Aparentava uns dezoito, mas seus olhos refletiam um conhecimento mundano, sórdido que nunca esteve ali antes. Corri para ele. Ele não abriu seus braços. Deu a volta e se afastou de mim.

Parando de repente, meus olhos furaram suas costas. Por que tinha feito isso? Por que tinha se afastado? Jamais o fez antes.

Sua forma se retorceu e, de repente, eu perseguia um alienígena através de um centro comercial. Um Mec. Sua pele verde pulsava de medo enquanto dava olhadas sobre o ombro em minha busca. Ele afastava às pessoas aos empurrões, em sua pressa para fugir. Eu tinha a arma preparada e finalmente tive um alvo claro. Disparei.

Bingo.

Ele caiu, levando uma mulher humana com ele. Ela gritou. E logo tudo ficou em silêncio. Lutei contra o corpo e dei chutes para afastá-lo, com a intenção de liberar a mulher. Seus traços estavam congelados. O Mec a tinha apunhalado enquanto caía.

Caí de joelhos com horror.

—Acorde, Mia. — Disse alguém entre a multidão, com uma vibração de poesia lírica nas profundidades de sua voz. — Kyrin voltará logo.

Dei-me conta, com um ofego, que meus dedos agarravam o lençol.

Meu olhar foi à esquerda e direita. Estava sozinha. Mas as palavras “Kyrin voltará logo” ainda ressoavam em meus ouvidos.

A confusão me alagou enquanto repassava de novo meus sonhos na mente. Primeiro, Der me rechaçava. Logo, minha visão falava diretamente. Eram tantos os novos acontecimentos, que eu não sabia o que fazer com nenhum deles.

Pelo menos, se meu sonho tivesse crédito, Kyrin estava vivo e bem e estaria aqui a qualquer momento.

Abri caminho na cama, desenredando meus braços e pernas do lençol. Quando meus pés tocaram o tapete, dei uma olhada e franzi o cenho com aversão. Ainda usava o vestido rosa; a transparente coisa não tinha desaparecido magicamente. Girando em todas as direções, observei meu reflexo no espelho da parede. Parecia muito feminina, como se fosse débil e inútil e precisasse de um homem grande e forte que cuidasse de mim. Se muito, preferia minhas calças, minha camiseta e minha jaqueta. E minhas botas. Deus, eu adorava minhas botas! Chutar traseiros com elas era mais divertido que nenhuma outra coisa.

Passei diante da entrada do dormitório, desci pela polida escada e entrei na cozinha, onde o doce aroma da cafeína me saudou. Vários criados Arcadians, tanto machos como fêmeas, ocupavam-se de suas tarefas matutinas. E todos, exceto um, saíram correndo assim que me viram.

—Café. — Disse à única mulher restante. Sentei em um tamborete alto. — Preciso de café.

—Em seguida. Eu mesma o sirvo. — Disse. Ela tinha o cabelo branco e os olhos cor púrpura comuns em sua espécie, embora carecesse da graça e beleza facial que tinha visto em outros. Ela me sorriu levemente. — Açúcar?

—É açúcar de verdade?

—Sim.

Em geral o tomava tão espesso como óleo de motor, mas não podia resistir ao autêntico açúcar.

—Então ponha metade e metade. Metade de café. Metade de açúcar.

Ela assentiu em aprovação e secou as mãos no branco avental.

—Glennie gosta dessa forma, também.

Pensativa, inclinei o queixo e a observei revoando, arrastando os pés através dos armários, levantando uma jarra de cristal. Meus ouvidos se animaram quando ela cantarolou baixinho uma canção. Aqui estava uma alienígena que não se encolhia de medo na minha presença. Parecia tranquila, inclusive relaxada. Indiferente.

—Importa-se se faço algumas pergunta, Glennie?

—Pergunte, pergunte. — Disse ela. — Estarei encantada em responder.

—Quanto tempo conhece Kyrin?

—Ah, não sei. — Disse ela, o vapor a rodeou enquanto vertia minha bebida em uma simples xícara negra. — Muito tempo. Pelo menos, segundo seus padrões.

Quando me deu o aromático líquido, enlacei meus dedos ao redor da xícara com gratidão. Permiti-me um gole tentativo. Perfeito, e deliciosamente doce. Nem muito quente, nem muito frio. Sorvi o resto. Se estivesse sozinha, teria gasto a xícara até limpá-la.

—Quanto tempo exatamente? — Sondei.

Voltando para suas tarefas, ela levantou os ombros em um enérgico encolhimento.

—Cinquenta anos, acredito.

Quase engasguei ao tragar o café e afastei minha xícara.

—Está de brincadeira, verdade?

—Não, não. Eu nunca brinco.

Sabia que os Arcadians deixavam de envelhecer fisicamente em um certo ponto de suas vidas mas, realmente, escutar as palavras “cinquenta anos” associados a viril aparência de Kyrin me assombrava. O homem que tinha me beijado apaixonadamente tinha...? Oitenta anos? Noventa?

—Quantos anos tem ele? — Perguntei.

Outra vez, a criada encolheu os ombros.

—Calculo que uns trezentos anos terrestres.

Minha boca caiu aberta. Trezentos fodidos anos. Sentia-me atraída e tinha beijado um homem que deveria precisar de suplementos de cálcio e fraldas.

Por que nem sequer estava surpreendida? Perguntei-me pouco depois. É óbvio que me apaixonaria por um tipo assim. Eu jamais tive uma vida normal. Por que começar agora?

—Te trata bem? — Perguntei.

Fragmentos de consciência acariciaram minha nuca, e um comichão percorreu minha coluna. Um pequeno fogo acendeu profundamente em meu ventre e uma evidente onda de alívio e desejo me enrolou. A xícara de café tremeu em minhas mãos enquanto resistia ao impulso de girar na cadeira.

Kyrin havia retornado.



Como podia desejar o beijar e afogar ao mesmo tempo?

Inconsciente, ou indiferente, Glennie se manteve de costas a mim e Kyrin. Ela pegou um pano e continuou esfregando o limpo balcão.

—Ele é um autêntico Arcadians. — Respondeu. — Orgulhoso, honorável. Valoroso. Trata-me muito bem.

—É óbvio, — Disse, valorando sua reação através de minhas pestanas. — você poderia dizer por que é seu chefe.

—Ora. — Girando para mim, ela se apoiou contra a brilhante superfície prateada. — Nos trouxe aqui quando não tinha motivos para fazê-lo. Poderia nos ter abandonado em Arcadia como escravos de Atlanna. — Ela estremeceu, sua expressão oprimida pelo medo. — Mas lutou por nós e nos trouxe através da entrada Interestelar.

Enquanto que eu, o Anjo da Morte, não causava nenhuma faísca de preocupação nesta criada, a menção de Atlanna fazia que tremesse.

—Era um escravo da poderosa Atlanna? — Segundo Lilla, Kyrin era da realeza, mas podia ter caído sob o feitiço de Atlanna.

—Chega. — Disse Kyrin, sua voz tão quente e rica como recordava. Glennie retornou de novo a suas tarefas.

Devagar, dei a volta. Seu cabelo caía em enredada desordem sobre seus ombros, e sua roupa estava suja e enrugada. Nunca o tinha visto tão despenteado e... Eu gostei. Ficava sexy e cru. Fazia que eu quisesse sujá-lo mais.

—Onde estava? — Disse, pontuando cada palavra.

Ele cruzou os braços sobre o peito.

—O que fez enquanto estive fora? Foi uma boa garota?

—Escute, Vovô. — Disse, assinalando com um dedo em sua direção. — Não queira me irritar hoje. Depois de me deixar aqui sem me dizer aonde ia ou o que faria, é o primeiro da minha fodida lista negra.

—Entre outras coisas, visitei Dallas. — Disse ele.

—Eu... — Apertei os lábios com força e sacudi a cabeça. Certamente tinha escutado mal. — O que disse?

—Visitei Dallas.

Saltei sobre meus pés e corri para ele.

—O que aconteceu? Como está? — As palavras entupiram em minha garganta, saindo quebradas e vacilantes.

Ele envolveu minha mão com sua quente e calmante palma.

—Feche os olhos e me deixe mostrar isso.

Não fiz perguntas. Isto era muito importante. Simplesmente obedeci.

Imediatamente, a escuridão se desdobrou sobre meus olhos e as imagens penetraram em minha mente.

Kyrin cruzava a pernas um longo e estreito vestíbulo. Havia enfermeiras por toda parte, mas ninguém prestou atenção. Não podiam vê-lo. Ele se movia muito rápido, como uma bala humana. Deslizou dentro do quarto de Dallas e tirou sua máscara de oxigênio. Fazendo uma profunda incisão em seu próprio pulso, colocou a rasgada e sangrenta carne sobre a boca do moribundo homem. No princípio, Dallas não fez nada. Logo, como um bebê faminto, chupou com gula, bebendo o sangue de



Kyrin. A cada segundo que passava, a cor de Dallas ficava mais saudável.

Kyrin liberou minha mão, e minha mente ficou em branco.

Minhas pálpebras se elevaram lentamente, e foquei minha atenção nele. O suor cobria sua testa e diminutas gotas deslizavam por suas têmporas. Quase muito assustada para ter esperança, afastei o punho de sua camisa antes que ele pudesse afastar-se de mim. Meus olhos se alargaram. Uma cicatriz larga e dentada danificava a pele de seu pulso, combinando com a minha. Uma hora, talvez duas, e sua ferida se apagaria completamente.

Assombrada pelo que tinha feito, pestanejei. Tinha feito. Tinha salvado Dallas.

Não sabia o que pensar. Não sabia o que dizer. Meu alívio e alegria eram muito grandes. Dallas viveria. Dallas viveria! Meus joelhos se debilitaram, e quase me estatelei contra o chão em um desossado monte. Agarrei o braço de Kyrin e me estabilizei, me apoiando em sua força.

—Eu... — Traguei saliva. Ele tinha feito o que jurou que jamais faria: me deu algo sem a libertação de Lilla em troca. — Não sei o que dizer. Um “Obrigado” não parece suficiente.

—Não me agradeça ainda. Seu amigo agora carrega meu sangue. Sangue Arcadians. Quando despertar, não será o mesmo homem que era antes.

Não me preocupava. Estaria vivo, e isso era tudo o que importava.

—Agradeço isso realmente, Kyrin. De todo coração.

Ele soltou um suave suspiro.

—Então, aceito seu agradecimento.

Mordendo o lábio, passei a ponta de meus dedos sobre a suavidade de seu antebraço, sobre a rugosa e torcida cicatriz.

—Por que ainda leva a marca?

—Quanto mais profunda é a incisão, mais tempo demora para se curar.

—Por quê? — Perguntei brandamente. — Por que o salvou?

—Por você. — Disse simplesmente. — Nós precisamos um do outro, e era hora que cumprisse minha parte.

Aquelas palavras... Não sabia o que responder. Formou-me um nó na garganta. Kyrin disse confiar em mim completamente. Vi em seus olhos, e isso me assustou. Eu era digna desse tipo de confiança? Se tivesse que o trair para fechar o caso, o faria. Só o trabalho importava. Verdade?

Suas longas pestanas desceram em uma sedutora piscada, criando sombras sobre suas maçãs do rosto.

—Vamos. Há algo que quero te mostrar.

Kyrin estendeu a mão. Vacilei um momento não sei por que e logo coloquei minha palma na dele. Como sempre que nos tocávamos, um elétrico comichão subiu por meu braço. Desta vez esperava, embora ainda me surpreendesse sua intensidade. Ele me conduziu à sala de jantar. Ali, pôs sua mão livre contra um dos painéis e disse:

—Iniciar exploração. — Um brilho amarelo pulsou entre seus dedos antes que um solitário painel se dividisse e revelasse uma escada que conduzia para baixo. — Só a voz e a carne alienígena o ativa. — Disse ele. — Você não será capaz de entrar sem mim. Nem sequer meus criados podem.

Estava muito assombrada para dizer algo. Descemos pela escura escada e um ar limpo nos deu a boas-vindas.

—Um quarto secreto. — Murmurei. — Deveria saber.

Ele apertou brandamente minha mão em resposta.

Quando alcançamos o final dos degraus, ele se deteve.

—Esta, — Disse. — é minha guarida.

As estantes se elevavam do chão ao teto, e uma televisão enorme de tela plana ocupava o centro, emitindo uma multidão de cores e formas. Sua mesa separava a sala em duas. Em uma metade um chão de brilhantes pranchas de carvalho, e na outra uma grossa manta de pele sintética.

Kyrin liberou minha mão, e eu dobrei os dedos vazios, me sentindo de repente fria e só... Como me senti a maior parte da minha vida.

Se não fosse com cuidado, poderia depender totalmente deste homem.

—Para que me trouxe aqui? — Perguntei, mudando a direção de meus pensamentos.

—Já verá. — Foi tudo que disse. Sem dar uma olhada em minha direção, rebuscou sobre sua mesa semicircular, separando e empilhando papéis. — Embora precise de um momento. Não planejava te trazer aqui tão cedo.

Enquanto esperava, dei um passeio pela câmara e estudei as tapeçarias da parede. Lilla sorria em todas elas, seus traços perfeitamente tecidos. Ele teve o cuidado de pendurá-los em ordem de idade. Seu amor por sua irmã era elogiável, sua necessidade de protegê-la admirável. Uma onda de saudade me percorreu com esse pensamento. Senhor, sentia falta de Der! Sua risada, seu amor.

Suspirando, sentei sobre um felpudo sofá verde em frente à televisão.

—Quanto a Atlanna... — Disse, me reclinando. — Busquei seu nome no computador e a única informação que descobri foi sobre a mítica ilha de Atlântida. Conhece sua história?

Ele não prestou muita atenção, mas me disse com voz casual:

—Sim. Conheço.

—Alguma conexão entre as duas?

—Possivelmente poderíamos dizer que sim. Sua Atlântida era um mundo de pessoas perfeitas. Eram fortes, inteligentes e formosos. Atlanna também quer isso.

Pestanejei para ele.

—Pensa em criar meninos que possam conquistar o mundo?

—Não, nada disso. Seus desejos vão para a criação de uma raça perfeita de meninos que possa vender. Ela, diferente de mim, não tem dinheiro. E a perfeição sempre faz sucesso, não acha? — Com uma cabeçada satisfeita, levantando o monte de papéis, sentou ao meu lado no sofá. Nossos joelhos se roçaram, provocando que a sempre presente fome revivesse, candente e intensa. Seus olhos me olharam, suplicantes. — Está pronta para saber toda a verdade?

—Certamente.

—Quando souber o que eu sei, terá que tomar uma decisão. Uma decisão que não estou certo que esteja preparada para tomar.

—Sou mais forte do que pareço. — Disse. Duvidava que o que tinha a me dizer fosse tão duro. — Sabe isso de primeira mão.



Um sorriso brincou no canto de sua boca. A mesma boca que tinha me beijado e atormentado... Na realidade e em meus sonhos.

—Certo. — Disse ele.

—Sempre lutarei pelo que está bem e é justo.

—Jura?

—Não questione minha honra, Kyrin. Disse que o faria e o farei.

Ele pronunciou um resolvido suspiro.

—Muito bem. Só rezo para que recorde dessas palavras. — Disse ele, me dando um recorte de jornal.

A manchete dizia:

MULHER LOCAL ENCONTRADA MORTA.

Li a história e franzi o cenho. Uma mulher humana da Grã-Bretanha foi achada morta em uma casa abandonada. Tinha tido um bebê recentemente, embora a criança jamais tinha sido encontrada. Causa suspeita da morte: veneno.

Dei uma olhada à imagem da mulher no canto superior direito. Uma imagem de como era antes de sua morte. Tinha sido bonita, cabelo negro e curto e grandes olhos escuros. Jovem, provavelmente não mais de vinte e cinco anos, e parecia ter um monte de anos de felicidade à frente dela.

—Note a data. — Me instruiu Kyrin.

Fiz e franzi os lábios. Em 17 de março. Mas fazia vinte e nove anos.

Kyrin me deu outro recorte. Mesma história. Mulher diferente. Dia diferente. Mesmo ano.

Ele me deu outro mais.

E outro.

E outro.

Todas as mulheres tinham desaparecido dentro do mesmo ano, todas possuíam cabelo escuro e brilhantes olhos negros, e todas foram assassinadas por algum tipo de veneno e achadas de nove a treze meses mais tarde, seus corpos ainda dilatados pela recente gravidez. Nem um só bebê foi encontrado.

As semelhanças entre estes casos e os casos recentes eram variantes. Sim, minhas vítimas eram homens, bem, menos Rianne Harte, mas cada um foi tratado em algum aspecto de fertilidade.

—Atlanna também matou estas mulheres? — Como os trezentos anos de Kyrin demonstravam, os Arcadians envelheciam muito mais lentamente que os humanos.

Ele assentiu.

—Nós jamais teríamos averiguado suas atividades se ocultasse os corpos. Em vez disso, os colocou como se fossem presentes.

—Não sei por que quis que estas mulheres fossem encontradas. Só sei que usou William Steele para chamar a atenção do A.I.R.. — Minha testa se enrugou e lutei contra uma neblina de confusão. — Por que queria nossa atenção?

—Chegarei a isso em um segundo. Rianne ajudava Atlanna, dando os nomes dos homens que encaixavam com suas necessidades. Quando me inteirei, fui ver Rianne e a paguei para que se detivesse. Por isso o fazia, pelo dinheiro, assim ficou mais que disposta a pegar o meu em troca.



Passei a mão pelo cabelo.

—Estou segura que Atlanna poderia ter feito mais dinheiro vendendo meninos Arcadians a humanos. Não entendo por que usava as pessoas.

Ele fez uma pausa.

—Os bebês eram metade de cada raça, Mia.

Pisquei, sacudindo a cabeça. Não esperava tal resposta.

—Não é possível combinar o DNA humano e alienígena. Nossos cientistas tentaram. Muitas vezes. Jamais tiveram êxito.

—É possível. — Disse ele sombriamente. — Atlanna descobriu uma maneira. Embora, com estas mulheres, — Continuou, levantando os artigos de jornais. — o processo ainda não estava aperfeiçoado e, por conseguinte, morreram.

—E os bebês? — Perguntei, minha garganta se apertou com um nó.

Tristeza e vergonha se refletiram em seu rosto e ele se afastou de mim.

—Também morreram. Quando saíram do útero ao nascer, seus corpos ansiavam tanto por Onadyn como oxigênio. Os dois trabalharam um contra o outro.

Agarrei sua mandíbula com minhas mãos e o obriguei a me olhar completamente. Minhas mãos tremiam.

—Me diga como sabe tudo isto.

Sua vergonha cresceu e ele levantou suas mãos e as curvou contra as minhas, as sustentando ali. Puxou meus pulsos até sua boca, beijando a suave carne interior, atrasando-se sobre minha tatuagem.

—Eu estava lá. — Disse, com uma corrente de remorso em sua voz. — A ajudei.

Não mostrei nenhuma reação externa. Uma parte de mim estava preparada para tal resposta. Sabia que estava comprometido de algum modo, que tinha que expiar algo, mas realmente não esperava ouvir que tinha ajudado Atlanna.

—Por quê? — Tinha que contar tudo. Tinha que tirá-lo de seu interior para superar. Para que deixasse de agir como um mártir. Ele tinha matado. E o que? — Por que o fez?

—Pensei que era uma coisa maravilhosa. Algo milagroso para ambos os mundos, algo que traria a completa harmonia entre nossa gente. Que os híbridos seriam aceitos pelos terrícolas. Nunca pensei em fazer mal àquelas mulheres. Nunca pensei que os bebês podiam sofrer. Quando compreendi que os bebês não podiam sobreviver, lutei contra Atlanna a todo momento.

—Por favor, não me diga que também esperava vender os meninos.

—Não. Morreria antes de vender um menino. Qualquer menino. O que fiz, fiz por minha gente. — Ele fechou os olhos com força. — Tenho que fazer isto bem. Atlanna tem que ser destruída.

Estava completamente de acordo.

—Os experimentos falharam. Assim, por que agora sequestra homens de cabelos e olhos escuros?

—Essa cor é o oposto dos Arcadians e é reverenciado pelos de nossa espécie. É o que Atlanna considera perfeito. É pelo que os Arcadians pagariam mais para possuir, já que, de novo, ela tenta criar híbridos.

—Quero uma prova irrefutável de sua culpa. — Disse. — Prova que possa



levar aos meus superiores. Assim poderemos dedicar todo nosso tempo e esforço para encontrá-la e matá-la.

Sombrio, Kyrin levantou e se aproximou da lareira. Ali, acendeu um fogo, e as chamas logo rangeram e cresceram, enchendo o quarto de um forte aroma de pinheiro. Esperei, em silêncio, sem insistir em uma resposta. Ele se debatia interiormente pelo que, por uma vez, mostrei paciência.

—Tenho o que precisa. — Disse, como se não tivesse me mantido em suspense. — Tenho a prova de suas ações.

Em suas palavras, senti um mau presságio me reclamando... Afundando suas afiadas garras em mim. Traguei com força, sabendo o que queria dizer, e para isso não requeria minha capacidade psíquica.

Possivelmente sempre soube.

Rezei para que meus instintos estivessem errados. Mas nunca estavam.

Lentamente, ele deu a volta e me enfrentou.

—Você, Mia. Você é a prova. É um híbrido: não totalmente humana, nem totalmente alienígena.

Capítulo Dezoito

Com calma, levantei de minha cadeira, meu rosto desprovido de emoção enquanto caminhava para Kyrin. Num momento não sabia o que ia fazer, e no seguinte levantava minha mão e o esbofeteava com todas as minhas forças.

Sua cabeça girou de lado e esfregou os lábios com os dedos.

—Fez isso porque sabe que tenho razão, ou porque quer que retire a verdade?

Meus olhos se estreitaram em diminutas frestas.

—Se contradiz, Kyrin. Faz minutos, disse que todos os bebês morreram.

—Não, disse que nenhum dos bebês carregados por mulheres humanas sobreviveram.

Golpeei-o outra vez, usando meu punho desta vez e cortando a pele. A ferida curou rapidamente. A violência se revolia em meu interior sempre que ele abria a boca. Meus ouvidos apitavam enquanto o sangue se precipitava em minha cabeça.

—O homem que conhece como seu pai realmente é seu pai. Mas a mulher que conhecia como sua mãe não é absolutamente nenhum parente consanguíneo. É um dos experimentos de Atlanna, carregada por uma fêmea Arcadians. O experimento funcionou só uma vez. Naquele tempo, não entendemos como alcançamos êxito com você; só sabíamos que seu nascimento destruiu o útero da mulher, e ela é incapaz de conceber outra vez. — Ele agarrou meus ombros, me forçando a sustentar seu olhar, a confrontar a verdade. — Até agora, era assim. Atlanna encontrou o modo de duplicar o procedimento, e usa homens humanos para fecundar suas mulheres Arcadians.

—Os híbridos não existem, portanto não sou um híbrido. Eu...

—Você tem capacidades psíquicas. — Disse ele, cortando minhas palavras. Uma acerada determinação se refletia dentro de seus brilhantes olhos púrpuras.

—Muita gente tem. — Respondi.

—É capaz de rastrear e matar alienígenas que outros caçadores jamais encontram.

—Trabalho muito. — Minha torpe tentativa de me convencer da impossibilidade de tudo isto, parecia simplesmente como esbanjar fôlego.

—Vi o modo como se moveu naquele dia, quando Atlanna nos atacou. — Ele grunhiu baixo em sua garganta, um som de profunda frustração, e me sacudiu uma vez, duas vezes. — O que precisa para demonstrar seus origens?

Não tinha resposta para ele. Não sabia o que me convenceria quando, na realidade, não queria ser convencida. Passei muitos anos da minha vida odiando os *outros-mundos*. Os caçando. Matando. Ser um deles... Ser tudo o que meu pai odiava...

Mas o que mais podia explicar como tinha reduzido a velocidade do mundo enquanto eu mesma tinha acelerado? Que mais explicava como tinha deslizado aquela garrafa de cerveja sem tocá-la? Que mais explicava como tinha destruído aquela porta com apenas um olhar?

Apertei os lábios quando outro pensamento me atravessou. Em minha visão sobre Dallas, vi uma alienígena e uma humana. Acreditei que Isabel era a alienígena e eu a humana. A bÍlis subiu por minha garganta. Oh, meu Deus!

Kyrin cobriu seu rosto com as mãos.

—Tentei derrotar Atlanna eu mesmo naqueles tempos. — Disse. — Tentei. E falhei. Seu poder para o controle mental ultrapassa inclusive o de Lilla. Soube, desde que desapareceu o primeiro homem, que não podia confrontá-la sozinho, por isso fiz pequenas coisas para dificultar seu caminho. Falei com os homens, travei amizade com eles. Os adverti. Isso não fez que fosse mais lenta. Sabia que a necessitava. Você pode derrotá-la. O poder se agita dentro de você, revolve-se tão profunda e agressivamente como uma tormenta no oceano, e só tem que o alcançar em seu interior para encontrá-lo.

Meus dentes chiaram.

—Como sabe tudo isto?

—Sinto muito. Como você sente meu poder sempre que estou em uma sala. Mas há algo mais. Você... Você é a filha de Atlanna.

—Fodido bastardo. — Cuspi. Talvez pudesse aceitar que era uma híbrida. Talvez. O que não podia aceitar é estar relacionada com um monstro como Atlanna. Como se atrevia ele inclusive a pronunciar essas palavras?

Ele capturou meus pulsos, me impedindo de golpeá-lo.

—É a filha de Atlanna. — Repetiu. — Seus poderes são tão numerosos e grandes como os dela.

—Se cale! Simplesmente feche a fodida boca.

—Não sei como terminou vivendo com seu pai quando Atlanna queria te criar. Só sei que Atlanna te seguiu até aqui. E eu também o fiz.

Violentemente, sacudi a cabeça em negação.

—Não...

—Sim. Seu pai sabe a verdade. Só tem que perguntar.

“Odeie os alienígenas, Mia”, dizia sempre meu pai. “Despreze-os. Eles são os



responsáveis por todos os nossos problemas”.

—Não! — Gritei.

—Profundamente em seu interior, sabe a verdade. — Sua voz era calma embora sustentasse um poderoso e perigoso torvelinho.

Com um passo, chegou a uma caixa forte fechada onde murmurou uma só ordem, uma palavra desconhecida. A porta rangeu e abriu, e Kyrin retirou uma corrente de prata com um medalhão.

—Cada Arcadians possui um destes. Um kalandra, chamamos. Em seu interior, mostra um momento querido de nossas vidas. Às vezes o momento passou, às vezes ainda tem que acontecer. Aqui está o seu.

O meu? Empalideci enquanto ele se aproximava e oferecia a corrente que pendurava de seus dedos. A peguei com dois dedos e a sustentei. Não estava preparada para olhar, por isso mantive meus olhos fixos nele.

—Como o conseguiu? — Perguntei.

—Já viu como me movo rápido. — Ele me dirigiu um sardônico sorriso. — Preciso dizer mais?

—Não. — Sacudi a cabeça. — Não.

Segui sustentando o colar longe de mim. Sentei, reunindo coragem, combatendo contra uma enorme e retorcida confusão. Pestanejei e engoli. Simplesmente faça-o.

Inspirando profundamente arrastei meus olhos de Kyrin à longínqua estante e logo aos meus dedos. Enfoquei no medalhão... E quase suspirei de alívio. O medalhão era redondo e parecia nada mais que uma pequena e vazia bola. Meus lábios estavam se esticando em um sardônico sorriso, quando compreendi que algo se movia dentro. Observei mais atentamente.

Ofeguei. Em um fragmento holográfico, vi uma mulher de tranças brancas balançar com cuidado uma envolta criança em seus braços. Ela cantarolava brandamente, realmente podia escutá-la, e olhava o bebê. Seu perfil era um reflexo do meu. Nariz ligeiramente inclinado, altas maçãs do rosto. Lábios cheios.

—Mia. — Disse ao bebê, sua voz poesia lírica e relaxante. — É meu anjo perfeito.

Eu a tinha visto antes. Em meus sonhos... No tiroteio do estacionamento.

—Essa mulher é Atlanna, — Me disse Kyrin. — e ela te segura.

Meus dedos se apertaram ao redor do medalhão, bloqueando a imagem. Mas não pude impedir que a voz se apagasse de minha mente. “É meu anjo perfeito”. Com minha mão livre, cobri a boca.

Atlanna.

Minha mãe.

A cor abandonou meu rosto, e uma espécie de vertigem me alagou. Kyrin sentou e me rodeou com seus braços. Aproximou-me, e de bom grado afundei meu rosto em seu pescoço.

—Aceite quem é, Mia. Pelo seu bem. Pelo meu. E pelo dos inocentes.

—Não posso.

—Sim, pode. — Disse Kyrin. Seu quente fôlego soprou acima de minha cabeça. — Um Arcadians pode fazer tudo.

Quando disse isso, minhas origens pareceram tão... Concludentes que meu desespero cresceu. Por vontade própria, meus dedos se enredaram ao redor da gola de sua camisa.

—Tudo o que conheço está caindo, — Disse. — me ajude a entender.

Ele acariciou minhas costas com suas mãos, massageando minha coluna e logo movendo os dedos até meus ombros. Seguiu com os consoladores movimentos enquanto falava.

—Seu pai estava casado com a mãe de Kane e Der quando ele e Atlanna tiveram uma aventura. Esta durou mais de um ano. Então algo aconteceu entre eles, e seu pai desapareceu, te levando com ele. Durante um tempo, ela abandonou sua investigação para te procurar.

Permiti que suas palavras fluíssem através de mim.

—Se aceitar o que diz, — Disse. — terei que aceitar que toda a minha vida foi uma mentira.

—Agora pode viver uma vida de verdade. — Disse ele, a apertando.

Mas poderia? Se o A.I.R. descobrisse algo assim, a expulsariam do trabalho. Os alienígenas não eram aceitos nessa área. Poderia perder os únicos amigos que tinha. E o que faria se perdesse meus amigos e meu trabalho? Eram tudo o que tinha.

—Tenho que ligar para meu pai, Kyrin. Tenho que falar com ele.

Ele me libertou imediatamente e de uma pernada chegou à sua mesa. Com expressão resignada, pegou um telefone e colocou a pequena unidade em minha mão.

Disse o nome de meu pai, odiando a forma que minha voz tremia.

Ele respondeu no quarto toque.

—Sim?

—Papai, sou eu, Mia.

—Sim. — Disse ele outra vez. — O que quer?

—Atlanna em Arr é minha mãe? — As palavras surgiram como pouco mais que um vacilante sussurro. Quadrando os ombros, obriguei minha garganta a obedecer e repeti minha pergunta. —Atlanna em Arr é minha mãe?

Seu fôlego crepitou sobre a linha. O imaginei tão tranquilo fumando um cigarro.

—Por que me pergunta isso?

—Ela é?

—Este não é um assunto que queira discutir, menina.

—Ela é? — Gritei.

Outro crepitante fôlego.

—Sim. Ela é. — Declarou. — Contente agora?

Apertei os lábios enquanto a verdade me golpeava. Golpeava completamente. Eu era um híbrido. Atlanna era minha mãe.

—É por isso que deixou de me amar?

—Sim. — Respondeu sem vacilar. Nem sequer tentou negar. — Começou a se parecer com ela.

—Sou metade sua, papai. Isso não significa nada?

—Possivelmente uma vez. — Seu tom permaneceu indiferente. — Já não mais.

—Fiz tudo o que sempre quis. Matei alienígenas. Odiei-os. Poderia ter



destruído todos e isso não faria nenhuma diferença, verdade?

Ele não disse nada. Não tinha que fazer.

—Por que me separou de Atlanna? Por que simplesmente não me deixou com ela?

—Ela seduziu Kane. — Grunhiu ele, mostrando sua primeira emoção. — Os encontrei juntos, e ela riu. Riu! — Agora foi ele quem riu, um som cruel. — Matei Kane e consegui feri-la. E sabe o que? Não era suficiente. Ela te queria tanto que te separei dela. — Ele riu entre dentes de novo. — Fiz que odiasse os de seu próprio tipo. Eu...

Não o deixei terminar. Disse:

—Desligar. — E deixei o auricular nas mãos de Kyrin.

Endireitei os ombros, levantei e determinada coloquei um pé diante do outro até que cheguei do lado da estante. Era um híbrido, e Atlanna em Arr era minha mãe. O conhecimento me rasgou por dentro, cortando fundo, me deixando em carne viva, com as feridas abertas.

Obviamente os chefões não queriam que nós soubéssemos que os híbridos, realmente, podiam ser criados. Isso explicava porque tinham eliminado toda a menção de fertilidade dos arquivos do A.I.R..

Minhas pálpebras fecharam fortemente, e um doloroso nó fechou minha garganta. O futuro que tinha imaginado para mim mesma agora estava coberto de incerteza.

—Atlanna é mais poderosa do que nunca. — Disse Kyrin, sabia que esperava me distrair de minha confusão interior. — Mas você... Você tem uma força maior correndo por suas veias. Uma vez que alcance esse poder, poderá matá-la.

—Matar minha própria mãe? — Gritei. A sério queria que executasse minha própria mãe... A mulher que tinha cantado tão docemente e tinha me chamado de seu maior tesouro?

Kyrin amaldiçoou baixo:

—Temia que isto acontecesse. Temia que fizesse isto. Má gente continua sendo má gente, Mia, e seu trabalho é matá-los.

—Se cale. — Minha voz se quebrou. Estava alcançando meu limite rapidamente, e de repente queria ficar sozinha. Enganchei o colar ao redor do meu pescoço embora não soubesse o que ia fazer com ele. — Me dê um pouco de tempo. — Disse, empurrando diante dele.

Sei que ele viu meu espírito transtornado em meus olhos, mas levantou com toda a intenção de me deter.

—Dois dos outros homens foram achados mortos ontem à noite. Raymond Palmer e Antón Stokenberg. Se não agirmos, outros logo os seguirão.

Parei no meio de um passo, e logo girei, fulminando-o com o olhar. Através dos dentes apertados, disse:

—Como soube?

—Sou um caçador, como você, embora procure um tipo de presa diferente. Você espreguiça alienígenas. Eu espreguiço Atlanna. A segui, e a vi se desfazer deles.

A fúria venceu todas minhas outras emoções. Enquanto estava dormindo e comendo como uma rainha, dois homens mais foram assassinados. Possivelmente



podia tê-los salvo, possivelmente não. De uma forma ou de outra, deveria estar nas ruas, os procurando. Mas não, virtualmente tinha abraçado estas miniférias.

Tinha que sair daqui. Franzindo o cenho, puxei o bracelete de meu antebraço. Puxei até machucar e marcar minha pele pela tensão. A grossa liga permaneceu em seu lugar. Meus ossos estavam rígidos e meus músculos duros, quando finalmente permiti que minhas mãos caíssem ao meu lado.

—Tire esta maldita coisa.

—Não. — Disse, decidido. — Não antes de que se acalme. Não antes que compreenda que Atlanna pode ser sua mãe, mas ainda é um monstro.

—Maldito seja. — Zombei. — Parto agora, neste momento, e você decide se o faço em paz ou com dor.

Ele cruzou os braços sobre seu peito.

—Muito bem, então. — Cruzei o escritório e cheguei à porta da rua. Sem um só vacilo em meu passo, saí ao sol da tarde.

Capítulo Dezenove

A dor viajou do meu braço até minha cabeça e esfaqueou um caminho até os dedos de meus pés. Continuei andando. Uma vertigem se mesclou à dor de cabeça e ambas quase me fizeram cair. Meus passos ficaram mais lentos, chegando a ser agonizantes, e tropecei. Mas não parei.

Continue se movendo. Tinha que continuar me movendo.

A neve congelou meus pés nus, as agudas espetadas do frio eram quase insuportáveis, e quanto mais me afastava da casa, mais agudo meu sofrimento ficava. Dor. Dor desesperadora.

Gritos de angústia se alojaram em minha garganta enquanto alcançava uma sombreada árvore no jardim.

Escutei ruído de passos e logo, de repente, fui jogada ao chão por uma força superior a mim. Fortes braços me rodearam. Kyrin, compreendi. Queria me deter. Lutei contra ele enquanto ele girava no ar, tomando o impacto quando golpeamos o chão. Rodamos vários metros.

Quando paramos, sentei escarranchada sobre ele e empurrei contra seu peito, mas Kyrin me agarrou pelo braço e, com um ondulação de seus dedos, abriu o bracelete e o jogou longe.

—É livre. — Grunhiu. — Livre.

Suas palavras penetraram em minha mente, e então compreendi que a dor partiu, que realmente tinha tirado o grilhão. A surpresa me invadiu, tão fria e real como a neve ao meu redor. Encontrei-me olhando para Kyrin fixamente, suas palavras ressoando em minha mente. “É livre”.

—Eu... — Parei.

Não agradeceria quando, para começar, jamais deveria ter me encarcerado.

—Agora mesmo, não há nada que possa fazer que o A.I.R. já não esteja fazendo. Está alterada e me necessita. Igual eu necessito de você.



Sim, realmente o necessitava. Como precisava esquecer, embora só por um momento. O ar faiscou entre nós, como diminutos pontos candentes de vermelho vivo. O calor sempre estava presente entre nós.

Observei-o. Seus olhos estavam pesados, meio fechados, e seus lábios estavam separados em um gemido, como se sofresse dolorosamente. Sua excitação pressionava entre minhas pernas, dura e potente. Não pediu permissão, simplesmente enredou suas mãos em meu cabelo e puxou até pressionar minha boca contra a dele. Não protestei, não. Empurrei minha língua dentro de sua boca e encontrei e acariciei a dele. Saboreei seu doce sabor, chuva de verão e desejos carnaais.

Então, nada importou exceto sentir, tocar, o prazer deste homem. Nem meus pais. Nem o passado. Nem meu trabalho. Meus dedos agarraram sua camisa, rasgando o negro tecido bem no meio, enviando aqueles obstinados botões voando pelos ares com um salto.

Ele me fez rodar sobre minhas costas, e a neve me provocou um ofego. Tão fria. Ainda assim minha pele estava quente. Arqueei-me contra ele, minhas pernas se enredando em sua cintura. Queria mais. Precisava de mais. Girei, sentando escarranchada sobre ele outra vez, e arranhei com minhas unhas a sólida parede de seu peito. Vários flocos de neve derreteram com o calor de sua pele e lambi cada gota.

Ele gemeu e me beijou. Então arrancou sua boca e eu grunhi com a perda. Kyrin me fez rodar pela segunda vez e levantou, com um fogo violeta ardendo em seus olhos.

—Por aqui. — Disse, me agarrando nos braços.

—Não, por aqui não. Quero-te aqui. Agora. À luz do dia. Na neve.

Não queria esperar para alcançar o interior da casa. Não o queria em uma suave, agradável e acolhedora cama. O queria em um lugar que igualasse meu desejo. Em algum lugar indomável. Selvagem. Perverso.

Um lugar primitivo.

—Aqui. — Disse.

—Aqui. — Concordou ele.

Levou-me a uma gruta oculta e obscurecida por muito altos ramos nus. As paredes foram feitas pelo homem e esquentaram ao tocá-las. Quentes, igual ao meu sangue.

Kyrin me desceu. Ali de pé, nossos olhos se encontraram e sustentamos o olhar. Só um sussurro nos separava. Movi a mão entre nossos corpos, desamarrei suas calças, e as empurrei sob suas pernas. Ele saiu delas e, de repente, estava nu. Desavergonhadamente excitado. Deus, era formoso! Como uma escultura. Pálido e duro, alto e majestoso, com escuras tatuagens dispersadas através de seu abdômen. Minha língua desceu, seguindo os desenhos, e seu embriagador sabor, uma mescla de desejo e homem, avivaram meu desejo.

—O que significam? — Perguntei, lambendo cada símbolo.

Seus braços rodearam meus ombros, e seus dedos roçaram meu pescoço.

—A luz dominará a escuridão.

—É perfeito. — Murmurei.



E era. Minhas palmas deslizaram por seu peito. As pontas de meus dedos rodearam seus pequenos e franzidos mamilos. Era tão sólido. Com tendões tão tensos. Tinha puro poder em minhas mãos, e gostei disso. Eu gostava dele.

Este homem me desafiava de um modo que jamais ninguém o fez. De vez em quando me irritava como o inferno, e jamais se dobrava às minhas ordens. Possivelmente estava louca, mas admirava aquelas qualidades nele.

—Te desejei, — Disse, suas palavras misturadas com pequenos beijos em minha mandíbula e pescoço, sua respiração trabalhosa — desde a primeira vez que te vi.

—Feche o bico e me beije.

Lançou uma risadinha quente, rouca, logo esmagou seus lábios contra os meu. A excitação me golpeou, frenética pela liberação, enquanto mergulhava em sua boca. Suas mãos se introduziram sob o sedoso material de meu entrecruzado sutiã e a ponta de seus dedos tocaram a borda de meus mamilos. Estremeci.

O desejo se juntou entre minhas pernas. Estava molhada. Preparada. Pronta para ele e só ele. Precisava de seu duro e grosso pênis em meu interior. Empurrando dentro e fora. Possivelmente devagar no início, mas pegando velocidade mais tarde.

—Olhe. — Supliquei. — Olhe o que me faz.

Com os olhos fechados em rendição, dirigi uma de suas mãos sob minha vaporosa saia, sobre o interior da minha coxa e a borda das minhas calcinhas.

—Aqui? — Sussurrou ele com voz rouca, escorregando os dedos adiante da frágil barreira de seda.

—Sim. Bem... Aí! — Incapaz de me deter, arqueei com seu toque, criando mais pressão e fricção. — Sente o quanto te necessito?

—É fogo líquido. — Elogiou ele. Caiu de joelhos na minha frente, mantendo a mão em minhas calcinhas. Com a outra acariciou um caminho sob minha saia, começando em meus pés e subindo por minhas panturrilhas e coxas. — Quero mais. Muito mais. — A reverência gotejou de suas palavras.

—Então, tome. — Disse, meus quadris retorcendo enquanto me tocava.

—Farei. — Disse ele. — Tomarei tudo o que tem para dar, e inclusive mais.

Ele deslizou as calcinhas rosa por minhas pernas e as jogou no chão. Com um rápido movimento de seu pulso, separou as dobras da minha saia. Não teve que abrir minhas pernas; eu o fiz com impaciência, de bom grado, e no seguinte pulsar de coração, ele beijava a umidade entre minhas coxas. No primeiro veloz movimento de sua língua, explodi.

O fogo, a alegria, o prazer; tudo me chamuscou e senti um enjoo. Meus joelhos tremeram. Agarrei sua cabeça, perdendo o sentido de onde estava, quem era, só sentindo um incrível estremecimento me percorrendo uma e outra vez.

E quando pensei que poderia morrer com isso, Kyrin beijou meu centro de novo até que só pude ofegar seu nome. Ele chupou, lambeu, saboreou e me fez desejá-lo uma vez mais.

Joguei a cabeça para trás enquanto o prazer rasgava através das minhas terminações nervosas. Gemi e gritei, os sons escapando entre minha agitada respiração. Fechei os olhos e mordi o lábio inferior.

—Não pare. — Sisse, ofegando. — Não pare.



Ele lançou outra risadinha, e as vibrações fizeram cócegas em minhas coxas.

—Sempre dando ordens. — Disse.

Só quando gritei seu nome outra vez ficou de pé, apoiou os braços sobre a parede atrás de mim e me apanhou em seu abraço.

—É linda quando goza.

—Quero te ver assim. — Disse. Envolvi seu pênis com meus dedos e ele vaiou e murmurou algo em uma língua que não entendi. — Quero ver como goza.

—Ainda não. — Disse com a voz quebrada. — Primeiro quero saborear o resto de você.

Passou um segundo, um mero sussurro de tempo, antes que seus lábios atacassem os meus. Sua língua se moveu sobre minha boca com embriagadora lentidão, exótica e urgente. Saboreei eu mesma, e isso me excitou, me recordando onde ele estava e o que fez. Movi minha mão acima e abaixo por seu pênis, acariciando-o.

—Sabe? — Disse Kyrin, sua voz mais rouca a cada palavra e me olhando através do escudo de suas espessas pestanas. — É a mulher mais apaixonada que jamais conheci.

—Você me faz assim.

—Me alegre.

Suas mãos deslizaram por meus lados e cavaram minha mandíbula. Plantou pequenos beijos e dentadas sobre meu nariz, olhos e queixo.

O calor escorregou ao longo de minha coluna.

—Eu não estava alegre no início. Estava irritada.

Sopesei seus testículos em minhas mãos.

Uma gota de suor deslizou por sua têmpora, e suas palavras pareceram inclusive mais fatigantes.

—Se esta for a forma como canaliza sua cólera, me esforçarei para te enfurecer frequentemente.

Ri entre dentes com voz rouca. Ele me pôs nas pontas dos pés para outro beijo. Enquanto sua língua fazia sua magia, baixou suas mãos ao meu traseiro e impulsionou minhas pernas ao redor de sua cintura. Abri minhas coxas e enganchei meus tornozelos em suas costas até que sentei escarranchada sobre ele e embalei sua ereção sem uma penetração real.

Uma de suas mãos se aplanou contra a base da minha garganta, tão quente e convidativa, a um centímetro de se introduzir dentro da minha blusa e buscar meu peito. Mas a forte e masculina mão permaneceu em seu lugar, zombadora, satírica. Atormentadora.

Enquanto os espectadores minutos passavam, meus mamilos endureceram e doeram. Os rosados picos esperavam seu toque e se esticaram contra o tecido sedoso da minha blusa. Não deveria estar tão excitada. Já tinha gozado duas vezes.

—Kyrin...

—Mia. — Com os olhos fortemente fechados, ele acariciou meu esterno e baixou até as costelas outra vez, sem desviar nem uma vez desse caminho. — Disse que queria te saborear. Memorizar-te e marcar. Mais tarde haverá tempo para ser rápido e selvagem.

—Quero que seja selvagem agora.

Ele só lançou uma risadinha suave, mas tensa.

—Isto, farei à minha maneira.

—Simplesmente veremos o tempo que pode resistir.

Há muito tinha perdido o controle de meu corpo, se é que lhe preocupava, e de forma estranha, não me afligia a perda.

Ele pressionou sua ereção contra mim, e ofeguei. Esfreguei meu peito contra o dele, animando-o. Ele gemeu e mordiscou minha clavícula. Suas mãos estavam por toda parte. De vez em quando, fazia uma pausa para simplesmente me olhar ou sussurrar eróticas promessas no ouvido, mas sempre me deixava dolorida por mais.

—Te sinto tão bem contra mim, anjo. Tenho que tocar mais de você.

—Sim, sim. — Gemia, então. — Não, não. — Quando ele o fazia.

Eu era puro fogo em suas mãos.

—Alguma vez imaginou que um humano e um alienígena seriam tão perfeitos juntos? — Perguntou Kyrin.

Sua língua lambeu e chupou meu pescoço e seio exposto. Amassou meu traseiro. Retorci-me; derreti por ele; tentei forçá-lo a mover suas mãos onde mais as precisava, mas ele sempre frustrava minhas tentativas e as afastava a uma distância segura.

—Maldito seja, Kyrin. Termine com isto.

Sua risada foi um ronrono tenso, desesperado. Suas mãos desceram por dentro do meu vestido. Mas em vez de agarrar e espremer como eu tão vorazmente ansiava, gracejou meu mamilo rodeando-o com a ponta do dedo. A ação só aumentou minha frustração, minha necessidade. Como me fazia isto? Eu estava desejosa, o que mais precisava?

Então roçou a ponta de meu ofegante mamilo com os dentes.

Meus quadris corcovearam e quase gozei de novo.

—Sim, aí. Bem aí! Faz outra vez.

Deu ao meu outro mamilo o mesmo tratamento... Uma fugaz dentada, seguida rapidamente do calor de sua língua. A parte inferior de meu corpo se arqueou contra ele. Só um toque mais. Um mais.

—Onde mais me precisa? — Exigiu ele, cessando qualquer toque.

—Por toda parte, maldito seja.

Alcancei entre nossos corpos e envolvi minha mão ao redor da dureza de seu pênis. Olhando-o no rosto atentamente, conduzi sua mão à junta entre minhas pernas e dirigi seus dedos através de meus cachos escuros. Então me balancei adiante.

Contato. Gemi. Sua mão se afastou depressa. Grunhi e a segui. O seguinte que soube é que meu vestido rasgou e sentia o frio ar. De repente, estava completamente nua e deitada sobre minhas costas. Kyrin estava de pé sobre mim, seu peito se elevando, sua ereção pronta. Seu cabelo parecia mais pálido que um raio de sol, e seus olhos... Ardiam de paixão, brilhantes e cristalinos. Percorreu com o olhar todo meu corpo, minhas pernas abertas e a umidade da minha excitação.

—Me assombra. — Disse. Seus músculos se flexionaram, ajoelhou e avançou lentamente sobre mim. Ofegamos quando sua pele entrou em contato com a minha.



— Queria prolongar, prolongar nosso prazer, mas me deixa louco com seus pequenos gemidos e suas audazes carícias. —Balançou contra mim, cuidadoso em não me penetrar ainda.

—Assim, bem assim. — Ofeguei. — Faz outra vez.

E fez, deslizando adiante e atrás no liso V das minhas coxas enquanto eu me esfregava contra ele. Kyrin beijou meus seios, arrastou os dentes por meus mamilos e se colocou para a penetração. Equilibrou-se na borda, sem empurrar dentro realmente.

Com dentes apertados, sussurrou:

—Uma vez que a tome, será minha. Minha mulher. Nenhum outro homem poderá te ter.

—Tua. — Concordei com um gemido, sem importar as consequências de tal promessa.

Ele se inundou em meu interior.

Gritamos com a perfeição do ato, a exatidão deliciosa. Minhas unhas arranharam suas costas enquanto seus lábios esmagavam os meus, tomando, dando. Pela primeira vez em minha vida, tudo estava absolutamente correto.

Ele era tão grande e grosso em meu interior, deslizando dentro e fora, que me encheu completamente. A paixão transbordou a cada movimento, procurando a satisfação total. Usei a força das minhas pernas e o fiz rodar de costas para montá-lo e assim poder controlar a profundidade de sua penetração, a rapidez de nossos movimentos. Elevei-me sobre ele e logo abaixei, aumentando a deliciosa fricção.

Ele me colocou de costas.

E imediatamente mudei nossas posições de novo.

—Kyrin...

—Mia. — Disse ele.

Meu nome pareceu uma reverente prece em seus lábios, e me permitiu o domínio ao mesmo tempo. Suas mãos deslizaram de meus quadris, agarraram meu traseiro e me empurrou para que me apertasse mais contra ele. Começamos a nos mover mais rápido. Mais rápido ainda.

Jamais havia me sentido tão viva. Tão livre. Quis que este sentimento durasse sempre. Não queria que a realidade se intrometesse.

—Mais duro, Kyrin. Mais profundo.

Ele empurrou contra mim, com força. Perfeitamente. Profundamente. Colocou a mão entre nossos corpos e rodeou meus clitoris com o polegar. Ofeguei, gritei. Minhas paredes internas apertaram e sacudiram e ele se moveu mais rápido. Mais duro. Mais profundo. Bem como precisava.

Quase imediatamente, outro orgasmo me catapultou as estrelas, este mais forte que o último. Só quando ele escutou seu nome sair rasgado da minha garganta se derramou dentro de mim.

Quando a última palpitação diminuiu, me deitou de costas e caiu sobre mim. Passou muito tempo antes que a nebulosa neblina sexual se dissipasse em minha mente.

Quando abri os olhos, Kyrin me olhava, seus suaves lábios cheios de ternura.

—Te esperei a vida inteira. — Disse. — Dê-me o resto do dia. Amanhã



podemos lidar com o mundo exterior.

Imediatamente abri a boca para negar. Havia tanto o que fazer. Chamar Jack. Procurar Atlanna. Visitar Dallas. Tinha um caso a resolver e, depois de tudo o que descobri hoje, precisava de um pouco de normalidade em minha vida. Entretanto, mais premente que qualquer dessas coisas, era minha necessidade de estar com este homem.

—Eu... De acordo. — Disse.

Ele sorriu abertamente e me deu um rápido beijo. Não nos incomodamos com a roupa. Não precisávamos dela. Permite que me levasse para dentro de casa... Ao seu quarto.

Capítulo Vinte

Mais tarde da noite, me dei conta que estava em um sujo beco atrás de um supermercado abandonado. Os grilos cantavam uma preguiçosa melodia enquanto eu me orientava. Ar frio, acre. Chão duro. Luz da lua. Pisquei. Isto não tinha sentido. Estava em uma cama. Uma suave e quente cama com Kyrin.

Ele tinha culminado.

Eu tinha culminado.

Então, o que..?

Tinha dormido, obviamente. Mas que diabos fazia aqui? Olhei em todas as direções. O céu noturno me saudou, papéis desprezados e cartões de comida davam voltas sobre o concreto.

Por que não tremia? Perguntei-me olhando para baixo, ao meu corpo. Um grosso casaco me cobria os ombros. Usava meias três-quartos grossas, pesadas botas e calças de couro abraçavam minhas pernas. Não lembrava de ter me vestido, o que significava que Kyrin o tinha feito por mim.

Onde diabos estava esse meu amante?

Como se sentisse meus pensamentos, ele apareceu ao meu lado e agachou. Sentando-me, notei que estávamos ocultos atrás de um pestilento monte de lixo. Meu nariz enrugou com aversão. Não havia ninguém perto, ninguém fazia nenhum ruído. Kyrin não me deu nem uma olhada e manteve sua atenção na frente dele.

—Espero que não se importe, mas nos transporte aqui.

Teria gostado de ver toda essa coisa de tele transporte, mas deixei passar.

—O que fazemos aqui? — Sussurrei.

—Esperando. — Respondeu baixinho.

—Para?

O homem tinha que aprender que eu jamais me conformava com respostas pela metade.

Agora, me observou com um intenso olhar.

—Atlanna. Quero que veja que ela não é a mulher maternal que você quer que seja.

Imediatamente me pus em alerta e ajoelhei ao seu lado, olhando fixamente o

escuro beco que observava momentos antes. A impaciência correu por meu sangue. Impaciência... E temor.

Esperamos.

—Quando aparecer, — Disse ele. — deve estudá-la, nada mais. Independentemente do que acontecer. Antes que a ataquemos, deve ver como utiliza alguns de seus poderes.

Quase gritei uma negativa. Quase. Sabia que observar o inimigo e prestar atenção às suas forças e debilidades antes de passar à ação era o modo correto de caçar... E ganhar. Sabia. Mas minha impaciência era forte. Desejava algum tipo de confrontação com Atlanna.

—Me dê uma arma de qualquer modo. — Disse. — Vou...

Um raminho se quebrou.

Cortei minhas palavras e fiquei completamente quieta.

No outro extremo do beco, uma mulher saiu de repente de entre as sombras. A luz da lua iluminou sua beleza e juventude, ressaltando sua pálida pele e sua frisada juba branca. Negras calças e uma larga jaqueta negra de couro a cobriam, marcando suas curvas. Parecia um caçador. Parecia comigo.

Atlanna.

Kyrin ficou rígido.

Observei como um corpo flutuava atrás da mulher. Ela piscou, e a forma volumosa e nua caiu sem cerimônias no chão. Merda. Sua telecinésia devia ser incrivelmente forte para levantar tal peso.

Enquanto uma onda de sua energia me golpeava, ela fez uma pausa e franziu o cenho. Seus olhos se lançaram em todas as direções, procurando algo... Ou alguém.

Meu coração acelerou. Controlei o impulso de chegar ao seu lado com uma pernada. Estrangulá-la. Abraçá-la. Antes que inspirasse meu próximo fôlego, desapareceu nas sombras.

Um vento invernal se levantou, formando redemoinhos e assobiando ao redor do beco. Invadiu-me uma penetrante decepção e massageei a nuca.

—Sentiu-nos. — Disse Kyrin.

—Sim. Provavelmente sentiu o zumbido de energia de seu sangue.

Como eu sentia sempre que estava perto de um Arcadian. Caminhei para o corpo, me preparando para o que veria. Um macho. Estava nu e seu corpo desprovido de qualquer sinal de tortura. O pobre bastardo até sorria. Comprovei seu pulso, só para estar segura.

—Morto. — Grunhi. — Eu adoraria saber por que os deixa no exterior. Disse que Willian serviu para chamar a atenção do A.I.R. e este?

Deixei cair minha cabeça entre as mãos. Sempre quis uma mãe que me amasse. Diabos, sempre quis uma mãe para amar. Mas minha mãe tinha matado este homem. Minha mãe era uma alienígena predadora e fez tantas coisas más que só de pensar nelas ficava doente. Meu dever me obrigava a caçá-la e matá-la. Mas...

—Por diversão, provavelmente. — Disse Kyrin. — Não havia nenhum modo de salvá-lo.

—Temos que chamar Jack. Tem que saber...

Um familiar aroma ácido encheu meu nariz.



—Sinto muito, anjo. Não está preparada, e faz muito que temo por sua vida.

O último pensamento que cruzou minha mente antes que a escuridão me reclamasse foi que ia assassinar Kyrin e sua maldita poção para dormir.

—Filho da puta! — Gritei quando despertei.

A luz do sol filtrava através das cortinas vinho, iluminando o decadente e espaçoso dormitório de Kyrin. O chão de carvalho resplandecia, a penteadeira brilhava e os candelabros na parede flamejavam com perfumadas velas de jasmim.

Estava enjoada e cansada que me drogassem cada vez que queria me mover.

Procurei Kyrin pelo quarto, mas ele se foi.

Assim que o encontrasse, ia me dar seu telefone para ligar para a delegacia de polícia e contar a Jack tudo o que descobri... Exceto a parte que Atalanna era minha parente consanguínea. Não sabia se alguma vez abordaria aquele tema em particular. E, obviamente, também excluiria a parte sobre me deitar com Kyrin.

Abandonei o calor do edredom e caminhei para o banheiro. Ali escovei os dentes e o cabelo e programei o computador de parede para uma ducha. Queria aquela deliciosa explosão de água sobre mim. Estava mais ou menos a ponto de entrar na banheira, quando vislumbrei um brilho dourado pela extremidade do olho. Cheia de um sentimento de temor, limpei o vapor do espelho.

Aquele rato bastardo!

Apertei os punhos enquanto uma potente fúria me consumia. Se tivesse uma pyre, teria encontrado Kyrin e teria reduzido seu traseiro a cinzas. O teria feito. Realmente o teria feito. Depois de todas as coisas eróticas que tínhamos feito juntos, depois de nos prometer que confiaríamos um no outro, tornou a pôr o bracelete em meus bíceps, me mantendo presa neste maldito lugar.

Dobrei-me sobre a borda da fria e azul pia.

—Filho da puta! — Grunhi baixo. — Acreditei que ia me libertar permanentemente. Mas não, todo o tempo pensou em me manter aqui.

Caminhei como um vendaval por toda a mansão, empurrando os criados em meu caminho. Eles se apressaram a se afastar de mim. Não encontrei Kyrin em nenhuma parte. Um rouco grunhido abriu caminho por minha garganta. Acima de tudo, continuava pensando em brincar de detetive sozinho. Sua morte seria meu maior prazer.

Chutei e sacudi a porta secreta de seu escritório, mas a estúpida coisa não se moveu. Kyrin acreditava que estaria de acordo com isto? Que o perdoaria? Que me dando uns poucos orgasmos que faziam uma mulher perder a cabeça, estaria contente em esperá-lo em casa?

—Filho da puta. — Lancei outra vez.

Girando ao redor, vi que estava sozinha. Inteligente por parte dos serventes se ocultarem. Em minha frustração, poderia lhes fazer mal por engano. Caminhei para a cozinha e retirei uma faca de trincar de uma coberta de madeira. Antes que terminasse o dia, ia tirar este bracelete do meu corpo. Depois esperaria que Kyrin voltasse. Sabia que a cada segundo que passasse e ele permanecesse ausente, minha fúria cresceria mais e mais candente.

—Vou trespassá-lo vivo. — Disse, sentando de repente em um tamborete. — Vou arrancar seu coração e me dar um festim com ele por dias. Amarrarei seus



intestinos ao redor de seu pescoço e o afogarei até a morte. — Introduzi a ponta da faca sob o bracelete.

—Oh, e a quem tem intenção de torturar dessa maneira? —Perguntou uma rouca voz feminina atrás de mim.

Rapidamente, levantei de um salto e girei, empunhando a faca. Quando vi quem tinha falado, minha mandíbula caiu aberta. Atlanna. Não havia sentido sua presença, mas ali estava, de pé, uma visão vestida de lavanda e creme. Meu primeiro pensamento foi o de um caçador: lamentei não ter minha pyre ou um gravador de voz.

Meu segundo pensamento foi simplesmente o de uma filha: perguntei-me o que achava de mim enquanto me examinava atentamente.

Tão de perto, seus olhos violetas, altas maçãs do rosto e nariz de duende eram o epítome da perfeição. Inclusive o arco de suas sobrancelhas não se atrevia a desviar de seus impecáveis traços. Ela parecia comigo, mas muito mais delicada.

Braceletes de ouro enroscavam em seus braços, e braceletes adornavam seus pulsos e tornozelos. Seu suave e brilhante cabelo branco quase tocava o chão e estava recolhido em várias tranças. A inocência a envolvia, brilhando amorosa ao seu redor. Aparentemente.

Duas necessidades encontradas combateram pelo predomínio. Poderia correr para ela, aceitá-la como minha mãe e falar. Ou poderia usar a faca que sustentava em minhas mãos e pôr ponto final à confusão que esta Arcadian tinha criado.

Não fiz nenhuma das duas coisas.

Simplesmente fiquei de pé, em conflito. As palmas suaram, meu coração aumentou o ritmo de seu batimento. Estava tão cheia de curiosidade! O que teria sido de minha vida se ficasse com ela desde menina? Conheceria o amor que tanto ansiava? Teria matado gente inocente para agradá-la?

Supunha que a odiava e, realmente, a odiava em muitos níveis.

Tome-a sob custódia, gritou a caçadora em mim. Interrogue-a. Encontre os homens que faltam, se algum deles ainda está vivo. Encontre os bebês. Ainda assim, não pude me obrigar a mover. A agir como fui treinada.

—Para que veio? — Pude dizer.

—Para te ver. — Seus dedos acariciaram sua trança. — Quer que vá?

—Eu... Não. — Sacudi a cabeça.

Não importavam minhas necessidades, esta não era uma ação que pudesse me permitir.

Dirigiu-me um meio sorriso, e a diversão iluminou seu rosto.

—Sustentando essa faca parece comigo. Tão forte. Tão ansiosa por conquistar o mundo.

—Exceto que usamos nossas armas por motivos diferentes.

Isso. Havia dito. Era o primeiro passo para me obrigar a pensar nela só como uma assassina, não como uma mãe.

—Matar é matar. — Lentamente, sua risada se apagou e apoiou o quadril contra o marco da porta da cozinha. Um pingo de cólera esticou seu queixo. — Qual de nós acha que se divertiu mais com nossas vítimas?

—A vida não é só diversão.



—Então o que é, hum!?

—Fazer as coisas bem.

—E o correto é admitir meus crimes? De acordo. O fiz. Matei os homens que encontrou. Eles serviram ao meu objetivo e aprendi bem a não abandonar os pais com seus bebês.

Pestanejei ante sua fria confissão, pronunciada tão despreocupadamente. Nunca - nunca um alienígena tinha admitido tão abertamente um crime. E ainda assim, sua confissão encaixava perfeitamente com ela, como suas outras ações. Horripilante. Indiferente. Audaz.

—Não me arrependo. — Disse. — Isso me levou até você.

—Não pode acreditar que me convencerá que os matou só para me encontrar. E os bebês? — Perguntei, mantendo meu tom tão neutro como o dela... Uma façanha que requereu cada grama de força que possuía.

Encolheu os ombros, agitou um delicado braço através do ar, e me dedicou um deslumbrante sorriso.

—O que aconteceu com eles?

Como uma rainha perante sua corte, Atlanna passeou pela cozinha, tocando e levantando certos artigos para sua inspeção, e logo os deixando cair de novo em seu lugar. Com o nariz enrugado em aversão, passou a ponta do dedo pelo balcão.

—Esperava que a casa de Kyrin fosse mais... Não sei. Arrogante?

Apertei os dentes com tanta força que quase rompi a mandíbula.

—Realmente compreende que será executada por seus crimes, verdade?

—Os humanos não podem me fazer mal. — Me confrontou de novo, seu olhar perfurando o meu, seus olhos pensativos. — Embora acredite que você poderia me ferir. É, depois de tudo, minha melhor criação.

Suas palavras enviaram uma rajada de fúria através de mim, e franzi o cenho.

—Você não tem nada a ver na formação da mulher que sou.

—Você é mais minha que de seu pai. Mais alienígena que humana.

—Não pareço com você. Jamais parecerei com você.

—Não, Mia en Arr. Somos a mesma. — Sua beleza se intensificou à luz e se aproximou de mim. — Seu pai te ocultou bem. Passei ano atrás de ano te procurando na Grã-Bretanha. Então, li um artigo sobre a equipe do A.I.R. de New Chicago. E ali estava você, me olhando fixamente de uma tela de computador. Embalei minhas coisas e viajei até aqui nesse mesmo dia. Observei-te, sabe? É tudo o que sempre quis que fosse. — Havia um “mas” em seu tom.

—Mas luto no lado errado. — Terminei por ela.

—Sim. Esse pequeno detalhe. Pequeno, — O sorriso revoou em seu rosto. — mas reparável.

—Como sabia que estava aqui, na casa de Kyrin?

—Segui seu rastro de energia ontem à noite. Assim, — Disse, seu sorriso se voltando envergonhado, muito inocente para o monstro que ocultava dentro. — e porque tenho minha gente observando Kyrin. O homem tolo acredita que é tão inteligente que se move sem ser detectado por toda minha casa. Mas sei. Sempre soube.

—Assim, aqui estamos. — Disse, suspirando em tom ocasional.



—Sim, aqui estamos. Que melhor lugar para nossa primeira reunião? O A.I.R. não sabe onde está, por isso não podem me dar problemas. — Se moveu bem na minha frente, e cheirei a sutil fragrância floral que a envolvia. — Não tentava te fazer mal nesse dia no estacionamento. Kyrin era meu objetivo.

Faz seu trabalho, me disse. Ela é má. Vil.

Tinha que apanhá-la. O dever era sempre o primeiro. Vidas inocentes descansavam nas mãos desta Arcadian, e se não as arrebatasse, ela as esmagaria.

—Que horrível Kyrin é ao te manter aqui, presa! Planeja o matar? É óbvio que o faz.

Sem me dar tempo para pensar mais, deixei cair a faca e saltei para ela. Possivelmente deveria ter mantido a arma, mas não estava preparada para matá-la. Não, quando ela poderia ser o único modo de encontrar os bebês. Não quando... Não me permiti considerar nenhuma outra razão.

Enredei minha perna ao redor da dela e empurrei. Como minha ação foi tão rápida e inesperada, executada com perita precisão, ela caiu para trás, sua expressão aturdida. Eu estava sobre ela no instante seguinte. Então, Atlanna já tinha recuperado seu ímpeto e soltado uma corrente de poder tão grande que caí de joelhos com um ruído surdo.

Minhas mãos cobriram meus ouvidos, tentando bloquear a ruidosa e dilaceradora rajada de energia que reverberava através da minha cabeça. Isto era mil vezes pior que a dor que experimentei quando me afastei da casa de Kyrin. Onda atrás de onda de agonia se precipitou em meu interior e um grito rasgou minha garganta.

Passou uma eternidade, ou possivelmente só minutos, quando senti a ponta de um dedo acariciar minha bochecha e me obriguei a abrir os olhos. Atlanna estava agachada na minha frente, seus traços cheios de cólera, assim como de um pingo de orgulho.

—Não muitos poderiam me pegar de surpresa. — Com um simples deslizar de seus dedos, tirou o bracelete do meu braço. — Agora é livre, Mia. Livre para matar Kyrin por te prender.

Devagar, o zumbido dentro da minha cabeça diminuiu.

—Me dê os bebês e devolva os humanos que sequestrou. —Grasnei. — Por favor.

—Mas ainda não terminei com eles. — Disse, se levantando.

Agarrei sua mão, com a intenção de detê-la. Quando nossas palmas se tocaram, sua imagem encheu minha mente. A vi tombada em um tapete, coberta de sangue. De quem? Dela? Ela não se movia, não emitia nenhum som. Estava morta ou viva? Quem a tinha ferido?

Tentei manipular a visão, esperando revelar as respostas, mas quanto mais tentava, mais imprecisa ficava. Não, quase gritei, insegura se me referia à visão ou à forma como Atlanna sangrava. Permaneça comigo. Aprofundei-me no limite da minha consciência, retorcendo cada imagem com uma mão mental. Logo as vivazes cores e formas complexas evaporaram em uma névoa, finalmente desaparecendo completamente.

Meus olhos se ampliaram e olhei para cima. Ela me olhou, seus lábios



separados, seus traços agora pálidos.

—O que viu? — Exigiu, agarrando meus ombros. — Diga-me o que viu.

Sacudi a cabeça. Não diria, não podia dizer que não sabia se ela morreria nos próximos dias. Nem sequer sabia como me sentia sobre o que tinha visto.

Liberou-me, me afastando dois passos.

—Eu também tenho visões e nunca se equivocam.

—Sei. — Disse tristemente.

—Sabe também, que às vezes vemos a verdade distorcida?

Minhas sobranceiras se uniram.

—O que quer dizer? O que vi poderia não acontecer? O que vi era simplesmente uma possibilidade do que nos proporciona o futuro?

—Eu... — Fez uma pausa, calando o que planejava dizer. — Venha para mim depois que matar Kyrin. Seu... Irmão gostaria de voltar a te ver.

Com isto, saiu a perneadas da casa.

Capítulo Vinte e Um

Saí disparada atrás dela, meus passos golpeando as tábuas de madeira. Antes que a alcançasse, Atlanna deu uma olhada sobre seu ombro, e por um momento, nossos olhares se encontraram.

—Não me faça esperar muito tempo. — Disse.

Minha cabeça encheu do intenso zumbido que tinha provocado antes, e fechei os olhos com força enquanto caía desabada no chão. Quantos minutos passei assim, não sei. Só sei que quando o som limpou e a dor diminuiu, abri os olhos e estava sozinha. Atlanna tinha desaparecido como se nunca houvesse estado na casa.

Nestes momentos, suas últimas palavras no interior da cozinha penetraram em minha agora limpa mente. “Seu irmão gostaria de voltar a te ver”. Pisquei uma vez, duas vezes. Kane. O irmão que não lembrava. O irmão que meu pai adorava e pensava ter matado.

Então Kane estava com Atlanna. Provavelmente a ajudava. Deveria me sentir impressionada, mas não estava. Por que algo deveria ir bem neste caso de merda?

Levantei de repente, recuperei a faca que tinha deixado cair, e embainhei a afiada folha dentro da cintura da minha saia. Depois, confisquei um par de botas de Kyrin e múltiplos pares de meias três-quartos. As meias três-quartos usei para preencher o interior das botas, mas ainda assim, as botas negras demonstraram ser vários números maiores que meus pés. Não perdi tempo com calças ou camisas. Simplesmente joguei uma de suas jaquetas sobre os ombros. O grosso material caiu e as mangas cobriram minhas mãos. Isso bastaria.

Com a urgência martelando em meu interior, corri para fora. Nenhuma rua. Nada de tráfego. O ar da tarde exalava uma cobertura geada em todas as direções enquanto uma grande extensão de árvores e terra indômita me saudava. Quantos quilômetros me separavam da cidade? Não sabia, nem sequer podia ver New Chicago no horizonte. Poderia começar a andar, com a esperança que algum condutor mais

adiante me levasse mas... Não gostei das probabilidades, da espera. O tempo se complicava. Kyrin poderia voltar a qualquer momento.

Tinha que ter outra forma.

A resposta entrou em minha visão periférica quando me afastei uns passos.

À minha direita se elevava uma elegante e quadrada garagem branca e vermelha, separada da casa. A mesma garagem onde tinha visto Kyrin sair a toda velocidade há apenas uma noite. Acelerei o passo, balançando os braços e os flocos de neve se acumulando em minhas panturrilhas.

A porta lateral estava fechada, e a entrada automática era muito pesada para levantar sozinha. Quebrei a janela traseira com uma pedra e entrei, sabendo que tinha ativado qualquer sistema de segurança que ele usasse. Não importava. O calor me envolveu enquanto estudava as três SUV esperando para ser dirigidas. Esperando por mim.

Sorri amplamente. Havia um espaço vazio, o que significava que Kyrin ainda usava o Jaguar. Enquanto considerava o que fazer depois, meu sorriso se apagou. Não sabia fazer uma ligação direta em um carro. Os terrícolas usavam digitais para ligar seus veículos. A maior parte dos alienígenas não tinham digitais, assim usavam o reconhecimento de voz.

Sem Kyrin... Não. Espere. O mais provável é que tivesse programado a voz de alguns de seus criados no sistema caso necessitassem que alguém se ocupasse de suas diligências. Ou teria deixado uma gravação com sua voz para que seus empregados usassem.

Amaldiçoando, voltei correndo através da neve, batendo os dentes e meu corpo tremendo. Dentro da casa, os criados ainda estavam escondidos. Enquanto os procurava, também procurei uma gravadora. Revolvi entre os armários e gavetas do térreo, encontrando umas pilhas e balas. Franzindo o cenho, subi as escadas até o quarto de Kyrin, onde não deixei nenhum canto ou vão sem revisar.

Descobri um boá de plumas e um chapéu de palha em seu armário... Mas não quis considerar por que Kyrin tinha aqueles artigos.

Voltei abaixo. Minutos mais tarde, encontrei uma jovem que se escondia em um sótão sob o chão da cozinha. Ela gritou quando me viu. Agarrei-a pelo braço, a levantei e puxei.

—Veem comigo. Siga bem, e não te farei mal.

Seu corpo tremeu, mas não tentou resistir. Corri de novo fora, a arrastando comigo enquanto voltava à garagem. Graças a Deus, não havia sinais da volta de Kyrin. Aproximei-me do SUV mais afastado, que tinha correntes nas rodas, poucos quilômetros e turbo-compressor.

—Abra-o. — Ordenei à mulher.

—A-Abre. — Sussurrou ela.

Não aconteceu nada. Golpeei o punho contra o capô com frustração.

—Diga outra vez. Em sua língua.

—Luo. — Gritou ela.

A porta saltou aberta.

O alívio me alagou.

—Agora ligue.

—Pren. — Gritou a garota, e o motor rugiu à vida imediatamente.

Liberei-a e deslizei dentro do carro. Enquanto ela fugia para longe, programei as coordenadas de meu apartamento. A porta da garagem abriu automaticamente e o carro entrou em movimento. O chiado dos pneus encheu meus ouvidos enquanto me afastava a toda velocidade.

Peguei o telefone do carro e disse:

—Jack Pagosa, A.I.R.. — No alto-falante.

Escutei o timbre de chamada, mas não respondeu. Merda. Tentaria de novo quando chegasse em casa. Conduzi por volta do norte durante meia hora, e quase abandonei um caminho familiar quando os arranha-céu de New Chicago se elevaram diante de mim, sobre o horizonte. Uma hora mais tarde, estacionava em meu edifício e deixava o carro depressa.

Com passos cortados e frenéticos, entrei no edifício. O vestíbulo era uma ampla abertura iluminada pelo sol que não deixava nada oculto à vista. Bem quando dava a volta num canto, escutei um alto e aprovador assobio. Girei rapidamente sobre meus calcanhares. Meu vizinho, Eddie Briggs, empalideceu quando compreendeu a quem tinha elogiado.

Foi malditamente afortunado que não lhe cravasse a faca.

—Uh, olá. — Disse, subindo os óculos pelo nariz e tentando não olhar fixamente meu decote... Sem fazer um trabalho excessivamente bom.

Ele estava de pé em frente ao elevador. Um alto, enfraquecido e jovem menino de provavelmente uns vinte anos, com o cabelo loiro escuro e a pele sardenta.

—Se quer viver, não comente minha roupa.

Sem reduzir a velocidade de meu passo, franqueei-o rapidamente. Senti seu olhar fixo em minhas pernas.

—Uh, a polícia esteve te procurando. — Me gritou.

Parei no meio de uma pernada e girei para confrontá-lo.

—Te interrogaram?

Esperei. Ele não disse mais nada. Simplesmente continuou olhando fixamente o vestido sob minha jaqueta e agitei a mão em frente ao seu rosto até que, por fim, me olhou nos olhos.

—O que disse a eles?

—Que não sabia de nada. Que não tinha te visto há dias.

—Fez bem. — Disse, reatando minha veloz caminhada.

quando alcancei meu apartamento parei de novo e amaldiçoei. Minha unidade de identificação digital estava quebrada. Cautelosamente, dei um passo dentro do meu vestíbulo e explorei a sala de estar. Nada parecia quebrado ou desconjurado, mas... Alguma coisa não estava bem. O ar pulsava com a energia dos outros. Alguém, possivelmente o A.I.R. ou possivelmente não, tinha revistado minha casa. Alguém que podia estar aqui ainda.

Desembainhei a faca. Uma exaustiva busca revelou um cubo de lixo vazio e uma secretária eletrônica desaparecida, mas, graças a Deus, nenhum intruso.

Tentei chamar Jack outra vez. Depois de oito toques, golpeei o receptor na forquilha da cozinha uma vez, duas vezes. Onde diabos estava? Com dedos rígidos, telefonei depois para o hospital, só para ser informada que o Doutor Hanna estava



ausente. Conspiravam todos contra mim?

Depois de fechar o melhor que pude, tomei uma ducha rápida e pus calças justas e uma camisa. Logo joguei o cerimonioso vestido de Kyrin num canto. Deus, me sentia tão bem usando minha própria roupa! E o melhor, tinha embainhada uma pyre, algemas e várias facas. Coloquei o colar que Kyrin tinha me dado na caixa forte do armário, onde em geral guardava minhas velhas armas, sem saber ainda o que ia fazer com ele.

Agradecida que ninguém tivesse roubado o SUV, usei-o para conduzir até o hospital. A antecipação me invadiu quando entrei no quarto de Dallas; a luz do sol derramava através das persianas abertas e brilhava sobre os azulejos brancos e as barras prateadas da cama. Fiquei parada, embebendo cada detalhe.

Dallas estava apoiado sobre a cama, comendo o almoço e falando com outro agente. Garret Harsbro, notei, um jovem recruta recém saído da academia.

Senti uma onda de pura alegria e alívio me consumindo. Dallas estava vivo, são e inteiro. Sua pele possuía uma forte cor rosada. Seus movimentos eram lentos, mas seguros. As únicas provas de seu recente encontro com a morte eram suas bochechas mais fundas e as linhas de tensão ao redor de sua boca.

Ele riu entre dentes de algo que Garret disse, o som um pouco forçado, mas me encontrei rindo com ele. Uma risada autêntica. Sem inibições. Ele me ouviu e me deu uma olhada. Tive que me tragar um ofego. Seus olhos... Inclusive desta distância podia ver que não eram de um profundo marrom como antes. Eram mais claros. Quase azuis. Como os de Kyrin.

—Mial! — Disse, deixando cair o garfo e devolvendo minha risada. — Merda, me alegre muito de te ver!

Precipitei-me à cabeceira e uni sua mão à minha.

—Bem-vindo de volta. — Disse. — Bem-vindo.

Ele deu um débil aperto em minha mão.

—Me alegre por estar de volta. O Doutor Hanna disse que deveria estar morto, mas devo agradecer aos deuses.

Olhei para Garret.

—Perdoa-nos? — Perguntei, sem me importar uma merda em ser grosseira.

Precisava passar um tempo a sós com meu amigo. Meu melhor amigo.

Garret sorriu apreciativamente, assentiu, e saiu do quarto.

Quando ficamos sozinhos, voltei-me para Dallas e disse:

—Como se sente?

—Melhor a cada hora. — De repente o sorriso se apagou de seus lábios e me olhou com preocupação. — Não te encontrou com Jaxon por dez minutos. Algo acontece, Mia, e tem a ver com você.

Não quis que ele se preocupasse.

—Estive fora de alcance por uns dias, isso é tudo.

Ele sacudiu a cabeça.

—É mais que isso, e... — Fez uma pausa, como se acabasse de escutar minhas palavras. — O que significa que esteve fora de alcance? Você nunca está fora de alcance. Seu trabalho é sua vida.

—É uma longa história e não tenho tempo para explicar. O que Jaxon disse?

—Queria saber se falei com você desde que saí do coma ontem à noite. E, é óbvio, não o fiz.

—E?

—Bom, é o que não disse que me desconcertou. Jack chamou Jaxon pelo móvel. Outro corpo foi achado esta manhã. Não sei quem. Jaxon não me disse. De todo modo, enquanto Jack falava, Jaxon ficou pálido. Sussurrou seu nome e, a princípio, pensei que você era o morto. Mas quando perguntei, disse que tinha escutado mal e que o chamasse se falasse com você.

Isso não soava bem.

—Jaxon partiu depois disso. Chamei sua casa e no móvel, mas não pude te localizar. Sua unidade nem sequer recolhia mensagens.

Tentando não revelar minha agitação, o beijei na bochecha.

—Explicarei isso tudo quando tiver falado com Jack, tá?

Ele assentiu a contra gosto e puxou minha mão para me manter ao seu lado outro minuto mais.

—Tome cuidado.

Esgrimi um sorriso.

—Sempre.

Quando a delegacia de polícia apareceu à vista, minha inquietação tinha crescido a dimensões inimagináveis. Entretanto, me negava a ser uma covarde e manobrei até o estacionamento. Observei o edifício, o ir e vir dos agentes. Nada parecia insólito. Resignada mas ainda insegura, deslizei dentro do vestibulo.

Vários agentes me saudaram com normalidade, com um rápido: “Olá” e um sorriso. Alguns correram ao meu lado, me dando tapinhas no ombro e perguntando como estava. Respondi corretamente, mas com severidade um “estou bem” e me mantive em movimento. Os outros me olharam com receosa desconfiança e se mantiveram a distância.

Quando alcancei o escritório de Jack, fiz uma pausa, com a mão levantada, pronta para golpear. Jamais tinha batido antes, por que começar agora? Abri a porta. Jack estava no meio de uma frase e parou bruscamente quando me viu. Jaxon, Jaffee e Mandalay estavam sentados em frente à sua mesa e todos giraram para me olhar.

Jaxon saltou sobre seus pés. De um salto, cruzou a sala e parou ao meu lado.

—Está bem? — Perguntou, a preocupação destilando a cada palavra.

Sorri fracamente.

—Tão bem como se pode esperar.

—Ele não... Te fez mal, verdade? — Perguntou Jaxon brandamente.

—Não. Não fez.

Um momento de silêncio abrangeu o escritório. Um silêncio tenso e pesado, pouco natural.

Finalmente Jack disse:

—Que diabos faz aqui, Mia? Tivemos à Polícia e os agentes varrendo o terreno por três dias. Três malditos dias, e você aparece em meu escritório assim, como se nada tivesse acontecido.

Não havia tempo para explicações.

—Sei quem matou Steele, Jack. E os outros.

—Sim. — Disse Jack, se reclinando em sua cadeira e mastigando antiácidos como caramelos. — Nós também. Kyrin en Arr.

Abri minha boca para pronunciar um decidido: “Está errado” mas Ghost e Kittie se precipitaram dentro, interrompendo minhas palavras. Eles passaram por meu lado e pararam de repente quando me viram.

—Dallas me chamou no celular. — Disse Ghost, ofegando depois de cada palavra. — Me disse que estava a caminho daqui. — Me envolveu entre seus braços. — Kyrin não te fez mal, verdade? — Exigiu, repetindo a pergunta de Jaxon. — Porque pessoalmente o encontrarei e o matarei... Se você não o fez.

—Ainda está vivo, — Respondi. — e eu gostaria que continuasse assim. Ele não é violento.

—Oh, não é, hein? — Jack mastigou alguns antiácidos mais. — Então, por que seu DNA vocal está registrado na cena? E por que, — Acrescentou escuramente. — suas digitais estão também?

Havia algo em seus olhos, um brilho que jamais vi dirigido para mim antes. Eles sabiam que estive na cena, mas, sabiam algo de minhas origens? Suspeitavam? Minha atenção se deslocou para Mandalay. Ela afastou os olhos a toda pressa. Depois, enfoquei em Jaffee. Ele tampouco pôde confrontar meu olhar por muito tempo.

Jaxon, Ghost e Kittie me observavam, cada um deles com uma expressão idêntica de preocupação e temor.

Enfrentei Jack.

—Aonde quer chegar?

—Lembre o dia que foi sequestrada, Mia. Um minuto te vi tendo uma agradável discussão com um Arcadian invasor, e no seguinte simplesmente desapareceu. Não temos notícias suas por três dias, e logo descobrimos seus rastros por toda parte em uma cena do crime. Como explica isso?

Não respondi à sua pergunta, mas fiz uma própria.

—Acha que sou culpada do assassinato? É isso o que diz?

Derrotado, caiu para trás em sua cadeira.

—Não. — Disse firmemente. — Não o faço. É a melhor caçadora que tenho. Sabe Deus quantas vidas salvou e sabe Deus quantas vidas alienígenas tomou. Mas os de cima querem seu sangue. Acreditam que é culpada, que ajudou Kyrin a todo o momento. — Solto um suspiro. — Querem sua insígnia.

O medo se formou dentro do meu estômago e abriu caminho através de meu sangue.

—Nem Kyrin nem eu assassinamos essa gente.

—Sei que não está implicada, mas esse Kyrin...

—Confie em mim. Eu...

—Confio em você. — Lançou ele. — Sempre o faço. Mas não confio nele. E, além disso, tenho que fazer meu trabalho. Agora mesmo tenho ordens para tomar sua arma e sua insígnia. Está suspensa até novo aviso, pendente de investigação e, merda, não discuta sobre isso. É o procedimento padrão. Sabe. Tem sorte que não seja pior.

—Mantenho minha arma, Jack, e sigo ativa. — Disse com a mão apertando a



arma em questão. — Legalmente ou não.

Ele pestanejou para mim, procurando meus olhos... O que? A força da minha determinação? Quanto aguentaria até triunfar? Independentemente do que visse, acabou com sua intenção.

—Já sabia que seria difícil. — Disse, mas não havia nenhum calor em seu tom. — De acordo. Mantenha sua arma. Sugiro que passe o tempo demonstrando sua inocência e me trazendo o responsável. Mas juro, você nunca esteve aqui. Entendido?

—Eu não a vi. — Disse Jaxon.

—Ver quem? — Perguntou Ghost. — Mia continua desaparecida.

—Acredito que a procurarei no Distrito Norte. — Disse Kittie. — Já sabe como essa mulher gosta de fazer compras.

—Sai daqui antes que mude de ideia. — Ordenou Jack bruscamente.

Deus, amava estes homens. Dei um abraço rápido em todos. Quando meus braços envolveram o pescoço de Ghost, ele sussurrou:

—Se precisar de algo, me ligue. Tá?

Assenti com a cabeça.

Sabia o que tinha a fazer agora. Inclusive embora isso me fizesse parecer muito mais culpada.

Quando dei um passo no corredor, fiquei nas sombras. Tinha trabalhado aqui por tanto tempo, que conhecia cada quarto secreto, cada lugar onde se esconder. O suor escorreu por meu rosto e mãos, e meu coração acelerou. O que ia fazer irritaria Jack e, talvez, destruiria sua confiança em mim. Mas tinha que ser feito.

Kyrin havia dito que eu tinha poderes, que só tinha que buscá-los em meu interior para encontrá-los. Atlanna também disse que possuía poderes tão fortes como os dela. Havia sentido débeis flashes deles por anos, e sobretudo nos últimos dois dias. Apesar de tudo, não tinha nenhum controle sobre eles.

Mas tinha que tentar. Fechei os olhos e me concentrei em chegar dentro da minha mente, arrancando as paredes que tinha posto ali. Uma por uma as pedras caíram até que devagar, muito lentamente, a estrutura se esmiuçou inteira. No princípio não aconteceu nada. Fiquei ali de pé à borda do precipício, suspensa no ar, à espera, a força de tudo o que estava enterrado se revolvendo como uma tempestade.

Naquele momento compreendi que estive adormecida toda minha vida e que agora mal começava a despertar. Com um braço instável, estiquei uma mão imaginária. No instante que meus dedos penetraram a volúvel névoa, a energia me alagou. Meus joelhos quase cederam por sua intensidade. Tanto poder. Este me consumia, me tragava viva.

Tremi, e minhas pálpebras se abriram.

Enfoque, ordenei-me. *Enfoque*. Tudo ao meu redor, pessoas, insetos, o pó se movia lentamente. De fato, apenas se moviam. Como no estacionamento com Kyrin. Escutei o tic-tac de um relógio, embora parecesse soar cada minuto em vez de cada segundo. As vozes ao meu redor pareciam profundas e arrastadas.

Dei um passo, logo outro, e me encontrei me movendo rapidamente, mais rápido que jamais tinha me movido antes. Voei através dos detectores de movimento e através do chão sensível ao peso, e logo estava diante do exploratório do corredor



das celas.

Tinha Lilla agarrada pela mão antes que minha presença fosse registrada no computador. A expressão de Lilla foi de surpresa, mas não resistiu enquanto a arrastava fora do edifício e a metia no carro de Kyrin.

Só quando estivemos na estrada me permiti relaxar e no momento que o fiz, toda a energia me abandonou e o tempo voltou de repente para sua velocidade normal. As coisas se moviam mais devagar, as vozes já não se arrastavam. Agora, era eu quem me arrastava.

Uma onda de vertigem me assaltou e meu estômago deu um salto. Programei o carro para que parasse, saí e esvaziei o conteúdo do meu estômago ali, ao lado da estrada.

Lilla abriu a porta de passageiros. Acreditei que pensava fugir, pelo qual teria que procurar a energia necessária para persegui-la, mas ela se agachou ao meu lado.

—Há quanto tempo sabe? — Perguntou.

Minha cabeça estava pesada, muito pesada, mas consegui girá-la para ela.

—Saber o que?

—Que se parece comigo.

—Dois dias.

Algo vulnerável piscou em seus olhos.

—Por que me libertou? — Perguntou.

—Por seu irmão. Agora responda uma pergunta. Ajudou Atlanna a sequestrar aquelas pessoas?

O silêncio cresceu entre nós.

Posteriormente disse:

—Sim. — Admitiu. — Mas quando compreendi que planejava matá-los depois que terminássemos com eles, pedi ajuda para Kyrin detê-la. Eu só... Queria ter um bebê meu, e pensei que seria um maravilhoso modo de conseguir.

Inspirei profundamente. Não confiava nesta mulher por completo, mas tinha que pôr minha vida em suas mãos. Não tinha outra opção.

—Procure Kyrin, sim? Tenho que fechar os olhos.

Ajudou-me a retornar ao carro, e minhas últimas forças me abandonaram. Não queria dormir. Queria estar acordada quando encontrássemos Kyrin. Mas no momento que o carro arrancou, minha mente ficou em branco e uma profunda neblina me envolveu.

Capítulo Vinte e Dois

Farrapos de consciência escorregaram por minha mente, se incrementando progressivamente até me desvelar. Pisquei e abri os olhos. No princípio, não vi nada mais que uma negra teia, proporcionando ao meu redor uma aparência nebulosa e confusa. Quando foquei, uma vista mais deliciosa que um fumegante oceano de café me saudou e um sorriso brincou nos cantos de minha boca. Espreguicei-me como uma feliz gatinha. Kyrin estava convexo ao meu lado, apoiado sobre os cotovelos.

—Olá! — Disse com um bocejo ao final de cada sílaba.

Então recordei o que tinha feito, como tinha posto os grilhões outra vez. Perdi o sorriso e lhe dei um murro.

Sua cabeça girou de lado.

—Isso foi por tentar me manter prisioneira de novo.

Enquanto esfregava a mandíbula, suspirou de forma arrependida.

—Sinto muito. Só pensava em te proteger. Sabia que perseguiria Atlanna, e não queria que o fizesse sozinha. Nunca pensei que ela viria a você.

Cruzei os braços sobre o peito.

—Tem meu solene juramento que nunca, nunca, te reterei com o bracelete de novo.

Débeis raios de luz marcavam seus traços, escurecendo a auréola de inquietação ao seu redor. Minha testa enrugou, e franzi o cenho.

—Que horas são? — Perguntei.

—Às nove da noite.

—Como cheguei aqui? — Perguntei, logo fiz uma pausa. — Espere. Minhas lembranças estão um pouco imprecisas, mas lembro de algumas coisas. Lilla conduziu para mim, verdade?

—Sim, o fez. — Acariciou minha bochecha com a ponta dos dedos, rodeou minha orelha e logo se introduziu em meu cabelo. — Obrigado por libertar minha irmã.

—De nada. — Relaxei com seu toque.

Com lenta e sensual graça, ele enrolou uma escura mecha em seu dedo e a deslizou por sua maçã do rosto.

—Tive uma visão sobre Atlanna. Acredito... Acredito que morrerá logo.

—Morta? Como?

Engoli.

—Vi seu corpo estendido sem vida no chão, seu sangue a rodeando. — Um estremecimento sacudiu minha coluna. — Minhas visões nunca falharam.

Sua voz se voltou tão suave como uma chuva do verão.

—Possivelmente ganhemos esta guerra, afinal.

Deveria ter sentido uma enorme alegria com tal observação, mas não senti.

Perder-me nele seria tão fácil. Envolver os braços ao redor de seu pescoço e puxar para que me desse um beijo seria mais fácil ainda. Mas não fiz nenhuma daquelas coisas. Permiti que me consolasse.

Seus dedos cavaram minha nuca e fez o que eu não me atrevi. Empurrou-me contra o colchão e roçou seus lábios contra os meus. Depois dessa promessa tão doce, perdi toda minha animosidade e me abandonei ao seu beijo. Com delicadeza, muito lentamente, nossas línguas dançaram juntas. Seu sabor era tão puro e masculino como recordava. Seu aroma me envolveu, evocando imagens de noites estreladas, champanhe caro e trufas de chocolate. Com um dolorido gemido, introduzi minhas mãos sob sua camisa, disposta a dar tudo o que tinha para dar. Sua pele era veludo suave sobre aço duro.

Seu gemido igualou o meu em intensidade, mas se separou da minha boca. Com laboriosa respiração, disse:



—Lilla me contou o que aconteceu. Como usou seus poderes.

Tomei um instável fôlego e deixei cair os braços de lado.

—O A.I.R. acredita que matou aqueles homens. William Steele, Sullyvan Bay e inclusive à mulher, Rianne Harte. Estão decididos a te caçar, encerrar e executar.

— Minha voz se endureceu com autoridade. — Quero que abandone a cidade.

—Como estão tão seguros de que sou culpado?

—Seu DNA vocal está por toda a cena do assassinato de Bay. E o fato que estivesse em contato com cada uma das vítimas não ajuda.

Ele amaldiçoou baixo.

—Não tive muito tempo de limpar as provas da minha presença da última vez. Jamais deveria ter ido, mas queria que visse a crueldade de Atlanna por si mesma.

Soou o timbre.

Levantei de repente. Soube imediatamente quem estava esperando fora, querendo entrar na casa de Kyrin. O A.I.R. A adrenalina bombeou por meu sangue.

—Se levante. Temos que ir.

Ele seguiu vadiando sobre o colchão.

—Não se preocupe, pequeno anjo. — Disse enquanto seus lábios se frisavam.
— Os enviarei de volta por onde vieram.

Com as mãos ancoradas em meus quadris, aproximei meu rosto do dele. A só um suspiro de distância.

—Não sei como o encontraram, mas podem entrar em sua casa com ou sem sua permissão. O fato que tocassem o timbre foi só por respeito a mim.

Seus ombros levantaram em um encolhimento.

—Simplesmente os farei decidir não entrar.

Com um sentimento de urgência, o peguei por um braço e empurrei para o pôr de pé.

—O controle mental não é algo que possa fazer. Lembra?

—Tem razão. — Mesmo assim continuou atuando indiferentemente.

—Kyrin! Colabore um pouco comigo nisto.

Ele me agarrou pelos antebraços e nivelou meu olhar.

—Lilla está aqui, Mia. Ela pode convencer o A.I.R. a não entrar.

—Oh. — E assim, sem mais, a diversão substituiu à apreensão. Escapou-me uma profunda e autêntica risada. — Nunca pensei que me alegraria por suas habilidades.

—É linda quando ri. Como uma deusa do amor que enfeitiça todos que a olhem.

—Chega. — Disse uma voz feminina da entrada. — Estou ficando enjoada.

Tanto Kyrin como eu afastamos a contra gosto o olhar um do outro e giramos para Lilla. O som de motores acelerando chegou até nossos ouvidos.

—Escutarei seus agradecimentos agora. — Disse friamente. — Acabo de salvar os dois. Eu gosto de rosas.

—Vá brincar em outro lugar. — Disse Kyrin, agitando uma mão através do ar. — Estamos ocupados.

—Não. — Disse. — Fique. Temos trabalho a fazer. Vamos visitar Atlanna. Esta noite.



Kyrin franziu o cenho.

—Não tem suficiente experiência com seus poderes. — Disse ele. — Não estamos preparados para confrontá-la.

—Com suficientes pyres, estaremos preparados para três guerras intergalácticas. — Olhei para Lilla, que ainda se inclinava ociosamente contra o marco da porta. — Podemos contar com sua ajuda?

—Me soltou. — Respondeu com expressão resignada. — Te devo isso. E um Arcadian sempre paga suas dívidas.

Quase sacudi a cabeça com surpresa. Estes dois alienígenas a quem tinha julgado tão severamente e com quem lutei sem cessar para destruir, se tornaram meus mais fortes aliados. Aquele fato me surpreendia. Quis agradecer e dizer que sentia, e perguntar por que faziam tudo isto.

Kyrin suspirou.

—O que quer que faça primeiro?

—Tenha um carro pronto. — Disse. — Sei onde podemos conseguir as armas. — Sorri abertamente. — O A.I.R. está a ponto de fazer uma doação anônima.

Entrar furtivamente pela porta detrás, subir pelo vão do elevador e chegar ao depósito do A.I.R., levou pouco mais de uma hora. Tive que me esquivar das câmaras, guardas e exploratórios de identificação. Não foi fácil nem divertido, mas o fiz. Meti no bolso várias pyres e adagas das gavetas dos agentes, e carreguei a minha com a última tecnologia, um mecanismo experimental do laboratório. Sair do A.I.R. só requereu dez minutos. Simplesmente ativei o alarme do setor doze e corri como o demônio.

Quando virava uma esquina, cinco agentes se aproximaram, com as armas prontas. Reconheci três deles. Eram duros, segundo as diretrizes do A.I.R.. Se algum deles tentasse me deter... Sabia que não podia matar um companheiro. Assim aumentei a velocidade. Possivelmente estariam muito ocupados para me notar, um oficial suspenso, cruzando tão alegremente e a toda velocidade por uma área restrita. Sim, claro! Não sabia o que aconteceria depois, mas estava pronta para tudo. Eles passaram junto a mim, se dirigindo para a zona de alarme, sem me dirigir mais que uma cabeçada de cumplicidade e um sorriso conhecedor.

Deus, amava esta gente!

Uma vez no SUV de Kyrin, onde tanto ele como Lilla me esperavam, passei as armas e disse:

—Há mais uma coisa que preciso fazer. — Tirei meu móvel do bolso traseiro e chamei Ghost, Kittie e Jaxon de uma vez. Sabia que chamá-los era o correto. Eles podiam entrar em lugares que eu não podia, e os ter nas minhas costas me daria segurança.

—Preciso de sua ajuda. — Disse depois que cada homem tivesse respondido.

Eles aceitaram sem vacilar, aceitando meu pedido. Ghost inclusive disse:

—Farei o que puder para te ajudar a provar sua inocência.

—Obrigado. — Disse, e realmente o sentia. Informei a situação. Contei tudo. De Atlanna. Kyrin. Lilla. — Ainda estão comigo? — Perguntei.

Um por um, todos estiveram de acordo.

Estes homens jamais saberiam o quanto significava seu apoio para mim.



—Nos encontraremos na esquina nordeste da Michigan Avenue. Em uma hora.

Deslizei o telefone no bolso e comecei a prender um gravador sob meu peito. Era a hora, ia registrar a voz de Atlanna. Quando terminei, girei para Kyrin, com as costas rígidas pela determinação.

—Vamos fazê-lo.

Capítulo Vinte e Três

Vinte e cinco minutos mais tarde, me encontrava avançando lentamente sobre colinas, rodeando árvores, e ao longo de gelados morros. Kyrin nos havia descrito a disposição da casa, por isso sabíamos como entrar através do porão.

Ghost e Lilla fechavam a fila do nosso pequeno trem. Kittie e Jaxon estavam no meio, bem atrás de mim, e furtivamente todos seguíamos Kyrin. Bom, alguns de nós se moviam um pouco mais furtivamente que outros. Lilla, ao que parecia, não conhecia o significado da palavra silêncio. Seus joelhos encontraram e quebraram cada raminho no raio de um quilômetro e meio. E tinha escorregado no gelo muitas vezes para contar. Não podia acreditar que esta desajeitada alienígena fosse a mesma que uma vez escapou de mim.

Quando chegamos ao topo da última colina, olhei para baixo e observei um maravilhoso e cuidado jardim que rodeava um muro e uma casa igualmente formosa. Não era uma mansão como a de Kyrin, mas estava perto. Tão branca como o Êxtase, um telhado de telhas rosa caía como ondas de um oceano.

—Ela mantém os homens no porão. — Sussurrou Kyrin.

—Excelente. — Respondi igualmente silenciosa. — Ghost e eu comprovaremos se há sobreviventes. Se encontrarmos algum, traremos aqui. Jaxon, você procura as crianças, ou qualquer indício de crianças. Se achar algo, pegue qualquer arquivo, qualquer fodido papel que veja. Kyrin, você fica aqui.

Os olhos de Kyrin se estreitaram.

—Não vai entrar dentro dessa casa sem mim.

—Não está treinado para este tipo de missão, e preciso de alguém aqui fora, agindo como vigilante. Você pode projetar sua voz na minha cabeça e avisar se vier alguém.

—Entro.

—Eu tampouco estou treinada. Não me importo de esperar. — Se ofereceu Lilla.

Lancei-lhe um olhar.

—Podemos precisar de seu controle mental.

Ela suspirou.

—Na teoria parecia divertido, mas agora que estamos aqui...

—Ei! Neném, não se preocupe. Eu te cobrirei. — Disse Ghost, com uma insinuação em suas palavras.

Sorriu e inclusive passou as unhas por seu braço.

—Eu gosto da ideia do seu corpo cobrindo o meu. É tão escuro.

Olhei para Ghost com um fulgor de advertência.

—Se concentre, cara. Pode dar uma rapidinha mais tarde.

Envergonhado, encolheu os ombros.

—Entro. — Repetiu Kyrin.

—De acordo. Vamos. — Disse. — Só se mova em silêncio. — Adverti a Lilla por último.

Desta vez, Ghost e eu abrimos caminho. Vários homens armados, Todos humanos, patrulhavam a parede exterior. Lilla distraiu suas mentes, e conseguimos cruzar bem diante de seus narizes. Nunca nos viram.

Inutilizando o alarme, conduzimos nosso grupo dentro, utilizando a porta do porão que Ghost tão espertamente tinha aberto para nós. Três Arcadians femininos caminhavam por um vestibulo próximo. O controle mental não era o que precisávamos aqui. Queria estas alienígenas incapacitadas.

—Aturdir. — Resmunguei aos meus homens. Poderiam estar grávidas, por isso não as queria matar. Cada homem assentiu por turnos. Pusemos nossas armas no nível de aturdir e disparemos quando contei três. O quarto se iluminou por um segundo e depois, uma por uma, as mulheres ficaram imóveis no lugar, suas mentes e corpos presos.

Antes que alguém pudesse piscar, uma quarta mulher saiu das sombras, nos surpreendendo. Com uma expressão selvagem, apunhalou Ghost na coxa com uma faca retrátil. Ele gemeu, o som se mesclou com o chiado da mulher enquanto se afastava correndo. Saí atrás dela e a derrubei, caindo sobre o felpudo tapete. No momento que nossos corpos chocaram, lutou como uma tigresa enjaulada. Arranhou, mordeu, deu chutes e murros. Consegui dar um forte murro no seu queixo, nocauteando-a por poucos segundos. Aqueles segundos foram tudo que precisei. Estabilizei minha arma e disparei. Enquanto a aturdida mulher ficava imóvel, fiquei de pé.

Jaxon, Ghost e Kittie me observavam à espera. Lilla parecia angustiada, como se fosse a seguinte a quem atacaria, e Kyrin sacudia a cabeça com exasperação.

—Alguma vez poderá passar um dia sem usar seus punhos? —Perguntou.

Ignorei-o.

—O recreio terminou, meninos. Sigam-me.

Abrimos caminho sem nenhum outro incidente. Ghost se arrastava na retaguarda. Havia vários quartos, mas só um estava ocupado. Um único homem se reclinava sobre uma suave e decadente cama. Grossos travesseiros de seda de todas as cores o rodeavam. Um tênue encaixe pendurava do teto, caindo em corrente ao seu redor e quadros não aptos para menores de dezoito anos de casais tendo sexo decoravam as paredes. O homem estava completamente nu e lia uma revista. Encontro Erótico. Suas longas e musculosas pernas consumiam cada centímetro do espaço, e seu cabelo negro e olhos escuros brilhavam de aborrecimento. Não o reconheci da lista de desaparecidos.

Quando me viu, deixou a revista de lado com um suspiro.

—Como quer? — Perguntou, a resignação gotejando de sua voz.

—Ssshhh. — Assobieí, explorando o quarto para me assegurar que estávamos



sozinhos. Uma vez que estive satisfeita que outros ouvidos não escutavam, cruzei o quarto e me coloquei ao pé da cama. — Como se chama?

—Terrence Ford.

—Está aqui por vontade própria? — Perguntou Jaxon.

—Não. — Respondeu Ford. Manteve seus olhos fixos em mim. — Quer ficar em cima?

Atrás de mim, Kittie riu entre dentes.

—Sim, Mia. Quer ficar em cima?

—Vim para te salvar. — Disse à vítima. — Não para foder, idiota! — Resmunguei baixo. — Vê este homem? — Assinalei Ghost. — Vai te levar a um lugar seguro. — Ford levantou tão rápido, que o lençol sobre a cama caiu no chão. Seus joelhos vacilaram, e teria caído no chão se Jaxon não o tivesse agarrado pelos antebraços.

—Calma. — Disse Jaxon.

Cobri a nudez do homem com o edredom.

—Obrigado. — Balbuciou. — Muito obrigado.

Ghost ajudou o pobre e virtualmente-fodido-até-a-morte homem a sair do quarto. Notei que coxeava, e que a cada passo sua claudicação piorava. De fato, um rastro de sangue o seguia.

—Vigie Ford e espera no carro. — Disse.

Ghost não discutiu. Assentiu com a cabeça, aparentando pela primeira vez o semblante de seu nome.

Girei para Kyrin.

—Bem. Estou pronta para enfrentar Atlanna. — Pronta para enfrentar minha mãe.

Capítulo Vinte e Quatro

Revistamos vários dormitórios acima. Como os de baixo, estavam vazios. Ficamos em movimento até que descobrimos um grupo de Arcadians reunidas bem no meio de um vestíbulo, rindo e conversando. O acarpetado chão estava lotado de fêmeas, provavelmente procriadoras, compreendi.

Nossas armas já estavam prontas para aturdir, assim descarregamos uma ronda de lasers. O azul iluminou o ar como uma fogueira à meia-noite, e de repente seus corpos ficaram congelados no tempo, algumas de pé, outras sentadas. Algumas inclusive com as mãos levantadas e as bocas abertas.

Isto quase parecia muito fácil.

Sacudindo a cabeça, estudei o bifurcado vestíbulo à minha frente. Duas opções. Esquerda ou direita.

—Lilla, — Disse. — fique aqui e detenha qualquer um que venha por este caminho.

Engoliu e pegou sua pyre como se fosse um precioso diamante.

—Farei-o.

—Jaxon, Kittie. Vão pela direita. Kyrin e eu iremos pela esquerda.

Cada um assentiu com a cabeça e nos separamos.

Kyrin e eu entramos em uma grande sala de estar, nos assegurando de ficar entre as sombras. Uma lareira decorava a parede mais afastada, o único ponto que não estava coberto de espelhos. Um negro sofá de veludo, ladeado por duas poltronas combinando, presidia o centro.

Inspirei profundamente. Ali, no segundo sofá, Atlanna estava sentada. Usava um vestido lavanda muito fino, meros pedaços de tecido, e seu cabelo branco como a neve caía por seu corpo em eróticos cachos. Havia um homem sentado bem na frente dela, falando de seus progressos com os híbridos. Não podia distinguir seus traços, mas sabia, por seu curto cabelo negro, que era humano.

Movi-me um pouco mais próxima deles, apontando com minha pyre ao coração de Atlanna. Para aturdi-la. Só a aturdiria, pensei, apertando o gatilho. Luzes azuis explodiram... E logo se dissiparam. Fiquei quieta observando, com o coração em um punho e minha boca formando um pequeno O. Merda, merda! Algo estava mau. Atlanna seguia completamente normal. De fato, nem ela nem o humano tinham parado sua conversa.

Kyrin disparou uma ronda própria.

Nada.

Atlanna mudou de posição e me confrontou diretamente, como se soubesse todo o tempo que estava aí.

—Estou tão contente que tenha decidido se unir a mim, Mia. Infelizmente, tenho que destruir sua arma. — Agitou os dedos na direção do homem. — Nos deixe. — Disse.

Obedeceu imediatamente e desapareceu atrás de uma porta de espelho. Antes que pudesse dar uma boa olhada em seu rosto, uma aguda dor atravessou minha mão. Com um ofego, deixei cair a arma, e o metal deslizou languidamente de meus dedos e se chocou com um ruído surdo no tapete. Notei que os traços de Kyrin também se retorceram de dor e deixou cair a arma.

—Muito melhor. — Disse Atlanna, e a dor cessou.

—Nossa batalha terminará aqui e agora, Atlanna. — Eu disse, me endireitando em toda minha estatura.

—Me decepçiona. — Disse. — Acreditei que mataria Kyrin e me ajudaria. Em troca, me enfrenta, menina tola.

Um enxame de Arcadians irrompeu no quarto através da porta de espelho e nos rodearam. O ar ao redor de Kyrin se espessou, e soube que estava a ponto de usar seus reflexos ultrarrápidos. Fechei os olhos, disposta a fazer o mesmo e ao diabo com as consequências. Imediatamente, meus poderes saltaram livres. Quando minhas pálpebras se abriram, vi Kyrin lutar contra três Arcadians de uma vez. Eles se moviam devagar, apenas um centímetro por segundo, enquanto ele dançava ao seu redor, golpeando e dando chutes.

Girei minha atenção para Atlanna. Seus olhos estavam entrecerrados e me olhava. Deu um passo na minha direção, mas até seus movimentos estavam ralentizados. Era como se pudesse me ver, mas não pudesse obrigar a si mesma a se mover tão rápido e algo terrível brilhou em seus olhos.



Lutando enquanto caminhava para ela, consegui dar um rápido chute no pescoço de um homem e um duro murro no tórax de outro. Mas minha cabeça começou a doer, meus músculos afrouxaram e caminhava mais lenta quanto mais ela se aproximava. Eu sabia, sabia, que Atlanna era a fonte da minha dor, como antes. Quanto mais intensa era a dor, mais energia perdia, até que finalmente voltei para a velocidade normal. A letargia gotejou por cada um de meus poros.

Sorriu abertamente.

Antes que pudesse reunir a força necessária para protestar, quatro alienígenas masculinos seguraram meus braços e pernas. Agarraram-me e usei a pouca força que restava para tentar me liberar. Falhei. Onde estava Kyrin? Estava a salvo? Já não o podia ver, mas sabia que estava aqui, sabia que lutava para me resgatar. Dois dos meus guardas voaram para trás, contra a parede, me fazendo cair para frente. Antes que os outros dois fossem derrubados, um monte deles se reuniu ao meu redor e conseguiu deter Kyrin. Lentamente, sua imagem apareceu.

Com minha força completamente diminuída agora, me retorci contra meus captores.

— Meu pessoal já capturou o resto de sua equipe. — Disse Atlanna. — Foi uma estúpida ao pensar que poderia ser melhor que eu. — Colocou-se bem na minha frente.

— Se lhes fizer mal, farei que sua morte seja o mais dolorosa possível.

Acariciou minha mandíbula com mãos de unhas longas e cuidadas.

— Quero mil mais como você. Pense nos lucros que me dariam. — Ansiosa por alardear, continuou: — Por anos pensei que a resposta estava na ciência, mas todo o tempo a solução estava em mim. Eu. Meu sangue, como o de Kyrin, tem a habilidade da cura. Habilidade que ajuda na criação de descendentes híbridos. Depois de transferir meu sangue para minhas mulheres, foram capazes de fecundar bebês são com homens da Terra.

— Onde estão? Onde estão os meninos?

— Jamais direi isso.

— Me dá nojo.

A fúria brilhou em seus olhos cor lavanda.

— Açoitem. — Disse, assinalando Kyrin. — E se lutar, — Disse a ele. — castigarei Mia. Poderia fazê-lo, de todo modo. Demonstrou ser uma autêntica decepção.

Com expressão escura e perigosa, cabeceou. Um guarda tirou sua camisa e deixou suas costas expostas.

— Estarei bem. — Me assegurou Kyrin com um sorriso tenso.

Aquele sorriso quase foi minha ruína. Pensava me tranquilizar, me assegurando que tudo iria bem, embora ambos sabíamos que não seria assim.

— Kyrin é capaz de se curar rapidamente, — Grunhiu Atlanna. — a não ser que seja açoitado até que não fique nenhuma preciosa gota de sangue em seu corpo. Ou... Que o látigo esteja impregnado de veneno. Como este. Verá, o veneno ataca as propriedades curativas de seu sangue, e quanto mais seu corpo tenta se regenerar, mais o veneno o destrói.

Uma mescla de pânico, temor, e impotência se desdobrou em meu estômago,



me dando uma sacudida de energia. Retorci-me com todas as minhas forças, me libertando por um momento, e corri para ele, mas fui apanhada de novo em seguida e submetida.

—Maldita seja, nos deixem em paz. — Gritei.

—Continue. — Disse Atlanna ao que dirigia o látego.

O primeiro golpe rasgou suas costas e Kyrin estremeceu. Então o seguinte e o seguinte foram propinados um após o outro. O suor gotejou de suas têmporas e o sangue fluíu como um rio carmesim pelas costas. De novo, o comprido e grosso látego estalou através do ar. Ele gemeu.

—O soltem. — Gritei, dando chutes e puxando, mas simplesmente não tinha forças para me libertar. — Te matarei. Ouve-me? Matarei-te!

Os olhos de Atlanna se entrecerraram de forma ameaçadora.

—Não, não o fará. Você me ajudará a reproduzir mais.

Fiquei imóvel.

—Sou sua filha, faria isso?

—Absolutamente. Esperava ganhar sua colaboração, mas se não me dá isso, tomarei pela força. Prendam-na. — Ordenou aos guardas que me sustentavam. — Possivelmente algum tempo a sós a ajude a se adaptar ao seu novo destino.

Lutava por minha vida, Lilla, meus agentes, e o mais importante, por Kyrin, enquanto seis guerreiros Arcadians me arrastavam ao interior de uma cela fria e úmida com uma cama de armar alinhada contra a parede mais afastada como único móvel. Nenhuma manta, nem limpeza. Esta prisão não era como a de Ford Terrence. A sua foi preparada para a sedução. A minha para o castigo. Possivelmente a morte.

A porta fechou de repente e escutei o ferrolho. Lasers vermelhos formaram barras e iluminaram a pequena área com um misterioso brilho. Só agora, senti as navalhadas do terror cortarem através da minha mente. Fugir. Tinha que fugir. As paredes se aproximavam, mais e mais rápido. A escuridão envolvia tudo. Ouvi os gritos de uma mulher, e um segundo mais tarde compreendi que eram meus. Minha garganta estava em carne viva e minhas mãos doíam de segurar as paredes.

Para minha surpresa, senti uma presença consoladora entrar em minha mente. Soube imediatamente que era Kyrin quem estendia a mão. Estava vivo.

Estou aqui, disse dentro da minha cabeça.

A paz me alagou, tão cálida e bem-vinda como um casaco no inverno. *Sou uma lutadora*, recordei a mim mesma. Atlanna não me derrotaria. Não me quebraria. Apalpei meu corpo. Tinham tirado as armas presas às minhas coxas e cintura a caminho daqui, assim remontei minha palma sobre a borda da minha bota, e um suspiro de alívio escorregou de meus lábios. Ainda tinha uma faca, pequena, mas tão mortal como qualquer outra.

Com apenas uma faca, como podia ganhar esta guerra?

A resposta veio para mim como um presente de Deus, o qual pensava que tinha esquecido. Endireitei os ombros, a determinação funcionando por mim. Sabia o que tinha a fazer.

As horas passaram, e permaneci tranquila. Quando senti que minha energia tinha retornado o suficiente, fiquei de pé na frente da porta e o brilho dos lasers quase me cegaram. Não produziam nenhum calor, mas sabia que queimariam minha



pele até o osso se os tocasse.

Fechei os olhos e permiti que meus poderes me alagassem. Mais forte. Mais forte ainda. Saturei-me com eles, e abri os olhos de repente. Vi a piscada dos lasers, compreendendo que estes desapareciam a cada poucos segundos.

Um, dois, contei, e logo estendi as mãos para forçar a fechadura com a faca. Um, dois. Afastei as mãos, evitando apenas o brilho de luzes. Um, dois. Repeti a ação muitas vezes antes de inutilizar a barreira metálica.

Senti um brilho de vitória. Esperei até que os lasers desaparecessem de novo, empurrei a grossa porta, e saltei ao corredor. Ao mesmo tempo que me estabilizava, os lasers voltaram.

Percorri a toda velocidade a casa em busca de Atlanna e a encontrei segundos mais tarde no quarto de espelhos. Muito segura de si mesma para postar guardas, estava esticada com os olhos fechados sobre o mesmo sofá negro e aveludado que ocupava antes. Por longos minutos, fiquei na soleira. Meu Deus! Precisava de tempo para se recuperar. Depois de usar seus poderes, estava debilitada, como eu estive.

Com movimentos ainda acelerados, fechei silenciosamente a porta e passei o ferrolho e fiz o mesmo com a porta de espelho. Logo me equilibrei sobre ela. Golpeei-a com os punhos, derrubando-a no chão antes que sequer tivesse tempo de abrir os olhos. Então saltei sobre ela e a golpeei uma e outra vez. Atlanna deu chutes, murros, dentadas e arranhões, incapaz de se concentrar o suficiente para reunir seus poderes.

Retrocedi para golpeá-la, e por sorte ou precisão, conseguiu me dar um chute no estômago. O ar entupiu em meus pulmões enquanto era jogada para trás. Meu braço golpeou uma mesinha de mármore e teria gritado se tivesse fôlego. Um vaso se estatelou contra o chão e rompeu em mil pedaços diminutos.

—Onde está Kyrin? Onde estão os outros? — Ofeguei, me esforçando para respirar alguma molécula de oxigênio.

—Mortos. — Gritou, saltando. — Mortos.

De um painel do espelho, entrou um homem precipitadamente na câmara.

No momento que vi seus traços, esqueci de todo o resto na sala. Minha boca abriu e fechou sem saber o que dizer, e fui incapaz de deter o movimento. *Der*. Meu irmão querido estava vivo. Não Kane, como tinha assumido, mas *Der*. Tinha o mesmo aspecto de antes. Era alto e forte e possuía os mesmos cachos escuros e grandes olhos azuis de quando tinha dezoito anos. As mesmas maçãs do rosto altas e o mesmo nariz reto. A mesma inocência.

Minha fúria se aplacou, igual minha a velocidade. Sacudi a cabeça, certa que se clareasse a vista, compreenderia que era impossível que fosse meu irmão. Afinal, o vi morto há muitos anos. Esse foi meu primeiro engano. Não devia ter permitido que minha velocidade reduzisse, já que meu cansaço cresceu de novo. Lutei contra isso.

—*Der*? — Disse. Meu primeiro instinto foi correr para ele e o abraçar como quando era menina mas as palavras de Atlanna me detiveram. Meu segundo engano.

—Assim é. — Disse. — Meu sangue o salvou e em troca tenho sua devoção.

Devoção? Meus olhos se estreitaram. Não, o controlava com a mente. Seu rosto estava em branco. Impassível. O mesmo aspecto de Isabel quando disparou em Dallas. Atlanna também a tinha controlado, compreendi. Os pecados da mulher



aumentavam a cada minuto que passava.

Der não me deu nem uma olhada, mas olhou Atlanna.

—Está ferida? — Perguntou.

Inclusive sua voz era a mesma. Familiar, só ligeiramente diferente à carinhosa voz que recordava há quatorze anos.

—Nunca. — Atlanna limpou um pequeno fio de sangue do lábio. A ferida já fechava.

Der olhou finalmente em minha direção. Nenhuma faísca de felicidade tocou seus olhos. Fiquei congelada, me perguntando o que fazer, o que dizer.

—Açoito-a? — Perguntou a Atlanna.

Observei o látigo de três caudas cobertas de sangue na borda do sofá e, sem pensar me joguei por ele. Sabia o que tinha que fazer.

—Não. — Gritou Der, percebendo minha intenção.

Antes que pudesse reagir, estava de pé e avançava. Afastei-o de repente e varri com um chute os tornozelos de Atlanna. Tudo em um movimento. Ela tropeçou e caiu no chão, de barriga para baixo. Enquanto gritava e tentava se afastar lentamente de mim, reuni cada grama de força em meu interior e a açoitei até que o tecido de seu vestido rasgou, até que seu sangue fluíu ao seu redor... Até que Der agarrou meu braço e me obrigou a soltar o látigo.

Ofegando, pisquei e olhei o chão. Seu corpo estava desabado na inconsciência. A repugnância por Atlanna, por mim mesma, me alagou. Mal tinha encontrado minha mãe, meu irmão, e tinha perdido ambos. Engoli um nó na garganta. Minhas mãos tremeram e apertei os lábios.

Deixando cair o látigo, Der caiu de joelhos na frente dela.

—O que fez? — Disse quebradamente. — O látigo estava impregnado com Erolan. Inclusive Atlanna não pode resistir a tal veneno.

Não respondi. A guerra tinha acabado. Exceto pelas crianças desaparecidas, o caso estava fechado. Tinha completado meu dever, como sempre. Por que não me sentia vitoriosa?

Der levantou e me fulminou com o olhar, mas não disse nenhuma palavra. Simplesmente agarrou Atlanna em braços e saiu da sala silenciosamente. Deixei-o partir. Ela estava morta, já não era uma ameaça, e não podia obrigar a mim mesma a fazer mais nada. Esperava que, nos próximos dias, a mente de Der limpasse de sua monstruosa influência, e retornasse para mim.

Agora mesmo, tinha que encontrar meus amigos. Com minha força se esgotando lentamente, saí do quarto. Só dois guardas foram o bastante estúpidos para tentar me deter. Por causa da perda de energia, um pôde me ferir com uma faca do esterno ao umbigo. Quando ambos estiveram inconscientes com ajuda de uma chave no pescoço, lutei contra a dor e tapei o fluxo de sangue com uma parte do vestido de uma das mulheres. Tropecei pelo resto da casa e encontrei Jaxon e Kittie dentro de uma cela. Inutilizei os lasers e Jaxon conseguiu abrir a fechadura.

Precipitaram-se através da porta para logo parar quando viram minha camisa empapada de sangue.

—Está bem? — Perguntou Jaxon.

—Estou bem. — Pude dizer. — É o sangue dos outros. — Menti. — Ajude-

me a encontrar Lilla e Kyrin.

Dez minutos mais tarde, Kittie me chamou.

—Estão aqui. Eles estão bem aqui.

Meus passos foram lentos, mas caminhei para o interior de um quarto. Lilla estava de pé em frente a uma grande e nua cama, observando um corpo imóvel. Girou lentamente e me confrontou. As lágrimas escorregavam por suas bochechas.

—Morrendo. — Sussurrou quebradamente. — Kyrin está morrendo.

Capítulo Vinte e Cinco

Jaxon e Kittie arrastaram Kyrin até o veículo onde Ghost e Ford Terrence nos esperavam. Ghost tinha a coxa enfaixada com um lenço e eu sabia que ficaria bem. Mas Kyrin... Lutei para permanecer tranquila. Desejava este homem, este alienígena, possivelmente até o amava. Mas foi ferido gravemente e poderia não sobreviver.

—Pedi reforços e assistência médica. — Admitiu Ghost fracamente. — Estarão aqui de um momento para outro. Conte para Jack toda a história. — Seu olhar se fixou em meu estômago. — Mia? Está bem?

—Estou bem. — Disse. As árvores e o céu flutuaram diante de meus próprios olhos. Caras preocupadas apareciam e desapareciam e suas vozes pareciam chegar inclusive de mais longe. Por um breve momento, luzes e sirenes penetraram em meus sentidos.

Caí.

Não recordo o caminho até o hospital. Só sei que quando abri os olhos, tinha perdido a roupa, e vários doutores estavam de pé sobre mim, examinando meu abdômen.

—Ficará bem. — Disse um deles.

—Dói como o inferno. — Disse, com minha voz áspera.

Sorriu sinceramente, provocando que seu bigode esticasse nos cantos.

—Compreensível. Mas você se cura mais rápido do que jamais vi.

Em menos de uma hora, me tinham costurado. Recusei a medicação contra a dor. Precisava ter a mente limpa.

—Me levem para ver Kyrin. — Disse. Tinha que vê-lo, tinha que saber como estava.

Os doutores e enfermeiras não me deram atenção.

Neguei-me a ser ignorada. Gritei maldições a plenos pulmões até que uma das enfermeiras correu por um calmante. Antes que ela voltasse, Jaxon entrou precipitadamente no quarto. Dallas o seguia, seu avanço dificultado por uma bengala. Seus ainda olhos azuis me fizeram calar. Se alguém mais tinha notado, ninguém mencionou.

—Está tudo bem? — Demandou Jaxon, com a arma preparada.

—Diabos, não! — Disse. — Onde está Kyrin?

—Disso se trata toda esta comoção? Está aqui. — Respondeu, guardando a

arma em seu lugar.

—Está vivo? — Perguntei, apertando as mãos e com o estômago revoltado.

—Sim. — Respondeu evasivamente.

Tudo dentro de mim relaxou, contente. Não pude menos que sorrir.

—Me levem com ele. — Disse. — Por favor.

Inspirou profundamente, afastando o olhar.

—Possivelmente...

—Por favor, Jaxon, Dallas. Suplico isso.

Jaxon deu uma olhada para Dallas e Dallas me deu uma olhada, com aquelas linhas de tensão ainda firmemente gravadas ao redor de sua boca.

—Ficará feliz em saber que Ghost se recupera favoravelmente. — Disse.

Muito bem. Se não queriam me levar, iria eu mesma. Com minha ferida chiando em protesto, arranquei o soro do braço, me arrastei fora da cama e me deixei cair na cadeira de rodas próxima.

—Obstinada como sempre. — Disse Dallas. — Dê-lhe uma mão, Jaxon, antes que se mate.

Com um suspiro, Jaxon agarrou os braços da cadeira e me conduziu de volta ao quarto de Kyrin. Dallas caminhava com dificuldade ao nosso lado.

Jaxon disse:

—Maldição, me alegro que isto tenha terminado.

—Eu também. — Sussurrei. — Eu também.

Com o temor e a esperança se mesclando em meu interior, entramos no quarto de Kyrin. Dando uma olhada ao redor, notei que Kyrin era o único paciente. Repousava de barriga para baixo na cama, a cabeça inclinada para a porta, para mim, e tinha os olhos fechados. Lilla estava ao seu lado, o vigiando, como tinha feito na casa de Atlanna.

Uma lágrima, uma fodida lágrima, escorregou por minha bochecha. Eu não chorava há tanto tempo, que uma só gota fez arder meu conduto lagrimal. Deus, era tão bom o ver vivo! Acreditava que todas as minhas lágrimas secaram, mas agora, ao vê-lo, fui incapaz de deter a corrente de emoção que me alagou. Alívio. Muito alívio. Felicidade. Tantíssima felicidade.

—Há algo que deveria saber, Mia. — Disse Jaxon.

—Não o faça. — Disse Dallas, o cortando. — Ainda não.

Lilla disse brandamente:

—Tem direito. Ele está morrendo, Mia. Kyrin está morrendo.

Minha alegria murchou imediatamente, mas não mostrei nenhuma reação externa com suas palavras. Não acreditei. Não acreditaria. Este homem, meu homem, não ia morrer. Não deixaria. Levantei lentamente da cadeira de rodas e andei com dificuldade até sua cama.

—Nos deixem. — Disse aos homens, sem dar nem uma olhada para trás.

Dallas acariciou meu ombro e logo saiu coxeando do quarto com Jaxon ao seu lado. Fecharam a porta atrás deles. Minhas lágrimas saltaram livres por fim.

—O que vamos fazer? — Perguntou Lilla. — Não posso viver neste mundo sem ele.

—Não vai morrer. — Disse através dos dentes apertados, olhando-o



fixamente. Sua pele estava pálida, as bochechas afundadas e havia sombras azuis sob seus olhos.

—Olhe-o, Mia. Como pode sobreviver? — Lilla acariciou carinhosamente sua testa com os dedos. — Quando erámos meninos, era ele quem me cuidava. Ensinou-me a usar meus poderes. Seu amor sempre me deu forças.

—Eu uma vez tive o mesmo tipo de relação com meu irmão. —Disse. — Seu nome é Der, e me amou quando ninguém mais o fez. Brincou de esconde-esconde comigo e me resgatava quando meu pai ficou abusivo. Quando Der morreu, quis morrer com ele. E agora descobri que está vivo, mas é como se eu estivesse morta para ele.

Minhas lágrimas salpicaram o queixo de Kyrin e logo gotejaram por seu pescoço. Enterrei meu rosto em minhas mãos e chorei por tudo o que tinha perdido. E tudo o que poderia perder.

—Por favor não morra, Kyrin. Não morra.

Dois dias passaram, parecendo mais como dois anos. A cada segundo que eu ficava mais forte, Kyrin se debilitava. Tinha retornado à casa de Atlanna, em busca de qualquer pista de onde podiam estar os meninos híbridos, mas tinham saqueado a casa e tinham levado tudo. Se foram os ajudantes de Atlanna, o A.I.R., ou algum outro agente do governo, ainda não sabia. Mas planejava averiguar assim que o caos da minha vida se estabilizasse.

Lilla e eu continuamos falando uma com a outra. Ironicamente, encontrei-me cômoda compartilhando meus sentimentos com ela, sentimentos que só agora começava a entender. Ela compartilhou seus próprios sentimentos comigo, formando algum tipo provisório de amizade.

Eu não podia aceitar a morte próxima de Kyrin. Tinha que lutar por ele, mas não sabia como. A impotência me invadiu enquanto afastava a vista de sua pálida pele e seu consumido corpo.

—Eu o amo. — Disse a Lilla. Cada uma de nós ocupava um assento ao lado de sua cama no hospital. — Iluminou minha vida. Sou diferente quando ele está ao meu redor. Com ele sou... Uma mulher, não uma caçadora.

Ela suspirou.

—Desejaria que houvesse algo que pudéssemos fazer. Mas o veneno o destrói lentamente.

Fiz a mesma pergunta que tinha feito milhares de vezes antes.

—Não há nenhum antídoto?

—Não. — Respondeu de causar pena, a mesma resposta que tinha me dado a cada vez.

No dia seguinte, não tinha dormido bem, e meu cérebro parecia gelatina. Sentei ao lado da cama de Kyrin, pensando em tirar uma sesta rápida. Se simplesmente ele tivesse uma corrente de sangue humano, pensei fatigosamente. Então me endireitei. Merda. Merda! A esperança se prendeu em meu interior e explodiu como um rastilho de pólvora. Era isso! Essa era a resposta.

Como Atlanna disse, o veneno atacava e destruía as propriedades curativas de seu sangue. E se metade de seu sangue fosse substituído por sangue humano?

Arriscado, pensei. Extremamente perigoso... Mas morreria se não



tentássemos algo.

Expliquei minha ideia ao especialista responsável pelos cuidados de Kyrin, e no início a recusou. Mas com um pouco de persuasão em forma de ameaças físicas, decidiu provar minha teoria. Usou uma amostra de sangue de Kyrin e outra humana, e estudou ambas sob o microscópio.

—Meu Deus! — Disse com incredulidade. — Isto poderia funcionar.

Foi tudo que precisava. Não podia pedir a Dallas; ele agora tinha o mesmo tipo sanguíneo de Kyrin. Assim chamei Jaxon pelo móvel, porque foi o primeiro que me veio à cabeça, e expliquei o que precisava.

—Querida, — Disse Jaxon. — por você, tudo.

—Obrigado. — Disse. — Obrigado.

—Estarei aí em quinze minutos.

Já que Jaxon e Kyrin eram de espécies diferentes, as provas de compatibilidade sanguínea eram desnecessárias. Já sabíamos que não seriam positivas. Os doutores drenaram todo o sangue de Kyrin que se atreveram, e logo o conectaram à Jaxon por um tubo. Observei o fluxo carmesim passar de Jaxon para Kyrin. Funcionaria? Meus olhos aumentaram enquanto a cor de Kyrin voltava lentamente. Então... Seu coração parou no monitor.

Uma voz que não reconheci soltou:

—Código azul. Quarto quatro-um-nove.

—Recusa o sangue. — Disse alguém. Mais doutores e enfermeiras se precipitaram dentro. Um homem golpeou o peito de Kyrin, enquanto outro envolvia suas pernas com uma manta térmica.

Não, gritei silenciosamente. Não!

—Sinto muito, mas tenho que pedir que saia. — Disse uma enfermeira, tentando me conduzir à sala de espera.

—Pode pedir o que quiser. — Grunhi. — Mas fico.

Deixou-me sozinha depois disso, e permaneci exatamente onde estava, observando Kyrin através de olhos cheios de horror. Esta era sua última oportunidade. Sua única oportunidade. Se não funcionasse...

O monitor emitiu um assobio. E logo outro, e outro, e outro, estabilizando por fim.

Alguém riu.

—Ficará bem.

Caí de joelhos em um aliviado monte e cobri a boca com mãos instáveis, amortecendo meu grito de felicidade. Ia se recuperar. Sabia. Sentia. Kyrin ia viver.

Quando recuperou a consciência no dia seguinte, o alívio e a felicidade me consumiram.

Os olhos de Kyrin estavam febris, mas conseguiu segurar minha mão.

—Conseguiu. — Disse, como se ainda estivéssemos na casa de Atlanna e não tivesse passado nem um dia após. — A derrotou. Algo que ninguém fez antes. Sei que era sua mãe, mas...

Meus dedos se apertaram contra seus lábios, detendo suas palavras.

—A única coisa que me importa é você...

Levantei minha mão, e ele me ofereceu um suave sorriso.



—Viverei, Mia. Viverei e passarei o resto de minha vida te amando.

—Será melhor que o faça. — Disse, limpando as lágrimas. — Ou te matarei.

Riu entre dentes. Nossas palmas se encontraram, e sustentamos um ao outro, sabendo que jamais nos deixaríamos ir.

No dia que Kyrin recebeu alta no hospital, são e inteiro, foi o mesmo dia que ele e Lilla foram exonerados de todas as acusações. Sorrindo, parecia que não conseguia parar de fazê-lo ultimamente, conduzi até sua casa. Pensei em lhe dar um tempo a sós, para que se recuperasse, mas ele agarrou minha mão e me arrastou dentro.

—Há algo que quero te mostrar. — Disse.

—Por favor, não me diga que tem a ver com um boá e um chapéu de vaqueiro. Soltou uma risadinha.

—Nada disso, prometo. — Me enfiou em seu escritório e colocou um kalandra em minha mão. Seu kalandra. — Olhe. — Disse.

Franzindo o cenho, dei uma olhada e ofeguei. Dentro do medalhão havia uma imagem minha abraçada com Kyrin. Pisquei e o olhei.

—Não entendo. Você disse que cada colar contém um legado para seu dono.

—Você sempre foi meu destino, Mia. Sempre. — Com isto, me envolveu com seus braços. — Soube no momento que te vi. Você é uma poderosa e dominante híbrida, e certamente nosso tempo juntos será interessante.

Empurrei-o contra o sofá.

—Será melhor que acredite. — Tinha o pressentimento que nossa aventura só acabava de começar.

Fim



Comu Tiamat: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>